



**LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA**

**POTENCIAL TURÍSTICO NO ENTORNO DO TEATRO AMAZONAS:  
CAMINHOS E LUGARES DE LINGUAGENS ARTÍSTICO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Eneila Almeida dos Santos.

**CO Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Susy Rodrigues Simonetti.

**MANAUS/AM  
2021**

# FICHA CATALOGRÁFICA

---

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)

---

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Sâshala Maciel CRB11/673 AM

S586r Silva, Luiz Carlos Braga da  
Potencial turístico no entorno do Teatro Amazonas: caminhos e lugares de linguagens artístico-culturais / Luiz Carlos Braga da Silva; orientadora Eneila Almeida dos Santos; coorientadora Susy Rodrigues Simonetti. - - Manaus: [s.n.], 2021.  
207fs.: map., il. color.; 30 cm + 1 CD-ROM (versão digital).

Dissertação (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas). Escola Superior de Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas, 2021.  
Inclui referências bibliográficas, p.197-201.  
Inclui apêndices e anexos, p.202-207.  
Disponível on-line em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/>

1. Dissertação - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas 2. Manaus - AM 3. Turismo Cultural 4. Linguagens Artístico-Culturais 5. Semiótica do Turismo I. Santos, Eneila Almeida dos (Orient.) II. Susy Rodrigues Simonetti (Coorient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. Escola Superior de Artes e Turismo. IV. Potencial turístico no entorno do Teatro Amazonas.

CDU1997 - 379.85(811.3)(043.3)

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS** – [www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Biblioteca Setorial de Artes e Turismo  
Av. Leonardo Malcher, 1728 – Ed. Professor Samuel Benchimol  
Centro – CEP 69010-170 – Manaus-AM.

**LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA**

**POTENCIAL TURÍSTICO NO ENTORNO DO TEATRO AMAZONAS:  
CAMINHOS E LUGARES DE LINGUAGENS ARTÍSTICO-CULTURAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas - PPGICH/UEA, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Humanas (Teoria, História e Crítica da Cultura).

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Eneila Almeida dos Santos.

**CO Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Susy Rodrigues Simonetti.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ BANCA **EXAMINADORA:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Eneila Almeida dos Santos – UEA/PPGICH **Orientadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Susy Rodrigues Simonetti – UEA/PPGICH **Co Orientadora**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Edilza Laray de Jesus – UEA/PPGICH **Examinador Interno**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Gislaine Regina Pozzetti – UEA **Examinador externo**

**SUPLENTES**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Jocilene Gomes da Cruz – UEA/PPGICH **Examinador Interno**

---

Prof. Dr. Victor Leandro da Silva – UEA **Examinador externo**

Essa pesquisa é uma carta de amor à Mãe dos Deuses, à sua rica e poética história, às suas diferentes identidades culturais e aos seus diversos habitantes, oriundos de vários cantos do mundo que tornam, tornaram e tornarão esta terra tão fascinante!

*In Memoriam* às vidas amazonenses perdidas para o COVID-19...

## AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é resultado do apoio familiar, de quem acreditou no meu potencial de concluir uma pós-graduação e, portanto, agradeço principalmente ao meu tio Francisco Braga, minha mãe Maria do Rosário Braga e minha irmã Geise Braga pelo contínuo apoio para manter o foco até a finalização da pesquisa, obrigado por acreditarem em mim quando nem mesmo eu acreditava. Agradeço ao meu pai Carlos Jonas Carneiro pelas disponibilidades em me ajudar em momentos críticos relacionados a prazos e entregas de documentos.

Também agradeço à minha prima Giselle Bruno por ter me mostrado o quão incrível é o campo do turismo, por me levar para conhecer pontos turísticos que não tinha o hábito de visitar durante a adolescência como o Teatro Amazonas e por mostrar os caminhos da graduação em turismo. O título de turismólogo e a conclusão deste mestrado são resultados de sua influência durante meu crescimento.

Agradeço à professora Adriane de Felipe por me apresentar há quase uma década, os caminhos da pesquisa em várias perspectivas diferentes: monitorias, projeto de iniciação científica, participação de eventos, pelo apoio na construção de um anteprojeto que me possibilitou acessar a pós-graduação e por me inserir em dois distintos grupos de pesquisa: Estudos semióticos, Gêneros Discursivos e Ensino na Contemporaneidade - SDISCON e posteriormente, Estudos semióticos, Literatura, cultura e outras artes - GPGES. Obrigado por ter me apresentado à teoria da Semiótica e por ter mudado completamente minha vida, essa pesquisa não existiria sem a sua influência, paixão e dedicação em ensinar.

Agradeço à professora e Orientadora Eneila dos Santos por ter embarcado nessa jornada mesmo não sendo uma exímia conhecedora dos estudos do turismo, porém, sua forte crença na interdisciplinaridade, na qual todas as áreas de conhecimento possuem a capacidade de dialogar entre si, permitiu que o projeto se tornasse uma pesquisa que abrange diversas áreas que não costumam ser pensadas em conjunto com frequência. Agradeço ao apoio da Co Orientadora Susy Simonetti pelas correções no texto.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM pela oportunidade de finalizar uma pesquisa que foi muito prazerosa de construir e reconhecer os esforços da coordenação do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas - PPGICH pela constante captação de bolsas junto à FAPEAM.

Construir um texto de qualidade requer muita concentração e muito esforço contínuo de produção diária, tal processo resulta em muito estresse acumulado e eu agradeço aos meus amigos por terem sido e por continuar sendo um escape do estresse. Fontes de entretenimento e diversão, o humor sempre se torna leve e ameno quando nos reunimos. Obrigado às jóias que a UEA me proporcionou na graduação: Priscilla Amorim, Ana Cláudia Maia, Mayra Laborda, Patrícia Mazzullo, Rayane Mendes, Java Machado, Renata Souza, Irilly Fonseca, Karol Almeida, Nicoli Menta, Sâmila Albuquerque e Suelen Costa. Donas e proprietárias da minha existência, obrigado por

todas as memórias que construímos juntos e que fizeram da graduação, uma nostálgica época de bons momentos. Da UEA para a Vida!

Agradeço a UEA por também ter me agraciado com uma nova irmandade. Sempre ouvi que a convivência com colegas de turma em mestrados era problemática e por vezes tóxica, mas vocês me mostraram que é possível encontrar companheirismo, apoio e terreno fértil para fincar profundas raízes sentimentais em amizades que perdurarão os 02 anos de mestrado, raízes essas que podem facilmente alcançar décadas de novas memórias, risadas e convivência. Obrigado Georgia Daou, Maria Inah, Luan Cristóvão Dias, Jean Reis, Hérika Silva, Darwin Ariel, Luciano Sá, Adriano Ferreira, Rafael Amoêdo, Gonzalo Melgar e Jefferson Claudino, por terem tornado essa jornada, que poderia ter sido bem mais amarga, na mais doce e agradável viagem possível.

Relações humanas de amizade são um contínuo e diário processo que exige esforço e dedicação mútua. Ao longo dos anos, pude conhecer várias pessoas que causaram diferentes impactos na minha vida, mas que, assim como surgiram, logo sumiram. Dentre essas pessoas, algumas permaneceram e persistiram numa amizade que já perdura há décadas e outras que podem facilmente ultrapassar uma década. Obrigado Thammy Pinheiro, Isabela Torres, João Paulo Oliveira, Kamille Queiróz, Jéssika Leonel, Livia Smith, Alexandre Melo, Romário Vargas, Sasha Nogueira, Ana Karoline, Naiana Cavalcante, Gisele Felipe, Gabriel Leal, Larissa Ferreira, Anderson Duarte e vários outros preciosos amigos que a vida me presenteou mas que não encontram-se citados neste trabalho para manter um texto coerente e menos prolixo, mas agradeço incondicionalmente por não terem desistido dessa amizade e por continuarem sendo ótimas e encantadoras companhias. É sempre uma alegria quando há a possibilidade de compartilharmos memórias, pensamentos e é sempre um terno prazer tê-los em meu convívio. O tempo entre nossas relações pode ter longos períodos de distanciamento, mas o tempo não é forte o suficiente para apagar o que é real. Grato por tê-los em minha vida.

Por fim, finalizo esse texto agradecendo à Professora Gigi Pozzetti e sua família por serem natos e acolhedores anfitriões que sempre me receberam com muito carinho e afeto. Obrigado Gigi por ter me ajudado e me guiado durante esse processo, essa pesquisa não teria a qualidade que tem sem o seu apoio. Também agradeço à Professora Edilza Laray pela sua contribuição enquanto geógrafa e incentivar nas discussões envolvendo mapas. Foi o toque necessário para essa pesquisa se tornar mais coesa e mais bem estruturada.

“Conhecer Manaus e uma comunidade ribeirinha pela ótica de um local é uma experiência muito rica. Voltei curtindo músicas manauaras, com farinha na mala, sabonete de cupuaçu no corpo, a boca roxa de açai e ainda mais apaixonada pelo Brasil.” - Laís Casado (Turista)

## RESUMO

A presente dissertação apresenta as considerações de uma pesquisa voltada ao viés da Semiótica do Turismo, com foco na Interdisciplinaridade. Vinculada a esta linha de pesquisa, analisa-se de forma exploratória e interpretativa o contexto das linguagens artístico-culturais presentes nos espaços culturais no entorno do Teatro Amazonas no bairro Centro de Manaus enquanto oferta para as práticas turísticas locais. Os respectivos espaços culturais escolhidos para essa pesquisa foram: "Ateliê 23", "Casarão de Idéias", "Galeria do Largo", "Palácio da Justiça", e "Casa das Artes". Estes lugares abrigam aspectos distintos que variam entre as artes do teatro, das artes visuais, do cinema, da literatura e afins, apresentando diferentes perspectivas de um centro histórico vivo e habitado cujas artes representam um diferenciado ângulo do cotidiano da sociedade manauara e amazonense. Nesta pesquisa foi utilizado a interdisciplinaridade apropriando-se de teorias da Semiótica, com objetivo de analisar as linguagens artístico-culturais e os próprios espaços culturais em busca de compreender a diversidade da dinâmica cultural local, teorias do Turismo com intuito de compreender novas possibilidades de estudos na área que envolvam formas de abranger ofertas variadas aos visitantes, teorias das Artes que são pensadas no campo da cultura com mais frequência, buscando entendê-las sob os estudos turísticos, teorias da Geografia com finalidade de melhor compreensão das dinâmicas presentes na espacialidade territorial de um aglomerado urbano amazônico e por fim, teorias da Cartografia para mapear esses fenômenos para uma melhor visualização dos aspectos artísticos e suas determinadas ocorrências no centro histórico da capital amazonense para uma melhor abordagem acerca da problemática apresentada neste trabalho. Os resultados apresentam as dinâmicas culturais variadas que são comumente excluídas do setor do turismo local ao ausentá-las de mapas turísticos e roteiros pela cidade. Foram utilizados métodos de ilustração para melhor abordar a importância da imagem nos estudos da Semiótica do Turismo e para apresentar algumas linguagens artístico-culturais presentes no centro histórico de Manaus. Após a pesquisa, foi concluído que há uma grande diversidade de ofertas que não são absorvidas pelo trade turístico manauara que poderia renovar as atividades do campo do turismo para manter uma atenção maior no espaço urbano da cidade, gerando renda para a comunidade local e um conhecimento mais profundo do visitante com as culturas e as artes amazonenses.

Palavras-chave: Manaus; turismo cultural; linguagens artístico-culturais; Semiótica do Turismo.

## ABSTRACT

The current dissertation presents the considerations of a research focused on the Semiotics of Tourism, with a focus on Interdisciplinarity. Linked to this line of research, an exploratory and interpretative analysis of the context of artistic-cultural languages present in the cultural spaces surrounding the Teatro Amazonas in the Centro's neighborhood in Manaus is analyzed as an offer for local tourist practices. The respective cultural spaces chosen for this research were: "Ateliê 23", "Casarão de Idéias", "Galeria do Largo", "Palácio da Justiça", and "Casa das Artes". These places are home to different aspects that varies between the arts of theater, visual arts, cinema, literature and many others, different perspectives of a living and inhabited historical center formed by the arts that represent a different angle of the daily life of the society of Manaus and Amazonas. In this research, an appropriate interdisciplinarity of Semiotic theories was used, in order to analyze how artistic-cultural languages and the cultural spaces themselves in search of understanding the diversity of the local cultural dynamics, Tourism theories in order to understand new possibilities of studies in the area that involves ways to cover varied offers to visitors, theories of Arts that are thought of in the field of culture frequently, seeking to understand them under tourism studies, theories of Geography with a special understanding of the dynamics present in the territorial spatiality of a cluster. urban Amazon and finally, Cartography theories to map these phenomena for a better visualization of the artistic aspects and their determined occurrences in the historical center of the Amazon capital for a better approach about the problematic presented in this work. The results present as varied cultural dynamics that are commonly excluded from the local tourism sector when they are absent from tourist maps and itineraries around the city. Illustration methods were used to better address the importance of image in the study of Tourism Semiotics and to present more clearly, some of the artistic-cultural languages present in the historic center of Manaus. After the research, it was concluded that there is a great diversity of offers that are not absorbed by the manauara tourist trade that could renew the activities of the tourism field to maintain a greater attention in the urban space of the city, generating income for the local community and knowledge deeper understanding of the visitor with the Amazonian culture and arts.

Keywords: Manaus; cultural tourism; artistic-cultural languages; Semiotics of Tourism.

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	13
LISTA DE QUADROS.....	15
INTRODUÇÃO .....	16
METODOLOGIA.....	21
<b>CAPÍTULO I – O TURISMO CULTURAL E SUAS DINÂMICAS NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS.....</b>	<b>26</b>
1.1 O Grand Tour .....	27
1.2 Cultura, Arte e Turismo Cultural.....	34
1.3 O Amazonas e o Turismo.....	41
1.4 Manaus e o Turismo.....	47
1.5 Dinâmicas culturais do centro histórico de Manaus.....	58
<b>CAPÍTULO II – UM OLHAR SEMIÓTICO EM ÁREAS TURÍSTICAS DA CAPITAL AMAZONENSE E SUAS CARTOGRAFIAS .....</b>	<b>78</b>
2.1 A Semiótica e o Turismo .....	78
2.2 A importância dos mapas para o turismo.....	88
2.3 Análise semiótica dos mapas turísticos de Manaus .....	92
2.4 Análise semiótica dos espaços e suas linguagens artístico-culturais .....	104
2.4.1 Ateliê 23 .....	109
2.4.2 Casarão de Idéias .....	113
2.4.3 Galeria do Largo.....	117
2.4.4 Palácio da Justiça.....	134
2.4.5 Os Espaços culturais sob a perspectiva semiótica da linguagem turística.....	140
2.5 O roteiro turístico das agências de Manaus e Alternativas de roteiros focados nos espaços culturais locais .....	147
<b>CAPÍTULO III – REFLEXÕES GEOGRÁFICAS PARA A PROPOSTA DE UM MAPA CULTURAL .....</b>	<b>153</b>
3.1 A dinâmica dos espaços urbanos na Amazônia.....	153
3.2 Os subsegmentos no turismo cultural local e a geosofia cartográfico do centro histórico de Manaus .....	160
3.2.1 Turismo e Literatura.....	162
3.2.2 Turismo e Artes Visuais.....	168
3.2.3 Turismo e Teatro.....	171
3.2.4 Turismo e Gastronomia.....	174

3.2.5 Turismo e Cinema.....	176
3.2.6 O Patrimônio material de Manaus e a apresentação do mapa cultural.....	178
3.3 O mapa virtual como ferramenta para democratizar dados Geoespaciais no campo do Turismo.....	181
CONSIDERAÇÕES, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES DE FUTURAS PESQUISAS	191
REFERÊNCIAS.....	197
ANEXOS E APÊNDICES.....	202

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Autorretrato de Maeten Van Heemskerck com o Colosseum, Roma (1553):.....	31
<b>Figura 2:</b> Frederick North, tornou-se Primeiro-Ministro de 1770 a 1782:.....	32
<b>Figura 3:</b> Harry Fetherstonhaugh, tornou-se deputado no Parlamento de Portsmouth de 1782 a 1796: .....	32
<b>Figura 4:</b> Imagem do mapa do turismo brasileiro e suas cinco macrorregiões. ....	44
<b>Figura 5:</b> Mapa dos polos regionais turísticos do Estado do Amazonas.....	45
<b>Figura 6:</b> Prospecto da Fortaleza da Barra do Rio Negro, desenhada pelo capitão engenheiro Joan André Schwebel em 1754.....	49
<b>Figura 7:</b> Peças publicitárias promovendo o destino Amazônia criadas pelos irmãos Booth. ..	52
<b>Figura 8:</b> O centro de Manaus em cartões postais no início do século XX.....	56
<b>Figura 9:</b> Localização dos espaços e ruas presentes nos cartões postais na capital amazonense até a década de 1930. ....	57
<b>Figura 10:</b> Os ícones, os índices e os símbolos do objeto árvore. ....	87
<b>Figura 11:</b> Círculo cromático de cores quentes e frias. ....	88
<b>Figura 12:</b> Capa do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês. ....	93
<b>Figura 13:</b> Parte de trás do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês. ....	95
<b>Figura 14:</b> Interior cartográfico do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês. ....	95
<b>Figura 15:</b> Interior informativo do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês. ....	97
<b>Figura 16:</b> Capa do mapa Anavilhanas National Park and Surroundings.....	98
<b>Figura 17:</b> Interior do mapa Anavilhanas National Park and Surroundings mostrando a cartografia do Centro de Manaus no canto inferior esquerdo. ....	99
<b>Figura 18:</b> Mapa de Manaus - Amazonastur.....	100
<b>Figura 19:</b> Capas do mapa de Manaus proposto pela Manauscult em dois idiomas: português e espanhol. ....	101
<b>Figura 20:</b> Parte de trás do mapa de Manaus proposto pela Manauscult em dois idiomas: português e espanhol.....	101
<b>Figura 21:</b> Interior cartográfico de um dos mapas bilíngues de Manaus proposto pela Manauscult. ....	102
<b>Figura 22:</b> Interior informativo de um dos mapas bilíngues de Manaus proposto pela Manauscult. ....	103
<b>Figura 23:</b> Fachada do Ateliê 23.....	110
<b>Figura 24:</b> Cartaz da peça Vacas Bravas.....	111
<b>Figura 25:</b> Os atores Ítalo Rui, Taciano Soares e Julia Kahane se preparando para as filmagens durante o ensaio da peça.....	112
<b>Figura 26:</b> Fachada do Casarão de Idéias no Centro de Manaus.....	114
<b>Figura 27:</b> Interior aconchegante presente no Casarão de Idéias. ....	115
<b>Figura 28:</b> Filmes em Cartaz durante a visita in loco em dezembro de 2020.....	116
<b>Figura 29:</b> Registro da exposição presente no Casarão de Idéias.....	116
<b>Figura 30:</b> Fachada da Galeria do Largo no Centro de Manaus.....	118
<b>Figura 31:</b> Registro de duas das várias fotografias dos Tüküna presentes na exposição.....	118
<b>Figura 32:</b> Registro de uma das ilustrações de Romahs em exposição na Galeria do Largo. .	120
<b>Figura 33:</b> Visitantes apreciando a performance Cuarentena de Odacyr Oliveira. ....	121
<b>Figura 34:</b> Registro da obra proposta pela artista na parede da Galeria do Largo.....	122

<b>Figura 35:</b> Registro da pintura formada por importantes signos referentes às lembranças da infância da artista. ....	124
<b>Figura 36:</b> Registro de uma das telas pintadas pelo artista em seu isolamento social no interior do estado do Amazonas. ....	125
<b>Figura 37:</b> Registro do mostruário cujas sementes encontram-se dentro dos pequenos recipientes de vidro presentes sobre a mesa. ....	126
<b>Figura 38:</b> Registro dos elementos sígnicos pensados pelo artista presentes em uma das paredes da galeria. ....	127
<b>Figura 39:</b> Registro de duas fotografias presente na exposição de Alonso Júnior. ....	128
<b>Figura 40:</b> Registro da exposição de lambe-lambes que cobriu todas as paredes de um dos salões da Galeria do Largo. ....	129
<b>Figura 41:</b> Registro de um trecho da exposição proposta por Micael Santos. ....	130
<b>Figura 42:</b> Registro da maquete de Santa Anita construída pelo escritor amazonense Mário Ypiranga para sua esposa. ....	131
<b>Figura 43:</b> Registro do painel que relata a história da relação amorosa do escritor amazonense Mário Ypiranga. ....	132
<b>Figura 44:</b> Registro da fachada do Palácio da Justiça pela perspectiva dos jardins aos fundos do Teatro Amazonas. ....	135
<b>Figura 45:</b> Registro do anúncio da exposição “ArquiteOtônicas” com a presença da torre Lambe-Lambe Babel. ....	136
<b>Figura 46:</b> Registro dos painéis em movimento eólico. ....	137
<b>Figura 47:</b> Registro das pinturas elaboradas por Di Miranda na exposição Cores em Movimento. ....	138
<b>Figura 48:</b> Algumas das joias inspiradas em signos presentes na arquitetura de Severiano Porto. ....	139
<b>Figura 49:</b> Fachadas dos espaços culturais. ....	141
<b>Figura 50:</b> Ilustração dos signos semióticos dos espaços culturais. ....	146
<b>Figura 51:</b> Registro do Cadastur do Casarão de Idéias em exibição no interior do espaço cultural. ....	149
<b>Figura 52:</b> Bairro Centro da cidade de Manaus. ....	154
<b>Figura 53:</b> Registro das três (03) obras literárias para melhor embasamento da pesquisa. ....	166
<b>Figura 54:</b> Placa situada abaixo do mulateiro na praça Heliodoro Balbi, onde o clube da Madrugada se reunia. ....	166
<b>Figura 55:</b> A formação do turismo de teatro. ....	172
<b>Figura 56:</b> O mapa em espanhol, com o QR Code a mostra e o mapa em português sem QR Code. ....	185
<b>Figura 57:</b> Resultado das tentativas de leitura do QR Code do mapa. ....	186
<b>Figura 58:</b> Aplicativos da Disney, da SEC e de leitor de QR Code. ....	186
<b>Figura 59:</b> Registro da agenda de eventos presentes nos aplicativos. ....	188
<b>Figura 60:</b> Registro dos respectivos webs mapas presentes nos aplicativos. ....	189

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1:</b> A relação triádica dos signos: .....	22
<b>Quadro 2:</b> Atividades e municípios presentes nos polos regionais turísticos do Amazonas segundo Amazonastur. ....	46
<b>Quadro 3:</b> Roteiros oferecidos por agências cadastradas na ABAV.....	148
<b>Quadro 4:</b> Territorialidades espaciais literárias no Centro de Manaus.....	168
<b>Quadro 5:</b> Espaços fechados e abertos onde seja possível encontrar performances teatrais...	174
<b>Quadro 6:</b> Espaços voltados ao serviço de alimentos e bebidas no Centro associados pela ABRASEL. ....	176
<b>Quadro 7:</b> Alguns dos Patrimônios Materiais presentes no Centro de Manaus.....	180
<b>Quadro 8:</b> Centro Culturais no Centro de Manaus. ....	180
<b>Quadro 9:</b> Fatores influenciadores em projetos de mapas para Web.....	183

## INTRODUÇÃO

O turismo e as artes são campos cuja observação ocorre em perspectivas acadêmicas distintas. No momento em que há uma atividade turística com foco nas artes, pode-se relacioná-la ao turismo cultural. Este segmento envolve atividades distintas que podem ou não se inter cruzar (BARRETO, 2004).

Atividades como visitação em galerias de arte, conhecer destinos usados como cenários em certas obras literárias, apreciar a gastronomia e festividades locais são alguns aspectos que costumam englobar o turismo cultural e passaram a ser teorizados individualmente, surgindo novos termos como o turismo literário, turismo de arte, dentre outros. A importância desta fragmentação teórica a respeito das atividades mencionadas, visa dar mais atenção às nuances que as distinguem para que possam ser mais bem pensadas e discutidas no contexto do segmento do turismo cultural, gerando reflexões mais profundas.

Antes de mais nada, cabe a necessidade de compreensão a respeito do que seria este “entorno do Teatro Amazonas” como ponto delimitador da pesquisa. Entende-se como “entorno”, ruas limítrofes e paralelas ao Teatro Amazonas dentro do bairro Centro do município de Manaus em que é possível locomover-se de um ponto A para um ponto B enquanto transeunte. Os cinco (05) espaços culturais escolhidos para esta pesquisa, que serão apresentados ao decorrer do trabalho, encontram-se exatamente dentro do entendimento deste espaço territorialmente delimitado.

No âmbito artístico-cultural, há diversos espaços culturais no entorno do Teatro Amazonas que oferecem possibilidade de fruição do público com as artes, tais como: performances teatrais (Ateliê 23), exposições artísticas (Galeria do Largo, Palácio da Justiça e Casa das Artes), filmes independentes (Casarão de Ideias), e etc.

As expressões artísticas, ou linguagens artístico-culturais dos espaços, encontradas no centro histórico são bem diversificadas: Ateliê 23 - performances teatrais; Casa das Artes - exposição de fotografias, pinturas, etc.; Casarão de Idéias - cinema independente, exposição de projetos culturais, adereços culturais locais, assim como teatro tanto quanto o Ateliê 23; Galeria do Largo - exposição de pinturas e quadros; Palácio da Justiça - espaço para visitas guiadas pela arquitetura e história administrativa/jurídica do prédio, exposição de peças culturais e apresentações da filarmônica, corpo de dança etc.

Os transeuntes que circulam pelo Centro, principalmente pelo Largo de São Sebastião - área focal desta pesquisa - podem encontrar ofertas de alimentação em diferentes pontos, assim como restaurantes que são lugares onde é possível encontrar culinária em aspectos regionais apresentando-se como um diferencial, passagem obrigatória de quem passeia no entorno do Teatro e leva à aproximação do turista<sup>1</sup> ou viajante à cultura local. O Largo, por ser um ambiente a céu aberto, diferentemente de espaços fechados, gera uma sensação de liberdade ao visitante que por sua vez, desfruta das comidas locais enquanto assiste a um show por ali e/ou um espetáculo na rua.

Essa discussão sobre diferenças e similaridades entre turistas e viajantes é algo muito recorrente nos estudos do Turismo que por si só, é suficiente para uma investigação própria e que não cabe aqui nessa pesquisa devido o foco ser diferente. Entretanto, acredita-se ser pertinente uma citação da tradutora e doutora em literatura Márcia Heloísa, na nota de introdução do livro “Medo Clássico: Edgar Allan Poe, Parte I” traduzido por ela que transmite muito bem as discussões entre turista e viajante:

Embora o universo do autor [Edgar Allan Poe] seja muito maior do que o nosso tour pretende contemplar, encontraremos, nos contos dessa edição, seus inescapáveis pontos turísticos, as paisagens e os monumentos mais frequentes em sua obra. A viagem é turística, mas suplico que o leitor não o seja; o turista registra sem absorver, o viajante vivencia para aprender. Um apenas sonha, o outro desperta de um sono profundo (HELOÍSA, 2017, p. 19).

Nota-se, nas palavras da pesquisadora, que as diferenças estão mais focadas nas atitudes durante a viagem do que o motivo que induziu a viagem em si. A doutora portuguesa em sociologia Maria das Graças Joaquim, dá continuidade a este entendimento ao compreender que aspectos comportamentais do visitante no destino turístico visitado irão auxiliar na forma em que o indivíduo será interpretado socialmente pelos locais, a autora portanto, alega que o viajante está, na literatura turística

(...) conotado com o individual, a descoberta, as deslocções de longa duração, o recurso aos transportes, gastronomia e alojamento locais. A experiência do viajante aparenta ser caracterizada pelo esforço, pela ausência do conforto ocidental e pelo encontro com o Outro no contexto dos seus modos de vida. O viajante tem tempo. Aprende. O turista é apressado. Consome. E este consumo realiza-se sobretudo na cultura visual, onde o espetáculo e a imagem se

---

<sup>1</sup> A Organização Mundial do Turismo - UNWTO considera, para fins estatísticos, visitante ou excursionista (*visitor*) quem se desloca voluntariamente por menos de um ano para um local diferente da sua residência habitual e do seu trabalho (por vários motivos, excetuando a obtenção de rendimentos no local visitado). Se o visitante pernoitar, é considerado turista. Não distingue turista de viajante, reconhecendo apenas a categoria de “turista”. (UNWTO, *Glossary of Tourism Terms*, 2008).

tornaram o ingrediente por excelência do acto turístico (JOAQUIM, 2012, p. 02).

Para esta pesquisa, utilizaremos ambos os termos para se referir aos visitantes seguindo a compreensão da Organização Mundial do Turismo, visto que o visitante<sup>2</sup> - seja ele turista ou viajante - sempre irá entrar em contato com aspectos culturais nos locais em que visitam, independente do tempo utilizado. O termo visitante também será comumente utilizado ao lado dos demais.

Todos os espaços culturais propostos por essa pesquisa, localizam-se no entorno do Teatro Amazonas que costuma receber um grande quantitativo de visitas. De acordo com o Observatório de Turismo da UEA - Observatur, após realizar um levantamento estatístico com dados de visita da Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas - SEC, apenas em 2018, o Teatro Amazonas recebeu um total de 101.617 visitantes, desde moradores locais (30.240), turistas nacionais (29.545) e turistas internacionais (23.010). O levantamento ainda apresenta que 18.822 estudantes também visitaram o Teatro Amazonas naquele ano. É possível notar que há um campo bem diverso no que diz respeito ao turismo cultural, e que poderia ser melhor aproveitado visto que são espaços culturais inseridos em uma área de grande atratividade turística.

A cultura entendida como um fenômeno nos centros históricos, atrai visitantes, para espaços públicos que, por razões diferentes, não possuem mais tantos transeuntes circulando com o intuito voltado ao lazer. Muitas destas áreas permanecem em estado de abandono enquanto outras passam por processos de revitalização. Buscar formas de repensar estes lugares para engajar um maior fluxo para áreas pouco visitadas pode instigar naquelas pessoas um sentimento de pertencimento àquela região, podendo ou não, gerar mais visibilidade para as ofertas existentes, assim como, uma compreensão maior sobre a importância de manter o espaço preservado.

As práticas turísticas existentes no Teatro Amazonas e seu entorno costumam priorizar arquiteturas específicas, construídas durante o período áureo da borracha, sem

---

<sup>2</sup> O professor gramático e filósofo brasileiro Evanildo Bechara, explica que o uso do pronome O (OS) pode e deve ser utilizado enquanto referência a nomes de gêneros diferentes, por neutralização. Portanto, nesta pesquisa, serão utilizados termos e conceitos sob o pronome masculino O para se referir tanto indivíduos de gênero masculino quanto feminino, de acordo com a Gramática Portuguesa. Bechara, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa: 37ª edição atualizada pelo novo acordo Ortográfico - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p.147.

considerar as expressões artísticas como atrativo turístico. Há uma grande quantidade de expressões artísticas - que são entendidas nesta pesquisa como linguagens artístico-culturais - existentes no local, que vão do teatro de rua até as galerias de artes.

Existe um nicho nas atividades turísticas em que os turistas buscam ver, entender e ter um contato com o tipo de conteúdo artístico abordado pelo destino turístico visitado. Observa-se ainda a existência de um olhar artístico daquele local e como está relacionado não só com a forma de criar arte de outros locais, podendo estes serem nacionais ou internacionais, mas com o contexto da realidade existente naquele lugar.

Portanto, para esta pesquisa, pensou-se como objetivo geral, investigar a potencialidade para o turismo cultural por meio das linguagens artístico-culturais existentes nos espaços no entorno do Teatro Amazonas em busca de possibilidades de atrativos a mais aos visitantes. Quanto aos específicos: refletir sobre as expressões artísticas que ocorrem no Teatro Amazonas e no seu entorno; entender como os espaços artístico-culturais foram se organizando no entorno do Teatro Amazonas e como estão se reorganizando perante os desafios da contemporaneidade; e, por fim, produzir um mapa com a representação dos espaços culturais identificados a partir da pesquisa.

Atualmente, durante a quarentena e o isolamento social exigidos em meio a uma pandemia mundial causada pela COVID-19, muitos destes espaços vêm se reinventando para continuar suas atividades, mas desta vez em campo virtual, por meio de *lives*<sup>3</sup> em redes sociais.

No decorrer do primeiro capítulo, iremos mergulhar a fundo em uma discussão acerca do turismo cultural, de suas raízes intrínsecas às viagens do *Grand Tour* europeu, o papel da cultura e das artes no campo do turismo, as atividades turísticas no Amazonas e em Manaus - a história do Amazonas, de Manaus e as atividades turísticas nesses territórios serão aqui apresentadas com intuito de localizar melhor os leitores sobre o espaço estudado - e por fim, buscaremos compreender as dinâmicas culturais presentes no centro histórico da capital amazonense por meio das entrevistas com os gestores culturais.

No segundo capítulo, buscaremos compreender melhor como as análises

---

<sup>3</sup> *Live* ou *Live Streaming* é uma transmissão interativa ao vivo que é um recurso importante de aplicativos e plataformas em que as ações dos telespectadores afetam o conteúdo em transmissão (Gil, R. L. et al. *Interactive live-streaming technologies and approaches for web-based applications*, 2017).

semióticas podem ser aplicadas no turismo, seguida de uma discussão sobre a importância dos mapas como ferramentas imagéticas na área turística. As análises semióticas iniciam primariamente por quatro (04) mapas turísticos de Manaus que mostram cartograficamente o bairro Centro, dando sequência para as análises dos espaços culturais propostos por essa pesquisa. O capítulo é encerrado com uma discussão sobre a falta de roteiros turísticos locais envolvendo estes espaços por agências presentes no próprio centro, além de uma entrevista com uma agência de viagem - a UIKA Experiências Amazônicas e Turismo Comunitário - que traz como proposta de um de seus roteiros, um percurso por alguns dos espaços culturais aqui analisados.

O terceiro e último capítulo busca trazer uma discussão mais geográfica para essa pesquisa, abordando as dinâmicas espaciais existentes em aglomerados urbanos amazônicos, seguindo para uma abordagem de subsegmentos do turismo cultural - com intuito de categorizar e geografizar as atividades culturais existentes no Centro que podem ser mais bem aproveitadas pelo campo turístico - e como estes podem oferecer uma experiência geosófica aos visitantes. Também serão apresentadas propostas de mapas virtuais e a apresentação de dois (02) mapas culturais pensados durante o processo de construção e elaboração dessa pesquisa: um estático e um virtual.

A partir deste ponto, damos sequência nesta pesquisa, apresentando os processos metodológicos utilizados para alcançar resultados pretendidos por meio do objetivo geral e específicos aqui já mencionados. Acredita-se que a apresentação da metodologia antes dos capítulos possa contribuir para uma melhor compreensão do leitor a respeito do que ele poderá encontrar nos três capítulos planejados neste trabalho.

## METODOLOGIA

Os caminhos metodológicos escolhidos para alcançar os objetivos em uma pesquisa, são o ponto fundamental para compreensão de todas as etapas que o trabalho percorreu, portanto, acredita-se ser pertinente antecipar os processos metodológicos utilizados para que o leitor possa mergulhar nos capítulos tendo uma maior noção de todos os pontos pretendidos durante este percurso.

A pesquisa foi, inicialmente, bibliográfica e bibliométrica utilizando referências teóricas acerca dos respectivos temas já apresentados na introdução. Esta pesquisa caracterizou-se como exploratória a respeito das linguagens artístico-culturais existentes em espaços situados no entorno do Teatro Amazonas, localizado no bairro Centro de Manaus, capital do Estado do Amazonas, lugar no qual foi realizada a pesquisa.

Tendo em vista que estes espaços culturais possuem atratividades que buscam trabalhar elementos característicos da cultura local para o visitante, o método de análise foi por meio da semiótica. Segundo Santaella e Nöth, "a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos sígnicos na cultura e natureza, o foco de seus estudos são as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos". (2017, p.7)

Partindo da percepção de que tais linguagens artístico-culturais são um conjunto de signos culturais que buscam traduzir a realidade local dentro e fora de espaços de visitação, a semiótica torna-se um método científico de análise pertinente na busca de respostas aos objetivos levantados pela pesquisa. Torna-se pertinente uma reflexão profunda em torno destes espaços culturais a partir de um olhar semiótico no campo do turismo cultural, o qual exige a utilização da interdisciplinaridade para o processo de construção e reconstrução de conhecimentos, permitindo uma maior compreensão das representações culturais.

Santaella e Nöth entendem o signo como "algo que vai além da impressão que produz nos sentidos e faz com que outra ideia venha à mente como consequência dele" (2017, p.8). O signo, segundo os autores, se define como uma relação triádica, como pode ser visto no Quadro 1, no qual o signo é a representação de algo que, para ser entendido por um indivíduo, é preciso criar outro signo em sua mente.

**Quadro 1:** A relação triádica dos signos:

RELAÇÃO TRIÁDICA DO SIGNO	
SIGNO 01	Cotidiano amazônico
SIGNO 02	Representação artística desse cotidiano amazônico
SIGNO 03	Formação de imagens pela história de vida e entendimentos mentais que auxiliem na compreensão do visitante ao apreciar as representações artísticas

Fonte: Elaboração feita pelo próprio autor com base em Santaella e Nöth (2017)

Para esta pesquisa, foi pensado, apenas uma linguagem artístico-cultural de cada espaço cultural proposto, totalizando cinco (05) análises, sendo estas, as mais recentes em exposição. O motivo de escolher as linguagens mais recentes apresentadas se dá pelo impacto que a quarentena pode ou não ter causado no planejamento da exposição em questão, o que não impede os gestores de mencionar atos expostos anteriormente à pandemia.

Outra linha de conhecimento pensada para esta pesquisa como suporte à metodologia semiótica - devido às sugestões da banca sobre a importância de discutir mais a respeito do papel dos mapas para o turismo - foi a geosofia, um conceito que foi introduzido na Geografia pelo geógrafo estadunidense John Kirtland Wright em 1947 (QUEIRÓS, 2018) que ficou conhecido por seus trabalhos em cartografia, estudo da história do pensamento geográfico e claro, a própria geosofia. Seu conceito (QUEIRÓS, 2018) é entendido como a geografia do conhecimento que entende a dimensão imaterial da experiência das pessoas - que aqui serão entendidas como visitantes e moradores locais - e suas imaginações a respeito do meio em que estão/visitam.

Portanto, mesclar os conhecimentos geográficos que os visitantes adquirem em suas viagens para um determinado destino turístico com os conjuntos sógnicos que estes criarão mentalmente para compreender aquela localidade enquanto busca-se sugestões mais refinadas de cartografias locais que auxiliem os visitantes neste processo, torna-se prudente na formação de uma base teórica mais consistente.

Muitas pesquisas já foram realizadas para entender melhor estes aspectos culturais no campo do turismo no centro histórico de Manaus, e outras ainda estão em processo de produção. Dissertações de mestrado e teses de doutorado que abordam e aprofundam o

tema, sem contar projetos de pesquisa, além de artigos, especialmente em língua inglesa e em língua portuguesa europeia, que trazem reflexões pertinentes sobre como o turismo cultural é pensado em outras localidades territoriais que podem auxiliar esta pesquisa a partir de uma melhor reflexão a respeito da temática apresentada.

Quanto às dissertações de mestrado, foram destacadas as seguintes: Ruiz (2012) desenvolveu uma pesquisa sobre as possibilidades e aceitação da dança como produto turístico; Silva (2009) desenvolveu reflexões acerca da cidade de Manaus e a produção do lugar para o turismo; Santos (2012) pesquisou o turismo cultural a partir da requalificação da paisagem local no Largo São Sebastião e seu entorno; Souza (2012) fez uma análise do espaço do Paço da Liberdade e seu entorno para uso turístico; Silva (2013a) discutiu sobre a gestão da conservação do patrimônio cultural no centro histórico de Manaus; e Silva (2013b) fez uma análise bibliográfica dos centros culturais. Quanto às pesquisas de doutorado, destaca-se a de Nascimento (2014), que estudou as políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus.

Entretanto, uma análise semiótica do potencial turístico das linguagens artístico-culturais do entorno do Teatro Amazonas e propostas geosóficas de mapas culturais do centro histórico ainda não havia sido pesquisado. Vários motivos levaram à escolha para se pesquisar os espaços e suas linguagens artístico-culturais em uma perspectiva semiótica, dentre elas a forma que conseguem representar o cotidiano manauara, a possibilidade de viabilizar os trabalhos de artistas para um público maior, a possibilidade de se refletir acerca da existência de um fenômeno cultural rico, elaborado em perspectivas diferentes por meio das artes visuais, dança, música, teatro etc.

Logo, os dados foram de documentação secundária englobando artigos, dissertações, teses entre outros, com leitura analítica e fichamentos, realizando uma análise comparativa com outros trabalhos que tiveram subsegmentos do turismo cultural como tema, sendo eles turismo literário, turismo de artes e outros. Também serão analisados os dados contidos em *sites* e registros institucionais.

Inicialmente, foi pensado para a pesquisa de campo um diálogo virtual com os entrevistados por meio de uso de internet com videochamadas, via *e-mail* ou via redes sociais devido às recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Entretanto, durante o período pensado para realização das entrevistas, houve uma flexibilização da quarentena e os espaços culturais - que até então estavam fechados - abriram para atender

visitantes. Logo, as entrevistas com os gestores culturais aconteceram *in loco*, seguindo à risca todos os protocolos recomendados pela OMS - uso permanente de máscara; aplicação constante de álcool em gel 70°; manter o distanciamento social - durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2020.

As entrevistas foram pensadas no formato semiestruturadas e realizadas com uma população máxima de 10 indivíduos, por acreditar ser um número suficiente de participantes e opiniões, tendo uma proposta inicial de amostra de: cinco (05) gestores de espaços culturais para uma compreensão sobre seus respectivos apoios antes e durante a execução das linguagens artístico-culturais pertinentes para a análise semiótica na pesquisa e os demais quantitativos da amostra - até então no máximo cinco (05) indivíduos a serem entrevistados sendo donos de agências que trabalham com roteiros turísticos que envolvam espaços culturais e possíveis visitantes que desejarem participar e que estejam frequentando os espaços durante a flexibilidade da quarentena por meio do uso do método de entrevistas bola de neve caso seja pertinente um aprofundamento no entendimento das dinâmicas culturais existentes naquela espacialidade.

Os meses entre outubro e dezembro de 2020 - período pós qualificação, realizado em 25 de setembro de 2020 - foram primordiais para adquirir a aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa - CEP e seguir com as visitas *in loco* em cada um dos cinco espaços. Entretanto, durante este período, havia agendamentos a serem realizados para visitação como método de evitar aglomeramentos e manter o devido distanciamento social solicitado pela Organização Mundial de Saúde - OMS e poucos funcionários disponíveis para atender todas as demandas administrativas, além dos planejamentos das exposições pensadas para este período. Logo, as visitas em quatro espaços - Ateliê 23, Casarão de Idéias, Galeria do Largo e Palácio da Justiça, respectivamente nesta ordem - aconteceram em períodos longos entre uma e outra e a última visita ficou impossibilitada devido o decreto do governo do estado do Amazonas que proibiu espaços não essenciais - com exceção de supermercados, farmácias e demais pontos voltados à saúde e alimentação - de funcionarem além de várias outras atividades também suspensas como viagens interestaduais.

O decreto entrou em vigor em dezembro de 2020 e permaneceu em vigor até o prazo limite para defender a pesquisa, em março de 2021, o que impossibilitou de conseguir ir *in loco* à Casa das Artes. Por fim, a Casa das Artes permanece presente nas discussões, incluída nas ilustrações e nos mapas planejados enquanto proposta desta

pesquisa, mas que infelizmente não estará presente nas análises de suas linguagens artístico-culturais. Um ponto positivo é que o entrevistado responsável pela Galeria do Largo, também é responsável pela curadoria da Casa das Artes, portanto, o planejamento de suas exposições encontra-se apresentado, mas imagens visuais não, infelizmente.

Devido à pandemia de COVID-19 em 2020 e a necessidade de uma quarentena em nível mundial, o turismo foi um dos campos econômicos mais afetados dentro desta nova realidade e conseqüentemente, essa pesquisa. Portanto, visto que não há mais turistas passeando por áreas de lazer entendidas socialmente como espaços turísticos, fica inviável incluir suas participações neste projeto. Como foi mencionado, houve uma flexibilidade maior com relação à abertura de espaços culturais entre os meses de realização das entrevistas e foram seguidas as medidas sanitárias exigidas pela OMS. Portanto, a presença de moradores locais nestes espaços existiu, mas muitos não aceitaram participar por receio de manter contato com um desconhecido por um tempo consideravelmente longo em espaço fechado: os espaços culturais. Entretanto, alguns visitantes permitiram a autorização de registros seus nas dependências internas dos espaços.

A pesquisa buscou trazer um entendimento da dinâmica da cultura local e um olhar para um campo cultural vasto e diversificado existente no entorno do Teatro Amazonas, compreendendo que as linguagens artístico-culturais não se encontram apenas dentro do Teatro Amazonas, mas também em vários espaços culturais que por vezes, passam despercebidos por quem circula por ali. Também buscou-se trazer uma maior discussão sobre o campo do turismo cultural local entendendo como as artes podem ter um papel importante nas atividades turísticas existentes naquela região. É importante também buscar apresentar para os visitantes que a cidade de Manaus possui uma oferta artístico-cultural vasta e aberta para visitas e fruições como alternativas de roteiros turísticos a serem executados localmente. Também é importante apresentar como os gestores estão lidando com a gestão de tais espaços durante a quarentena e como muitos estão usando a criatividade para manter suas atividades ativas.

## CAPÍTULO I - O TURISMO CULTURAL E SUAS DINÂMICAS NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

“Manaus é menina de todos os olhos,  
cabocla risonha da beira do rio.  
Morena vistosa, coberta de encantos  
— na dança da vida está sempre no cio.

Tá sempre desperta e de braços abertos  
— é gente que chega de todo lugar.  
Manaus é tão boa pra gente viver,  
de dia e de noite para gente sonhar.

Às vezes, olhando Manaus lá de cima,  
à luz do néon ou à luz do luar,  
parece uma nave pousada na selva,  
parece um navio no meio do mar.

Vestida de seda ou vestida de chita,  
Manaus é bonita, vaidosa cunhã.  
tem lá seus defeitos, enfim é humana,  
cidade do hoje e do meu amanhã.”

Celdo Braga.

O turismo surge como atividade nos séculos XVII e XVIII e desde o início esteve atrelado à busca do conhecimento, da aprendizagem pela prática e da descoberta de outras culturas. Manaus, desde sempre despertou a curiosidade dos homens, seja por sua localização exótica, seja pelas suas belezas naturais, seja pelo Teatro Amazonas, único instalado no meio da selva. Para entendermos a dinâmica que O TURISMO CULTURAL estabelece em Manaus, especialmente no Teatro Amazonas e seu entorno, é preciso entendermos o percurso do turismo.

## 1.1 O GRAND TOUR

Dentre as muitas discussões sobre a origem do turismo cultural, há um consenso de que o *Grand Tour*, fenômeno social cujo auge ocorreu entre os séculos XVII e XVIII, praticado pelos jovens aristocratas europeus, possa ser a origem mais provável do turismo cultural que conhecemos hoje em dia (SALGUEIRO, 2002; MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006; SEGALA, 2007). O *Grand Tour* surgiu nos meados do século XVII como uma atividade comum, um ritual de passagem educacional e de lazer para os homens aristocratas. Os jovens da aristocracia europeia, especialmente os ingleses e alemães, embarcavam em uma viagem com uma média de duração de um a três anos. O turismólogo e mestre em educação, o brasileiro Diego Geovan dos Reis considera que

os jovens aristocratas, aqueles que tinham acesso aos estudos acadêmicos, passaram a considerar o mundo pequeno demais para caber dentro de uma sala de aulas. Ora, estudar Horácio e Virgílio, as obras de artes e os sítios antigos por eles descritos era uma coisa, agora vê-los e experienciá-los pessoalmente era algo que ultrapassava qualquer conteúdo acadêmico, algo muito além do que qualquer tutor poderia ensinar pois a experiência não pode ser ensinada, apenas vivida. Despontou-se assim o *Grand Tour* (2018, p.22).

O objetivo dessas viagens pela Europa era de complementar a educação erudita, formal e clássica, bem como aprimorar o conhecimento em artes, arquitetura, culturas, idiomas e política. O sociólogo australiano Adrian Franklin afirma que o filósofo John Locke, que era amplamente lido e admirado, consolidou a associação entre viagem e educação alegando que a viagem

deve ser incorporada à vida de alguém, como parte da busca por uma vida bem vivida, e aqui nasceu a ideia da arte como benéfica para todos e idealmente disponibilizada a todas as pessoas - em outras palavras, uma noção inicial de um público de arte itinerante (2018, p.408).

Viajar tornou-se muito mais do que partir de um ponto inicial para outro cujo objetivo estivesse relacionado apenas na locomoção. As viagens tornaram-se parte importante para a educação de um certo grupo social que encontrou nelas uma forma de aprimorar seu *status* diante dos demais membros pertencentes à burguesia europeia. Começava-se a ter uma noção da importância de absorver conhecimentos e aprendizados

enquanto praticavam-se atividades relacionadas ao lazer nos destinos visitados. Reis (2018, p.14) entende que “a viagem é aqui um processo não educativo, mas de aprendizado que acabou por ser mais significativo do que todo um processo educativo formalizado, mostrando que o aprendizado é um constante disforme e que acontece por toda a vida.”

Um dos primeiros usos do termo *Grand Tour* foi em 1670 quando o inglês Richard Lassels utilizou essa expressão para caracterizar esse tipo de aventura em seu livro *The Voyage of Italy*. De acordo com este livro, as viagens seriam a melhor forma de se conhecer e adquirir conhecimento de culturas. Franklin (2018, p.408) entende que Lassels consolidou tais viagens como um fenômeno cultural significativo por si só, ao afirmar que a jornada e o destino eram significativos e valiosos. A doutora em História social pela Universidade de São Paulo - USP, Valéria Salgueiro irá conceituar o termo *Grand Tour* como:

Uma expressão pela qual vieram a ser denominadas as viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo. Nele são pontuados aspectos intimamente ligados a esses pioneiros fluxos de viagens por prazer, os quais constituem matrizes remotas dos fluxos de turismo, de lazer e cultural do nosso tempo atual (2002, p.90).

Os fluxos de viagens do *Grand Tour*, mesmo que tenham uma origem elitizada, foram importantes para estabelecer um aspecto locomocional que, ao longo dos anos, tornou-se uma atividade mais democrática para que os viajantes - mesmo aqueles que não pertencessem à elite - pudessem aventurar-se em busca de lazer e conhecimento em certos destinos. A autora aplica a evolução destes fluxos turísticos praticados por burgueses nos séculos XVII e XVIII para nossa atual realidade, cujas vidas são regradas pelos variados aspectos do tempo dentro de um sistema capitalista.

Outro ponto importante observado na citação da autora é a diferença bem clara e importante a respeito das viagens em busca de um lazer educativo acerca de outras culturas no século XVIII e nas viagens contemporâneas: o uso do tempo. Nas viagens do *Grand Tour*, os rapazes aristocratas costumavam passar anos viajando e conhecendo o trajeto com calma, além de financiarem suas viagens com recursos de suas famílias, sem precisar trabalhar. É notório por meio de leituras sobre este período que a necessidade de

absorver conhecimentos variados relacionados com a cultura local daquele destino almejado, independente do tempo que levasse, afetaria o *status quo* do estudante. Reis complementa essa questão ao dizer que essa situação

não difere do que acontece hoje em países em desenvolvimento, como o Brasil. Famílias de maior poder aquisitivo enviam seus filhos para as mais caras escolas e universidades e se não as podem encontrar no Brasil, mandam-lhes ao exterior, para não contar ainda os diversos intercâmbios extracurriculares feitos principalmente na Europa e nos Estados Unidos, uma herança do *Grand Tour*, enquanto aos seus compatriotas menos afortunados resta apenas contar com o que lhes é possível (2018, p. 27).

Esta reflexão é oportuna partindo da ideia de que nas viagens contemporâneas, a premissa permanece. Pessoas que têm a oportunidade de tirar um ano para fazer um intercâmbio ou um ano sabático para viajar e conhecer outras culturas que fossem além da romana nos centros históricos italianos - principal e primordial destino de visitaçã para os *Grand tourists* - ao retornarem aos seus destinos de origem, tornam-se bastante visados para compartilhar suas experiências com os demais, principalmente com aqueles que não podem se dar ao luxo de realizar tal aventura.

Ao contrário destes, os viajantes contemporâneos que buscam o turismo cultural, não apenas subsidiam suas próprias viagens, como não podem prolongar suas estadias nos destinos visitados, visto que a rotina envolvendo suas vidas profissionais, acadêmicas e pessoais não permite a ausência por muito tempo.

É neste momento que as operadoras de turismo<sup>4</sup> entram em ação criando recursos e alternativas que tornem o turismo mais democrático. O turismo cultural continua atraindo grande fluxo turístico, deixando de ser praticado somente pelos especialistas e eruditos como ocorria durante o *Grand Tour*. Com isso, o patrimônio ganhou grande visibilidade popular (CHOAY, 2006). É perceptível que as viagens culturais se tornaram mais acessíveis para quem tem interesse em experienciá-las, ao contrário do *Grand Tour* que era exclusivo para um determinado público.

---

<sup>4</sup> As operadoras de turismo são uma categoria de agência de turismo cuja responsabilidade se dá pela promoção dos destinos e serviços turísticos e/ou assessoria, concepção, organização e/ou operação de programas de viagens e/ou realização de reservas e vendas dos serviços, organizados ou não em pacotes, atuando como intermediária entre as prestadoras dos serviços e o usuário final, para atingir objetivos turísticos, comerciais ou de outra natureza. Em outras palavras, as agências de turismo podem exercer as seguintes funções básicas: promoção (divulgação), assessoria (consultoria), concepção, organização, comercialização e operação (implementação). (BRASIL, Ministério do Turismo/Unicamp. 2005).

As atividades do *Grand Tour* não eram para qualquer um e a maior parte das pessoas que o exerciam pertenciam à elite britânica, e essa grande maioria de jovens burgueses britânicos pode ser justificada pelos bons ventos econômicos que sopravam no Reino Unido. Afinal, o país liderava o comércio além de estar na fase inicial da revolução industrial<sup>5</sup>. Entretanto, Reis (2018, p.27) esclarece que apesar dos britânicos receberem grande parte dos créditos relacionados às viagens educacionais, esse fenômeno era na verdade uma prática da maioria daqueles em posição de privilégio no continente europeu. Portanto, jovens estudantes franceses, alemães, suíços, russos e vários outros eram enviados por seus pais nobres para essas viagens não somente para complementar seus estudos, mas para favorecer o *status* social desses indivíduos.

O trajeto percorrido costumava passar pela França, Países Baixos e incluía especialmente a Itália devido sua grande oferta de cultura, artes e arquitetura. O traslado não era feito por transporte multimodal<sup>6</sup> como trens a vapor ou barcos, visto que estes passaram a ser utilizados no final do século 18. No auge do *Grand Tour*, dentre as opções existentes, o traslado era comumente feito por barcos a vela (SEGALA, 2002). A editora britânica de conteúdo do *ART UK*, formada em história da arte pela *University College London* e pelo *Courtauld Institute of Art*, Lydia Figes (2019) também ressalta que os viajantes traziam consigo seus companheiros caninos, ao lado de seus treinadores, cavalos, tutores e criados.

As hospedagens utilizadas durante o *Grand Tour* (SALGUEIRO, 2002) costumavam ser albergues públicos, algumas hospedarias particulares de famílias modestas e conventos jesuítas, que auxiliavam bastante os estudantes favorecendo um contato mais próximo com as artes locais. Um fato interessante é que durante o *Grand Tour* a aristocracia sentia a necessidade de registrar aquelas viagens em pinturas que

---

<sup>5</sup> A grande Revolução Industrial começou a acontecer a partir de 1760, na Inglaterra, no setor da indústria têxtil, a princípio, por uma razão relativamente fácil de entender: o rápido crescimento da população e a constante migração do homem do campo para as grandes cidades acabaram por provocar um excesso de mão-de-obra nas mesmas. Isto gerou um excesso de mão-de-obra disponível e barata - que permitiria a exploração e a expansão dos negócios que proporcionarão a acumulação de capital pela então burguesia emergente. Isto tudo, aliado ao avanço do desenvolvimento científico - principalmente com a invenção da máquina a vapor e de inúmeras outras inovações tecnológicas proporcionou o início do fenômeno da industrialização mundial. (CAVALCANTE; SILVA. A Importância da revolução industrial no mundo da tecnologia. 2011)

<sup>6</sup> A multimodalidade é um conjunto de modais ou transportes que permitem o acesso de viajantes para os respectivos destinos desejados e ao lado dos atrativos e as facilidades que é o permanecimento do turista ao hospedar-se, alimentar-se e informar-se, estes três elementos compõem a oferta turística. (BRITO. Multimodalidade turística. 2009)

poderiam ser reconhecidas como os primeiros registros imagéticos em viagens. Atualmente a prática constante de registros fotográficos e *selfies* é a forma de se fazer o registro.

Artistas como Maeten Van Heemskerck (1498-1574), que criou uma tradição de retratos em ruínas romanas durante o séc. XVI, e Pompeo Batoni (1708-1787), que aperfeiçoou a técnica durante o século seguinte, registravam a passagem destes estudantes em suas pinturas. Figs (2019) acrescenta que Batoni era o artista favorito dos britânicos e que dentre os mais de 225 registros em pinturas, retratando os estudantes participantes do *Grand Tour* na Itália, 175 destes eram daquele país.

**Figura 1:** Autorretrato de Maeten Van Heemskerck com o Colosseum, Roma (1553):



Fonte: Art UK, 2019.

Seu sucesso como “retratista” neste período deve-se não apenas ao famoso “boca a boca”, mas também à sua capacidade de expandir o *status* social de seus clientes. Nas imagens das Figuras 2 e 3, é possível observar duas de suas obras retratando dois estudantes que se tornaram grandes nomes da política do Reino Unido, alguns por questões impopulares.

**Figura 2:** Frederick North, tornou-se Primeiro-Ministro de 1770 a 1782:



Fonte: Art Uk, 2019.

Nota-se que seu traçado traz um ar de carisma aos estudantes além de melhorar a fisionomia de North, que segundo Figes (2019), é lembrado na história como aquele que perdeu as colônias americanas, além de sua infame falta de atratividade. No entanto, em seu retrato, North é pintado como um homem de negócios ocupado enquanto faz uma breve pausa durante a escrita de uma carta para uma reflexão, causando um ar de confiança que gera uma imagem de atratividade.

Outro elemento importante em seus retratos é a presença de cachorros, que costumavam participar dos *Grand Tours* junto de seus donos. Porém, a adição de cães em suas pinturas também foi um ato estratégico para criar uma boa impressão, além da natureza calma e afetiva do estudante (FIGES, 2019), como pode ser visto na Figura 3:

**Figura 3:** Harry Fetherstonhaugh, tornou-se deputado no Parlamento de Portsmouth de 1782 a 1796:



Fonte: Art Uk, 2019.

O *Grand Tour* não foi apenas importante para a formatação do turismo contemporâneo, mas também foi muito relevante para a ciência devido às anotações desses estudantes durante suas viagens.

Salgueiro (2002, p. 291) nos recorda que antes mesmo dos estudantes se aventurarem pelo *Grand Tour* europeu, havia outros viajantes que buscavam objetivos diferentes em suas viagens como missionários, peregrinos, estudiosos e cientistas naturais. É curioso notar que o turismo e suas distintas viagens segmentadas sempre foram muito presentes para a humanidade em sua história. Os viajantes do *Grand Tour* ou *Grand tourists*, conforme a autora, também estão dentro deste grupo que foi muito importante para a formatação do turismo contemporâneo como o conhecemos:

Viajantes amantes da cultura dos antigos e de seus monumentos, com um gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes. Um viajante dispondo acima de tudo de recursos e tempo nas primeiras viagens registradas pela historiografia da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura (2002, p.291).

É possível perceber uma diferença bem importante dos *Grand tourists* para os demais viajantes citados acima: ao contrário dos missionários, estudiosos e outros que viajavam em busca de aprendizado e conhecimento acima do prazer de aproveitar a viagem, os *Grand tourists* já se comportavam como os turistas contemporâneos, aproveitando cada momento pelo tempo que estivessem dispostos a passar em cada parada.

Inclusive, as viagens em uma configuração mais próxima do entendimento atual de turismo como um fenômeno social, começou no final do século XVII segundo Salgueiro (2002, p.291), tornando-se mais comum após o Tratado de Utrecht, em 1715.<sup>7</sup> A autora prossegue seu pensamento ressaltando que mesmo que por muitos séculos, vários viajantes tenham sido atraídos pela Europa, foi apenas no século XVIII que as primeiras rotas começaram a ser pensadas e formatadas para que os estudantes britânicos

---

<sup>7</sup> As potências europeias no Congresso de Utrecht (1712-1715), definiram as condições para o fim da Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714). No início do século XVIII, ainda estava em aberto qual monarca teria a legitimidade para possuir a Coroa espanhola, sendo resolvida a questão apenas no fim do Congresso. Analisa-se o contexto das negociações, caracterizado pela crescente profissionalização do ofício diplomático, pelas disputas entre França e Inglaterra (principais potências nesse momento) e por considerável fragmentação política no continente. (MOTA, Vítor Bicalho. As Memórias do diplomata Luís da Cunha: um relato do jogo de forças no Congresso de Utrecht [1712-1715] 2019)

pudessem executar uma parte prática de sua educação formal, para então, dar início ao que chamamos de *Grand Tour*.

É importante ressaltar que o amor à cultura dos povos da Antiguidade europeia, como a civilização romana, gerou não só uma grande atividade artística e cultural nestes destinos graças a esses turistas - como é possível notar nas pinturas apresentadas nas figuras 2 e 3 - como também numa percepção maior dos moradores locais ao notarem que monumentos históricos preservados, atraem viajantes para vê-los e conseqüentemente, movimentam a geração de renda na economia local. É possível entender, a importância do *Grand tour* para uma percepção social local sobre a importância de preservar seus patrimônios históricos.

É importante ressaltar que, como mencionado anteriormente, no início dos *Grand Tours*, apenas os filhos da elite burguesa britânica tinham renda suficiente para executar todo o roteiro, mas Salgueiro (2002, p.292) afirma que durante todo o século XVII até o final do século XVIII, este perfil foi mudando até abranger filhos da classe média urbana, formada por burgueses prósperos e emergentes do setor de serviços que a indústria indiretamente engendrava.

A seguir, veremos como a cultura se transforma em objeto de interesse para o viajante e para o turista a ponto de estes desejarem viajar até seus respectivos destinos em busca de conhecimentos variados e lazer. O turismo cultural, também será apresentado e discutido no próximo subtópico.

## 1.2 CULTURA, ARTE E TURISMO CULTURAL

A cultura carrega consigo uma carga complexa e profunda demais para ser debatida nesta pesquisa, posto que, não é nosso objeto, mas, ainda que brevemente, gostaríamos de apresentar as similaridades e diferenças entre culturas segundo alguns teóricos, tais como: Eagleton, Cuche etc. O filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton (2000, p. 11) afirma que a cultura é uma das três palavras mais complexas de conceituar - não apenas da língua inglesa, mas em todas as línguas devido ao seu conceito abrangente. Entretanto, o autor entende que cultura é menos complexa que a palavra natureza. Cultura para o sociólogo e antropólogo francês Denys Cuche (1999) está relacionada com a capacidade do ser humano em se adaptar em seu meio, assim como ser

capaz de adaptar esse meio ao ser humano. Cuche diz que

a noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos (1999, p. 09).

De acordo com o mesmo autor, a cultura nos ajuda a refletir sobre como a humanidade se separa por meio de comportamentos diferentes entre grupos sociais, podendo gerar identidades específicas que os diferenciam, indo além da raça, cor e credo. Portanto, o compartilhamento de uma mesma cultura pode ir além dos termos biológicos. Por fim, "a cultura torna possível a transformação da natureza" (1999, p. 10), trazendo, portanto, uma explicação que contradiz entendimentos relacionados ao "comportamento natural do ser humano" (p.10).

Manaus é uma cidade que abrange um número variado de grupos sociais entre seus residentes desde sua formação. Nota-se, no entanto, que independente de qual grupo social a pessoa pertença, é inegável que os comportamentos sociais do contexto amazônico induzem nos seus respectivos cotidianos, influenciando em suas alimentações, expressões linguísticas, lazer e afins. Com a criação da Zona Franca por volta dos anos 1970, muitas pessoas se mudaram para Manaus em busca de qualidade de vida. Segundo o último censo do IBGE em 2010, 1.802.014 pessoas estavam residindo na cidade cuja perspectiva populacional estimada em 2020 é de 2.219.580 moradores.

Percebe-se que em dez anos, aproximadamente 500 mil pessoas mudaram-se para a capital do Amazonas, o que refletiu em culturas diferentes entrando em contato sistematicamente. Cuche (1999, p.114) entende a ideia de contatos culturais, chamando-os de aculturação, cujo conceito, oriundo de reflexões vindas do latim, é designado como uma forma de aproximação entre culturas, "(ad) cultura", e não como distanciamento entre elas: "(a) cultura". Dessa forma, foi definido um conceito de fenômenos gerados pelos contatos entre grupos sociais diferentes, causando assim, certas alterações e adições culturais nestes grupos.

Nota-se, portanto, que por ser um país formado por diferentes fluxos migratórios em períodos e contextos diferentes, o Brasil fez-se palco para que várias culturas de grupos sociais diferentes entrassem em choque, se aproximassem e se mesclassem criando o que se entende como cultura brasileira atualmente, fato esse que também

compreende os contextos culturais de Manaus.

Cuche (1999) entende que a cultura é uma construção histórica e está relacionada com todos os aspectos da vida social. Nenhuma cultura existe em seu estado puro, ou seja, a cultura nunca será estagnada. Todas as culturas sofrem influências internas e externas e, por isso, “toda a cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução. O que varia é a importância de cada fase, segundo as situações” (p.98).

O mesmo autor também traz uma discussão a respeito da cultura e conceitos de hierarquia (1999, p.143) em que “a cultura, por ser um produto histórico reproduzido por relações sociais, se alicerça numa situação de hierarquia alcançando valores sociais variados devido a um convívio tenso, conflituoso e em constante contato enquanto sociedade.”

Surge então o conceito trazido pelo autor da existência de culturas dominantes e dominadas (1999) Cuche afirma que a cultura da classe dominante sempre será a cultura dominante, não no sentido de superioridade, mas no sentido de persuasão, visto que são grupos sociais que estão em contínuo estado de dominação ou subordinação uns com os outros. Portanto,

nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente independente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante” (CUCHE, ibidem, p. 145).

É por meio das ideias de hierarquização de culturas que surgem variantes da cultura: cultura popular; cultura de massa; cultura operária; cultura burguesa; etc.

Nestes aspectos sociais da cultura surgem as artes, que se tornam primordiais como meio de expressão de grupos sociais em relação com o meio em que (con)vivem. Esses grupos, após adquirirem inspiração por meio de certas vivências resultantes de traumas, memórias etc., utilizam a criatividade para demonstrar seus sentimentos via literatura, pintura, música, dança e afins.

O escritor, jornalista e político austríaco Ernst Fischer (1987), ao questionar a necessidade da arte, acredita que ela possa dar significação às coisas, ao contrário de um trabalho capitalista alienante e sistematizado. Para o autor, uma de suas funções é gerar empatia no qual aquele que irá apreciar uma respectiva arte, consiga compreender o

artista. Fischer questionará como primeiro passo, ser preciso advertir que tendemos a

considerar natural (e aceitá-lo como tal) um fenômeno surpreendente. E, de fato, referimo-nos a algo surpreendente: milhões de pessoas leem livros, ouvem música, vão ao teatro e ao cinema. Por quê? Dizer que procuram distração, divertimento, a relaxação, é não resolver o problema. Por que distrai, diverte e relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música, o identificar-se com os tipos de um romance, de uma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas “irrealidades” como se elas fossem a realidade intensificada? Que estranho, misterioso divertimento é esse? E, se alguém nos responde que almejamos escapar de uma existência insatisfatória para uma existência mais rica através de uma experiência sem riscos, então uma nova pergunta se apresenta: por que nossa própria existência não nos basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras a outras formas? Por que, da penumbra do auditório, fixamos o nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve a nossa atenção? (1987, p. 12).

O autor traz muitos questionamentos que não são exatamente problematizados pela maioria dos grupos sociais de uma sociedade. Questionamentos esses, que buscam trazer reflexões pertinentes sobre essa necessidade de haver arte no cotidiano dos grupos sociais. O homem precisa ir além de si mesmo, (FISCHER, 1987) a sua existência por si só não é suficiente, é preciso socializar sua individualidade enquanto busca por um mundo que tenha mais significação. Para Fischer (1987, p. 13), “a arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias.” Fischer argumenta que para conseguir ser um artista, é necessário

dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma. A emoção para um artista não é tudo; ele precisa também saber tratá-la, transmiti-la, precisa conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções com que a natureza - esta provocadora - pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte. [...] A tensão e a contradição dialética são inerentes à arte; a arte não só precisa derivar de uma intensa experiência da realidade como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade (1987, p. 14).

As técnicas exigidas pelo artista, o tempo que precisa para executar sua arte, as ferramentas utilizadas, tudo dependerá dos recursos para ele disponíveis e do meio que vive. Dependendo do quão conhecidos os métodos utilizados, ou esse artista e/ou suas obras se tornarem, grupos diferentes, principalmente de apreciadores das artes, se deslocarão até onde o artista, suas obras, ou o método se encontram para ter um contato

maior que facilite suas compreensões. A arte, tão interligada com os aspectos culturais locais de onde é realizada, torna-se assim como a cultura, um aspecto de interesse de visitantes visando contatá-las e experienciá-las.

A cultura, conforme o exposto, é muito diversificada e lidar com toda essa diversidade pode ser possível de duas formas, conforme o pesquisador e professor da Universidade Federal do Pará - UFPA, Silvio Lima Figueiredo (2017), a primeira forma seria por meio da indústria cultural que retira os aspectos “estranhos” da cultura para torná-la mais aceitável a uma ideia de gosto médio após transformar toda essa diversidade de expressões presentes na cultura para embalar e colocar em prateleiras. Para o autor, a indústria cultural continua redistribuindo ideias, sentimentos e valores transmutados nos quais há conflitos que são amansados e incômodos suavizados, como se o povo tivesse se tornado apreciador desse gosto médio. Em suma, Figueiredo entende que “nesse caso, em que pese a alteração do consumo dos produtos, a mercadorização das expressões da cultura continua.” (2017, p.11)

A outra forma de lidar com a cultura surge no que Figueiredo (2017, p.11) afirma ser uma “insistente transformação da curiosidade sobre o mundo e os homens em possibilidades de viagem de conhecimento.” Para o autor,

Essas viagens, na modernidade novamente, são tratadas como turismo, conceito que surge durante o século XIX para dar conta de viagens em grandes grupos, com a finalidade de lazer, organizadas por empresas criadas para esse fim: as agências de viagens. Os fenômenos naturais e culturais (evidencia-se que o natural é cultural), transformam-se em “atrações”. Nesse caso as culturas passam a ter um atributo externo a sua importância para os grupos que as criaram. Nasce então o turismo cultural, que para Rachid Amirou Designa, em um primeiro momento, a visita a lugares e a objetos marcados pelo homem, pela história, pelas manifestações do sagrado, e a participação em eventos considerados pela história e por uma dada comunidade como importantes a vivenciar e a conhecer. No fundo seria uma viagem orientada, pelo menos idealmente, pelo sentido de que o objeto vai além de seu sentido concreto imediato (ibidem, p.11).

Conforme Figueiredo (2017), o nascimento do conceito de turismo cultural pode ter surgido durante o século XIX, nas viagens de pessoas, em sua maioria pesquisadores e/ou religiosos, em busca de compreender e aprender mais sobre outras civilizações por meio de explorações, já ocorriam bem antes. Viajar para ampliar os conhecimentos acerca de como outros grupos sociais vivem, sempre esteve presente na humanidade, fenômeno esse que atualmente pode ser entendido como turismo cultural.

O turismo cultural é um segmento que engloba diversos aspectos culturais no campo das atividades turísticas, inclusive alguns subsegmentos turísticos que não são comumente vistos como parte do turismo cultural, como visitação em galerias de artes, assistir performances teatrais, dançantes e musicais. Isto ocorre devido às variadas expressões culturais que atraem diferentes públicos para determinados destinos turísticos. Dependendo de como aquela população local vive o seu cotidiano, os aspectos de sua gastronomia, as formas de se expressar por meio das artes, músicas, danças, sua arquitetura, sua história e outros, poderão atrair visitantes interessados em vivenciar e compreendê-los da forma mais autêntica possível.

A turismóloga brasileira Luiziane Viana Segala (2007, p.94) acrescenta que o turismo cultural não depende muito das condições climáticas, fator esse que costuma moldar bastante a demanda turística de certos segmentos como o turismo de sol e praia por exemplo, além da sazonalidade ser menor. Segala (2007, p.135) afirma que a atividade deve ser vista “[...] como um meio de arrecadar recursos para a manutenção de lugares e manifestações, bem como um instrumento de informação do público visitante”, uma vez que “a ideia não é manter o patrimônio para lucrar com ele, mas lucrar com ele para conseguir mantê-lo” (BARRETO, 2004, p.17).

É importante frisar também que a sustentabilidade do roteiro turístico não passa apenas pelos cuidados com o meio ambiente, com a comunidade local ou com a restauração de prédios antigos, a riqueza da cultura local é altamente apreciada pelos turistas. As raízes e tradições devem ser mantidas e oferecidas como produto turístico de extremo valor. As manifestações culturais transformam-se em uma marca de cada país e a população local, consciente de que ela própria é corresponsável pelo seu patrimônio, cuida para garantir a manutenção de suas tradições e identidade.

Musicistas, quando utilizam um determinado local público numa localidade histórica para expressar a musicalidade regional, auxiliam numa imersão dos visitantes e moradores na cultura daquele lugar numa rua atraente devido a paisagem histórica existente naquele espaço urbano. Outro elemento importante do turismo cultural é a gastronomia, que tem um papel fundamental na excelência dos roteiros, visto que um dos prazeres do turista cultural é experimentar a culinária local, o que nos leva a concluir que o turismo cultural é um exercício de sedução e conhecimento, conquistando viajantes pelos sentidos, através das emoções e da razão.

O professor brasileiro mestre e doutor em história José Newton Coelho Meneses (2006) em um relato sobre uma cena em que um grupo de franceses seguindo um guia entram em uma das belas igrejas barrocas de Diamantina - MG, a igreja do Carmo, demonstra claramente falhas e reflexões sobre o turismo cultural. O autor relata que o guia explica sobre a construção da cultura e da arte barroca nas Minas Gerais para um grupo que já conhece previamente os contextos históricos abordados após breves pesquisas ainda em seus destinos de origem antes de realizarem a viagem para o Brasil e conhecer a igreja onde há uma senhora religiosa rezando em um de seus bancos.

O contexto da cena é muito interessante uma vez que o autor traz uma reflexão em três perspectivas diferentes: como o guia foca apenas nas estruturas históricas da igreja em suas explicações não levando em consideração a presença da senhora como um elemento de “vivência histórica de pessoas daquela comunidade e a interpretação histórica daquela arte (arquitetura, pintura e escultura) são fatos a serem integrados.” (2006, p.19); o interesse e curiosidade dos turistas franceses nas ações religiosas daquela senhora como atrativo para se ver e que “provavelmente apenas discutiram entre si, depois que se viram livres do guia” (2006, p.19) sobre o que cada um achou e entendeu a respeito daquela devota naquela igreja; a senhora, intrigada com a falta de respeito e cordialidade daqueles visitantes diante do Santíssimo Sacramento por não curvarem-se em genuflexão, vê aquele grupo com assombro por atrapalhar seu momento de busca pelo caminho até o céu, mesmo entendendo “pelas discussões das quais participa na Irmandade do Carmo, que a igreja é atrativo para turistas e que sua manutenção se deve em parte ao turismo.” (2006, p.18)

Meneses (2006) entende como essas ações da senhora também são parte do turismo cultural, mas que ainda não foi entendido como tal por aqueles que trabalham com o turismo, visto que se ela não estivesse presente, o guia “teria desempenhado melhor seu papel porque não teria que baixar o tom de voz de seu francês estudado com tanto sacrifício.” (2006, p.19)

O autor traz uma crítica justamente sobre essa reação que o guia teve ao não enaltecer a senhora ali “mesmo percebendo o interesse dos franceses por aquela diamantinense que vai rezar na igreja fora do horário do culto coletivo” (2006, p.18), como um elo vivo entre o passado e o presente religioso naquela comunidade. Para Meneses, a senhora, se fosse bem compreendida pelo guia, teria funcionado como

um instrumento de mediação entre o passado barroco que edificou o templo visitado e a herança cultural de uma comunidade que mantém viva a memória desse passado e, mais que isso, vivencia permanências culturais de uma religiosidade historicamente construída a partir do fundamento que se busca conhecer. Seu ato (a oração na igreja), sua atitude (a piedade contrita), sua filiação a uma irmandade leiga - manifestação social primordial da religiosidade barroca mineira -, seu testemunho histórico, tudo isso, mais que objeto de contemplação curiosa (com entendimento ou não), é problema intelectual e atrativo estimulador de desfrute prazeroso (2006, p.21).

Esse conhecimento pautado no empírico e na experiência é muito subestimado na construção científica da pesquisa e no funcionamento do turismo, por exemplo, no que o autor entende que “a história e o turismo cultural, em seus limites interpretativos, monumentalizam eventos e musealizam existências. (2006, p.21)

O turismo cultural precisa ser mais inclusivo com os grupos de pessoas que vivem dentro de áreas históricas e culturais de interesse para o visitante nacional e internacional, visto que são justamente suas formas de lidar com tais patrimônios materiais em seus cotidianos pautados na sua cultura que geram o interesse dos turistas fomentando assim, a prática desse tipo de turismo.

Este estudo parte do princípio de que o Brasil é um país multicultural, onde há diversas expressões culturais distintas nas cinco regiões brasileiras e cada expressão de cultura pode gerar renda para as suas respectivas populações por meio das atividades turísticas. Em seguida, será feita uma discussão sobre as atividades turísticas no Amazonas que, mesmo não sendo o foco central dessa pesquisa e justamente por isso tal assunto não será profundamente abordado, é ainda assim importante para ajudar a entender as dinâmicas do turismo no estado e conseqüentemente, em sua capital.

### **1.3 O AMAZONAS E O TURISMO**

O estado do Amazonas tem esse nome devido ao rio que corta toda a floresta do oeste ao leste e que, segundo a historiadora amazonense Etelvina Garcia (2010), o rio foi batizado assim após muitas explorações espanholas pela região no qual os aventureiros utilizavam de seus conhecimentos acerca de mitologias europeias para ajudá-los a compreender o novo ambiente que exploravam. A autora acredita que o primeiro contato ocorreu por meio de Vicente Yañez Pinzón, um espanhol e primeiro europeu a encontrar

a foz deste rio após cruzar a linha do equador em janeiro de 1500, mas que foi Francisco de Orellana quem o percorreu por toda sua extensão. Para Garcia, a ilusão do fantástico

que alimentava o imaginário dos aventureiros europeus tomou conta de Carvajal, o cronista da viagem de Orellana. Misturando realidade e fantasia, ele disse que a expedição foi violentamente atacada na foz do rio Nhamundá por uma tribo de mulheres ferozes que viviam “a umas sete jornadas da costa e combatiam como capitães, (...) com seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios”. Conhori, a rainha e suprema comandante guerreira, morava na capital, em meio a grandes casas de adoração ao sol, adornadas com ídolos feitos de ouro e prata. Nesse mundo feminista, os homens só entravam uma vez por ano, para cumprir a tarefa de reprodutores. Depois iam embora, levando um amuleto precioso: o muiraquitã, a delicada pedra verde, quase sempre em forma de rã, que as guerreiras escondiam no fundo do rio. Dos filhos que nasciam, só as meninas eram bem-vindas: ficavam com as mães e eram educadas e treinadas para a guerra. Os meninos eram mortos ou entregues aos pais (2010, p. 18).

Nota-se que os aventureiros mesclaram conhecimentos e informações que tinham sobre a lenda das guerreiras Amazonas, presente na mitologia greco-romana, para entender os grupos humanos residentes na floresta em que muitos, culturalmente mantinham e mantêm os cabelos compridos. Devido a essa interpretação e a crença de terem encontrado o lar das guerreiras mencionadas em relatos seculares em suas terras natais, o rio passou a ser conhecido como Amazonas, o que influenciou no nome da floresta e posteriormente no nome do estado do Amazonas.

Vale pontuar que há relatos de ocupação humana pela Amazônia havia 10 mil anos ou mais, no qual Garcia (2010), menciona a existência de grupos humanos com diferentes estágios culturais entre si, possuindo formas próprias de organização social que não resistiram aos violentos processos de colonização. Para compreender melhor essa fase histórica da região, Garcia complementa que o estoque de pesquisa, embora ainda pequeno, tem permitido

a identificação de fases arqueológicas que fazem revelações parciais sobre formas de ocupação humana da Amazônia e nos permitem dizer que as nossas populações primitivas habitam tanto as áreas da grande malha fluvial formada pelo rio Amazonas e seus tributários, quanto a imensa floresta de terra firme e a faixa de litoral marítimo. Os estudos específicos demonstram que essas populações se distribuía em pelo menos cinco troncos linguísticos: tupi, aruak, karib, pano e gê (2010, p. 17).

Este período histórico tão importante para a formação da região como a conhecemos atualmente, pode ser visto como informações extras para essa pesquisa, visto

que é importante menções a respeito devido aos diferentes segmentos de atividades turísticas importantes para o estado e para muitos de seus grupos humanos de povos originários presentes do norte ao sul do Amazonas.

A colonização gerou um grande desequilíbrio populacional dos grupos humanos existentes pela floresta no qual muitos enfrentaram os invasores e que, conforme Garcia (2010), “Os índios Tupinambá logo se rebelaram contra a tirania e a opressão dos portugueses, abrindo uma luta desigual com os conquistadores.” As rebeliões locais, no entanto, não tiveram força o suficiente para retirar os invasores e muitos grupos humanos amazônicos foram dizimados como exemplificado por Garcia (2010, p. 21), os Aruak da ilha Marajó, os Nheengaíba, do tronco dos Aruak, na ilha de Marajó e no cabo do Norte e os Karib, nos afluentes da margem esquerda do rio Amazonas até as Guianas.

Após início do processo de colonização, o território conquistado pelos portugueses possuía vínculo direto com a União Ibérica após separação do Governo-Geral do Estado do Brasil (GARCIA, 2010, p.22). Neste período, houve a criação de duas capitanias: a do Maranhão e a do Grão-Pará, sob o comando do Estado Colonial do Maranhão em 1631, Estado este que existiu até por volta de 1772 quando criou-se o Estado Colonial do Grão-Pará e Rio Negro (GARCIA, 2010, p.22). Garcia, portanto, afirma que este novo Estado não durou muito, sendo extinguido em 1823, ao incorporar-se

ao império do Brasil, dando origem à província do Pará (consagrada na constituição outorgada por D. Pedro I em 25 de março de 1824), com jurisdição sobre o território da antiga capitania de São José do Rio Negro - que seria reduzida a comarca do Grão-Pará em 1825 e somente em 1850 ganharia foros de província do Império, com o nome de Província do Amazonas (2010, p. 22).

A história de formação da então província e agora, estado do Amazonas, sempre esteve mais ligada à expansão territorial do Império ultramarino português e em seguida, Império e República brasileiros, do que com povoamento e urbanização. Tais processos de busca no aperfeiçoamento da infraestrutura local só serão prioridade no estado durante o ciclo econômico da borracha, mas que tal processo de construção e reconstrução focou primordialmente na capital como pode ser visto no seguinte subtópico.

Para compreender as atividades turísticas pensadas e realizadas pelo estado, será utilizado como fonte o guia turístico digital do Amazonas posto para acesso público no site institucional da Amazonastur no ano de 2019 e o mapa do Amazonas mostrando os

polos turísticos regionais de acordo com o Ministério do Turismo (MTur), também disponibilizado no site da Amazonastur.

O estado possui um grande potencial para o turismo devido sua geografia, cultura e história. Para melhor definir os seus atributos turísticos, não apenas do Amazonas, mas de todos os estados brasileiros, o MTur criou uma ferramenta chamada de mapa do turismo brasileiro. Para o MTur (2019), o mapa do turismo brasileiro é um instrumento de ordenamento no âmbito de regionalização do turismo que identifica as necessidades de investimento e ações promocionais de cada região turística do país no desenvolvimento de políticas públicas tendo como foco a gestão, estruturação e promoção do turismo de forma regionalizada e descentralizada.

**Figura 4:** Imagem do mapa do turismo brasileiro e suas cinco macrorregiões.



Fonte: Ministério do Turismo (2019).

Esse instrumento precisa ser atualizado com bastante frequência para que a destinação e distribuição de recursos, além das políticas públicas voltadas ao setor sejam eficazes. O MTur (2019) o atualiza bianualmente sendo a primeira versão de 2004 e a última de 2019. Para que tenhamos um instrumento de gestão efetivo (MTur, 2019) é importante que estejam no mapa somente municípios turísticos ou impactados de alguma forma pelo setor de viagens. É importante ressaltar que só podem se cadastrar municípios que possuem um órgão responsável pelo setor turístico e dotação orçamentária para investimentos no setor (MTur, 2019). Também é necessário que as empresas e os trabalhadores do setor de turismo no município estejam registrados no Cadastur<sup>8</sup>, o que

---

<sup>8</sup> O cadastro de prestadores de serviços turísticos - Cadastur é o sistema de cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor de turismo. O cadastro garante diversas vantagens e oportunidades aos seus cadastrados e é também uma importante fonte de consulta para o turista. O programa é executado pelo Ministério do Turismo, em parceria com os órgãos oficiais de turismo, nos 26 estados e no Distrito Federal. (Ministério do Turismo, O que é o CADASTUR? 2020)

certifica ao turista que o serviço é regularizado e confiável.

**Figura 5:** Mapa dos polos regionais turísticos do Estado do Amazonas.



Fonte: Amazonastur (2019)

Na figura 5 podemos observar um mapa criado pela Amazonastur em 2019 no qual é possível observar os sete (07) polos turísticos presentes por todo o estado do Amazonas. Abaixo, apresentamos as informações com mais clareza acerca das respectivas cidades que integram cada um dos polos. Polos estes que seguem de acordo com o mapa do turismo brasileiro do Ministério do Turismo (MTur) apresentado e explicado anteriormente neste subtópico.

O Amazonas possui um total de sete polos regionais turísticos no qual cada polo possui seus respectivos municípios: Polo Alto Rio Negro - Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos; Polo Médio Solimões - Tefé, Uarini, Anori e Anamá; Polo Uatumã - Itacoatiara e São Sebastião do Uatumã; Polo Sateré - Maués, Parintins e Boa Vista do Ramos; Polo Madeira - Borba, Humaitá e Novo Aripuanã; Polo Alto Solimões - Tabatinga e Benjamin Constant; Polo Amazônico - Careiro, Manacapuru, Manaquiri, Manaus, Novo Airão, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva e Iranduba.

Após comparação do mapa com o guia turístico digital do Amazonas, também criado pela Amazonastur, foi possível notar uma apresentação rasa das atividades turísticas do estado.

O Mapa abrange os sete polos existentes no Amazonas e as cidades que os compõem, entretanto, o guia, que poderia servir de ferramenta informativa de apoio ao

mapa, não aprofunda o que há de atrativo em tais cidades. O guia sugere que as seguintes atividades turísticas estão presentes no setor turístico local: Pesca esportiva, Birdwatching ou observação de pássaros, Arvorismo, ecoturismo, turismo de aventura, etnoturismo, turismo de base comunitária, turismo cultural.

Após organização das informações presentes no guia alinhando-as com as informações presentes no mapa, temos as seguintes atividades turísticas para cada polo como é possível observar no quadro 2:

**Quadro 2:** Atividades e municípios presentes nos polos regionais turísticos do Amazonas segundo Amazonastur.

Polos Regionais Turísticos	Cidade do Polo que melhor concentra a atividade turística	Atividade turística identificada no município
Polo Alto Rio Negro	Santa Isabel do Rio Negro	Turismo de Pesca
	Barcelos	Turismo de Pesca
	Não menciona municípios	Visitação em Terras Indígenas
Polo Médio Solimões	Tefé	Reserva Mamirauá
Polo Sateré	Parintins	Boi Bumbá; Turismo Religioso (N. Sra. do Carmo)
Polo Madeira	Borba	Turismo Religioso (S. Antônio)
Polo Uatumã	São Sebastião do Uatumã	Turismo de Pesca
	Itacoatiara	Turismo de Pesca
Polo Alto Solimões	Não menciona municípios	Não menciona atividades turísticas
Polo Amazônico	Irاندuba	Stand Up Paddle (SUP)
	Rio Preto da Eva	Arvorismo
	Presidente Figueiredo	Arvorismo; Tiroleza; Turismo de Pesca; Cachoeiras; Birdwatching.
	Manaus	Teatro Amazonas; Igreja de S. Sebastião; Palácio Rio Negro; Encontro das Águas; Observação de botos; Museu da Amazônia - MUSA; Visitação em Terras Indígenas; Paço da Liberdade; CIGS; Bosque da Ciência; Mercado Municipal Adolpho Lisboa; Matriz; Ponta Negra; Museu do Seringal; Palacete Provincial; Arena da Amazônia; Centro de Convenções; Tiroleza; Stand Up Paddle (SUP); Turismo de Base Comunitária;
	Não menciona municípios	Anavilhanas

Fonte: Elaboração feita pelo próprio autor com base no Guia turístico digital do Amazonas e Mapa dos Polos regionais. (2020)

Após comparação de informações entre o mapa de polos turísticos do Amazonas e o Guia Turístico Digital do Amazonas, é possível observar nos resultados apresentados no quadro 2 que há polos com excesso de informação como no caso do Polo Amazônico, devido estar inserido neste polo, a capital do estado que possui uma grande variedade de atrativos presentes em sua área urbana, enquanto há polos com nenhuma ou ínfima informação, como no caso do Polo Alto Solimões no qual as cidades de Tabatinga e

Benjamin Constant são entendidas como municípios turísticos pela Amazonastur, mas a mesma não informa o motivo dessas cidades serem entendidas como tal.

Tal problemática dificulta uma melhor compreensão sobre como as atividades turísticas são exercidas no estado devido à ausência de informações oficiais pelos órgãos responsáveis. O Amazonas possui uma grande concentração de recursos naturais que poderiam ser explorados por meios sustentáveis para gerar renda e informação por todo o Estado caso estas atividades fossem mais bem trabalhadas e mais bem organizadas.

O próximo subtópico buscará compreender a história da capital amazonense que resultou no centro histórico como o conhecemos atualmente, foco de grande parte da atenção no guia turístico digital do Amazonas como foi observado, além de ser tema central desta pesquisa, assim como as atividades turísticas em sua área urbana.

#### **1.4 MANAUS E O TURISMO**

A capital amazonense, assim como outras cidades formadas na América, sofreu muitas mudanças de nome, como afirma a pesquisadora amazonense e doutora em antropologia social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Ana Maria Lima Daou (2014), o que era reflexo da instabilidade durante a implantação das cidades na América Latina. A autora (2014, p.66) afirma que no caso de Manaus, a instabilidade presente em um continente desconectado internamente pelo intercâmbio e o comércio, resultou a longo prazo, na dificuldade de reconhecer suas devidas funções, além da frágil relação com o governo central que foram importantes para a escolha territorial entre os rios Negro e Solimões durante o processo de civilizar a região em três momentos históricos diferentes do Estado: império ultramarino português; monarquia brasileira; ideário republicano.

As alterações sofridas pela cidade foram resultadas de várias mudanças provenientes de alterações de sistemas de governo e ciclos econômicos pela história da nação brasileira. No início da formação da cidade, Daou (2014), nos diz que para dar continuidade na povoação, onde seria posteriormente a capital da Província, deveria ter uma maior modernização na área urbana no qual houve a construção de muitos prédios ou aspectos da presença do império português e futuramente, do império brasileiro também. Daou destaca que durante essa reconstituição iniciada em 1669, onde foi

escolhida entre dois igarapés

situados três léguas acima da confluência do rio Negro com o Solimões e levantou [...] um reduto de pedra e barro, de forma quadrangular [...] O fortim, em que repousava segurança e soberania portuguesa naquelas paragens, bastante para manter em respeito a indiada, recebeu o nome de José do Rio Negro [...] Nas imediações da nova praça logo se localizaram algumas famílias de Barés, Banibas e Passés, com que se formou a primeira população do lugar da barra, nome por que começou a ser conhecido o nascente povoado. Estavam lançados os fundamentos da futura Manaus (2014, p. 66).

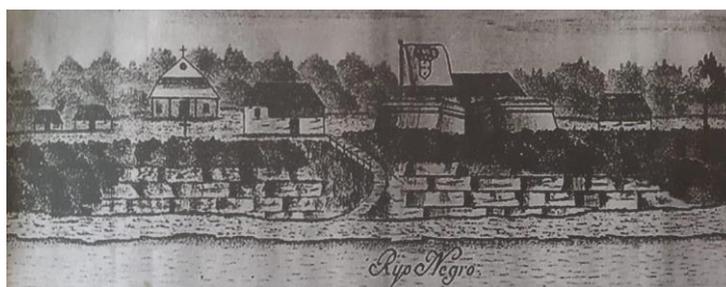
Basta dar uma volta no atual centro histórico de Manaus para notar que tal fortim já não existe mais. Em fato, por meio de pesquisas em registros de viajantes pela região por volta do ano de 1860, Daou (2014) nos mostra que mesmo naquela época, tal fortim já se encontrava em ruínas. No entanto, a autora nos mostra que por muito tempo, ele se manteve como um dos mais importantes pontos de referência da região por estar situada em local de passagem obrigatória para reabastecimento e obtenção de permissão para viagens de subida e descida dos rios amazônicos, além do escoamento das “drogas do sertão” transferidas dali para o porto de Belém. Quanto ao Forte e conseqüentemente à origem de Manaus, o pesquisador amazonense mestre em artes visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ e doutor em história social pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Otoni Moreira de Mesquita (1997), dá continuidade alegando que data do século XVII, quando os portugueses

passaram a explorar a região amazônica em busca de escravos indígenas. Na segunda metade daquele século, fundaram, na enseada do Tarumã, a primeira povoação do Rio Negro, onde se agrupavam índios das mais diversas nações amazônicas. Posteriormente estabeleceram-se à margem esquerda do Rio Negro, próximo à confluência com o Rio Amazonas, e ali instalaram um Destacamento de Resgate. Em torno de 1669, ergueram no local um forte, batizado com o nome de Fortaleza da Barra de São José do Rio Negro; em torno dessa construção reuniram índios Barés, Banibás, Passés, Manãos, Aroaquis, Juris e de outras tribos. Com estes grupos indígenas e alguns brancos, iniciou-se o povoamento do lugar, que recebeu diferentes denominações relacionadas à fortaleza ou à barra do rio. Sendo comuns os termos Fortaleza do Rio Negro, Fortaleza da Barra, Lugar da Barra, Barra do Rio Negro, Barra e Villa da Barra (1997, p. 07).

Ambos os autores trazem destaque aos diferentes povoados indígenas presentes no entorno da fortaleza, mostrando a sua forte presença na cidade desde sua origem. Origem essa que costuma ser ligada apenas aos colonizadores portugueses. Além disso, Mesquita (1997) destaca que o forte foi construído acima de um cemitério indígena, algo

bem representativo para o período colonial amazônico o que “sem dúvida, a imagem é bastante forte e pode ser interpretada como a real intenção dos portugueses em relação às manifestações nativas.” (MESQUITA, 1997, p. 08)

**Figura 6:** Prospecto da Fortaleza da Barra do Rio Negro, desenhada pelo capitão engenheiro Joan André Schwebel em 1754.



Fonte: Mesquita (2019)

O processo de alteração de seu nome ocorreu devido dois importantes critérios conforme Daou (2014): à localização geográfica que resultou no nome Barra do Rio Negro e à ocupação daquela área por grupos indígenas, dentre os quais havia os Manaós, grupo de indígenas que inspirou o nome Manaus no qual a autora afirma que as mudanças ocorreram num processo em período iniciado

em 1848, a Vila da Barra do Rio Negro foi elevada à categoria de cidade e, com a implantação da Província em 1852, tornou-se capital. Em 1856 teve a consagração do nome Manaus. No mesmo ano, o primeiro artigo da Lei nº 64, de 4 de setembro, sancionada pela Assembleia Legislativa Provincial, dizia: “A cidade da Barra do Rio Negro denominar-se-á dora em diante Manaós”. [...] Assim, Manaus permaneceu sendo, depois das sucessivas alterações, o nome definitivo da cidade, o que contou com o aceite expressivo da população, como se conclui pelas comemorações. Na referência aos Manaós, consagra-se o nome da tribo desaparecida, a tribo de Ajuricaba, liderança indígena que resistiu à atuação portuguesa que promoveu a devastação populacional do Rio Negro (2014, p. 67 e 68).

Desde então, a cidade manteve seu nome como Manaus até os dias atuais, não havendo propostas para prováveis alterações. Com o passar dos anos, Manaus tornou-se quase que uma cidade-estado devido aos grandes contrastes entre a capital e os municípios próximos. Mas antes de chegar à influência contemporânea da capital amazonense, é preciso compreendê-la desde sua origem.

Uma divergência encontrada está acerca do nome exato da tribo que inspirou o atual nome da capital amazonense: para Garcia (2010, p.57), a nação Manáo; para Daou (2014, p.67), os Manaós, quanto que para Mesquita, Manáós (1997, p. 07). Apesar das

imprecisões envolvendo tal temática, é necessário apresentar que não há exatidões dentro da academia envolvendo tais discussões acerca da forma mais correta de se dirigir à tribo que deu origem ao nome da cidade.

Sobre outros elementos arquitetônicos Garcia (2010) nos diz que o palácio da Justiça

compõe com o Teatro Amazonas o conjunto arquitetônico mais representativo de edifícios públicos monumentais. As linhas nobres da arquitetura, os traços neoclássicos de detalhes da fachada dão a esse palácio uma elegância austera, compatível com a natureza da Justiça, que nele se exerceu por mais de um século (2010, p.85).

O Palácio com toda a sua magnitude arquitetônica, molda a paisagem central da cidade com sua exuberância. Após décadas como um prédio voltado para atividades jurídicas, o Palácio se tornou um centro cultural no qual é possível observar não só os detalhes externos da construção, mas internos também. A população local naquele período áureo da *Belle Époque*, teve a oportunidade de observar continuamente a criação de cada uma destas construções presencialmente. O Palácio da Justiça, apesar de estar localizado às costas do Teatro Amazonas, segue sendo uma das mais belas construções presentes no Centro Histórico de Manaus e nem “mesmo sua desvantajosa localização em relação ao Teatro Amazonas é capaz de ofuscar sua beleza e elegância”. (MESQUITA, 1997, p. 302)

Quanto à demografia, Garcia (2010) afirma que um grande deslocamento de nordestinos migrou para Manaus após uma terrível seca que devastou o Nordeste em 1877, aumentando o quantitativo de mão de obra para exploração da borracha. Daou (2014) dá sequência a esse relato afirmando que em 1880, houve um forte crescimento de migrações, principalmente dos estados do Ceará e Maranhão. Acerca de outros migrantes oriundos de destinos variados, Garcia relata sobre a presença de trabalhadores de várias partes do mundo, principalmente da Europa e do Oriente Médio. Manaus, assim como outras cidades sul-americanas, sempre teve uma população muito heterogênea, com povos com culturas diferentes, mas que no caso local, tais povos tiveram que aprender e a compartilhar a mesma realidade de viver e conviver num ambiente cuja floresta torna-se um elemento muito presente no cotidiano citadino.

Com a economia da borracha trabalhando intensamente, a cidade passou por muitas alterações em sua paisagem urbana. Garcia (2010) evidencia que vários igarapés

foram drenados e aterrados, pontes e ruas foram construídas, praças foram planejadas como plano de embelezamento local e entretenimento social. A economia também favoreceu a multiplicação de oportunidades econômicas para navegação, comércio, construção civil etc.

A concretização de um “aformoseamento da cidade” de acordo com Daou (2014, p. 117) foi devido a um conjunto de iniciativas reguladoras, fiscais e de reconhecimento das características de ocupação da cidade. A autora menciona que a realização da planta de Manaus facilitou no melhor ordenamento de futuras intervenções visando uma maior ampliação do espaço urbano além dos limites geográficos de igarapés e pela própria mata.

A planta da cidade tornou-se um divisor de águas para o modo de vida que existia antes, mais característico com aspectos sociais encontrados em vilas, para um modo de vida eurocêntrico, cortando laços com o regional e popular para dar espaço aos signos sociais encontrados em sociedades não-amazônicas. Manaus começou a ser construída de costas para os rios que a margeavam, tal ideia soa como se o objetivo fosse criar uma bolha alienante onde os moradores esquecessem que estavam em plena mata e começassem a acreditar que ainda estavam na Europa.

A proibição de moradores de classes mais baixas e de seus respectivos modos de vida, auxilia num maior entendimento de como seria essa mobilidade turística nos espaços urbanos de Manaus no início do séc. XIX buscando identificar este visitante da melhor forma possível para entender se as políticas de modernização da cidade estimulavam os fluxos turísticos.

Para o turismólogo brasileiro mestre em *Géographie-Aménagement et Urbanisme* pelo *Institut des Hautes Etudes de l'Amérique Latine* na França, Terence Keller Araújo Vieira de Andrade (2010) havia um progressivo aumento de hotéis e visitantes como resultado dos inúmeros processos de investimentos públicos em Manaus no qual começava a ser percebido uma nova

forma de olhar para os lugares manauaras [...], inserindo assim práticas específicas na capital. As transformações urbanas de Manaus serão inclusive utilizadas como estratégias de comercialização turística por parte de uma operadora inglesa logo no início do século XX. Se é da Inglaterra que o fenômeno turístico expande no mundo, seria à Manaus mais uma resultante da tradição britânica de turistificar lugares? Aprofundando ainda mais este questionamento, seria a cura, o divertimento, o reencontro e a contemplação que justificava à vinda desses turistas para a capital? (2010, p. 02).

O autor traz reflexões pertinentes sobre o papel da cidade para aqueles que a visitavam. Manaus recebeu muitos investimentos para reformas urbanas dos ingleses durante tal período, que segundo Andrade (2010) eles também foram responsáveis pela implantação, em 1882, da empresa britânica *Booth Steamship Company* com uma frota de sete navios que visava transportes marítimos/fluviais, com objetivo de conectar Manaus com diversas cidades europeias e estadunidenses, iniciando o processo de turistificação da capital amazonense.

A empresa pertencia aos irmãos Alfred e Charles Booth que de acordo com o autor (2010), os dois foram além ao inovar com ações promocionais para o mercado britânico com o que ficou chamado de *1000 Miles up the Amazon* ou 1000 milhas à Amazônia em tradução livre.

**Figura 7:** Peças publicitárias promovendo o destino Amazônia criadas pelos irmãos Booth.



Fonte: Andrade (2010)

Nota-se que há elementos sígnicos presentes nas peças promocionais na figura 7 muito característicos com a geografia amazônica e não muito característicos com a imagem europeia que Manaus planejara passar até então. É interessante perceber que o que atraía os visitantes europeus sempre foi alvo de certo desprestígio pela população manauara que segundo Andrade (2010, p.14) “Esta novidade correspondia à venda de pacotes destinados à Manaus”. O autor complementa trazendo mais detalhes acerca do trajeto planejado partindo inicialmente de

Liverpool com escalas em Leixões, Porto, Lisboa, Ilha da Madeira chegava-se nas destinações amazônicas cujo turismo era bastante incipiente. As localidades de Salinas, Ilha de Marajó, Belém, Chapéu Virado, Ilha do Mosqueiro e Manaus faziam parte do roteiro. Seis semanas em um luxuoso

navio chamado Hildebrand eram necessárias para percorrer as 11 800 milhas do trajeto. Deste total, 2000 estavam concentradas dentro da bacia do rio Amazonas (2010, p. 14).

O roteiro abrangia uma grande quantidade de cidades amazônicas como é possível observar na citação, incluindo a cidade de Belém, que também foi um centro econômico muito importante que passou por muitas mudanças paisagísticas tal qual Manaus, mas que não serão abordadas na presente pesquisa por não ser o foco central desta. Nota-se que o foco era justamente “desbravar” e conhecer as diferentes perspectivas sociais presentes pelas sociedades encontradas na Amazônia, dos menores vilarejos aos grandes aglomeramentos urbanos como Belém e Manaus.

Andrade (2010) afirma que não há uma noção exata do perfil dos primeiros viajantes, da frequência que saíam os cruzeiros por tal roteiro e nem da data em que ocorreu a primeira viagem organizada pelos Booth. Entretanto o autor alega que a data de 10 de janeiro de 1896 é a mais provável de ser a data da primeira viagem entre Liverpool e Manaus por meio do navio Augustine, mas esclarece que tais turistas presentes no navio mencionado, podem não ser exatamente os turistas que realizaram o roteiro proposto pelo *100 Miles up the Amazon*. O navio Hildebrand, que provavelmente era o transporte usado no roteiro, no qual Andrade (2010) apresenta que o registro de sua primeira viagem foi no dia 01 de abril de 1896, sendo esta a mais exata data da realização do roteiro na prática.

Com relação às saídas e o período de comercialização do roteiro, o autor (2010), após pesquisar cartas de viajantes e demais pesquisadores que tiveram acesso aos arquivos da empresa *Booth Line* que atendia com muita atenção aos clientes interessados na Amazônia, percebeu que em uma dessas cartas usadas para fundamentar sua pesquisa, tem registro no dia 08 de agosto de 1923 e está direcionada à uma de suas prováveis clientes, cujo conteúdo nos mostra que o famoso

pacote ainda estava sendo comercializado na segunda década do século XX. No texto é referenciado também que duas excursões estavam previstas para o segundo semestre de 1923. Uma com saída no dia 18 de setembro e outra no dia 15 de novembro. Sendo assim, provavelmente quatro viagens como esta eram previstas por ano e as seis semanas exigiam um público elitista com disponibilidade de tempo, recursos financeiros e forma física (2010, p. 15).

Partindo dos registros históricos que a crise da borracha afetou a economia local

nas primeiras décadas do séc. XX<sup>9</sup>, a empresa conseguiu estender por bastante tempo a oferta de tal roteiro, mas que eventualmente o impacto da crise também refletiria na empresa. Quanto a isso, Andrade (2010) nos mostra que, não apenas a crise da borracha afetou suas operações, mas a primeira guerra mundial afetou a estabilidade da qualidade de vida de seus clientes que eram em sua maioria europeus. Andrade (2010, p.15) acrescenta que “além destas duas crises, a empresa *Booth* cedeu vários de seus navios e funcionários para as forças armadas britânicas o que influenciou na comercialização do *1000 Miles up the Amazon*.”

A Amazônia, por ter uma vasta cobertura vegetal, sempre esteve responsável por mexer no imaginário daqueles que ousavam se aventurar por meio de seus rios imaginando todas as criaturas que poderiam existir na imensidão verde. Andrade (2010) afirma que o pacote turístico *1000 Miles up the Amazon* tinha como um de seus objetivos, desmistificar tal imagem criada principalmente pelo público-alvo da viagem, oriundos de sociedades portadoras de preconceitos.

A empresa *Booth Steamship* (ANDRADE, 2010) promovia a ideia de uma floresta que oferecia conforto, segurança e exotismo durante a prática de atividades turísticas. Relatos de cientistas e as frequentes trocas de informações que os turistas que realizavam o roteiro praticavam em seus círculos sociais, ajudaram na comprovação não apenas na qualidade do destino visitado, mas no roteiro como um todo.

O autor (2010) salienta também na importância de atenção a outro ponto primordial pela empresa: a genuína preocupação com a saúde e higiene. Tais aspectos não eram apenas usados como tópico promocional da empresa para atrair os turistas, mas também procurava “promover a destinação como um lugar exótico para a prática do descanso e cura do stress.” (2010, p.15)

O progresso no campo de pesquisas da saúde, responsável pelo aperfeiçoamento científico na medicina tropical, auxiliaram na acessibilidade da Amazônia por aqueles em bom estado de saúde que queriam vivenciá-la e experienciá-la. Aqueles com saúde mais

---

<sup>9</sup> A economia regional, apoiada na exportação de um só produto e sem meios para competir com a borracha plantada na Ásia, entrava em declínio e deixava exposta a sua extrema fragilidade. [...] Tornava-se menos significativa a participação da borracha nativa da Amazônia na pauta de exportações do Brasil. Conforme previam os donos do capital, a produção de seringais asiáticos, timidamente iniciada em 1900, tomara a dianteira das estatísticas em 1913 e conquistara a liderança do mercado internacional. (GARCIA, E. O Amazonas em três Momentos: Colônia, Império e República, 2010)

frágil ou com idade muito avançada eram informados de que a longa viagem somada com a ausência de médicos nas dependências do navio, (ANDRADE, 2010) poderiam ser um empecilho para que desfrutassem do roteiro em sua plenitude.

Durante os relatos encontrados por Andrade (2010), um deles afirma o quão encantadora e hospitaleira a cidade e seus habitantes eram com aqueles que a visitavam:

“Manáos manda uma banda de música para o cais, e vem “en masse” com aplauso, roupas brancas imaculadas, chapéus de palha e buquês de flores. É fácil escrever levemente sobre estas boas-vindas calorosas, mas, quando alguém aperta a mão de um inglês nesta cidade isolada, a mil milhas da civilização – e no entanto, como um oásis num deserto, possuindo todas as conveniências modernas, como luz elétrica, bondes, teatros, cafés, e jornais diários – há um sentimento de orgulho, porque ingleses, escoceses e irlandeses tiveram cota não pequena nesta realização” (2010, p. 15;16).

É possível perceber por meio da citação, o quão bem acolhidos os turistas se sentiam devido às calorosas boas-vindas que recebiam dos manauaras. Outro ponto que talvez fizesse muita diferença era a constatação de um lugar tão característico com as cidades europeias entre suas arquiteturas, vestuários e comportamentos sociais, presentes em plena floresta tropical. “A possibilidade de encontrar produtos europeus, arquiteturas que se assemelham a exemplares ingleses permitem algumas pistas da necessidade que estes turistas tinham, mesmo nos longínquos lugares, a possibilidade de encontrar semelhanças e reproduzir práticas do seu cotidiano.” (ANDRADE, 2010, p. 16)

O fato da empresa e grande parte dos turistas praticantes de tal roteiro serem ingleses talvez não fosse apenas uma coincidência conforme Andrade, ao relatar que a inovação da empresa *Booth Steamship* na Amazônia encontra mais um novo

receptáculo da tradição britânica de inventar lugares turísticos. [...] é da Inglaterra que surgem as primeiras estações turísticas, assim como as primeiras viagens organizadas por James Cook. É da Inglaterra que a atividade se expande para a Europa e para outros cantos do mundo. Portanto é da Inglaterra que a Amazônia se torna mais um palco para suas representações. [...] Deste modo, a origem dos lugares turísticos amazônicos pode estar associada às ações imperialistas de um grupo específico de atores. Deste modo, não são apenas os conquistadores, naturalistas, comerciantes e missionários que se interessam pela Amazônia, mas também turistas sedentos pelos lugares inventados. Esta talvez seja uma das principais lógicas para a invenção dos lugares turísticos manauaras por parte desta empresa. Arelado a isso, havia diferentes contextos que influenciavam no aumento dos fluxos de visitantes (2010, p. 18).

A própria palavra “turismo” possui origem na língua inglesa<sup>10</sup> o que demonstra a força e a influência desse país na estabilização de uma forma de atividade econômica que perdura até os dias atuais e que vem se reinventando para trazer cada vez mais comodidade, conforto e respeito àqueles que a praticam e àqueles que a recebem.

Devido às grandes reformas urbanas buscando modificar o paisagismo manauara, não é de se admirar que o centro da capital se tornou fonte atrativo para os visitantes no qual muito de sua divulgação ocorreu por meio de cartões postais (ANDRADE, 2010) o que era algo bastante comum no Brasil naquela época.

É interessante observar que muitas das arquiteturas construídas naquele período e que já eram vistas como atrativo conforme a figura 8, ainda se encontram presentes no atual centro histórico de Manaus enquanto outras, infelizmente, não existem mais, havendo apenas seus relatos e imagens por meio de livros e trabalhos acadêmicos. A casa de máquinas e o igarapé da cachoeira são um bom exemplo, assim como as próprias ruas e avenidas que mudaram bastante devido às necessidades sociais presentes década após década.

**Figura 8:** O centro de Manaus em cartões postais no início do século XX.



Fonte: Andrade, 2010.

<sup>10</sup> O *Grand Tour* é apontado como marco para o surgimento da palavra “Turismo”. O primeiro registro da palavra pode ser encontrado em 1800 no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford. A raiz *tour*, porém, teria sido documentada em 1760, também na Inglaterra, apesar de sua origem ser latina, francesa, original de *tornus* e *tornare*. (CISNE, R; GASTAL, S. Turismo e sua história: Rediscutindo periodizações, 2010)

Nota-se que algumas arquiteturas pesquisadas nesse trabalho e que já existiam naquele período como o Palácio da Justiça e outros como o Paço da Liberdade, não estão presentes dentro do jogo de cartões postais da cidade, fato esse que foi mudado décadas depois após as alterações de funções de ambos os prédios para atividades voltadas à cultura. Muitas das avenidas presentes nos cartões são próximas de prédios que hoje em dia, encontram-se espaços culturais como o Ateliê 23 e o Casarão de Idéias que contribuem para o seu uso mantendo-os em atividade ao evitar o seu completo abandono e atraindo constantes visitantes para aquela área. Na figura 9, o autor nos mostra onde exatamente cada espaço e ruas apresentados nos cartões postais, conforme a figura 8, está localizado no que é entendido atualmente enquanto limites do bairro Centro, mas que até 1930, eram os limites de toda a cidade, sendo o centro, uma região bem menor como pode ser observado na figura.

**Figura 9:** Localização dos espaços e ruas presentes nos cartões postais na capital amazonense até a década de 1930.



Fonte: Andrade, 2010.

O autor subdivide os espaços turísticos no mapa em quatro categorias: suburbano - amarelo; entretenimento - rosa; portuário - verde; intermediário - azul. Nota-se que grande parte dos atrativos estão inseridos no setor Entretenimento e Portuário o que é

compreensível devido o porto ser, até então, o único acesso à cidade e onde se localiza o Teatro Amazonas, na subdivisão em rosa do entretenimento. Nota-se também que é a localização territorial em que se encontram os espaços culturais pensados para essa pesquisa. O que nos leva a entender que esta área sempre esteve pensada enquanto espaço geográfico para fins voltados ao entretenimento e permanece até hoje com essa finalidade.

Nestes mesmos setores, muitos daqueles que frequentavam eram manauaras pertencentes à elite local. Andrade (2010) relata que o ciclo da borracha, responsável pelas grandes reformas na cidade, desperta novas formas dos manauaras experienciarem Manaus visto que o porto se torna um dos lugares desse processo de transformação do modo de vida local que perdura até 1930 e que, conforme o autor, devido aos navios que chegavam pelo cais

portando bandeiras de diferentes países, ele adquire a postura de um palco de representações onde eram encenados os símbolos da europeização que chegavam na cidade. Este fato atraía a visitação pública ora para contemplar as primeiras novidades vindas de outros continentes, ora para reafirmar uma condição de hierarquia social, ora como um lugar de socialização entre os seus semelhantes (2010, p. 24).

Por muitas décadas, o porto da cidade foi um grande atrativo para a elite que poderia receber com hospitalidades os visitantes que em Manaus chegavam. Andrade (2010, p. 24) inclusive, afirma que “o passeio no porto e presenciar o atracamento do vapor *Lloyd* eram acontecimentos sociais remarcáveis, inclusive acompanhado pelo som das orquestras com canções europeias e músicos muito bem-vestidos.”

O porto, e o Teatro Amazonas se tornam peças fundamentais para o lazer da elite manauara e para os turistas que por aqui chegaram com intuito de desfrutar de “óperas e balés clássicos vindas da Europa diretamente para o Teatro Amazonas.” (ANDRADE, 2010, p.24) A presença do Teatro, pode ter estabelecido aquela área do seu entorno como um espaço voltado para a cultura em suas várias linguagens. Espaços culturais foram surgindo e desaparecendo ao longo das décadas naquele local e no subtópico seguinte, iremos compreender como que essa cultura se materializa nessa área que ficou compreendida como “área do entretenimento” segundo as pesquisas do turismólogo Terence Andrade.

## 1.5 DINÂMICAS CULTURAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

As dinâmicas culturais existentes no entorno do Teatro Amazonas no centro histórico de Manaus, podem ser apreciadas em diferentes formas e aspectos. É possível ter contato com este centro histórico mesmo estando fisicamente distante por meio da literatura, ou apreciar as paisagens ao entardecer no Largo São Sebastião ao som das músicas sempre presentes ali e até mesmo apreciar as pinturas e esculturas expostas nos espaços culturais como a Galeria do Largo.

A professora amazonense doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio Maria Evany do Nascimento (2011, p.91) delimita o centro histórico de Manaus como um espaço territorial compreendido entre a rua Leonardo Malcher e a orla fluvial, cujo centro antigo encontra-se protegido pela Lei Orgânica do Município de Manaus (LOMAN). Centro esse tombado como patrimônio nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN em 2012, no qual é o espaço urbano da cidade que concentra o maior quantitativo de construções arquitetônicas do período econômico da borracha.

Com relação às finalidades do patrimônio histórico, Nascimento (2011) aborda que na década de 1970, tais questionamentos surgiram, assim como discussões sobre seu conceito de patrimônio equiparado ao conceito de memória no qual a autora afirma ser a “preservação da produção material como preservação da memória das sociedades. [...] O patrimônio histórico como fator de continuidade histórica, identidade e segurança para as sociedades contemporâneas” (2011, p. 95). Os monumentos históricos possuem então, esse elo entre o presente com o passado, com intuito de auxiliar as novas gerações a construir um futuro mais consciente evitando não cometer os mesmos erros cometidos por gerações anteriores.

Nascimento (2011) afirma que há novas compreensões a respeito das dimensões de espaço e tempo que exigem uma conexão com as referências patrimoniais históricas devido à rápida velocidade que alcança a “cultura eletrônica”, como chama a autora, o que causa dificuldades em assimilação de informações e adaptação a novas situações.

Para mantê-los, a autora (2011) entende a necessidade de cuidar tanto do entorno quanto do monumento em si, mantendo as relações sociais estabelecidas com ele, visto que “é o processo de urbanização e modernização das cidades, que faz com que o patrimônio deixe de significar apenas um monumento isolado, para implicar uma

territorialidade, um centro, uma cidade histórica.” (2011, p. 95) A autora então alerta sobre a importância da construção de um plano diretor que contemple estes cuidados.

De acordo com o Plano diretor de 2014, que se constitui como um instrumento básico para políticas urbanas e ambientais de Manaus, em atendimento ao disposto no artigo 182 da Constituição Federal, nos artigos 39 a 42-B da Lei Federal nº 10.257, de 10 de julho de 2001, Estatuto da Cidade, e nos artigos 227 e 228 da Lei Orgânica do Município de Manaus (LOMAN), que foi citado por Nascimento (2011), encontram-se os seguintes princípios vistos como primordiais para este estudo: valorização cultural da cidade e de seus costumes e tradições, visando ao desenvolvimento das diversidades culturais; articulação das ações de desenvolvimento no contexto regional; fortalecimento do Poder Executivo na condução de planos, programas e projetos de interesse para o desenvolvimento do Município de Manaus, mediante a articulação com os demais entes do Poder Público e a parceria com os agentes econômicos, os movimentos sociais e comunitários; gestão democrática, participativa e descentralizada da Cidade.

O alinhamento desta pesquisa com o Plano Diretor de Manaus se dá devido o centro histórico ser uma das áreas culturalmente mais ricas da cidade conhecido por suas feiras de artesanato, festivais multiculturais etc. Apesar de toda essa riqueza cultural existente, torna-se importante a priori para esta pesquisa, a abordagem das linguagens artístico-culturais enquanto valorização cultural da cidade.

O turismo cultural transfigura-se então numa ação oportuna para desenvolver novos métodos de recepção, visitação e abordagem para visitantes interessados em conhecer contextos culturais regionais. Um fator importante a ser observado é que o campo cultural existente no bairro Centro de Manaus é gerido tanto por administração pública quanto privada, no qual esta pesquisa busca entender brevemente como que estes espaços de gestão descentralizada podem fortalecer o campo cultural local trabalhando em conjunto.

Nas estratégias de desenvolvimento do Plano Diretor, encontram-se a promoção da qualificação ambiental e cultural do território; do desenvolvimento econômico do Município; do desenvolvimento do turismo; da qualificação dos espaços públicos; além da garantia da implementação do desporto e do lazer.

A pesquisa busca, por meio de adesão com as estratégias abordadas no plano, em expor a qualidade cultural de um delimitado território urbano, sua potencial força

enquanto economia participativa na cidade, tornando-se objeto importante para o desenvolvimento de um turismo mais humano e social que se aproprie qualitativamente dos espaços públicos locais. A pesquisa também se equipara com o plano diretor por procurar garantir maior visibilidade ao acesso de um lazer ricamente cultural e diversificado tanto para o visitante quanto para o morador, visto que um destino só é bom para o turista se este for bom para o residente.

Neste entorno do Teatro Amazonas, encontra-se uma grande variedade de aspectos culturais e artísticos, os quais, para Eagleton (2000, p. 29), significam uma variante importante em sua compreensão ao domínio das artes.

Democratizar essas expressões culturais para públicos mais diversos não apenas aos moradores locais, como visitantes regionais, nacionais e internacionais, torna-se importante para uma melhor compreensão daquele local visitado por grupos que irão absorvendo conhecimento por meio dessas artes. Eagleton (2000, p.29) nos diz que “a ideia de cultura começa a significar aprendizagem e artes. Actividades confinadas a uma minúscula proporção de homens e mulheres, é simultaneamente intensificada e empobrecida.” Olhares, perspectivas, opiniões e interpretações diferentes de grupos cada vez mais diversificados auxiliam para democratizar, enriquecer e popularizar essas atividades.

Alta cultura, ou Cultura conforme entendimento de Eagleton, encontra-se presente dentro do espaço delimitado através do Teatro Amazonas. O Teatro surgiu com a necessidade de lazer para uma elite que, mesmo vivendo em plena floresta amazônica na América do sul, sentia-se europeia. Eagleton (2000, p.77,78) justifica que a Cultura não valoriza particularidades individuais, mas o indivíduo no qual aquilo que compõe a identidade de uma pessoa é a identidade do espírito humano. Ao contrário da Cultura, a cultura segundo o autor, busca valorizar as especificidades coletivas. A Cultura enxerga a cultura como algo que explora as peculiaridades acidentais dos indivíduos: gênero, etnia, nacionalidade, origem social, orientação sexual etc.

Durante as apresentações dos festivais de ópera no Teatro Amazonas, nota-se que os espetáculos buscam trazer o máximo possível de similaridades com a forma que estes espetáculos foram apresentados inicialmente décadas ou séculos atrás. Alguns atores

chegam de outras cidades e países para se apresentar no festival performado em italiano<sup>11</sup>. É perceptível que os conceitos apresentados por Cultura pelo autor encontram aqui neste exemplo, justamente essa “identidade do espírito” por meio de apresentações sem muita conexão com a realidade encontrada na cidade contemporânea de Manaus o que entra de acordo com os conceitos de Cultura trazidas pelo Eagleton.

As noções de cultura apresentadas pelo autor também são válidas quando se trata dos espaços culturais existentes no entorno do Teatro Amazonas. Estes espaços costumam trazer com frequência, debates envolvidos com as linguagens artístico-culturais apresentadas ali onde há todo esse enaltecimento ao que o autor chama de “valorização da especificidade coletiva” por meio de exposições que enaltecem as mais variadas formas de identidades do indivíduo.

Para uma melhor compreensão dessas dinâmicas culturais, foram realizadas entrevistas com gestores culturais e/ou seus representantes para compreender seus entendimentos acerca desse campo cultural existente no Centro da capital amazonense. Estes profissionais auxiliam nas realizações das atividades artístico-culturais presentes nos espaços aqui investigados. Suas falas e contribuições são apresentadas em aspecto anônimo para reservar a identidade dos participantes.

Antes de mais nada, cabe apresentar o perfil dos entrevistados e a cronologia por trás da realização de cada entrevista. As entrevistas aconteceram respectivamente nos dias: 08 de outubro de 2020 no Ateliê 23; 14 de outubro de 2020 no Casarão de Idéias; 26 de outubro de 2020 na Galeria do Largo; e 05 de dezembro de 2020 no Palácio da Justiça. Os longos períodos entre algumas das datas foi devido à prioridade em escolher dias com baixo movimento de visitação, marcadas previamente e evitar aglomerações em período crítico da pandemia de COVID-19 em Manaus.

As faixas etárias dos participantes variam entre 22 e 58 anos em que a maioria é natural de Manaus e apenas um é natural de Brasília. Suas formações acadêmicas são variadas, com graduandos em Direito pela Faculdade Santa Teresa e Turismo pela UEA, especialistas em Artes Plásticas pela UEMG, e até doutorandos em Artes Cênicas pela

---

<sup>11</sup> O italiano, de fato, sempre foi considerado um idioma que entre suas principais características pode ostentar um elevado nível de melodia e musicalidade (graças, por exemplo, à natureza das sílabas que prevê na maioria dos casos uma vogal na posição final) representando, portanto, um dos pilares do gênero melodramático. MANZELLI, Manuela. *Vissi d'arte vissi d'amor. L'italiano del melodramma. Riflessioni per una didattica L2 a cantanti d'opera*. In: *Italiano Lingua Due*, n.2, 2010, p.136-147.

UFBA, o que gerou respostas bem variadas acerca da problemática trazida nesta pesquisa.

As perguntas foram elaboradas em busca de compreender melhor como esses profissionais enxergam o campo da cultura e o turismo cultural nesse espaço territorial no qual estes costumam expressar suas respectivas linguagens artístico-culturais. As respostas dos participantes foram organizadas de uma forma que mantivesse a estrutura de uma conversa informal para tornar a leitura mais dinâmica e fluida para o leitor, como veremos a seguir.

### **Qual o seu conhecimento sobre o campo cultural aqui no Centro de Manaus?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** não conheço muito a fundo, mas boa parte dos lugares que a SEC promove eu tento participar, conhecer exposições dos artistas aqui da região. Aqui no Palácio mesmo nesses últimos tempos a gente está tendo muita exposição. Recentemente a gente tirou o *AQUARELANDO MANAUS*, do artista plástico holandês radicado em Manaus Sebastiaan Klink, que falava sobre os principais atrativos turísticos da cidade além de várias outras exposições, então eu conheço o que a SEC tem proporcionado para a gente.

**Entrevistado 02 — Palácio da Justiça:** Além dos espaços da SEC, eu conheço alguns outros espaços culturais porque eu mesma tenho essa curiosidade, fui atrás, também por influência da família e de alguns amigos. Alguns museus particulares e é basicamente isso.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Olha, quando a gente para pra olhar a cultura no *lato sensu*, eu creio que a parte mais procurada seria a questão turística. Pode-se dizer que a própria cultura local é pouco explorada pelos locais. A gente observa isso, quando para pra perguntar para as próprias pessoas daqui se elas já conhecem o Teatro Amazonas, se já foram ver encontro das águas... são coisas simples e até gratuitas que as pessoas daqui não procuram, não buscam. Acho que a estrutura da cidade se resguarda para quem vem de fora, a própria cultura. Pode-se dizer que a cultura daqui é procurada pelas pessoas de fora, que são quem consomem a cultura daqui.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Primeiro eu vou falar como artista, eu começo em 1986, na galeria "Frank de Castro", naquele momento fazia parte desse entorno aqui, ali onde é a academia amazonense de letras. Então, desde aí eu comecei a trabalhar nesse circuito cultural, primeiro como artista, depois, em 1997, trabalhando na secretaria de cultura, e depois em 2002, trabalhando na galeria do CAUA, da Universidade Federal do Amazonas, na Monsenhor Coutinho. Me afasto em 2013, fico fora 5 anos desse circuito, e volto, em junho de 2018, a trabalhar na Galeria do Largo. O que se pode reparar é que em meados dos anos 2000, tipo 2005, a gente vê que existe uma preocupação em criar esse espaço no entorno do Largo São Sebastião, através da secretaria de cultura, com intuito de cooperar para a questão da identidade cultural e do estado. Então, em 2005, inaugura a Galeria do Largo, que possui uma cafeteria, inaugurada dois meses depois da Galeria. A Casa das Artes eu não sei dizer qual o ano que o espaço foi aberto, nem o Palácio da Justiça, mas desde o início, quando tem o projeto de construção do Largo, era realmente para incentivar o espaço a ter essas manifestações culturais que vemos hoje em dia, uma procura muito grande pelo Largo São Sebastião para realizar várias atividades, não só culturais, mas também políticas. Então, o Largo hoje serve como espaço de manifestação mesmo.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Tenho um conhecimento teórico por conta da minha formação, tenho mestrado em Cultura e Sociedade e um conhecimento prático naturalmente, porque o polo de produção cultural de Manaus é, infelizmente, extremamente centralizado. Então, naturalmente, por eu ser um profissional da arte há 14 anos, eu tenho vivido praticamente toda a minha experiência no Centro. Claro que houve também experiências em outros bairros, elas foram bem pontuais, mas aconteceram, acontecem. E fora de Manaus. Mas cerca de 80/90% do meu trabalho ocorre nesse cenário do centro da cidade.

**Com relação ao turismo cultural, você considera que o seu espaço é propício para atividades relacionadas com este tipo de segmento turístico?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** Sim, por conta das exposições que nós estamos recebendo, valorizando mais os artistas locais. E fazemos essa rotatividade para que a

gente possa atrair mais público também. É claro que tem também o atrativo arquitetônico e decorativo do palácio. Mas as exposições também têm atraído bastante público.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Creio que sim, mas quando a gente para pra pensar em turismo cultural, já está arraigado na cabeça das pessoas que ir pro Amazonas é ver o encontro das águas, vitória-régia, o jacaré, brincar com o peixe, sabe? Então até que o turista tenha a informação de que aqui no Amazonas, no Centro de Manaus, às vezes do lado do hotel em que eles estão hospedados, tem um espaço cultural que ele vai poder sentar para ler um livro, ver um filme bacana... Acho que não é visível isso na mente das pessoas que vêm de fora. Elas acham que passear na Amazônia é só passear na selva.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Quando a gente viaja, a gente procura espaços que sejam culturais, então essa coisa de espaço cultural já está muito alinhada com a questão do turismo. O que a gente faz aqui, na verdade, não é direcionado para o turismo, mas a gente sabe que o conteúdo das exposições é muito importante para a pessoa que está passando pela cidade, ela consegue absorver uma produção dos artistas da cidade e, conforme a temática dessa exposição, às vezes, os interesses aumentam um pouco mais. Por exemplo, exposições que em algum momento tem uma temática relacionada a nossa identidade, da região, da cidade, a gente vê que, principalmente, para turistas de fora, a aproximação é muito mais pertinente, mas não existe uma preocupação do conteúdo ser direcionado para o turismo, mas a gente sabe que o que a gente expõe é muito importante para o turismo cultural.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Total. Turismo Cultural é uma potência, muito pouco trabalhada na cidade. Na verdade, são duas frentes muito pouco trabalhadas: o turismo e a cultura. Porque quando a gente fala disso a gente fala de políticas públicas, se eu falar de políticas públicas eu vou falar de projetos que às vezes não são de Estado, são de governo e aí muda, muda junto com o governo. Então, desenvolve-se muito pouco e fica-se muito na superficialidade dos signos do que é o turismo. A ideia muito fetichizada sobre o indígena, e muito pouco explorada. E a compreensão da cultura como um lugar muito superficial. A cultura tem menos potência do que ela poderia ter. Então, quando eu penso em turismo cultural eu penso em dois espaços da sociedade que ainda engatinha.

Bom, a potência incrível eu penso que nós temos aqui por que por ser esse único lugar privado de uma companhia de teatro, um dos poucos, a gente tem uma produção artística aqui intensa nossa e de outros artistas. Logo, isso é uma potência de identidade. O que a gente está fazendo é uma identidade cultural. E é com isso que o turismo vai trabalhar, né. É com as nossas identidades. Então a cultura produz e o turismo cria os vínculos. Então eu penso que quando uma pessoa que não é da cidade está aqui e tem a oportunidade de conhecer o teatro que é feito em Manaus ou a dança que é feita em Manaus, ela tá conhecendo a cidade para além do fetichismo das identidades amazônicas. Apesar do indígena ser superimportante, não é o único elemento característico de todos nós que somos dessa cidade enorme de 2 milhões de habitantes. A gente tem acesso aqui a pessoas que são de fora de uma forma muito espontânea. Porque passam na frente, porque veem a placa arte cênica e aí perguntam, ou mesmo por meio da difusão de pessoas que assistem e que divulgam. Mas como política pública isso nunca foi estimulado, a gente nunca foi catalogado por exemplo por uma empresa de turismo para fazer parte de um ciclo de visitação, de um circuito, sabe? Nunca aconteceu isso!

**Como que o Palácio, o Casarão, o Ateliê e a Galeria estão tentando executar essas atividades culturais durante a quarentena?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** Agora com a retomada do turismo no Palácio, a gente está atendendo por meio de agendamento. Cada visita acontece de uma em uma hora e comporta, no máximo, cinco pessoas. Então a nossa demanda caiu. Antes eram mais ou menos 100 pessoas, agora são apenas seis visitas com no máximo cinco pessoas, então já caiu bastante.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** A gente segue bastante as recomendações, só voltamos, se eu não me engano, dia 15 de junho [de 2020], quando realmente foi permitido voltar a trabalhar de fato. Estamos trabalhando com os cuidados, com a restrição de lotação de público. O público tem voltado. A gente sente que as pessoas estavam com saudade. Em algumas áreas é um pouco mais lento. O nosso cinema, por exemplo, não está com tanto público quanto antes. Antes a gente tinha mais público no cinema do que no café, agora temos mais no café do que no cinema. Talvez pelo fato de

o cinema ser fechado e as pessoas se sentirem menos seguras. Mas as pessoas continuam vindo e querendo apreciar nosso espaço, a cultura, a arte.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Nós entramos de recesso dia 17 de março [de 2020], e voltamos dia 31 de julho [de 2020]. Nesse período não fizemos nenhuma produção, algumas exposições que tinham acabado de ser abertas, permaneceram aqui, e lógico que demos continuidade a partir do dia 31 de julho [de 2020], quando voltamos com a atividade de visitação. Antes a gente vinha como administrativo, no mês de junho, a gente ficou interno, e só em julho que abrimos naqueles procedimentos de máscara, de gel, de distanciamento. E é uma nova fase porque, de alguma maneira, a gente começa a ter que agir de acordo com esses procedimentos que foram colocados nesse momento.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Bom, nós temos dois espetáculos permanentes, um que chama Vacas Bravas e outro Helena. O Vacas bravas a gente adaptou totalmente para a internet, é esse que vai ser gravado hoje e amanhã e aí encerra. Então de lá para cá a gente estava adaptando-o para ser filmado. E não é filmado parado como costuma ser feito. Foi pensado formas de acordo com o audiovisual para assistir como se tivesse dentro da cena. É um experimento mesmo, não sabemos como fazer, é novo para a gente. Já o Helena será adaptado só segunda-feira, mas não uma adaptação que tem a ver com a quarentena, tem a ver com o espetáculo ter amadurecido, a gente ter passado nos eventos e ter ouvido algumas opiniões, a gente vai reformar o espetáculo durante o mês de outubro e ele, sim, talvez seja o primeiro espetáculo que a gente vai voltar a apresentar presencialmente, mas com as limitações que são possíveis. 50% de distanciamento, álcool e máscara. Porque tem isso, tem obras que não cabem nesse lugar da internet, tem obras que cabem. O Helena não cabe. Ele precisa da presença física. O Vacas talvez, vamos descobrir agora na temporada online que é o que a gente está vendo agora se ele funciona.

**Como vocês acham que ficará o fluxo de visitantes após a pandemia? E as mudanças pensadas para esse momento de quarentena, elas permanecerão futuramente, ou você acha que vai chegar um momento que ficarão defasadas?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** eu acho que vai depender da vacinação, porque eu acho que enquanto não tiver essa vacinação, nós vamos continuar adotando essas medidas.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Eu creio que essas novas mudanças vieram para ensinar a gente a conviver em sociedade. Muita gente não tinha essa consciência de estar gripado e usar uma máscara, ou às vezes não sair de casa. Então acho que esse cuidado e essa higienização, eu espero e gostaria que continuassem. Mas acho que é cedo para dizer, até porque as pessoas podem se cansar e dizer que não querem mais saber de máscara. Acho que a mente humana é um pouco complicada, não dá para decifrar.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Eu acho que enquanto as pessoas não tiverem uma segurança sobre a pandemia, se o vírus já se controlou, se tem a vacina... essa insegurança, lógico, vai refletir nas pessoas, as pessoas ficam amedrontadas de estarem nos lugares, e o turista de viajar. Eu acho que essa segurança, esse conforto das pessoas estarem mais à vontade, vai depender de como elas sabem que está a segurança em relação à pandemia. O tempo eu não sei, a gente está em outubro [2020], mas as coisas de fevereiro do outro ano [2021] já não se confirmam mais, porque realmente a vacina não vai sair agora. É um processo que tem a ver com a segurança, das pessoas se sentirem seguras ao ir e vir. Você sabe que a utilização da máscara previne o contágio de outras doenças, como por exemplo, a própria gripe, a própria máscara ajuda. O gel pode ficar a vida inteira, porque é bom para a gente limpar a mão. Só vai ser retirado esses procedimentos, de acordo com o sentimento de segurança das pessoas.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** O ateliê tem um público que sempre nos seguiu e o fato de a gente ter talvez parado, cria uma expectativa, claro que tem pessoas que vão vir somente quando tiver tudo ok, 100%, pós-vacina, mas tem aquelas que, com restrições, conseguem sair para o supermercado, para o restaurante, para o bar... E não seria diferente num teatro em que o espetáculo dura cerca de 50 minutos, até menos tempo do que você permanece dentro do supermercado por exemplo. E como tem um público legal, que é muito amigo nosso, porque são pessoas que respeitam, confiam, divulgam, apostam na Companhia. Então a gente construiu esse público nos últimos cinco anos e é por isso que eu acredito que talvez haja esse interesse. E é por isso que propositalmente vamos voltar

presencialmente com o espetáculo Helena que tem um apelo muito grande. As pessoas que assistem se emocionam e gostam muito do trabalho, por isso é um trabalho bacana para convidar a gente a voltar a se encontrar presencialmente. E acho que as mudanças serão sim permanentes, mesmo que não seja o tempo todo, mas nos abriu a possibilidade de experimentar artisticamente a modalidade híbrida e remota que a gente pode continuar experimentando e em termos de produção pensar se tudo precisa acontecer assim. Se não dá para a gente transmitir junto com quem assiste, ter um link pra quem não poder ver e é de outro estado. Acho que as coisas vêm para ficar.

**Você tem conhecimento acerca de atividades culturais que acontecem em outros espaços próximos ao seu?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** a nossa diretoria de centros culturais tenta disseminar todas as informações e sempre nos mantém informados do que está acontecendo. Por exemplo, nesse momento eu sei que está tendo uma exposição de artistas e grafiteiros de Manaus. A gente tenta se manter conectado. Um exemplo é o alinhamento de horários de funcionamento do Palácio da Justiça com o do Teatro Amazonas.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Olha, a gente ouve bastante falar de algumas peças e outros eventos. Eu acredito que todo mundo deve estimular isso, sabe? Eu acho que a gente não enxerga como concorrência ou como competição. A gente quer mesmo que mais público tenha vontade de apreciar a arte, e saiam de casa para isso, independentemente de ser aqui ou no nosso vizinho. O que as pessoas precisam fazer é querer sair de casa e conhecer o centro, não só o Casarão, mas conhecer o Teatro, conhecer os lugares que os amazonenses não conhecem, sabe? As pessoas de fora conhecem e a gente que mora aqui não conhece. Então eu acho que a busca pela arte e pela cultura deve ser espalhada sem distinção de quem, onde é ou quem está fazendo.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Eu acho que as redes sociais acabam facilitando hoje de você saber um pouco. Mesmo você não indo presencialmente. Mas eu, por exemplo, sei muitas coisas que estão acontecendo aqui no entorno nesse momento. Dentro do Casarão de Idéias, por exemplo, a gente sabe que são lugares que estão ativados... o

Palácio da Justiça, Casa das Artes também estão funcionando. Tu sabes que abriu um bar aqui agora, né? **[O Bar Cervantes fica no Largo, próximo da lanchonete African House]** Cervantes, que embaixo a moça mantém uma galeria, mas de repente pode ser temporário, porque é um bar. Mas é um bar que tem a proposta também cultural. É bem próximo daqui o Cervantes. Embaixo é uma loja de artesanato indígena e em cima é o bar.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Sim, na medida do possível a gente acompanha, não sempre, mas acompanha.

**Em algum momento da história destes espaços, já teve algum tipo de atividade relacionada com outros espaços culturais? Ou, ao contrário, já teve a proposta de pensar atividades deste com outros espaços culturais próximos?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** Para eventos internos, sim. Por exemplo, boa parte dos eventos do Teatro Amazonas acontecem aqui, no Palácio, por ser perto. Parte da Filarmônica vem ensaiar aqui, o coral também, antes da pandemia eles faziam o aquecimento aqui e iam lá para o Teatro Amazonas. Meio que a gente funcionava como um apoio do Teatro Amazonas, mas mais dos artistas.

**Entrevistado 02 — Palácio da Justiça:** Eu lembro que teve uma semana, acho que foi a do aniversário de Manaus, em que todos os dias estavam ocorrendo várias atividades gratuitas e abertas ao público em todos os espaços. E era legal porque acabava em um espaço e você já podia ir para o outro. Foi a iniciativa mais explícita que eu vi de interligar todos os espaços em um mesmo evento.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Olha, eu não vou saber te responder isso agora, quem vai te dar mais certeza é o nosso diretor, ele que comanda essas ações, eu só executo. Eu creio que não teria problema nenhum em fazer. **[Mas nesse tempo em que você está trabalhando aqui já houve esse tipo de diálogo?]**. Olha, eu creio que já, alguma com o Café Teatro, mas eu não me recordo agora.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Nós já participamos de parceria com o CAUA/UFAM, com o Museu Amazônico e com a própria Casa das Artes que é com quem a gente trabalha, né? Então com esses três espaços a gente mantém relações de parceria. **[Você pode mencionar um pouco como foi essas atividades?]**. Olha, com o MUSA e com o CAUA foram parcerias para exposições. Com o CAUA realizamos uma exposição chamada acervo CAUA/UFAM, que foi aqui na galeria em 2018. E ainda em 2018, já no final do ano, nós realizamos ARIRUCAUA, uma exposição com curadoria minha e do Sávio Stoco em que a gente compôs com acervo de diversos lugares, incluindo obras do MUSA. E a Casa das Artes porque a gente fazia a programação em conjunto com aquele espaço. **[E como acontece essa parceria com a Casa das Artes? Você é responsável pela curadoria da exposição atual deles?]**. Na Casa das Artes, nesse momento, a gente mantém uma programação que foi elaborada pela gente que foi a do teatro. É aquele tipo de exposição que já vem pronta, é uma parceria, mas que já veio pronta, que é da Nonata Silva, que é resultado do Prêmio Conexões Culturais da Manauscult. **[Como foi o processo de montar essa exposição durante a quarentena?]**. No período de montagem ainda não estávamos em quarentena, mas a abertura aconteceu no dia 27 de setembro **[de 2020]**, dia do turista. Fora do período de quarentena.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Já. Já fizemos uma proposta chamada Gororoba das Artes, uma espécie de mostra autônoma. Ela juntava alguns espaços, além da gente tinha o espaço das companhias que existia aqui pertinho, o Sinttel que é o sindicato de telecomunicações, que fica na Aparecida, e lá atrás tem um palco e um teatro que há muitos anos é um espaço de apoio a grupos e para apresentação. O Garagem, que era uma companhia de teatro no Centro, também fechou, o várzea das artes, que era um espaço de artes visuais e cênicas, que também fechou. E aí juntava todos esses espaços privados e o grupo trocava, uns apresentavam nos espaços dos outros. Isso foi em 2016.

**Como você acha que as atividades encontradas em seus respectivos espaços podem aprofundar o conhecimento daqueles que os visitam com relação à cultura local?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** Preservando e transmitindo a história de fundação do Palácio, com as exposições, valorizando os nossos artistas aqui da localidade. A exposição que vamos abrir nos próximos dias é a “(IN) PERSPECTIVAS”, são visões

de 14 artistas locais sob os efeitos que cada um vivenciou a partir da pandemia por meio da arte. A gente acaba valorizando tanto a história aqui do Palácio e atribuindo cultura atual para o espaço.

**Entrevistado 02 — Palácio da Justiça:** quando nós fazemos a visita e eles perguntam se o piso era sempre assim. Então a gente já tenta contextualizar como era a sociedade naquela época. Explicar o contexto social do centro histórico de Manaus. Tanto que quando eu encerro a visita, eu digo: “espero que tenham gostado e que tenha contribuído para o conhecimento de vocês sobre a cidade de Manaus”, mesmo que eles só tenham visitado o Palácio da Justiça.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Olha, eu acho que quanto mais pessoas procurarem a arte, procurarem a cultura nesses espaços, esses espaços ganharão visibilidade. Tanto para outras pessoas que não procuram, quanto para o governo. Eu acho que quando o povo clama por alguma coisa, o governo atende. Então, eu acho que seria muito bacana se as pessoas começassem a ter essa busca pela cultura, pela arte. Valorizar os locais culturais, a arte amazônica, os artistas regionais, talvez a gente seria mais bem amparado financeiramente, com outras oportunidades, e isso aí estimularia mais ainda o desenvolvimento de outros lugares, de outras ações. Acho que é um ciclo que gira.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Como eu te falei, a gente às vezes trabalha com temáticas diferentes. Então, vai desde uma temática que envolve a nossa identidade, como essa exposição aqui [**entrega um folder da exposição Nipetirã - Todos, de 2019, ao entrevistador**], como também as abordagens mais contemporâneas que são as pinturas do Sérgio Andrade. [**o interlocutor comenta várias exposições e mostra material gráfico ao entrevistador**]. Eu acho que no caso das artes visuais, no nosso caso da Galeria do Largo que a gente trabalha com essa linguagem mais contemporânea, é despertar o interesse em que o público tenha uma capacidade de poder pensar também sobre o próprio trabalho que está sendo exposto. Que ele não seja só estético, entendeu? Mas trabalhe também as questões de conceito, que as abordagens não sejam tão tradicionais. Então a gente tenta ao máximo usar de dispositivos da arte contemporânea. Ou seja, materiais diferentes que o artista trabalha, o próprio assunto que o artista aborda, que ele não seja somente plástico, mas que envolvam as temáticas sociais, políticas. [**Uma**

**mulher, funcionária da Galeria, pede para se manifestar]. Funcionária:** Inclusive tivemos aqui um artista que aborda questões relacionadas à educação ambiental. Teve a exposição do professor Esteban que teve uma abordagem acadêmica. Isso tudo aconteceu na Casa das Artes com produção da Galeria, em partes daqui. Teve inclusive artistas que por meio da geografia manifestaram seu trabalho em arte. Um através da fotografia e o outro através da pintura. É mais nessas formas de abordagens que a gente tenta fazer, entendeu? Tem também a Hebe que é do Serviço Geológico do Brasil - CPRM, e ela fez uma abordagem muito bacana do mestrado dela voltado para temática ambiental, a relação da pessoa com a cidade e o rio. A relação cultural que se tem da cidade com o Rio Negro. Enfim, a gente procura abordagens que não sejam só estéticas, mas abordagens que possam trazer outros tipos de conteúdo para os visitantes, que possam gerar reflexões.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Eu acho que quando a pessoa vem a um espaço como o Ateliê e assiste a um espetáculo aqui, ela conhece mais sobre Manaus do que o que está escrito nos livros, talvez. Porque os livros vão privilegiar um recorte da história que é um lugar mítico. E a gente não é feito só disso. Então eu acho que você conhece a cidade através das pessoas que as fazem. E é através dos artistas, esse é o nosso papel.

**Você considera que o seu espaço faz parte de um provável turismo cultural aqui da cidade de Manaus?**

**Entrevistado 02 — Palácio da Justiça:** Eu acredito que sim. O fato de estar justamente atrás do Teatro Amazonas já contribui para essa questão. E eu acredito que o monumento em si já chama a atenção. As pessoas podem entrar e pensar assim... “Nossa, será que aqui vai ter alguma coisa sobre a história de Manaus?”. Aí elas vêm, descobrem que tem visita guiada, e a gente sempre tenta contar não só a história do Palácio, mas também um pouco da cidade de Manaus. Então eu acredito que sim. Tem exposições também, que interligam a história do Palácio com a história da cidade. A avenida Eduardo Ribeiro em si também, então vindo ao Palácio da Justiça você já consegue ter esse acesso à nossa cultura local.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Eu acho que sim, creio que o Casarão já tem um porte de ser conhecido e indicado por pessoas que vieram e frequentam. Todo mundo que

vem, fala bem. Fala bem daqui, fala bem nas nossas redes sociais... Então, se ainda não é, eu gostaria que fosse **[risadas]**. Eu creio que a gente tem capacidade de ser e quanto mais pessoas sabendo e procurando, mais a gente vai ter força para fazer mais coisas.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Eu não sei nem se é explícito o turismo cultural na cidade e no estado. Se estiver explícito, eu não vejo a Galeria inserida em nenhum roteiro de turismo cultural. Eu não sei se é uma falha, se é falta de interesse, ou se de repente por ser uma galeria nova, aparentemente, de 15 anos. Aliás, 15 anos nem é mais assim tão nova, mas não está inserida em circuitos.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Faz! Eu acho que deveria existir essa alternativa de roteiro, porque não existe uma alternativa que pense os espaços culturais. Digo isso porque eu também fui da Secretaria de Estado da Cultura – SEC onde tem acesso a muitos agentes turísticos e nenhum deles fala de espaços culturais com atividades, fala sim de centros culturais que são visitados, mas na perspectiva museológica. Os teatros não são privilegiados, nem teatros públicos e nem privados.

**Quais aspectos culturais você considera importantes de serem ressaltados aqui dentro do seu espaço cultural?**

**Entrevistado 01 — Palácio da Justiça:** Acredito que além do aspecto arquitetônico do Palácio, que é imponente e diferenciado, a começar pela deusa lá em cima, a forma despojada como ela está **[Refere-se à deusa Themis, situada no topo da fachada, que personifica a justiça na cultura greco-romana]**. Tem também as exposições, como são rotativas também acabam atraindo o público. A Secretaria de Cultura faz a divulgação no Instagram e acaba tendo esse público.

**Entrevistado 03 — Casarão de Idéias:** Eu acho que uma das coisas mais importantes seja essa valorização de que a gente dá na arte não-amazônica, nessas atividades que fogem do clichê da cultura amazônica, da arte amazônica. Como eu falei, as pessoas que frequentam e visitam Manaus, claro que dá de conhecer o encontro das águas, aquele contato com o índio, com a natureza, mas ajudaria muito o resto do país entender que o Amazonas não é isso, que Manaus não é isso. E quando a gente tem esse no *hall*, esse

leque de possibilidades de trabalhar com as artes, e que não seja só aquela coisa limitada, mas quando isso se abre... abre para mais pessoas, abre para mais oportunidades e possibilidades, quiçá até pra outras cidades além de Manaus, propiciando o desenvolvimento do interior.

**Entrevistado 04 — Galeria do Largo:** Primeiro que a Galeria se tornou um referencial para o próprio artista da cidade. Segundo que por ter se tornado um referencial para os artistas, acabou sendo, também, um referencial para o público que procura essa abordagem das artes visuais com essa abordagem contemporânea. E terceiro, eu acho que o próprio espaço acabou se tornando, igual como é o Teatro Amazonas, acabou se tornando um ponto de referência das artes visuais. Então acho que a contribuição da Galeria é isso. Ela acabou gerando uma expectativa e uma abordagem em que o artista está num espaço importante para ele. Hoje a Galeria do Largo, queira ou não, é o espaço mais importante de artes visuais da cidade. Talvez pela localização, talvez por esse trabalho que a gente vem desenvolvendo ao longo desses 15 anos. Porque é muito difícil você manter um espaço durante quinze anos voltado para um determinado tipo de segmento. Ainda mais que é um prédio alugado. Tanto aqui quanto na Casa das Artes. São espaços que a qualquer momento podem sair daqui e ir para outro lugar, e de repente tomar outro formato, porque aqui já existe de certa forma uma abordagem de como se proceder. Eu não sei se esse conceito pode ir para outro espaço quando sair daqui. Por esse prédio não ser do Estado, podem acontecer várias coisas que irão depender do gestor, no caso. Secretários de Cultura do Estado e até mesmo do próprio governador, uma vez que a galeria é pública.

**Entrevistado 05 — Ateliê 23:** Eu acho que o teatro que o Ateliê faz é um teatro de pesquisa de linguagem que não propõe um modo de pensar a arte como entretenimento. Eu acho que isso é bastante relevante. E não se apega ao que eu falei do mítico da Amazônia. Muito pelo contrário, a gente vira as costas para isso. Não que a gente ache ruim, mas não faz parte do nosso entendimento do que nós somos como pessoas de Manaus. Então essa nossa diversidade que nós propomos, eu penso que é fundamental.

As entrevistas geraram reflexões muito válidas e que dialogam entre as falas de um entrevistado com outro. É perceptível que os participantes que trabalham na SEC têm

maior conhecimento acerca das atividades realizadas em outros espaços da SEC do que em outros espaços com administrações diferentes, enquanto os participantes de espaços privados, têm maior conhecimento das dinâmicas culturais tanto em espaços culturais sob gestão pública quanto privada.

Há um consenso dentre os entrevistados de que a cultura local é mais apreciada pelo visitante em alguns pontos e em outros é mais apreciada pelos moradores, o que condiz com o que foi apresentado com relação às pesquisas do turismólogo Terence Andrade no subtópico anterior. Aparentemente, mesmo após um século de intervenções urbanas e mudanças sociais naquela área em que o autor buscou compreender como “área de entretenimento”, alguns desses locais que produzem aspectos diferentes da cultura local permanecem com uma visitação externa maior enquanto outros possuem um público local maior. É preciso achar um caminho que traga um equilíbrio entre as visitas, o que pode estar relacionado com o planejamento turístico que prioriza a promoção de certos espaços do que de outros.

É interessante observar também que esse espaço geográfico que foi construído para ser um lugar turístico, de fácil acesso pelo porto e com várias atrações culturais e arquitetônicas próximas, como pôde ser notado nas reflexões trazidas pelo Andrade, ainda se mantém até a atualidade. O que nos leva a considerar que este território específico já possui bases bem estruturadas no consciente social coletivo de que é um local onde é possível encontrar dinâmicas culturais variadas e, portanto, é preciso planejá-lo para que as visitas de lazer e turísticas se tornem mais satisfatórias aprimorando seu acesso, sua sinalização, sua segurança, infraestrutura etc.

Os entrevistados, em sua maioria, possuem conhecimentos similares sobre o campo cultural local onde todos concordam que seus espaços buscam propor ofertas para os visitantes que sejam um contraponto com os signos pré-fabricados que os turistas trazem consigo quando se interessam em conhecer uma cidade na Amazônia. Alguns inclusive, criticam a imagem semiótica de “selva” que é fortemente arraigada na imagem turística de Manaus no qual alegam que é preciso dar maior visibilidade para a autenticidade das artes em oferta, para que estas também possam refletir no turismo local, nos signos do turismo em Manaus, que vá além dos fetichismos das identidades amazônicas que não refletem toda a realidade de uma cidade cuja população, beira os 03 milhões de habitantes.

Logo, abordar sobre como as artes podem trazer reflexões científicas para os visitantes enquanto são apresentadas em linguagens variadas, será o foco do próximo capítulo onde também apresentaremos como que o trade turístico local costuma excluir os espaços culturais de seus roteiros e de ferramentas de apresentação da oferta turística de Manaus para o visitante, utilizando os mapas turísticos como objeto de análise. No capítulo II também iremos discutir o que são esses signos pré-fabricados, quem os produz e como os estudos do Turismo podem ser beneficiados pelas discussões da teoria da Semiótica.

## CAPÍTULO II - UM OLHAR SEMIÓTICO EM ÁREAS TURÍSTICAS DA CAPITAL AMAZONENSE E SUAS CARTOGRAFIAS

“A arte existe para que a realidade não nos destrua!”

Friedrich Nietzsche

Compreende-se que utilizar a semiótica enquanto metodologia para os estudos do turismo pode soar como algo recente, principalmente nos estudos acadêmicos no Norte do Brasil, onde esta pesquisa está sendo realizada. Entretanto, esse tipo de debate já acontece por mais de quarenta anos no qual muitas das discussões estão presentes na língua inglesa, indo desde o britânico David Uzzell com a obra *An alternative structuralist approach to the psychology of tourism marketing* de 1984, o estadunidense Jonathan Culler com *The semiotics of tourism* de 1990, o australiano John Frow com *Tourism and the Semiotics of Nostalgia* de 1991, o britânico Richard Tresidder com *Reading food marketing: The semiotics of Marks & Spencer!?* Em 2010 e com *Semiotics of Tourism* em 2011, além da brasileira Cynthia Mello com *Semiótica do Turismo Aplicada* em 2019.

A professora Cynthia Mello foi fundamental para a divulgação do percurso histórico dos estudos da semiótica no campo do turismo pelo mundo nas pesquisas em língua portuguesa brasileira e conseqüentemente, possibilitou e facilitou um maior aprofundamento teórico do pesquisador, com a teoria científica escolhida para fundamentar essa pesquisa: a Semiótica do Turismo. No entanto, para o pesquisador conseguir aplicar estes conceitos nos estudos do turismo, é preciso adquirir uma grande quantidade de leituras acerca dos conceitos semióticos para então, conseguir aplicá-los adequadamente nos estudos de turismo.

### 2.1 A SEMIÓTICA E O TURISMO

A semiótica é uma ciência transdisciplinar abrangente em várias áreas, principalmente nas ciências humanas. Para o professor e crítico literário estadunidense Jonathan Culler (1990), o turismo é uma prática de importância considerável para o desenvolvimento cultural e econômico e, ao contrário de muitas outras manifestações contemporâneas de cultura, as práticas turísticas são bem conhecidas de certa forma por qualquer crítico literário ou cultural, Culler compreende que

esta discussão não é atípica do que passa por crítica cultural: reclamações sobre o mal gosto ou artificialidade da cultura moderna que não tenta dar conta dos curiosos fatos contra os quais protestam e oferecem pouca explicação sobre os mecanismos que podem ser responsáveis por eles. Se a crítica cultural é ir além do afronte nostálgico, ela precisa encontrar formas de analisar os fenômenos culturais em questão, e o turismo, essa prática cultural marginalizada, mas generalizada, parece exigir uma abordagem semiótica. Se para o turista, os franceses cantando em inglês com sotaque francês parece mais encantadoramente francês do que aquele que simplesmente canta em francês, a razão pode não ser estupidez nem torpeza moral, mas um código semiótico. Filmes americanos tratando pessoas e lugares estrangeiros caracteristicamente, os personagens secundários falam com charmosos sotaques estrangeiros, para significar francesidade, italianidade, teutonicidade, enquanto os personagens principais (embora estrangeiros) falam o inglês americano. Existem mecanismos de significação aqui com os quais o turismo está profundamente entrelaçado (1990, p. 01).

O autor demonstra com clareza, como que essa produção sógnica acerca de um destino turístico pode moldar a perspectiva de seus futuros visitantes. Ter uma noção de quais são os signos semióticos presentes na comunicação turística de um determinado local, torna-se a base de partida para compreender como refiná-los para que sejam mais coerentes com o lugar em si, sem abordar os signos semióticos estereotipados comumente construídos sobre aquele lugar e trazidos pelos visitantes.

A semiótica é a ciência que estuda os sistemas e processos sógnicos na cultura e natureza, seu objetivo é estudar os formatos, tipos, sistemas de signos e seus efeitos durante o uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos (SANTAELLA; NÖTH, 2017, p. 07). As linguagens artístico-culturais, quando estão sendo realizadas, estão em processos de significação (idem, ibidem, p.07) que ocorre quando os signos que as formam, desenvolvem seu potencial durante o processo de realização dessas formas de arte. O filósofo, pedagogo, cientista, linguista e matemático estadunidense, também conhecido como um dos pais fundadores da semiótica Charles Sanders Peirce (1839-1914), compreende que “a lógica é apenas um outro nome para a semiótica, a quase necessária, ou formal, doutrina dos signos.” (PEIRCE, 2017, p.45).

Mello (2019) afirma que aplicar a semiótica no turismo, implica na compreensão de um conjunto sógnico específico do fenômeno turístico, o que a autora chama de uma “semiótica especializada”. Mello busca conceituá-la alegando que a Semiótica do Turismo estudar a

estrutura de significação da linguagem turística e contribui para a compreensão da comunicação dos turistas e do setor (governo, mercado e mídia). Isto é, essa semiótica envolve as investigações de modos de experiências turísticas, modos de produções de sentidos (turista e setor), tipos de turistas e suas interações

(sociais, culturais, naturais e econômicas) do e no Turismo. Possui um sistema particular de signos que representam uma miríade de objetos turísticos, cujos efeitos produzem os sentidos do fenômeno turístico (2019, p. 57).

Os signos do turismo são parte de uma grande e complexa estrutura de sistema sógnica cuja intenção é construir uma representação imagética do destino turístico em questão e torná-lo atraente aos visitantes que também fazem parte desse sistema.

Tresidder (2011) busca entender o conceito da semiótica do turismo como o estudo das imagens e dos signos, assim como o estudo da natureza do turismo enquanto setor econômico. O autor, por meio deste conceito, entende que houve um desenvolvimento de linguagens muito específicas devido ao marketing turístico visando um maior desenvolvimento imagético em busca de uma melhor comercialização dos produtos e atividades oferecidos pelo destino. Mello (2019) dá continuidade nesse entendimento do autor alegando que os negócios do turismo são intrinsecamente interligados a este sistema sógnico cuja meta é adicionar significados às ofertas turísticas presentes nos destinos visando maiores comercializações que apresentem previamente aos visitantes o que eles podem fazer quando chegarem no destino turístico.

A autora ainda acrescenta que a comunicação na Semiótica do Turismo (MELLO, 2019) é extremamente rica e variada em sua própria natureza que é entendida por ela como algo que além de

erigir uma linguagem sincrética (verbivisual) comercial para o setor, do mesmo modo, constrói a linguagem dos turistas e, acima de tudo, produz as impressões e afetividades que atuam e dão significados às experiências desses sujeitos materializando o que conhecemos como fenômeno turístico. [...] A “linguagem do Turismo” que é composta por um sistema de signos, símbolos e códigos específicos atuando nas práticas dos turistas, nos negócios e nas mídias especializadas do turismo. Esse sistema arquiteta imagens e imaginários do turismo e dos turistas, muito mais complexos do que a maioria das pessoas e estudiosos pensam ser (MELLO, 2019, p. 58).

A imagem é algo muito importante para que o turismo consiga projetar aos pretensos visitantes o tipo de oferta turística que se encontra disponível no destino, e não apenas isso, mas também auxilia na formação de uma linguagem do turista por meio de suas ações e reações no destino que podem estar de acordo, ou não, com a imagem e com os signos semióticos construídos antes da viagem.

Os pesquisadores portugueses Fernando António da Silva Santos do Instituto Universitário de Lisboa e Ana Paula Soares Marques da Universidade de Minho (2011) acreditam que o uso da semiótica pode aprimorar o entendimento de que a realidade de qualquer destino turístico poderá ser perceptivamente absorvida pelos visitantes através

de seus sinais sgnicos. Para os autores, esses signos estão presentes em um determinado destino

no veículo que pega os turistas no aeroporto, o trânsito, o olhar das ruas, as interações com todas as pessoas, o clima, a arquitetura, os edifícios e a paisagem, os hotéis e todos os outros serviços presentes, os turistas que os visitam; em suma, absolutamente tudo está representando o destino e tem um significado em potencial que pode ser usado pelos consumidores (SANTOS; MARQUES, 2011, p. 108).

Os destinos turísticos são visualmente consumidos em sua totalidade pois pode-se imaginá-los como se tornando “quase literalmente lugares que consomem tudo” (URRY, 1995, p.02). Os turistas assumem tudo, eles decidem ser significativos sobre um lugar e o usam em sua experiência de consumo presente na oferta turística local (URRY, 1995). Portanto, a semiótica permite a compreensão de que cada ponto de contato entre um destino e os consumidores que os visitam e terá importância para a formação das percepções, assim como a experiência turística como um todo. (SANTOS; MARQUES, 2018)  com o consciente e processamento inconsciente dos efeitos acumulados dos sinais de que os consumidores construirão suas experiências que a aplicação das perspectivas semióticas à pesquisa em turismo também possibilita o entendimento que a realidade de qualquer destino  inseparável de seus signos e dos efeitos que eles criam nas mentes dos consumidores. (SANTOS; MARQUES, 2018). Assim, os destinos também possuem dimensões sgnicas e perceptivas, cuja importância nós consideramos fundamental.

Mello também reflete sobre os turistas que, mesmo sem ter a intenção, agem durante a viagem como “semioticistas amadores” visto que eles saem pelo destino escolhido, interpretando

signos, lendo paisagens e significados, isto é, visando consumir à cultura de um “Outro estrangeiro”. Logo, os turistas semiotizam (interpretam) os sentidos desses objetos do Turismo, pragmaticamente e de forma intuitiva já que a realidade de qualquer destino será apreendida perspectivamente pelos consumidores através de signos. Estes estão presentes em um destino, no veículo que pega os turistas no aeroporto, no trânsito, ao olharem as ruas, as interações com todas as pessoas, o clima, a arquitetura, os edifícios e a paisagem, os hotéis e todos os serviços (2019, p.59).

Toda a realidade presente naquele local visitado, que representa o turismo naquele lugar, possui algum significado e não é uma realidade familiarizada pelos visitantes, causar neles uma reação visando interpretar os signos presentes ali correlacionando-os com outros signos gerados pela história de vida deles que o ajudem a entender aquela

realidade da melhor forma possível. Mello entende que para esses visitantes, (2019, p.59) “semiotizar também pode significar se projetar na experiência de vir-a-ser turista”, o que pode ser entendido como a experiência de vivenciar aquele lugar e construir memórias dentro, ou fora, daquele imaginário turístico. A autora dá sequência alegando que a semiotização

antecipada dos turistas ajuda afastar as inseguranças sobre o local e os serviços, auxilia na construção do espaço social do turismo, nas interações de suas práticas de sociabilidades, em muitas outras possibilidades. [...] Explorar os mecanismos semióticos é essencial para o Turismo, por ser uma atividade ubíqua voltada às práticas culturais e sociais, mas também acrescentaríamos, porque são práticas comunicacionais. Portanto, os pesquisadores da área, não devem ignorar a utilização da semiótica visando adensar suas análises sobre o fenômeno turístico. [...] Enquanto pesquisadores da área, urge a necessidade de entendermos como esse sistema sógnico atua e o que essa produção de sentidos significa para os sujeitos, de modo que o setor possa utilizar adequadamente os signos, narrativas e discursos verbais e visuais, conseqüentemente, contribuindo para tornar a atividade turística vigorosamente sustentável (MELLO, 2019, p. 60).

Muitas vezes, um determinado lugar cria signos turísticos que, com o tempo, podem mostrar àquela sociedade o quão pejorativos tais signos foram por representar de forma negativa certos aspectos culturais de grupos sociais presentes naquela sociedade. Outra problemática é a formação de alguns signos turísticos como representantes de toda uma sociedade, o que causará uma percepção de surpresa nos visitantes caso estes encontrem os moradores locais praticando atividades diferentes de tais signos pré-formados pelo marketing turístico. É preciso manter uma atualização de acordo com os signos presentes naquele destino e utilizá-los dentro dos sistemas sógnicos do turismo.

A mestra em Artes e doutora em Educação Mirian Celeste Martins (2005), indaga a respeito de perspectivas que estão relacionadas com as viagens. A pesquisadora, compreende que “uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa, [...] quando nosso corpo/olhar identifica as semelhanças e percebe as diferenças nos modos de viver, pensar e habitar territórios.” (MARTINS, 2005, p.11)

Portanto, se é possível ter perspectivas territoriais diferentes até mesmo em pequenos deslocamentos, de acordo com a autora, então visitar lugares especialmente preparados para visitas durante as viagens (MARTINS, 2005), mudará completamente sua análise semiótica previamente estabelecida.

A autora (2005) entende que, quando nos preparamos para viajar, podemos pensar em levar itens informativos sobre aquele destino como guias turísticos, mapas ou itens

relacionados à sobrevivência como remédios e roupas apropriadas, até mesmo um preparo mental, muito relacionável com a análise semiótica amadora proposta por Cynthia Mello, a respeito do que pode ser encontrado no destino ou muita curiosidade para se aventurar, o que para Martins, essa atitude investigativa, inquieta e

curiosa, é imprescindível em nossa bagagem. Sem ela nossas informações podem ficar “congeladas” no que os outros já viram, os registros podem se limitar às fotos nos mesmos locais dos cartões postais já conhecidos (como um “eu já estive aqui”), e poderemos nos restringir aos alimentos que já conhecemos, não abrindo nossos sentidos a outros sabores, aromas, texturas. Ouviremos nossos CDs ou degustaremos das sonoridades do lugar? Visitar um museu ou espaço cultural pode ter o mesmo sabor de uma viagem a um novo território. Mesmo para quem já o conhece, penetrar em suas obras históricas cria a oportunidade de novos encontros estéticos, seja porque frequentemente o acervo exposto passa por mudanças devido à preservação das obras, seja porque é sempre possível ter novos *insights* e experiências ao ver as mesmas obras ou objetos. É o que acontece na leitura de um livro já lido (2005, p. 12).

Portanto, podemos seguir adiante numa viagem de acordo com os signos pré-estabelecidos antes mesmo de chegar ao destino ou podemos manter a mente aberta para construir nossos próprios signos de acordo com as contínuas progressões que serão realizadas durante a viagem.

Discussões envolvendo a Semiótica do Turismo podem soar recentes, mas Mello, afirma que tal debate não é “uma nova temática nos estudos do turismo e vem sendo empregada e debatida por pesquisadores<sup>12</sup> que reconhecem o seu valor às investigações da área.” (2019, p. 61) Entretanto, apesar de haver uma grande base teórica discutindo sobre a Semiótica do Turismo, (MELLO, 2019) ainda há poucas análises nos estudos do turismo utilizando a semiótica como método científico.

Logo, é preciso ter em mente que, para aplicar tais conceitos na área do turismo, o pesquisador em questão precisa ter um grande conhecimento teórico sobre os conceitos semióticos, independente que qual linha de pesquisa o tal pesquisador escolha seguir, o que não são conceitos frequentemente presentes dentro dos estudos do turismo, estudos aqui entendidos como as discussões acadêmicas presentes no ensino superior.

Além disso, também é necessário um conhecimento, mesmo que breve, dos leitores acerca dos estudos semióticos. Mello relata que essa é a realidade da Semiótica

---

<sup>12</sup> A pesquisadora Cynthia Mello cita vários trabalhos e pesquisadores nos últimos quarenta anos como: Uzzell (1984); Culler (1981;1988); MacCannell (1987;1999); Frow (1991); Dann, (1996); Hopkins (1998); Echtner, (1999); Jenkins, (2003); Berger (2007); Tresidder (2011). Mello, Cynthia. *Semiótica do Turismo Aplicada*, 2019.

do Turismo por “ser um arcabouço teórico-metodológico, efetivamente aplicado por poucos estudiosos do campo do turismo, lamentavelmente.” (MELLO, 2019, p. 65).

Dando sequência às discussões acerca de conceitos importantes para uma melhor compreensão da semiótica no turismo, a autora (2019) aborda sobre o conceito de “Signo do Outro” ser muito utilizado na área do turismo. Neste caso, esse “Outro” possui certas diferenças do “Outro ou *Outsider*” de acordo com que o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) apresenta em sua obra “Os Estabelecidos e os *Outsiders* de 1965” em edição brasileira de 2000, ao abordar uma certa divisão social na fictícia cidade de Winston Parva dentre aqueles que já viviam naquele município inglês há mais tempo contra aqueles que se mudaram mais recentemente e eram associados à anomias, como a delinquência, violência e a desintegração.

Tal compreensão acerca da divisão social apresentada por Elias (2000) pode ser compreendida dentro do Turismo por meio dos grupos sociais de um mesmo destino turístico que não se entendem como um único grupo vivendo numa mesma cidade, algo que ocorre em Manaus entre os não-indígenas e os indígenas. Por mais que a imagem turística local utilize muito da imagem de povos originários para atrair visitantes, os não-indígenas locais os veem como *outsiders* além de seguir com a afirmação de que “não há apenas indígenas por aqui” como pôde ser constatado durante as entrevistas com os gestores culturais, apresentadas no capítulo I.

Tal exemplo não será aprofundado nessa pesquisa devido não ser esse o foco, mas serve de exemplo do que Mello (2019), ao apresentar a ideia de “signo do Outro”, exemplifica como:

O Outro não é, somente, o estrangeiro, o marginal, o excluído, mas também é aquele que dá forma à identidade do sujeito ao produzir significados de diferenças e, conseqüentemente, de comparação, de construção de diálogos objetivos e/ou subjetivos que dão sentidos à presença dos sujeitos no mundo. Assim sendo, o Outro só existe na teia que se tece naquilo que comparamos e nos dá significados. Por outro lado, a figura do Outro estrangeiro é, em geral, a primeira probabilidade de identificação de uma imagem vinculada ao turismo, pois são seus traços de dessemelhança com o dia a dia dos sujeitos que o definem como tal, na equivalência articulada entre o cotidiano e o extraordinário, o trabalho e o lazer, no trivial e no exótico (2019, p.72).

A autora nos mostra que, quando desejamos conhecer um destino cujos aspectos culturais são muito diferentes dos nossos, estamos nesse momento, gerando signos desse Outro em comparação, com o nosso cotidiano — comparação essa feita muitas vezes subconscientemente — em que julgamos o nosso próprio cotidiano como “o certo e normal” para lidar com esse outro cotidiano “estranho e exótico”. Entretanto, o turismo

gera uma reação diferente da reação proposta por Elias (2000) no qual esse Outro, gera distanciamento por ser considerado inferior, mas no turismo, esse Outro gera fascínio ao visitante por apresentar signos característicos daquela sociedade pela primeira vez a ele, mas que para o morador local, muitos desses signos beiram o pejorativo.

A partir desse entendimento, Mello (2019) entende que, o indivíduo que busca uma viagem, projeta para si, esse Outro que em suma, tem como objetivo completá-lo de alguma forma, e é formado por um “imaginário do real, cuja evocação cria em nós a sensação de uma incompletude ou impulso de desejo” (idem, ibidem, p. 74). É a busca por essa imagem desse Outro que nos leva a conhecer culturas locais durante uma viagem, em que a “sensação de incompletude pode ser amenizada se os sujeitos olharem de fora, no caso o Outro Turístico, se projetando na experiência de ser, momentaneamente, esse Outro, sem nome, sem sê-lo.” (2019, p.75). Portanto, as práticas turísticas estão fortemente interligadas com as relações identitárias do Outro. Quanto ao conceito do Outro Turístico, Mello alega ser

aquele que conjuga e congrega tanto a primeira superfície do mundo humano (cultura e natureza) quanto a segunda, os sentidos dos valores da primeira, em um tempo-espaço previamente estabelecido para práticas socioculturais de lazer e entretenimento. A função desse Outro Turístico é articular a busca de uma dimensão do “si” ligada à plenitude do ser através da produção de sentidos e de possíveis alteridades representadas por eles. Dessa forma, o Outro turístico é a projeção de uma superfície de um Outro autêntico que ampara os sujeitos em suas viagens, isto é, as viagens culturalizadas em turismo, cuja encarnação se apresenta apropriadamente constituída para receber (espaço) e agendar (no tempo) as experiências sujeitos-turistas. Essa espacialidade temporal é preparada na medida certa, para oferecer suporte às performances dos sujeitos, em um regime de sentidos produzidos por sinalizações, através das atrações previamente definidas, que planam em torno de agendamentos diversos. [...] Visitar um local porque um amigo disse: é imperdível! Você deve ir! Local incrível! Vale a pena ver! Ou seja: Visita “guiada” ou não, pouco importa, a visita turística é, nesse sentido, e por definição, percurso teleguiado. Um programa socialmente convencionado de ordenação do mundo a comanda (2019, p. 75; 76).

Logo, o Outro Turístico envolve principalmente, certas práticas turísticas que possuem um conjunto pré-estabelecido de signos tanto do destino que irá gerar circuitos cronometrados como pelos visitantes que já irão conhecer o destino com signos formados mentalmente enquanto ainda estavam em suas casas relacionados com aquele atrativo que o impulsiona a ir *in loco* conhecer tal lugar. Estes sujeitos, conforme a autora apresenta, podem ser oriundos de grupos sociais diferentes presentes num mesmo destino turístico. Nessa pesquisa, esse sujeito poderia ser entendido como os artistas que expressam suas

linguagens artístico-culturais em espaços configurados para tal que estão à disposição de visitas, sejam elas de moradores locais ou de visitantes de outras localidades.

Quanto aos signos característicos do Outro Turístico (idem, ibidem, p.76), serão aqueles que estejam materializadas na realidade (espaço-tempo) do Outro Turístico e que seja distante do cotidiano do turista. Esses signos podem ser apresentados como imagens mentais e/ou visuais praianas, urbanas etc. Tais signos também podem ser representados por meio de imagens de grupos étnicos presentes naquele local, como as gueixas em imagens turísticas do Japão, de povos originários no caso da Amazônia, ou do estilo de vida do turista, por meio de representações imagéticas de pessoas - turistas - fazendo compras naquele lugar.

Ou seja, esse conjunto de signos sempre será construído “da” e “na” perspectiva do turista visto que, para ele, tudo e qualquer coisa que seja muito diferente do seu cotidiano, será um Signo do Outro Turístico. Portanto, se este turista busca conhecer os aspectos culturais de um local, e esses aspectos são representados por meio de músicas regionais, artes visuais, fotografias, performances dançantes e/ou teatrais, para o turista, tais aspectos são parte desse conjunto de signos apresentados dentro do conceito da autora.

Por fim, outro aspecto importante que precisa ser ressaltado e que envolve as discussões de semiótica do turismo é o que Mello (2019) chama de signos cromáticos do turismo, mas que antes de aprofundar em tal discussão, é preciso compreender a importância das cores enquanto signo dentro do campo do turismo.

A linguagem turística demanda uma representação visual tal qual o ambiente encontra-se fisicamente (MELLO, 2019, p. 126) com todas as multicores que existem no mundo em que vivemos e que podem ser distinguidas pelo sentido da visão. Logo, buscar um apelo visual caracterizado pelos contrastes de cores é essencial para as experiências turísticas por meio de fotografias e desenhos que representem as realidades presentes nos destinos o que significa que (idem, ibidem, p.126) “os sentidos desses signos são, simultaneamente, construídos pelo setor e pela mídia turística”. O pesquisador brasileiro doutor em comunicação e semiótica pela Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP Luciano Guimarães entende que a imagem

como mediadora das informações leva o objeto ao receptor sem o odor, sem a aspereza ou a maciez tátil da superfície, sem o peso e a consistência, mas a cor vai tocá-lo de forma semelhante. Reduzida ou não à paleta disponível no meio, sem as sutilezas da luz e da sombra, até sem volume, certamente vai tocar a

retina e provocar a alma. Sem dúvidas, as representações (signos) das cores estão intrinsecamente ligadas às emoções e afetividades, e podem ser empregadas para expressar e/ou reforçar dados visuais. Para além disso, a cor está “carregada de informações e significados associativos, inclusive simbólicos” (GUIMARÃES, 2003, p. 75).

As cores são signos, índices e símbolos ao mesmo tempo: elas representam alguma coisa que pode ser abstrata ou não, além de simbolizarem alguma mensagem a ser transmitida. Vermelho por exemplo, pode ser o índice de “pare” em um semáforo, assim como também pode ser o símbolo em diversas bandeiras nacionais mundo afora, representando o “sangue derramado daqueles que lutaram pela liberdade”. Na figura 10, é possível observar tal aspecto da cor com mais clareza.

**Figura 10:** Os ícones, os índices e os símbolos do objeto árvore.



Fonte: Kimura (2019)

Na figura 10, o objeto árvore pode ser representado: pelo ícone - que é a forma representativa que se assemelha ao objeto representado - como por exemplo, um desenho de uma árvore; pelo índice - que são os indicativos àquele objeto - nota-se aqui a cor verde enquanto índice, visto que essa cor é comumente utilizada para indicar a existência de floras verdejantes em representações variadas, assim como folhas, galhos, raízes, textura e frutos conforme a figura; e por fim, ainda é possível utilizar a árvore enquanto símbolo, para representar qualquer outra coisa que não seja exatamente a árvore no qual muitas das vezes seja usada para simbolizar uma ideia abstrata.

Há duas atuações da cor que são muito específicas (MELLO, 2019, p.127), a primeira busca a criação de diversos planos por meio de movimentos concêntricos e excêntricos e de forças centrípetas e centrífugas do matiz e valores luminosos. A segunda

busca capacidade sinestésica que gera recordações de sensações relacionadas a experiências passadas com um determinado tom de cor, conforme a figura 11.

**Figura 11:** Círculo cromático de cores quentes e frias.



Fonte: R7 (2020)

As linguagens artístico-culturais analisadas nesta pesquisa, possuem uma configuração multicolorida como veremos no tópico seguinte, assim como os espaços culturais que as abrigam. Compreender as cores enquanto signos do turismo torna-se fundamental para podermos seguir com a pesquisa e compreendê-las de acordo com suas complexidades, buscando entendê-las a partir dos diferentes aspectos de expressão que os artistas encontraram para realizar tais trabalhos.

Nos próximos tópicos, compreenderemos a importância que os mapas turísticos têm em apresentar cartografias do centro histórico manauara no turismo local para aprofundar as análises semióticas utilizando quatro mapas turísticos institucionais em esferas públicas diferentes como objeto de investigação, assim como a análise dos espaços culturais e suas respectivas linguagens artístico-culturais em busca de entender esse diverso campo artístico presente na capital amazonense que passa despercebido pelo campo turístico local.

## 2.2 IMPORTÂNCIA DOS MAPAS PARA O TURISMO

As representações sígnicas, simbólicas e icônicas presentes no turismo variam, como vimos no subtópico anterior, entre divulgações promocionais, sons, cores e movimentos corporais referentes aos aspectos culturais presentes naquele destino etc.

Entretanto, há um elemento imagético muito presente no turismo que reúne todos esses elementos semióticos e que será muito importante para essa pesquisa: o mapa. O geógrafo brasileiro mestre pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília, (CEPPAC/UnB) Lucas Pereira das Neves Souza Lima nos recorda que os mapas costumam ser constantemente vistos como

elementos objetivos, que traduzem uma realidade de forma fidedigna. Isso advém da forma errônea na qual fomos ensinados a compreendê-los. Sabemos entender os seus diversos elementos, mas não é fácil “ler” a mensagem que eles pretendem transmitir. Compreender o que é escala, as projeções cartográficas e as convenções, somente contribui na construção dessa visão positivista e normativa dos mapas. Entretanto, a cartografia contém uma série de intenções e subjetividades. Ela não está dissociada de um contexto social mais amplo, sua produção está sempre ligada aos interesses dos seus propugnadores. Nesse sentido, ela retrata as ambições e os projetos de determinado grupo humano (2010, p.02).

Portanto, dentro desta pesquisa é válido observar os mapas - em especial os mapas turísticos - por meio da perspectiva semiótica, como signos representantes dos interesses de um grupo humano acerca de suas respectivas intenções particulares nas atividades turísticas que estes priorizam apresentar em suas próprias cartografias.

A história do surgimento de uma ferramenta imagética e cartográfica (LIMA, 2010) cuja proposta era de se apropriar de um determinado espaço não possui uma origem ou modelo em comum visto que seu surgimento está relacionado com várias partes diferentes mundo afora no qual “suas feições carregam os elementos culturais e materiais de cada povo” (LIMA, 2010, p. 07). Para o autor, a cartografia surge para

contemplar anseios diversos de cada cultura, às vezes como expressão das relações espaciais, às vezes como maneira de descrever histórias ancestrais e tradições dispostas no espaço. Os mapas sempre estiveram aliados aos desenvolvimentos tecnológicos dos períodos em que sua produção está associada. Talvez por esse motivo a produção cartográfica fosse realizada pelos atores hegemônicos de cada contexto social, como membros do governo e da elite. Afinal, é sabido que as tecnologias avançadas de cada época sempre estão relacionadas aos detentores de poder. Inclusive, é por essa relação que, na Europa antiga e medieval, a cartografia também era chamada “ciência dos príncipes” (idem, ibidem, p. 07).

É possível compreender, por meio das palavras do autor, que os estudos da cartografia sempre estiveram intrínsecos com relações de poder sobre um determinado

espaço geográfico. Aquilo que recebe um maior destaque imagético está fortemente ligado com os interesses de quem o projetou e “dessa forma, a cartografia sempre esteve associada a um viés político, onde as conquistas territoriais e sociais eram o cerne da sua utilização”. Lima (2010, p. 02)

Hodiernamente, a produção de mapas ganhou uma maior participação social no processo de planejamento cartográfico, (LIMA, 2010) dando mais poder territorial para diferentes grupos humanos que, por séculos, sempre estiveram excluídos em mapeamentos espaciais, dando-os mais autonomia sobre o território que ocupam. Nunes (2016) complementa alegando que a produção cartográfica

está ligada aos contextos históricos e ideológicos das sociedades; ela pode revelar ou omitir informações segundo os objetivos de quem detém a autoridade sobre a informação. [...] A leitura dos mapas é feita a partir de três perspectivas: o contexto político dos mapas, sua utilização no exercício do poder e a simbologia dos elementos. Os mapas serão considerados como parte integrante da família mais abrangente das imagens carregadas de um juízo de valor, deixando de ser percebidos essencialmente como levantamentos inertes de paisagens morfológicas ou como reflexos passivos do mundo dos objetos. Eles são considerados imagens que contribuem para o diálogo num mundo socialmente construído. Entender o contexto político da produção cartográfica auxilia a compreensão das representações e do que “se esconde” por trás dos mapas: características sociais, culturais, econômicas e religiosas. Historicamente, os mapas foram repositórios de informações privilegiadas, e sua produção estava ligada às elites: elites dinásticas no Egito antigo, elites religiosas na Europa Medieval ou elite mercantil na Europa Renascentista (2016, p. 99).

Mapas, por séculos, foram e são signos semióticos que representam o poder dominante de um grupo sobre outro. No âmbito do turismo, os mapas representam a influência de esferas de poder público e privado em determinados espaços existentes no centro histórico de Manaus. Compreender essas relações de poder sob as atividades turísticas presentes em área urbana da capital amazonense nos auxilia na compreensão da presente falta de diálogo entre as instituições administradoras do turismo estadual e municipal, na exclusão de espaços turísticos e/ou culturais em cartografias planejadas por instituições não responsáveis por estes, além de nenhuma menção a qualquer atividade de cunho privado em produções cartográficas públicas.

O planejamento do turismo, principalmente em períodos hodiernos, precisa ser trabalhado em forma de rede: com as instituições públicas e privadas trabalhando em conjunto para produzir e alimentar cartografias estáticas e virtuais que abranjam o máximo de oferta local possível presente em um determinado espaço territorial em

comum para o visitante e para o morador local. Beni considera que a finalidade de um planejamento territorial adequado é o desenvolvimento

socioeconômico e cultural da comunidade, seus objetos específicos podem ser assim definidos: promover e propiciar funções de ordenamento do espaço, circulação e implantação da infraestrutura e dos equipamentos urbanos (atentando, inclusive, para as relações entre essas funções), de modo a maximizar a produção das atividades econômicas e o bem-estar da população. Nesse sentido, a organização territorial trata da adequação espacial das estruturas físicas em todos os setores do desenvolvimento municipal; ordena a expansão das localidades urbanas e a implantação de equipamentos públicos e de sistema viário; preserva e valoriza a paisagem local e mantém o equilíbrio ecológico natural. [...] O planejamento territorial é instrumento poderoso e indispensável para maximizar os resultados das medidas tomadas para o desenvolvimento econômico, social e cultural (1998, p. 131; 132).

Manter um campo cultural conectado entre suas funções de entreter e ensinar, e entre sua capacidade de gerar emprego e renda para a comunidade local - entendida nessa pesquisa como os artistas locais em suas respectivas áreas de atuação em teatro, dança, música etc. - trazendo visibilidade para o impacto social que esta comunidade causa no centro histórico durante o planejamento de signos imagéticos no campo do turismo como folders, em produtos audiovisuais de divulgação, e claro, em mapas turísticos, considerar-se-ia como um grande progresso de ordenamento territorial do Centro de Manaus para o Turismo. Sobre tal pensamento, Rezende acredita que o turismo deve ser estudado de modo

especial pela cartografia, através da sistematização de uma cartografia do turismo, na qual o mais importante não é somente projetar símbolos para compor a legenda, e sim refletir sobre como esta deve ser organizada, a fim de expor claramente o raciocínio correto sobre o fenômeno, comunicando a verdadeira informação ao público que se utiliza desses mapas (2011, p. 17).

A construção de cartografias para o turismo precisa estar adequada com os fenômenos sociais presentes em um determinado espaço. As artes são constantes presenças no centro histórico configurado socialmente como espaço turístico e, portanto, precisam estar incluídas durante o planejamento destes mapas. O turismo é um campo formado por imagens e signos de acordo com o que o visitante pode encontrar quando viaja para um determinado destino. Manaus costuma utilizar muito a imagem de seus prédios históricos enquanto atrativo turístico no qual muitos deles são espaços de atividades artísticas e culturais como por exemplo, o próprio Teatro Amazonas. O autor compreende que dessa forma, surge a proposta

dos símbolos cartográficos para o turismo, onde as fotografias ou desenhos representativos têm importante participação na elaboração dos signos

iconográficos, que seria a representação por imagens. Assim, através dos traçados, desenhos, cores, fotografias, os mapas são grandes fontes simbólicas, com principal função de informar, devendo ater-se esses elementos, apenas às finalidades a que se destinam (REZENDE, 2011, p. 19).

A complexidade semiótica presente durante o planejamento dos mapas turísticos nos mostra o quão importante essa ferramenta é para uma melhor compreensão do fenômeno turístico em um destino e sua oferta. Os mapas podem ser planejados para dar uma maior visibilidade para certas territorialidades que precisam ser mapeadas para uma maior autonomia de grupos sociais, principalmente comunidades ribeirinhas e quilombolas, mas os mapas turísticos precisam ter o cuidado de demonstrar o fenômeno turístico de acordo com sua manifestação. A seguir, analisaremos por meio da semiótica, quatro mapas que apresentam cartografias referentes ao Centro de Manaus e quais espaços turísticos e culturais estão representados enquanto signos e símbolos em cada mapa.

### **2.3 ANÁLISE SEMIÓTICA DOS MAPAS TURÍSTICOS DE MANAUS**

Neste subtópico, será feito uma análise semiótica em mapas turísticos locais. Começamos a análise pelo mapa proposto pelo poder público em 2014 - nesse ano em específico, foram elaborados muitos mapas e guias devido à Copa do Mundo no qual Manaus foi uma das sedes. São quatro mapas de Manaus no qual todos focam nos atrativos do centro histórico, enquanto apenas um delimita sua cartografia aos limites do Centro, os demais abrangem outros bairros da cidade.

**Figura 12:** Capa do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês.



Fonte: Braga (2021)

A capa do primeiro mapa a ser analisado, na figura 12, já apresenta o principal atrativo que “seduz” o visitante nacional e estrangeiro: a Amazônia, enquanto na parte inferior da capa, há um conjunto de signos semióticos representando elementos socioculturais do estado do Amazonas.

Os signos nos cantos inferiores da capa, apresentam símbolos encontrados de norte a sul do Amazonas. Na parte superior do conjunto, é possível observar *representamens* relacionados ao pôr-do-sol amazônico que é um dos mais belos do país, este também pode ser visto na parte superior da capa, no qual é possível ver cores mais quentes e rosadas, comuns durante o fim de tarde na região norte do Brasil. A copa das árvores também é facilmente vista na parte superior do conjunto de signos e na imagem fotográfica da capa, outro elemento base enquanto representante imagético do Amazonas, além dos diferentes tons de verde.

No centro do conjunto, os signos representam elementos relacionados ao plano terreno da geografia amazônica: casas de palafitas, comuns em praticamente todos os municípios do estado, incluindo a capital amazonense. A capital está representada neste conjunto por dois signos: um barco - que interliga os municípios do interior com Manaus - e o Teatro Amazonas - o mais importante símbolo semiótico de Manaus - nota-se que logo abaixo, há duas formas longas na horizontal em tons de azul e marrom, que representam tanto o encontro das águas - um dos mais importantes atrativos turísticos locais - como também os limites entre os rios e a terra, marco geográfico predominante

por toda a Amazônia onde os rios funcionam como estradas. Observa-se também que o navio chega, por meio da faixa azul, até o Teatro, localizado acima da faixa marrom representando a terra amazônica e o rio Solimões, conhecido por suas águas sedimentadas.

Na parte inferior do conjunto, encontram-se signos representando a diversidade cultural local, com os signos referentes aos bois garantido e caprichoso do festival de Parintins, um dos maiores eventos a céu aberto do país, o signo de cocar indígena representando a grande variedade de povos originários presentes no Amazonas, atraindo turistas com intuito de praticar etnoturismo durante suas viagens.

Também há signos referentes à fauna e flora local: os frutos de guaraná, com seus aspectos tão semelhantes aos olhos humanos, envoltos de lendas, mitos e fonte de renda econômica para muitas famílias amazonenses; as folhas e flores de vitória-régia, outro signo local cercado de mistérios e lendas além de seus aspectos tão característicos de resistência cuja capacidade poderia resistir ao peso de uma pessoa; os frutos de açaí, outro símbolo bem característico do norte do Brasil cuja visão imagética do fruto pode não gerar um reconhecimento imediato aos brasileiros de outras regiões não-amazônicas acostumados apenas a lidar com o açaí a partir de sorvetes industrializados, mas para famílias nortistas, acostumadas a lidar com o fruto a partir de sua colheita, a imagem dos ramos de um açazeiro carregado de frutinhas roxas é um símbolo bem representativo muito presente principalmente no interior do Amazonas; o boto cor de rosa, animal presente no conjunto representando a fauna amazônica, por ser um dos mais populares animais amazônicos fora da Amazônia, devido sua cor, sua mitologia folclórica muito conhecida e infelizmente, por também estar ameaçado de extinção.

Vale ressaltar que o boto é um dos poucos animais presentes regularmente em vários roteiros turísticos que levam turistas para nadar com eles e que inclusive, há uma imagem fotográfica dentro do mapa relacionando a atividade com o ecoturismo.

**Figura 13:** Parte de trás do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês.



Fonte: Braga (2021)

A parte de trás do mapa, na Figura 13, apresenta a imagem de um senhor indígena, fazendo menção ao etnoturismo, mas também ao conhecimento ancestral dos vários povos originários presentes em território amazense. A capa possui uma construção sígnica muito bem construída, contudo, a cartografia que busca apresentar toda a cidade, se faz de forma confusa.

**Figura 14:** Interior cartográfico do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês.



Fonte: Braga (2021)

Por mais que o mapa enumere pontos relevantes de 01 a 33 que de fato, são importantes para o turismo, os signos imagéticos limitam-se ao bairro Centro - com símbolos referentes ao Teatro Amazonas e a Igreja da Matriz - e ao bairro Chapada, onde fica a Arena da Amazônia.

É importante ressaltar que esse mapa foi feito durante a Copa de 2014 e por isso, a Arena recebe maior destaque que qualquer outro ponto no mapa. Outra característica a ser destacada é a própria cartografia e escala: Muitos pontos turísticos estão referenciados erroneamente na geografia do mapa: a localização do Arquipélago de Anavilhanas é apresentado no mapa na parte norte de Manaus no mapa, tendo que pegar a BR-174 para chegar até lá, mas como veremos na análise de outro mapa, para chegar até o Arquipélago, é preciso cruzar a Ponte sobre o Rio Negro, localizada na parte sul de Manaus no mapa; o encontro das águas aparece próximo da Arena mas na realidade fica próximo do Porto do Ceasa (ponto 31 na legenda); a praia do Tupé também aparece perto do encontro das águas e da ponte sobre o rio Negro, mas fica na zona rural de Manaus. Geograficamente, a praia do Tupé fica mais perto da Ponta Negra (ponto 13 na legenda) do que da ponte sobre o rio Negro; A ponta Negra também aparece com erro, mas em relação às cores utilizadas no mapa: verde e bege.

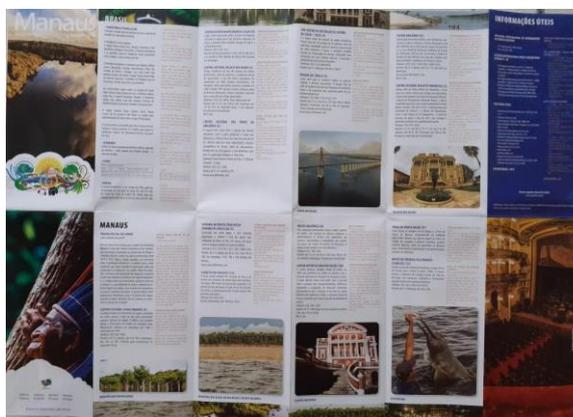
O verde é índice semiótico para a floresta amazônica que circunda a capital amazonense e redutos de vegetação presentes no interior da cidade. O bege é índice semiótico para a área urbana que forma os limites citadinos manauaras. A ponta Negra (ponto 13 na legenda) é representada em uma área em cor verde, mas que deveria estar em bege, visto que a Ponta Negra não é apenas uma praia, mas um dos bairros mais ricos da cidade. A região onde se encontra a praia é de fato uma área urbana com uma quantidade maior de áreas verdes do que outras regiões da cidade, mas o uso exacerbado do verde presente na área onde se localiza a Ponta Negra, traz uma representação de que a praia fica em um local inóspito, pouco acessível e pouco povoado, assim como o uso incorreto do bege na cartografia indica um formato urbano de Manaus menor do que realmente é.

Quanto à legenda presente no mapa, há uma duplicata envolvendo um espaço cultural apresentado com dois nomes diferentes: Centro Cultural Palacete Provincial; Palacete Provincial (pontos 11 e 26 na legenda, respectivamente). É possível interpretar tal erro como possível falta de atenção durante uma última revisão no mapa, mas que tal erro pode confundir o visitante, uma vez que este pode interpretá-lo como dois espaços diferentes presentes no Centro.

Todos os erros presentes neste mapa podem alterar a visão semiótica do turista com o destino visitado, gerando sentimentos frustrados com o local como resultado de um mapa confuso e mal configurado. É preciso ter maior atenção durante a construção

semiótica dos signos escolhidos e onde estes estão geograficamente situados na cartografia para gerar uma sensação de segurança e credibilidade do destino ao visitante.

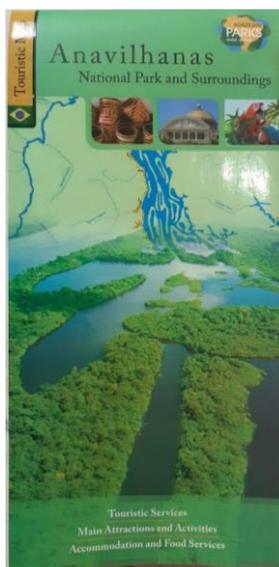
**Figura 15:** Interior informativo do mapa Manaus - Amazonas - Brasil; português - inglês.



Fonte: Braga (2021)

Por fim, na parte de trás do mapa, há informações extras sobre o país e sobre Manaus, além de espaços culturais com possibilidade de visitação, apresentando informa es referentes aos telefones para contato; horários de funcionamento; endereço e informa es sobre qual espaço possui acesso para deficientes e/ou se tem acesso ao wi-fi. Há quatorze espaços apresentados no mapa. Destes quatorze, há apenas o endereço de um deles: o Centro Cultural Povos da Amazônia. O Centro de Artesanato Branco e Silva já está desativado, sem previsão de reiniciar suas atividades no mesmo local ou em outra localiza o. Seria mais compreensível pôr o endereço de espaços menos conhecidos enquanto locais de visita o como a Floresta dos Macacos cujas visita es são frequentemente oriundas de hotéis de selva ou o Museu do Seringal que necessita de transporte fluvial para chegar nele. Espaços mais distantes da área urbana da cidade deveriam ter prioridade em receber maiores informa es visto que o mapa se propõe a dar visibilidade a tais locais. Quanto às informa es extras presentes no mapa, são devido a presença de acessibilidade e acesso   internet gratuitamente.

**Figura 16:** Capa do mapa Anavilhanas National Park and Surroundings.



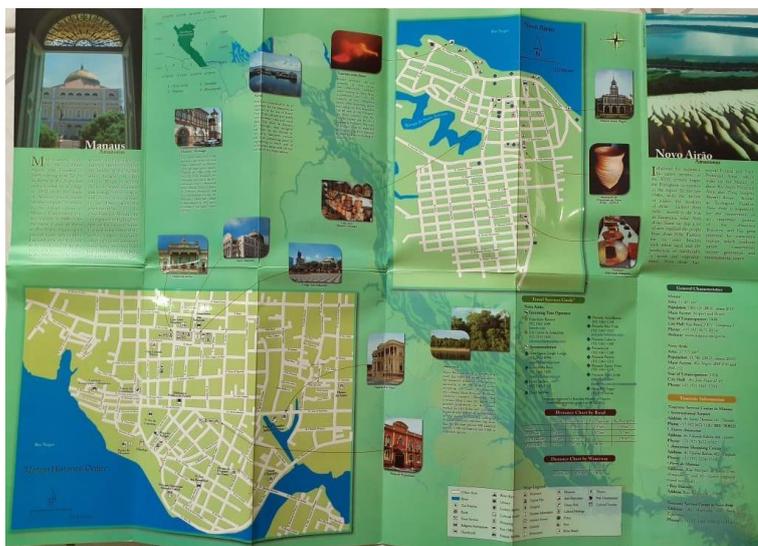
Fonte: Braga (2021)

O próximo mapa analisado, tem como foco, o Arquipélago de Anavilhanas, mas entra na análise, devido a presença de uma cartografia voltada ao Centro de Manaus, foco desta pesquisa.

Devido o principal foco deste mapa ser as Anavilhanas, há uma foto do Arquipélago na capa do mapa, mesclando-a com desenhos cartográficos, similares com aqueles no interior do produto. Há também a presença de três ícones entre o título e a imagem de Anavilhanas: cestos indígenas; Teatro Amazonas; araras empoleiradas na copa de árvores.

Os cestos são usados aqui, assim como as imagens no mapa anterior, como ícones representando a cultura dos povos originários presentes no estado; o Teatro Amazonas sendo, mais uma vez, um signo representante de Manaus; e as araras nas árvores usadas como signo de uma abundante, preservada e diversa fauna e flora.

**Figura 17:** Interior do mapa Anavilhanas National Park and Surroundings mostrando a cartografia do Centro de Manaus no canto inferior esquerdo.



Fonte: Braga (2021)

A cartografia do mapa, voltado para o centro histórico de Manaus, apresenta-se mais fiel que aquele presente no mapa anterior. Há a presença de três cores: azul representando as águas do rio negro; o verde representando a área urbana; o branco representando as vias públicas de acesso.

Os espaços são referenciados na cartografia utilizando signos comunicativos presentes nas placas turísticas, comumente vistas nas ruas das cidades brasileiras, o que gera uma imagem menos poluída visualmente, com maior facilidade de compreensão de como acessar os pontos mencionados.

Para ilustrar esse Centro Histórico, foram utilizadas imagens dos seguintes espaços: Alfândega; Porto de Manaus; Palácio da Justiça; Teatro Amazonas; Largo de São Sebastião; Palácio Rio Negro; Palacete Provincial; além de uma menção no texto ao Mercado Adolpho Lisboa. Não há informações acerca de como entrar em contato ou horários de funcionamento, visto que o ponto central desse mapa é mostrar Manaus como ponto de passagem para as Anavilhanas.

**Figura 18:** Mapa de Manaus - Amazonastur.



Fonte: Braga (2021)

O mapa a seguir, proposto pela Amazonastur, apresenta uma mistura entre cartografia da cidade e caricaturas de signos representando pontos presentes na geografia local, porém, em aspectos confusos.

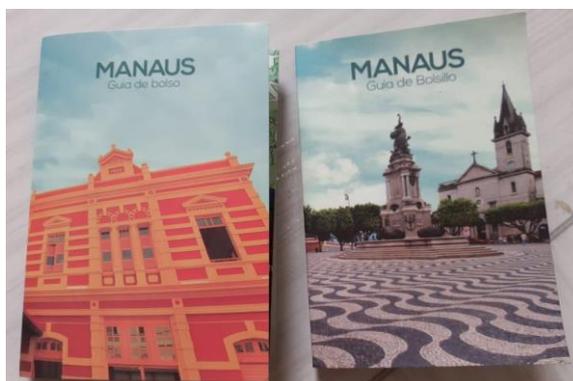
O nome Manaus na parte superior do mapa encontra-se entre uma arara, um sapo acima de vitórias-régias e um macaco-de-cheiro. A arara, como já foi visto no mapa 02/Figura 16, é um signo comumente utilizado para representar Manaus e o Amazonas, assim como a vitória-régia cujo sapo representa a abundante presença de água e vida anfíbia no estado além da referência à resistência da planta de suportar peso acima de suas folhas. O macaco, no entanto, poderia ter sido substituído pelo sauim-de-coleira - animal que já é reconhecido popularmente enquanto símbolo de Manaus, devido este ser endêmico apenas na região relacionada à cidade, enquanto o macaco-de-cheiro está presente por toda a Amazônia, incluindo outros países amazônicos - no qual a menção ao sauim aparece discretamente próximo ao ponto 26 cuja legenda afirma ser a Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Apesar dos mapas turísticos serem reconhecidos justamente pela grande presença de ilustrações artísticas, neste mapa específico, a tentativa de referenciar as ilustrações em escalas desiguais num esforço de mencioná-las em pontos geográficos similares com suas localidades reais, gera mais confusão do que orientação.

O uso de caricaturas é válido, mas esta precisa trazer aspectos visuais que aproximam o visitante do destino com intuito de desbravar melhor o que a cidade tem a oferecer. Neste mapa, há espaços citados que, apesar de serem espaços importantes para

a paisagem e história manauara, não são considerados turísticos como a UFAM ou a ilha de São Vicente que atualmente é propriedade militar.

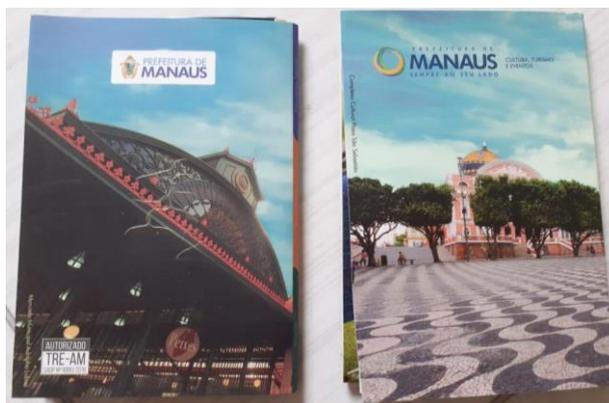
**Figura 19:** Capas do mapa de Manaus proposto pela Manauscult em dois idiomas: português e espanhol.



Fonte: Braga (2021)

O último mapa aqui analisado, caracteriza-se como uma evolução do mapa 03/Figura 18: busca a mesma estratégia de mesclar a cartografia com caricaturas de pontos turísticos removendo pontos históricos mencionados no outro mapa. Foram adquiridas duas versões do mapa para análise, uma em espanhol e outra em português.

**Figura 20:** Parte de trás do mapa de Manaus proposto pela Manauscult em dois idiomas: português e espanhol.



Fonte: Braga (2021)

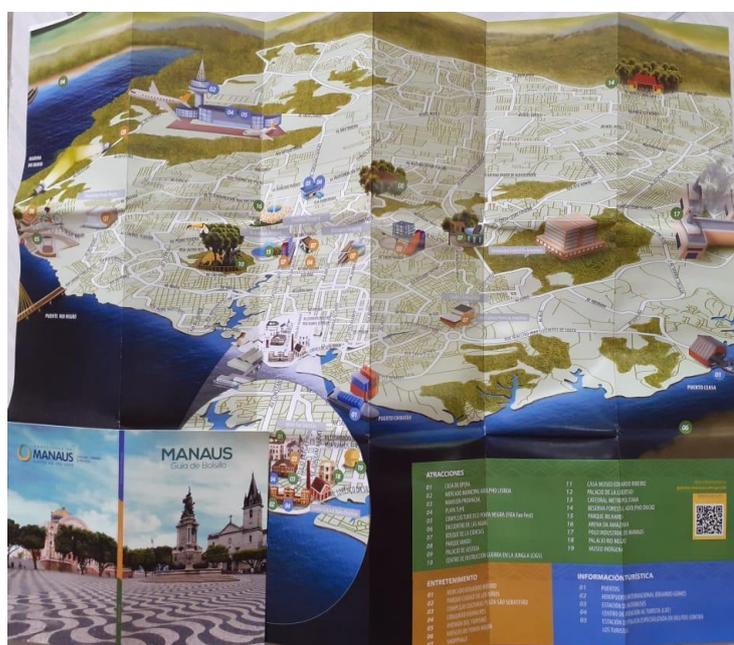
A legenda proposta apresenta numerações diferenciadas apenas pela cor em três categorias distintas: verde para atrações; amarelo para entretenimento; azul para informações turísticas. O uso da mesma numeração diferenciando apenas a cor entre eles, pode confundir visitantes menos atentos com tal detalhe.

Um ponto de fácil indução ao erro presente no mapa são os pontos referenciados com o número 06: encontro das águas e quiosques da ponta negra. Isso porque, caso o

visitante já tenha tido acesso a mapas com erros de localizar pontos turísticos como no caso do mapa 01/Figura 12, o turista pode acreditar que o 06 na legenda amarela - referente aos quiosques - pode estar se referindo ao encontro das águas, uma vez que o encontro aparece na legenda antes dos quiosques, portanto, o viajante pode achar que o encontro fica próximo da Ponta Negra.

Um mapa precisa ser imageticamente claro quanto às informações de locais que pretende orientar visitantes a conhecê-los. Utilizar os signos comumente vistos em placas turísticas seria uma opção mais segura e precisa do que a escolha de numerações como proposto no mapa 02/Figura 16.

**Figura 21:** Interior cartográfico de um dos mapas bilíngues de Manaus proposto pela Manauscult.

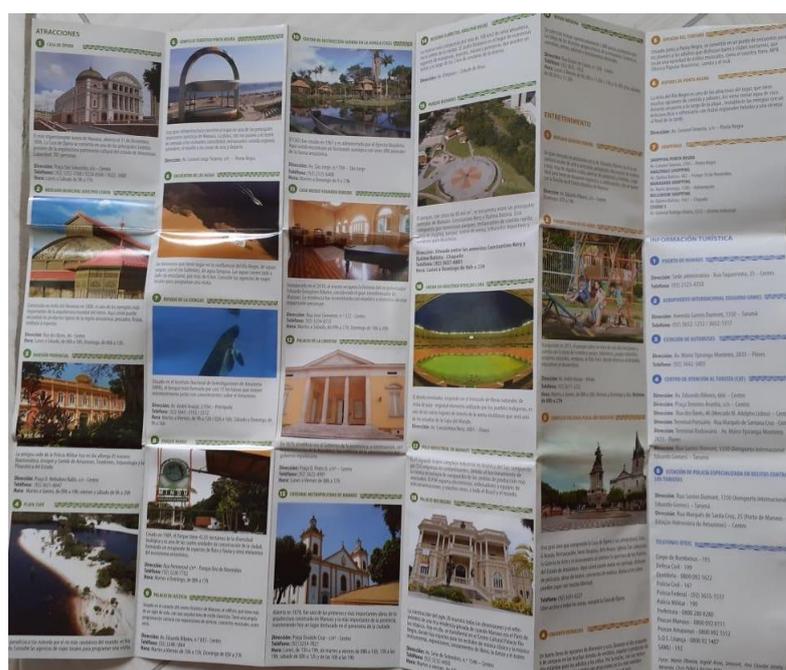


Fonte: Braga (2021)

Outra diferença entre as duas versões é que na versão em português há um oitavo ponto na categoria entretenimento referente à praça de alimentação - Mário Verçosa, localizado no bairro Dom Pedro, mas tal referência foi retirada da versão em espanhol.

Na parte de trás do mapa, há imagens e informações extras de todos os espaços mencionados na cartografia presente. O cuidado com os detalhes de apresentar todos os espaços citados no mapa, com a inserção de endereço, telefones de contato e horários de funcionamento é um avanço grande se comparado com os demais aqui observados.

**Figura 22:** Interior informativo de um dos mapas bilingües de Manaus proposto pela Manauscult.



Fonte: Braga (2021)

Dentre as várias observações feitas nos quatro mapas analisados, todos trazem o Teatro Amazonas enquanto símbolo de Manaus, o que entra de acordo com essa pesquisa que compreende o referido prédio como o símbolo central do bairro Centro da cidade.

O Teatro, por si só, possui exuberância suficiente para atrair visitantes de vários lugares diferentes, mas notou-se que dos espaços culturais pensados para essa pesquisa, apenas o Palácio da Justiça é mencionado. É curioso notar que há mais menções nos mapas sobre locais que já nem existem mais, sendo apenas uma referência histórica na memória da cidade como a ilha de São Vicente ou menções a espaços que não possuem funções envolvendo entretenimento e lazer turístico como a UFAM, SUFRAMA ou o Polo Industrial, mas não há menções aos espaços que circundam o Teatro e que poderiam fazer muita diferença durante a estadia dos turistas. O que se encaixa com o conceito da semiótica do turismo apresentada por Mello a respeito da representação de um lugar pelos seus estereótipos, a imagem turística de Manaus está fortemente entrelaçada com a arquitetura barroca adquirida pelo ciclo econômico da borracha, utilizando alguns exemplares revitalizados como símbolos imagéticos deste período e ignorando outros exemplares que buscam oferecer aspectos diferentes de experienciar este centro histórico. Tais espaços serão analisados no subtópico seguinte.

## 2.4 ANÁLISE SEMIÓTICA DOS ESPAÇOS PESQUISADOS E SUAS LINGUAGENS ARTÍSTICO-CULTURAIS

A proposta de trazer maior visibilidade aos espaços culturais locais e suas respectivas linguagens artísticas, nos levou para uma visita *in loco* em quatro desses espaços. Houve a dificuldade de visitar um dos espaços: a Casa das Artes devido às problemáticas trazidas pela pandemia de COVID-19 e a quarentena em 2020.

Mesmo com a autorização aprovada para realizar a pesquisa e o interesse do espaço Casa das Artes em participar, a gestão não conseguiu, aparentemente, lidar com todas as demandas presentes e/ou não souberam administrar o tempo que tinham durante a flexibilidade na quarentena para suprir toda as questões que apareciam, incluindo, a entrevista com o diretor e uma visita no espaço.

Outro agravante que dificultou o encontro, foi o Decreto<sup>13</sup> n.º 43.234, de 23 de dezembro de 2020, que "Dispõe sobre medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional, decorrente do novo coronavírus." do Governador de fechar todos os espaços públicos após a chegada da 2ª onda em Manaus, que foi reiterado em 2021 pelo Decreto N.º 43.277, DE 12 de janeiro de 2021. Portanto, trabalharemos apenas com a análise dos demais espaços que conseguiram nos receber, mas ressaltamos que a Casa das Artes ainda se encontra incluída nas artes ilustradas e nos mapas propostos.

Iniciaremos esta análise sob o contexto de observar as variadas ofertas de atividades artísticas presentes em cada espaço. Esses espaços se organizam em seus próprios ritmos para criar um ambiente propício para cada uma de suas respectivas atividades. Ao relatar sobre as atividades artísticas presentes no espaço e quanto ao fluxo antes da pandemia, o entrevistado 05 diz que

o Ateliê tem um fluxo de pessoas muito grande por ele ser um dos únicos espaços privados de uma companhia de teatro. Na verdade, a gente sabe de Companhia de Artes Cênicas porque temos espetáculos de dança e a gente também faz uma coabitação com uma outra companhia, que é a Cacompanhia,

---

<sup>13</sup> Decreto do Governador que reitera o decreto de dezembro de 2020 em novo decreto de janeiro de 2021, devido a grave crise de saúde pública, em decorrência da pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que afeta todo o sistema Inter federativo de promoção e defesa da saúde pública, estruturado nacionalmente, por meio do Sistema Único de Saúde (SUS) com intuito de fechar locais públicos, evitar serviços de transporte intermunicipais e a autorização de um toque de recolher entre 19h à 06h, até segunda ordem. Disponível em: <file:///C:/Users/LuizCarlos/Downloads/DECRETO%20N.%C2%B0%2043.277,%20DE%2012%20DE%20JANEIRO%20DE%202021.pdf >.

dirigida pelo Jean Palladino, que é de circo/teatro. Então, por isso, Artes Cênicas. Então, por ser um dos únicos espaços privados da cidade, nós temos uma programação normal que abre em fevereiro e vai até dezembro, meados de dezembro, apresentando. Ou seja, onze meses de programação todo final de semana. Nossa temporada aqui é sempre às sextas e sábados, às 20h, sempre tem espetáculo aqui, inclusive de artistas de fora da cidade. Já aconteceu de termos espetáculos quintas, sextas e sábados. Esse era o movimento antes da pandemia, até inclusive março, a gente parou as atividades dia 17 de março e estava tendo uma temporada aqui de dois espetáculos simultaneamente, um na sexta e outro no sábado... e sempre há um movimento muito grande porque nos outros dias da semana não abre o espaço. É quando acontecem os ensaios, quando a companhia trabalha, cria espetáculos, ensaia repertório, faz análise de obras, ou faz oficinas, escreve projetos, ou abre espaço para outras coisas ensaiarem. Então a casa funciona de segunda a sábado. Relata.

O entrevistado 04 da Galeria, ao ser questionado sobre o mesmo tema, afirma que “a gente tá montando esse memorial, então, por exemplo, nos últimos 2 anos, a gente teve um acréscimo de público muito grande, a gente tinha uma média antes da pandemia de 2500 a 3000 pessoas por mês, visitando o espaço da Galeria, e agora a gente tá com essas restrições, lógico que cai para entre um terço e metade... o que a gente tem recebido agora, no primeiro mês de agosto... a gente contabilizou 859 visitantes, e já no mês de setembro a gente teve 1053. A gente acredita que deva ficar entre 800 e 1100. Este fim de semana a gente teve essa surpresa de visitação comparável a antes da pandemia, mas foi um fim de semana diferenciado, com feriado no sábado. Depois da pandemia, acho que foi o dia que teve mais gente, teve cerca de 120 visitantes. Então existia um número de visitantes, agora depois da pandemia, a gente tem outro.”

O entrevistado 04 também é responsável pela curadoria da Casa das Artes, quanto a isso ele alega estar nesta função “desde junho de 2018. A gente faz a curadoria de espaço, às vezes a exposição não é uma produção da secretaria, a gente recebe essas produções e adequamos o espaço para essas exposições que estão sendo inseridas na Galeria. Assim como também tenho o trabalho de curador de minha autoria em algumas exposições aqui. A nossa intenção é ter essa diversidade, a gente fazer curadoria própria, mas também convidar outras pessoas com trabalhos prontos para colocar dentro da Galeria.”

Os entrevistados 01 e 02, recordam que as atividades no Palácio da Justiça antes da pandemia e o número de visitas “era bem intenso! Ensaios, apresentações... tinham bastantes apresentações culturais, teatrais, musicais. Também era bem intenso de visitantes. E até então, durante a pandemia, estamos funcionando somente por agendamento, então a demanda caiu bastante.” Afirma o entrevistado 01. O entrevistado 02 lembra que “antes da pandemia, dependendo da época, nós recebíamos mais de 100

visitantes por dia. Então não paravam as visitas. Toda hora tinha um guia subindo. E acredito também que a rotatividades das exposições ajuda também... elas mudavam mais rápido, sabe? Hoje está durando mais.”

A proposta de contracultura do Casarão é mais bem esclarecida quando o entrevistado 03 propõe que é essa

a nossa busca de tentar trazer atividades culturais de diversos ramos para o nosso público. Porque quando a gente para pra pensar em cultura, qual a primeira coisa que as pessoas entendem como cultura amazônica? É o índio, é a coisa nativa, a selva, a cultura amazônica. E o Casarão de Idéias tenta fugir um pouco dessa coisa óbvia. A gente entende a cultura como universal, a arte em si. Os nossos livros, as nossas exposições, os nossos filmes... A gente pouco passa filmes nacionais locais, não porque a gente não procura, é porque não tem mesmo. Mas a gente tenta trazer a arte e a cultura de fora, porque já está meio saturado o lance de fazer cultura e arte no Amazonas e só colocar o índio, só colocar a arte Amazônica. E a gente tenta trazer arte como um todo para as pessoas. Alega.

Durante a visita *in loco* aos quatro espaços, foram observadas as seguintes atividades: o Ateliê realizava apenas atividade teatral, com ensaios para a peça planejada propositalmente para o audiovisual devido ao isolamento social e intitulada “Vacas Bravas” e, portanto, será esta a atividade abordada neste tópico; o Casarão de Idéias possui um largo acervo permanente de livros, um Cinema e a exposição cultural temporária de uma artista oriunda do sul do Brasil que será abordada na análise; o Palácio também possui exposições temporárias, no qual as três que estavam expostas no dia da visita serão descritas na pesquisa, além das visitas guiadas por todos os andares do prédio, com acervos mobiliários permanentes; a Galeria, outro espaço com exposições temporárias, apresenta percepções artísticas de 14 artistas locais a respeito da pandemia em Manaus no primeiro andar, enquanto no segundo há uma exposição permanente de uma maquete construída por um dos grandes escritores amazonenses, Mário Ypiranga.

A divulgação principal dos espaços, conforme as entrevistas, foca bastante nas redes sociais, no qual alguns dos entrevistados, relatam que possuem visitantes fixos que acompanham as atualizações de novos acervos expostos via Instagram e/ou Facebook o que mantém uma presença constante em seus ambientes. Há os sites institucionais de Turismo do município e do estado, mas estes não inserem as atividades presentes em espaços culturais em seus respectivos sites. O Casarão possui um site para autopromoção além de suas contas em redes sociais, no qual o entrevistado 3 afirma que “o Casarão tem sido bem aceito em Manaus inteira. Acho que as redes sociais impulsionam bastante o nosso trabalho.” assim como o Ateliê, mas este último não possui um site institucional.

Quanto aos espaços geridos pela SEC - Palácio, Galeria e Casa das Artes - não possuem contas em redes sociais ou sites independentes, suas divulgações online ocorrem numa conta em comum alimentada pela própria SEC.

Visto que estes espaços não são pensados para público turista, não há muita informação sobre suas atividades nos mapas turísticos - conforme constatado no tópico anterior - e nem mesmo entre os espaços. Há as placas que informam os nomes de cada espaço cultural em suas fachadas e o próprio design externo dos prédios, que chama muito a atenção de quem passa pela frente por suas cores únicas - como veremos em seguida nas imagens - que os destacam dos demais presentes na mesma rua.

Durante a entrevista, quando questionados sobre a influência que seus respectivos espaços podem ou não sofrer por estarem territorialmente próximos ao Teatro Amazonas, o entrevistado 01 do Palácio diz que “a nossa diretoria gosta de dizer que o Palácio da Justiça é uma extensão do Teatro Amazonas, porque o pessoal que está visitando o Teatro costuma vir para cá, por conta da arquitetura. Os próprios guias de lá fazem menção ao Palácio da Justiça, então é como se fosse uma extensão do Teatro Amazonas.”

O entrevistado 03 do Casarão não acredita que haja uma influência direta quanto a essa proximidade “Pode ser que seja propício o fato de estarmos numa via movimentada, e as pessoas passarem aí, até porque temos o deck aí na frente que chama atenção. Mas os nossos clientes são na maioria de diversos lugares. A gente tem uma demanda de clientes fixos, então eles vêm sempre por aqui. Mas vem sim diversas pessoas que entram para conhecer porque passaram aqui pela frente, ou ouviu falar no hotel que estava. Eu creio que ajuda um pouco, mas eu acredito que as redes sociais hoje em dia funcionam bastante. Então o fato de as pessoas verem uma postagem, uma notícia no jornal, influencia muito. As pessoas vêm procurar a gente por causa das notícias, das fotos, das manchetes.” Afirma.

O entrevistado 04 da Galeria, apoia o posicionamento do entrevistado do Casarão “Eu acho que o espaço de alguma forma é independente, porque não tem nenhum link ligando a Galeria ao Teatro. A Galeria ao longo do tempo foi se impondo por dois motivos: pela participação dos artistas (isso é muito importante frisar), e se tornou importante para os artistas também, principalmente aqueles artistas que estão mais próximos numa linguagem contemporânea, que é o objetivo da Galeria, não o principal, mas de se aproximar de uma linguagem contemporânea que a gente dispõe aqui na Galeria. Então, diretamente, a gente não tem essa ligação com o Teatro. Mas nessa

possibilidade de estarmos no entorno do Teatro, até eu gostaria de saber de um visitante que foi ao Teatro se ele foi nos outros espaços. Eu vou ser sincero, eu vejo muita gente indo na Galeria Amazônica, mas a Galeria Amazônica trabalha artesanatos e artefatos indígenas, então são produtos que a pessoa pode comprar, então eu vejo que as pessoas vêm com outro objetivo. Outra é o nosso horário também, a gente não fica aberto o dia inteiro. Eu reparo muito que a visitação programada é muito pela parte da manhã, principalmente por turistas estrangeiros, e a gente não abre de manhã, mas isso não quer dizer que a gente não receba à tarde aqueles turistas de diversas partes, mesmo não tendo o estímulo dos turistas de se dirigirem à Galeria.”

Por fim, apenas o Palácio se vê diretamente influenciado pela proximidade do espaço com o Teatro, visto que o Ateliê 23 concorda com os demais quanto a um fluxo de visitas independente:

eu não sei se para o fluxo por conta do perfil. Eu acho que o perfil que vem aqui é muito diferente do Teatro Amazonas. O que eu acho que facilita é que as políticas públicas de acesso, ou seja, infraestrutura, acesso, transportes, segurança, iluminação... tudo isso que influencia uma pessoa a sair de casa, elas são um pouquinho mais favoráveis pelo entorno do Teatro Amazonas. Então é uma questão de política pública. E ainda assim muito limitadas, essa rua, por exemplo, é bem iluminada, mas tem umas árvores que para quem chega de noite podem dar uma sensação de perigo e insegurança para quem não é acostumado a vir ao Centro. Hoje a gente vê que tem violência em todo lugar de Manaus. Então não pelo perfil do público do Teatro, mas pelas condições da cidade ao redor do Teatro. Afirma.

Esses relatos nos ajudam a compreender que o perfil de visitantes culturais nos espaços existentes no Centro é muito variado, cada um dos lugares possui seu próprio fluxo independente que, aparentemente, não frequenta os demais. Os relatos nos mostram que as dinâmicas culturais presentes no centro histórico da capital amazonense são tão diversas quanto aqueles que as visitam.

Outro ponto de vista relevante é que, pelo fato de três dos espaços analisados terem a mesma fonte administrativa - a secretaria de cultura e economia criativa SEC - fica mais fácil para estes espaços saberem o que está em exposição entre eles do que os demais espaços de fonte administrativa privada como o Ateliê e o Casarão. Logo, esse direcionamento de visitação de um espaço para outro feito por monitores culturais aos turistas é muito subjetivo e, portanto, nos ajuda a compreender sobre a ausência de folders e informativos acerca das ofertas artísticas em exposição em espaços culturais próximos.

As análises semióticas propostas com um olhar turístico para espaços artísticos com intuito cartográfico surgem como proposta de iniciar debates para trazer maior visibilidade para locais com grande potencial de encantar visitantes tanto quanto encantam os moradores locais.

Outros que lerem esta pesquisa podem e devem expressar um pensamento crítico que possa evoluir tal discussão incluindo, inclusive, espaços que não foram/puderam ser incluídos nessa análise, aumentando o quantitativo de pesquisas referentes a tal temática.

Cabe ressaltar que as análises que serão feitas fazem parte de um olhar subjetivo na perspectiva do pesquisador, o que não configura como “verdades absolutas” acerca de qualquer entendimento enquanto resultado, visto que “verdades são sempre relativas, são verdades agora e podem não ser depois. Se as verdades se consolidam, é porque a capacidade de análise não evolui.” (Oliveira, 2000, p. 15)

A seguir observaremos algumas constatações encontradas durante as visitas realizadas no final do ano de 2020. Primeiro será feita uma análise semiótica externa do espaço e interna acerca de suas respectivas linguagens artístico-culturais e no tópico seguinte, aplicaremos a análise semiótica do turismo nos espaços culturais e uma ilustração que apresente, imgeticamente, suas respectivas artes mescladas com suas arquiteturas, com intenção de alcançar mais profundamente a compreensão do leitor. Logo, será feita uma reflexão sobre os respectivos espaços supracitados sob a ótica da linguagem turística apresentada por Mello. Foi pensado na divisão em subtópicos diferentes para manter as reflexões organizadas.

#### 2.4.1 Ateliê 23

O Ateliê 23 está localizado na rua Tapajós, no Centro de Manaus. Durante a entrevista, foi questionado quanto a história da companhia presente no prédio e como funciona o fluxo de visitantes no local. O entrevistado afirma o seguinte:

É menor do que poderia, é menor do que a potência que a gente vê. Mas a gente, primeiro, não tem profissionais de turismo dentro do Ateliê 23. Então, não é que isso seja uma desculpa, mas é um respeito de que nós não temos formação para as articulações necessárias. Como eu disse, nós não fazemos parte de nenhum circuito turístico, que preze também a atividade cultural fora do institucional, do estado e da prefeitura, o que é um grande problema. O grupo tem 7 anos, mas o espaço tem 5 [anos]. Nesses cinco anos a gente recebe visitantes de outros estados do Brasil, que vem de outros países, mas também de outros estados do Brasil. Mas, como eu falei, de maneira muito espontânea, daqueles que passam aqui pela frente e perguntam, que voltam e eventualmente

entram em nossas redes sociais e podem nos acompanhar por lá. Mas é realmente bem aquém da potência. Alega.

Esse comentário feito pelo entrevistado torna-se importante para compreendermos que o espaço rico em linguagens artístico-culturais, como veremos a seguir, não possui a quantidade de visitação que o espaço suporta. Quando questionado sobre um possível levantamento de dados estatísticos a respeito da origem e perfil destes visitantes, o entrevistado alegou o seguinte:

Não. Não tem essa catalogação. Inclusive é uma questão. Ainda não falei com eles, mas tem uma empresa que trabalha com ciência de dados e tem a ver com criar esse banco para poder analisar e compreender os perfis, que a mim interessa muito inclusive. Minha dissertação de mestrado foi sobre o perfil do público que frequenta teatro em Manaus, mas aqui no ateliê a gente ainda tem os braços muito curtos para alcançar isso. Pontua.

É possível observar que a gestão possui ideias e propostas de melhorar o planejamento do espaço, mas que ainda luta para superar os desafios financeiros sem o devido apoio do poder público. O espaço possui representações culturais que interagem elementos presentes em sua fachada com os respectivos aspectos culturais e artísticos presentes em seu interior.

O Ateliê possui aproximadamente oito anos de (re)existência presente num casarão de estilo eclético pintado de preto. Foi possível observar que esta característica peculiar chama bastante atenção por quem passa pela frente do espaço, pela sua estética com pinturas predominantemente em preto e pequenos detalhes em branco. O seu interior também é predominantemente pintado de preto.

**Figura 23:** Fachada do Ateliê 23.



Fonte: Redes Sociais (2020)

É interessante notar a cor escolhida para a pintura do espaço, visto que o pigmento preto representa a mistura/inclusão de todas as cores no qual a inclusão/mistura presentes

nas linguagens artísticas, assim como em um grande número do público que frequenta o local e nos artistas que formam a companhia é uma constante fortemente celebrada com bastante orgulho. O preto também é um signo relacionado com questões introspectivas, utilizado para criar ambientes mais intimistas, o que é outro foco das apresentações performadas no prédio. Por dentro, também é todo preto, para trazer uma carga característica do universo teatral que é a caixa cênica que precisa ser em preto para evitar o reflexo da luz. A arquitetura do Ateliê 23 é caracterizada para simbolizar que dentro do prédio será possível encontrar espetáculos teatrais.

Durante a visita *in loco*, no final de outubro e início de novembro de 2020, foi possível assistir um dos ensaios e a gravação de algumas das cenas oficiais para a montagem final do vídeo para a apresentação audiovisual de “Vacac Bravas” programada para ir ao ar naquele mesmo período, como uma das atividades planejadas devido a impossibilidade de agrupar presencialmente uma plateia dentro do espaço para apreciar o espetáculo.

**Figura 24:** Cartaz da peça Vacas Bravas.



Fonte: Redes Sociais do Ateliê 23 (2020)

Nota-se que as cores utilizadas no cartaz estão intrinsecamente relacionadas com as cores da fachada, o que é possível concluir que há uma harmonia da proposta do espaço com as linguagens artístico-culturais presentes nele.

No dia da visita ao ensaio, havia poucas pessoas presentes - apenas os três atores da peça, o diretor, e dois fotógrafos - o que condiz com a ordem de evitar aglomerações durante a quarentena. O interior do espaço mantém o conceito intimista e minimalista já

proposto logo na fachada, as salas são pintadas de preto e as luzes estavam, em sua maioria, apagadas devido ao início dos ensaios e gravações de algumas cenas.

A sala no primeiro andar utilizada como cenário para o espetáculo tinha apenas um ventilador que ficava ligado esporadicamente - apenas em certos intervalos - para que o barulho do eletrodoméstico não interferisse no áudio a ser captado pelas câmeras, o que também valia para os condicionadores de ar que também se encontravam desativados.

O ensaio foi bem aproveitado dando visibilidade ao profissionalismo dos artistas presentes e à determinação daqueles profissionais em criar um projeto de qualidade e que desse certo ao ir de acordo com o planejado.

Devido a pandemia, não havia como trazer o público para o espaço para assistir aos espetáculos, além do quê, o espaço precisou ficar fechado por enfrentar problemas financeiros e estruturais. Para manter seu público, foi pensado numa proposta até então, acredito eu, inovadora para as artes cênicas locais: unir estratégias audiovisuais utilizando câmeras de celulares com o teatro, criando uma proposta de imersão para a audiência que poderia se sentir dentro do espetáculo. Para isso, os celulares ficam firmemente presos na cabeça dos atores criando um olhar em primeira pessoa durante a narrativa.

**Figura 25:** Os atores Ítalo Rui, Taciano Soares e Julia Kahane se preparando para as filmagens durante o ensaio da peça.



Fonte: Ateliê 23 (2020)

A proposta alcançou seu objetivo, criando uma premissa inovadora para as artes locais no qual é realmente possível imergir na narrativa, construída com diálogos bem elaborados e bem executados, assim como o uso de um ambiente em total escuridão ajuda na transição ao mesclar cenas de auto reflexão dos personagens com cenas de *flashback*, no qual é necessário manter bastante atenção para notar a mudança de uma para a outra

devido a sutileza criada durante a edição que mantém essa produção de 27 minutos em constante fluidez, conseguindo prender o foco daqueles que a assistiram.

Assim como as demais linguagens artístico-culturais presentes nos outros espaços, os espetáculos teatrais do Ateliê 23 partem de um princípio de contracultura apresentando aspectos culturais locais que vão de frente ao estereótipo de “cultura amazonense” relacionada às narrativas mitológicas amazônicas que costumam ser bastante exploradas pela área do turismo, possibilitando oferecer ao turista, outras formas de se expressar artisticamente no Norte do país.

Além dessa peça, vários outros espetáculos de altíssima qualidade também são apresentados no espaço que se encontra presente dentro dos limites do centro histórico e que poderia receber grupos de turistas que poderiam se maravilhar com o espaço pós-pandemia. O espaço cultural Ateliê 23, criativamente transformou seus espetáculos para manter e quiçá expandir seu público, mantém uma demanda de público que ainda se concentra mais em um nicho local que por um público formado por uma audiência oriunda de outras cidades brasileiras que poderiam ter um fácil acesso ao espetáculo devido ao campo virtual que ganhou bastante atenção neste período de distanciamento social.

#### **2.4.2 Casarão de Idéias**

Localizado atualmente na rua Barroso, mas que anteriormente, localizava-se próximo do Colégio Militar no Centro de Manaus, encontra-se o Casarão de Idéias há apenas alguns quarteirões de distância do Teatro Amazonas, comportando-se enquanto um Oásis cultural em meio aos casarões antigos de arquitetura eclética.

Foram feitas duas visitas *in loco* ao Casarão, a primeira para realizar a entrevista e a coleta de imagens fotográficas para as análises dessa pesquisa e a outra para observar as dinâmicas presentes no cinema dentro do espaço. As visitas aconteceram com a diferença de algumas semanas entre uma e outra devido uma maior cautela e prudência em escolher dias com menor movimentação pelo centro da cidade e evitar o máximo possível de qualquer incidente que possa resultar na contaminação do pesquisador com o COVID-19.

**Figura 26:** Fachada do Casarão de Idéias no Centro de Manaus.

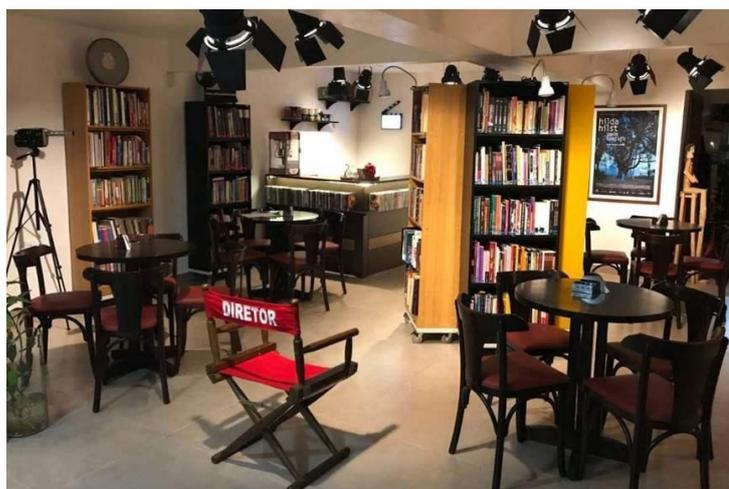


Fonte: Redes Sociais (2020)

O espaço é predominantemente pintado na cor rosa, signo semiótico para amor, delicadeza, elegância e carinho, adjetivos que de fato o Casarão de Idéias possui, visto que é possível encontrar muito amor em cada detalhe de sua estrutura interna e externa; a delicadeza dos itens decorativos que trazem charme e conforto de uma sala de estar - o fato do casarão ter sido construído como espaço domiciliar no início do século passado e mesmo se tornando posteriormente um ponto comercial até se tornar o espaço cultural que conhecemos, ainda mantém esse ar residencial em seu interior - a elegância mantida pelo design interior e música ambiente regada com som que mantém esse signo *underground* proposto pelo espaço; além da devida atenção presente no atendimento, na confiança de manter a disposição uma grande variedade permanente de livros com temáticas culturais e científicos para pesquisa *in loco* e na escolha de ofertas à disposição que variam entre um charmoso café, filmes independentes e exposições culturais.

Há também itens decorativos relacionados à sétima arte devido a presença do Cine Casarão que busca trazer produções independentes nacionais e internacionais que, geralmente, não são encontradas nos cinemas existentes nos interiores dos centros de compras locais.

**Figura 27:** Interior aconchegante presente no Casarão de Idéias.



Fonte: Braga (2020)

Como foi mencionado anteriormente, foram feitas duas visitas - uma em novembro para ver uma exposição artística e outra em dezembro para experienciar o cinema existente no espaço. Nessa segunda visita, onde foi possível conhecer o funcionamento do cinema independente do Casarão, havia dentre os títulos em cartaz, duas produções nacionais não muito conhecidas nacionalmente. O filme de drama e ficção nacional “New Life SA” de 2018 e o filme de drama, também nacional “Verlust” de 2020, esse último sendo o escolhido para assistir devido sua premissa ser mais atraente. O espaço para cinema é bem aconchegante e estava seguindo à risca as medidas de distanciamento social exigidas durante a quarentena com a presença de fitas em algumas cadeiras para evitar que pessoas se sentassem uma ao lado da outra e o uso obrigatório da máscara nas dependências do local. A decoração do cinema também remete à memória da cidade de quando era possível encontrar a 7ª arte apenas na área do Centro - com imagens dos antigos cinemas de Manaus emoldurados na parede, decorando o ambiente.

O espaço do cinema, pensado para poucas pessoas, cria um lugar reconfortante e uma atmosfera agradável por poder assistir produções que não receberiam o mesmo destaque em cinemas maiores e mais populares localizados nos interiores dos *shoppings* manauaras.

**Figura 28:** Filmes em Cartaz durante a visita in loco em dezembro de 2020.



Fonte: Redes Sociais do Casarão de Idéias (2020)

Na recepção, ainda foi possível escolher as poltronas para se sentar antes de entrar no espaço, além de poder ler os livros presentes no local enquanto aguarda o horário do filme. No andar superior do Casarão, onde havia uma exposição durante a primeira visita em novembro, com o nome de “Nenhuma flor a menos! Bênçãos” da artista gaúcha Rita da Rosa com a proposta de ressaltar a beleza de uma flora especificamente utilizada no processo de cura e de bênçãos como arrudas e macelas, mas que costumam ser alvo de discriminação por algum motivo desconhecido pela artista.

**Figura 29:** Registro da exposição presente no Casarão de Idéias.



Fonte: Braga (2020)

A presença de uma exposição de uma artista sulista no espaço, os filmes em cartaz, além da premissa do casarão fazer parte de roteiros turísticos de uma agência como veremos nos próximos subtópicos, tornam esse espaço cultural uma das melhores alternativas de visitação da cidade, mas que por algum motivo desconhecido, este mesmo

espaço não recebe a devida atenção durante a construção de mapas ou durante o planejamento de roteiros turísticos de outras agências como também veremos a seguir.

O Casarão de Idéias, assim como o Ateliê 23, não possui essa visibilidade tão merecida diante de tamanha oferta presente que poderia estar sendo usufruída por públicos maiores caso houvesse uma divulgação maior assim como um melhor conhecimento do que existe voltado ao lazer e entretenimento no centro histórico.

### 2.4.3 Galeria do Largo

Seguimos nossa análise seguindo para um espaço cultural presente dentro do Largo de São Sebastião, literalmente de frente para o Teatro Amazonas. A Galeria do Largo é o encontro de diversas exposições de artes visuais pelos últimos 15 anos, no qual foi inaugurada no dia 4 de novembro de 2005 para expor cartazes de filmes marcantes do cinema nacional durante o II Amazonas *Film Festival*. Segundo a SEC, O Centro de Artes Visuais Galeria do Largo foi criado “visando receber exposições de diferentes artistas, da capital e interior, relacionados às artes visuais, englobando a arte clássica, urbana e contemporânea”. Em seu site institucional<sup>14</sup>, a Secretaria de Cultura e Economia Criativa - SEC, relata que o imóvel pertenceu

à família Mattos Areosa. Residiu, no local, o governador do Estado do Amazonas, Danilo Duarte de Mattos Areosa, em 1942. Já no ano de 1957, foi residência do Sr. Newton de Menezes Vieiralves, que ocupou vários cargos públicos na cidade de Manaus, como o de secretário de Fazenda, secretário da Justiça, secretário de Planejamento e procurador geral de Justiça. Em 1985, o espaço passou a ser de propriedade da Construtora Rayol, cuja sede funcionou no local até meados de 2005. A partir de então, inserido ao projeto de revitalização do Largo de São Sebastião, pelo Governo do Estado, passou a funcionar como Centro de Artes Visuais Galeria do Largo – um local de referência da arte contemporânea (site institucional da SEC).

Sua fachada foi (re)construída na busca de remeter ao estilo eclético para manter um padrão estético presente por todo o largo e sua cor é predominantemente verde, signo semiótico para esperança, equilíbrio, harmonia e vida.

---

<sup>14</sup> disponível em: <[Famílias que já viveram no espaço antes de se tornar a Galeria do Largo..](#)>. Acesso em: 18 de fev. de 2021.

**Figura 30:** Fachada da Galeria do Largo no Centro de Manaus.



Fonte: Redes Sociais (2020)

A cor traz um significado poético para um dos poucos prédios no Centro onde seja possível que artistas possam fazer as exposições de suas artes por meio de editais públicos e afins, trazendo essa esperança das artes visuais locais receberem o prestígio que merecem.

A visita *in loco* ocorreu no início de outubro de 2020, período em que a diretoria do espaço planejava, até aquele momento, um dia especial em comemoração aos 15 anos de existência do espaço, com uma exposição abrangendo todas as exposições já feitas.

Logo na primeira sala, havia fotos expostas do fotógrafo paulista residente em Manaus, Bruno Kelly em parceria com a jornalista amazonense Elaíze Farias, com registros que retratam o cotidiano dos indígenas Kanamari - povo este que se autodenominam Tüküna, conforme os expositores - que habitam o Vale do Javari, no extremo norte do Amazonas, fronteira com o Peru. A exposição busca trazer visibilidade a esse povo que “luta para manter sua cultura viva diante de tantas pressões externas em seu território.” de acordo com o informativo presente antes de adentrar na sala.

**Figura 31:** Registro de duas das várias fotografias dos Tüküna presentes na exposição.



Fonte: Braga (2020)

As imagens registram o cotidiano nas aldeias Massapê e Bananeira, localizadas na região do rio Itacoáí, um dos afluentes do rio Javari. Os expositores também alegam que esta foi a primeira vez que esses grupos indígenas entraram em contato com jornalistas no qual a viagem buscou contar suas histórias e garantir a essa etnia, o acesso à mídia.

Como já bem vimos até este ponto da pesquisa, o cotidiano dos povos originários é uma perspectiva da realidade amazonense que atrai bastante a atenção de visitantes, essa exposição possui o cuidado de ter, dentre seus criadores, a presença da jornalista e mulher indígena Elaíze, para garantir que esta perspectiva perpassa pelas fotografias com o cuidado e o respeito necessários.

Seguindo adiante, temos início à exposição "Nóx: Sintomas e Processos" que aborda as diferentes perspectivas da quarentena e do isolamento social em Manaus de 14 artistas locais. Devido ao grande número de artistas participantes, foi decidido apresentar apenas algumas ilustrações mais marcantes das peças expostas para um melhor fluxo de leitura dessa pesquisa, enquanto a maioria das peças foram apenas descritas no texto.

O primeiro trabalho observado dessa exposição é uma pintura do amazonense e artista visual Fabiano Barros chamada "impressão isolada". Inspirada na obra de outro artista, o francês Yves Klein (1928-1962), Barros busca trazer um tipo de gravura/desenho ou pintura sobre a superfície lisa, enquanto signos semióticos que representem impressões feitas durante a quarentena, "na busca de produzir um rastro poético do corpo sozinho", conforme o informativo referente à obra.

A obra retrata partes diferentes de corpos humanos mantidos dentro de suas "fronteiras", o que pode representar essa nova realidade em que vivemos onde precisamos viver em isolamento e distanciamento social, dentro de nossas próprias "fronteiras", sem ultrapassá-las para entrar em contato com outros corpos.

As próximas obras em exposição, pertencem ao quadrinista parintinense Rogério Mascarenhas, também conhecido simplesmente por Romahs. Denominada de "Paris des Tropiques", o quadrinista apresenta ilustrações feitas com nanquim sobre papel e arte finalizadas digitalmente, expondo cenas de Manaus, mostrando a arquitetura e resquícios do que levou a cidade a ser conhecida pelo apelido de Paris dos Trópicos.

**Figura 32:** Registro de uma das ilustrações de Romahs em exposição na Galeria do Largo.



Fonte: Braga (2020)

O quadrinista busca trazer nestas imagens, uma arquitetura e paisagem urbana no qual o público francês já esteja acostumado, devido a arquitetura manauara ter sido construída sob modelos arquitetônicos europeus - assim como toda cidade localizada em países que já foram colônia europeia - mas com um novo cotidiano autêntico do norte do país, formado pela presença de indivíduos que tornam tal paisagem urbana algo “alienígena pro público francês” de acordo com as exatas palavras presentes no informativo da obra. Nas imagens, é possível ver pessoas que costumam trazer vida e autenticidade para essa Manaus contemporânea como camelôs, feirantes, imigrantes e até mesmo performers como a referência à *drag queen* amazonense Uýra Sodoma, presente na ilustração da figura 32 performando dentro da fonte da praça da igreja Matriz. É possível notar as pessoas aproveitando a performance, a presença de policiais permitindo que tal apresentação aconteça e mantendo a segurança do local e nos fundos da imagem, imerso na escuridão, surge o relógio municipal de Manaus.

Seguindo pela visita, no mesmo salão, ao lado das demais obras vistas anteriormente, temos “a ida, o caminho, a volta - estudos para grafite e estêncil” do artista Dermison Salgado da Cunha.

Nesta obra formada por três ilustrações monocromáticas, o artista busca dar visibilidade àquele sujeito pescador que todo amazonense conhece e que pode ser um tio, um familiar, um vizinho ou um conhecido que sempre carrega consigo uma grande bagagem de histórias ricas em detalhes após retornar da pescaria e que nunca podemos julgar se de fato há veracidade em tamanhas palavras ou apenas falácias.

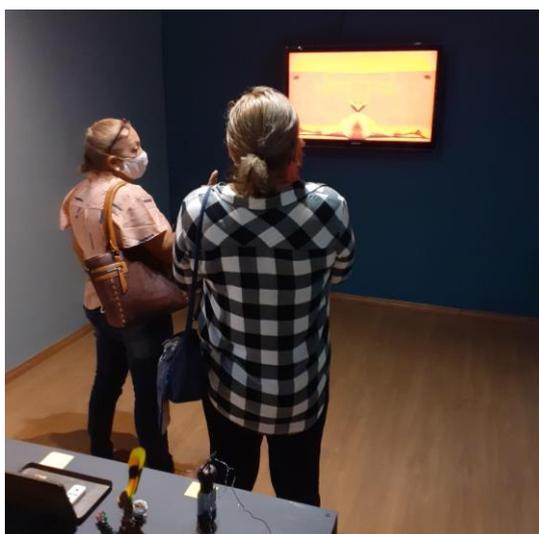
O artista acredita que o uso do monocromático nas obras são ótimos signos que representam bem as dualidades presentes no cotidiano de tal personagem tão presente na

realidade amazônica: O dia e a noite, o claro e o escuro, o branco sendo símbolo da presença de luz e o preto sendo símbolo de sua ausência “ao qual o pescador é submetido em um devaneio solitário em seus percursos” segundo as palavras do artista presentes no informativo.

Adentrando na outra sala, havia uma tevê com um vídeo de uma performance de dança em exibição intitulada “cuarentena”, do artista amazonense residente na Argentina Odacyr Oliveira, buscando expressar seus sentimentos enquanto dançarino durante a pandemia e quarentena de 2020.

No informativo, o artista revela que “o confinamento exige atitude interna, assumida e decidida. Não dá para não fazer nada. Na verdade, o Nada exige fazer e Fazer foi a palavra-chave que me fez agir de março até agosto.”

**Figura 33:** Visitantes apreciando a performance Cuarentena de Odacyr Oliveira.



Fonte: Braga (2020)

Na figura 33, as visitantes - que não aceitaram participar da pesquisa por meio da entrevista devido ao medo de infringir as normas relacionadas ao distanciamento social, mas que permitiram serem registradas durante sua passagem pela Galeria - aparentam desfrutar da performance de dança gravada do artista, o que nos leva a acreditar que o objetivo deste foi alcançado por meio de sua arte.

Com bastante exposição de pele durante a execução dos movimentos, o artista busca tornar essa parte do corpo enquanto signo que representa nossas autorreflexões feitas em busca de um olhar ao nosso interior, partindo de nossas peles, enquanto estamos em quarentena.

Logo atrás das visitantes, na mesma sala, havia outra obra em exposição com título de “Mascarado” do artista plástico Darlan Guedes. No informativo ao lado da obra, o artista informa que “é uma reflexão de 2020, entre os medos e preocupações da mudança da rotina, [...] esta série propõe uma relação criativa da rotina modificada.”

Para representar tais reflexões, Guedes utiliza essencialmente o principal signo do tempo: o relógio.

O ano de 2020 sempre será visto como um divisor de águas enquanto mudanças sociais presentes no cotidiano e o distanciamento histórico apenas irá trazer mais fundamentos para tamanha afirmação. O relógio enquanto signo representante dessa nova realidade em que presenciamos e vivemos torna-se emblemático e uma escolha muito feliz do artista que, no informativo, alega “que liberdade condicionada é uma rotina, nada de novo tudo tão comum, tudo contido nos minutos, horas; dias e meses.”

A próxima obra em exposição na galeria encontra-se na própria parede do espaço. A artista Thaizis, que trabalha com técnicas de grafite, criou o painel intitulado “o despertar da luz interna”

**Figura 34:** Registro da obra proposta pela artista na parede da Galeria do Largo.



Fonte: Braga (2020)

Na obra, a artista usa e abusa dos elementos sígnicos semióticos para construir uma imagem que traga uma reflexão sobre o “Eu” verdadeiro dela, relacionando-o com signos referentes à construção imagética de como é comumente interpretada a Mãe-Natureza enquanto “sagrado feminino” e utilizando ferramentas como: rolos; pincéis; tintas e sprays.

No informativo presente ao lado da obra, Thaizis esclarece quais signos ela utilizou e as representações por trás de cada um que, em conjunto, formam um painel carregado de representatividade para àqueles que o admiram. Nas palavras do informativo, Thaizis relata que a obra fora representada por elementos

de folhagens em cores vibrantes e variadas, que representam a riqueza do ecossistema e da vida. Os traços e espiral simbolizam a ideia de evolução. A coroa em formato de mandala em cores neon é toda a energia cósmica que a envolve. A luz que brilha em suas mãos é o despertar espiritual e a luz em sua mente é uma proposta de levar reflexão sobre a consciência para dentro de si. O aspecto circular da pintura representa o planeta terra, o ciclo da vida, a expansão infinita. O semblante da figura transmite a paz e a sintonia com o amor e o universo (Thaizis, 2020).

A semiótica é um campo científico muito presente nos estudos das artes, o que não admira que a artista construa uma pintura carregada de simbologias para expressar a si mesma. Cada escolha de cor, cada pincelada, cada forma desenhada foi pensada cuidadosamente para representar algo que a artista havia planejado.

Esse nível de sensibilidade e organização de ideias para construir aspectos comunicativos é o que falta no campo turístico local. O turismo pode se apropriar de tal técnica de análise para construir meios de comunicação mais coerentes com os visitantes.

A próxima obra é na verdade, uma exposição fotográfica com título de “Cyber Amazônia”. Inspirada no passado amazônico, a obra busca referências na guerra dos cabanos como um paralelo ao momento contemporâneo visto como tempos de guerra devido à pandemia de COVID-19, utilizando a revolta popular em busca de liberdade e reconhecimento social intrínseco em suas (re)existências.

No informativo, o grupo de artistas autointitulado “Casa de Sananga”, propõe que este ensaio fora inspirado nessas memórias do povo indígena, negro e caboclo no qual a pandemia, em “meio a todo o caos, nos obrigou a olhar para dentro de nós mesmos para entender os sintomas desse tempo”. Portanto, a proposta das fotografias, é refletir sobre nossas identidades, sobre quem somos e quem fomos e então, lutar por uma sociedade mais plural que defenda e represente todos os brasileiros igualmente, principalmente durante esses atuais meses de isolamento social.

A próxima obra é uma pintura presente nas paredes do espaço cultural tal qual a obra proposta por Thaizis. Nesta, a artista parintinense reflete sobre sua infância no interior do Amazonas ao viver tanto em Parintins como em Novo Airão.

**Figura 35:** Registro da pintura formada por importantes signos referentes às lembranças da infância da artista.



Fonte: Braga (2020)

Na pintura, é possível observar a presença de araras que, como foi visto durante a análise dos mapas no subtópico anterior, permanecem enquanto signo da diversidade da fauna amazônica. Observa-se o uso das cores vermelho e azul nas palafitas, o que pode representar Parintins, sede do Festival dos Bois-Bumbás garantido - representado pela cor vermelha - e caprichoso - representado pela cor azul. As cores quentes no fundo sob uma faixa azul, salpicadas de pontos brancos torna-se símbolo do anoitecer no qual estas cores quentes são referentes ao pôr-do-sol, que já foi um signo amazônico já explorado nos mapas aqui analisados.

A próxima obra é um conjunto de oito telas intituladas “Somos todos flutuantes”, criadas por um artista amazonense Roosivelt Pinheiro, residente no Rio de Janeiro, onde também trabalha, mas que cumpriu os primeiros meses de quarentena em Parintins, interior do Amazonas. Nas suas telas, o artista busca interpretar, por meio de signos locais, suas interpretações do isolamento social.

**Figura 36:** Registro de uma das telas pintadas pelo artista em seu isolamento social no interior do estado do Amazonas.



Fonte: Braga (2020)

Segundo o informativo, a inspiração para a obra e seu nome surgiram devido o pintor “associar a suspensão dos nossos deslocamentos com a metáfora - somos todos flutuantes - um estado em flutuação que se conserva à superfície de um líquido; que oscila; ondulante; inconstante; instável; vacilante.”

Na tela escolhida para ilustrar tal obra na pesquisa, é possível observar que o material utilizado é fibra de juta, um material muito presente na história e na cultura amazense fortemente ligada com a imigração japonesa ao Amazonas (SAKURAI, 2019) que cuidavam das plantações de jutas que cresciam na várzea amazônica. O uso desse material enquanto signo na obra artística, traz uma representação da força desses povos migrantes que auxiliaram na construção da sociedade amazense como a conhecemos hodiernamente, assim como o artista que migrou para o sudeste buscando melhores condições de vida e retornou ao Amazonas onde criou as presentes pinturas.

Nesta pintura específica, os traços do pincel mostram uma mulher com características típicas de uma amazonense, posicionada acima de uma folha de vitória-régia. Na análise dos mapas, foi mencionado sobre a crença popular da resistência das folhas que, supostamente, suportariam o peso de um ser humano. O artista se aproveita dessa crença para explorá-la sob o tema de sua obra portando uma mulher flutuando sobre os rios. As flores dessa planta costumam variar muito quanto a sua coloração. Na pintura, o artista traz as cores vermelho e branco. Vermelho que pode representar as vidas que continuam sendo ceifadas dos amazonenses pelo vírus Covid,<sup>15</sup> além da infausta gestão

<sup>15</sup>A disseminação do novo coronavírus tornou janeiro o mês mais triste da história do Amazonas, com recordes de mortes, internações e casos confirmados de Covid-19. Neste mês, o estado viveu cenas de caos por falta de oxigênio nos hospitais. Em janeiro deste ano, 2.522 pessoas morreram de Covid-19 no

de governo que não impede que as mortes continuem e branco que pode representar o sentimento de busca por paz que os amazonenses procuram durante a pandemia, mas que também pode representar uma homenagem às vidas perdidas.

Seguimos com um vasto mostruário com mais de noventa (90) exemplares de várias sementes com intuito de conscientizar a sociedade sobre a saúde ambiental por meio de uma visão holística.

**Figura 37:** Registro do mostruário cujas sementes encontram-se dentro dos pequenos recipientes de vidro presentes sobre a mesa.



Fonte: Braga (2020)

Tal reflexão abrange a realidade da ausência de árvores em grande parte da área urbana de Manaus, muito devido ao seu crescimento desenfreado, o que traz uma cidade forjada em plena floresta amazônica sem áreas verdes em seus interiores citadinos, discussão essa presente no documentário “Mais cidade, Menos Floresta”, disponível na plataforma de vídeos online: youtube no canal da Fundação Vitória Amazônica. A exposição aborda de forma mais performática, a discussão problemática presente no documentário, utilizando sementes enquanto signos de vida, esperança e mudanças, para gerar reflexões quanto a importância de manter uma maior arborização por toda a cidade.

---

Amazonas. Cemitérios da capital registraram filas de carros funerários e tiveram que voltar a instalar câmaras frigoríficas. Para se ter uma ideia, na primeira onda da doença no estado, entre abril e maio do ano passado, foram 2.850 vidas perdidas nos dois meses juntos. Por conta do colapso, outros estados começaram a receber pacientes do Amazonas, transferidos em aviões da Força Aérea Brasileira (FAB). G1, **Coronavírus impõe janeiro mais triste da história do AM com recorde de casos, mortes e internações por Covid-19**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2021/02/01/coronavirus-impoe-janeiro-mais-triste-da-historia-do-am-com-recorde-de-casos-mortes-e-internacoes-por-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 28 de fev. de 2021.

**Figura 38:** Registro dos elementos sgnicos pensados pelo artista presentes em uma das paredes da galeria.



Fonte: Braga (2020)

Por fim, a exposição presente no primeiro andar da galeria apresenta uma exposição de signos presentes na concepção da obra “corpos às margens plácidas” de Adroaldo Pereira. Nesta obra, que finaliza a exposição presente no andar térreo da Galeria do Largo, o artista apresenta materiais artesanais feitos com palha seca, muito presente na elaboração de vários artesanatos amazonenses, principalmente aqueles oriundos de comunidades amazônicas, além de imagens de caveiras com cordas vermelhas presas em seus olhos e aleatoriamente na parede pintada de preto: as cordas vermelhas presas nos olhos das caveiras podem ser signos representando o choro pelas vidas perdidas dos amazonenses na pandemia; as cordas vermelhas na parede, podem ser signos referentes ao sangue derramado por todo o estado diante de tamanha tragédia que assola todo o Amazonas; e a parede em preto pode ser signo do luto das fmlias perante àqueles que se foram, vítimas do vírus.

A Exposição “Nx - Sintomas e processos” consegue traduzir, por meio das diferentes linguagens artístico-culturais toda essa ressignificação sgnica que o Amazonas vive perante uma pandemia tão caótica quanto essa que assola todo o planeta, alterando e configurando uma nova realidade para a vida, e conseqüentemente, para as artes locais. Os artistas conseguem trazer um olhar apurado para representar essa nova realidade banhada sob o sangue de tantas vidas que já se perderam e, infelizmente, se perdem e ainda se perderão.

No segundo andar, há a presença de outras exposições dentro da mostra “Espaços Mediações”, que já se encontra em sua terceira edição. A mostra reúne trabalhos de trs amazonenses que trazem em suas linguagens artístico-cultural, questões delicadas que estão ganhando cada vez mais espaço nas discussões sociais como: existencial; poder;

afirmação sexual; onírica. Todos esses temas buscam uma ressignificação de conceitos e de pensamentos, sobre como o espectador lida com tais temáticas.

A exposição “miopia: impressão manauara” de Alonso Júnior, segundo o informativo, “nos coloca frente a frente com imagens captadas sob o efeito da refração, induzindo-nos a fechar e abrir os olhos na tentativa de decifrar certos aspectos da condição humana”.

**Figura 39:** Registro de duas fotografias presente na exposição de Alonso Júnior.



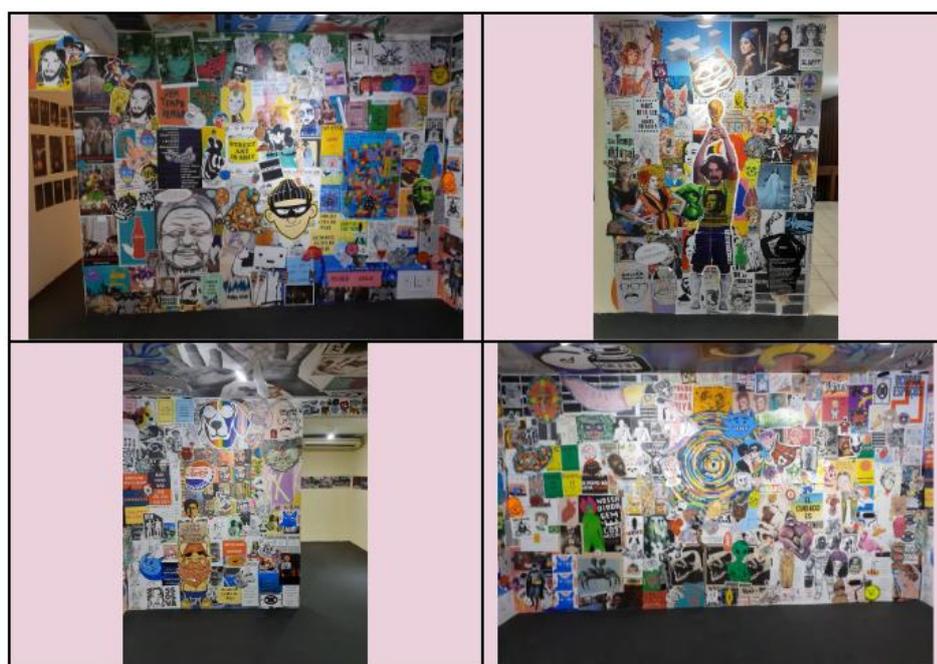
Fonte: Braga (2020)

As imagens na figura 39 foram escolhidas devido seus registros estarem localizados, aparentemente, no bairro Centro, foco desta pesquisa. Na primeira fotografia, há um vendedor diante de um muro que facilmente pode ser reconhecido como o muro que forma a base do Teatro Amazonas. Na segunda fotografia, há a presença de um indivíduo levando alimentos dentro de um carrinho. O cenário de fundo nessa imagem que entrou em exposição em março de 2020, nos remete ao Terminal de transporte público 01 que, durante a construção deste trabalho até o presente momento: janeiro de 2021, entrou em reforma e ainda não se sabe quando será entregue novamente à população. O indivíduo na imagem nos remete aos vendedores de lanches comumente presentes naquele espaço bastante movimentado.

Fica claro, após observar as fotografias, que a proposta do artista é dar visibilidade àqueles que trabalham nas ruas, calçadas, espaços públicos da cidade, mas que são invisibilizados pela sociedade. Essa invisibilidade é fortemente representada pelo signo de desfoque presente nas imagens. Outro signo presente é o muro do Teatro Amazonas, um dos pontos mais famosos da cidade que, comumente, apaga todos esses trabalhadores presentes em seu entorno, situação que nos remete ao objetivo desta pesquisa que é justamente trazer mais visibilidade aos espaços públicos próximos do Teatro.

A próxima exposição presente na mostra, chama-se “Os lambes de todo mundo”, criada pelo artista Eraquario com participação coletiva com outros artistas brasileiros e estrangeiros na construção de um mural com pôsteres artísticos.

**Figura 40:** Registro da exposição de lambe-lambes que cobriu todas as paredes de um dos salões da Galeria do Largo.

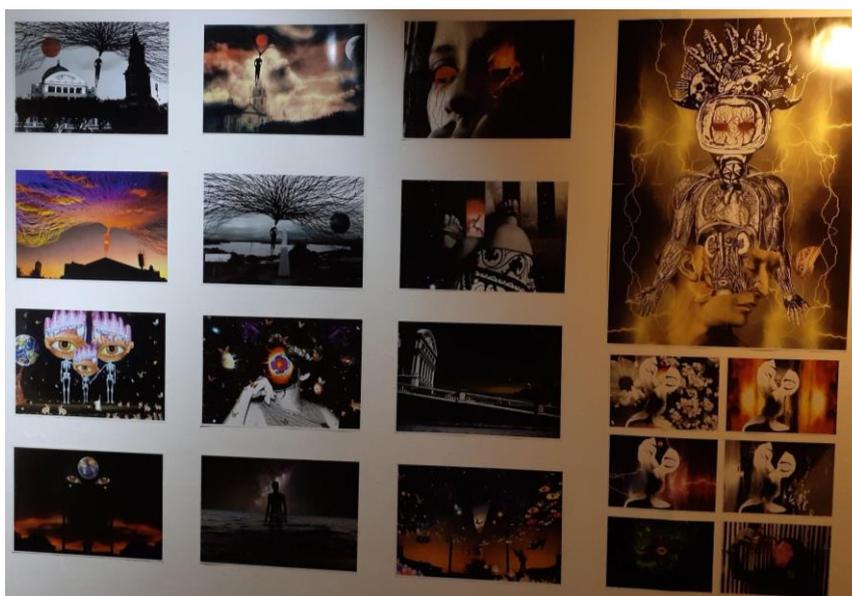


Fonte: Braga (2020)

No informativo a respeito da obra, o artista explica que lambe-lambe “é um tipo de pôster publicitário, político ou artístico de tamanho variado, fabricado artesanalmente ou através de técnicas variadas de impressão sobre papel e afins.” Como objetivo, a obra busca dar maior visibilidade para esse tipo de trabalho artístico buscando expor, nas palavras do artista, “na maior cidade da Amazônia”, integrando diferentes artistas de rua do mundo cujas liberdades criativas foram mantidas no qual estes mandaram por correio, obras das mais variadas temáticas.

Por fim, a última exposição presente na mostra intitula-se “UniverCaos” por Micael Santos. A obra busca trazer variadas formas de abordar a colagem em diferentes ramos das artes: cubismo, pop art, futurismo entre outras. O artista busca explorar elementos presentes em fotografias, pinturas, jornais etc., utilizando técnicas digitais e manuais para recriar e formar uma única imagem - a colagem.

**Figura 41:** Registro de um trecho da exposição proposta por Micael Santos.



Fonte: Braga (2020)

A proposta do artista é mesclar cenários com um abstratismo metafísico. Nota-se que alguns desses cenários são reais - como é possível observar na primeira imagem com a presença do Teatro Amazonas, espaço esse citado em duas das três exposições que formam a mostra “Espaços Mediações”. O que nos leva a considerar que o Teatro Amazonas se mantém como um signo absoluto de representação de Manaus nas artes contemporâneas locais assim como também no turismo local - mas que a intenção da obra é mais artística do que política, trazendo signos e símbolos que representam sonhos e imaginação, o que alinha a obra com os conceitos de *underground* já discutidos nesta pesquisa.

Após uma análise de cada obra presente na galeria do largo durante a visita *in loco*, foi possível observar que todas as mostras presentes, unem-se para formar um signo representando aspectos diferentes da vida manauara, trazendo abordagens críticas sem perder o toque artístico. Nesse ponto, as mostras enquanto signo da vida manauara alinham-se com as cores esverdeadas da fachada que, como vimos no início dessa pesquisa, também é signo para a vida.

Ainda no segundo andar, há a presença de uma exposição de longa data, de uma maquete retratando uma metrópole construída pelo escritor, poeta, jornalista e advogado amazonense Mário Ypiranga (1909 - 2004) em homenagem à sua esposa Ana (1938 - 2004), carinhosamente chamada por ele de Anita. A maquete foi construída ao longo das

décadas no qual o escritor jamais buscou uma forma de finalizá-la, atualizando as peças do projeto até seus últimos dias de vida.

**Figura 42:** Registro da maquete de Santa Anita construída pelo escritor amazonense Mário Ypiranga para sua esposa.



Fonte: Braga (2020)

A maquete apresenta-se como um símbolo da relação entre dois amazonenses muito importantes para a literatura e as artes locais. O espaço destinado ao escritor, no entanto, poderia abordar mais profundamente o motivo da importância de Mário Ypiranga para o Amazonas. Mário publicou mais de sessenta (60) obras ao longo de sua vida, que poderiam ser mais abordadas, trazendo inclusive, maior visibilidade para as produções literárias manauaras.

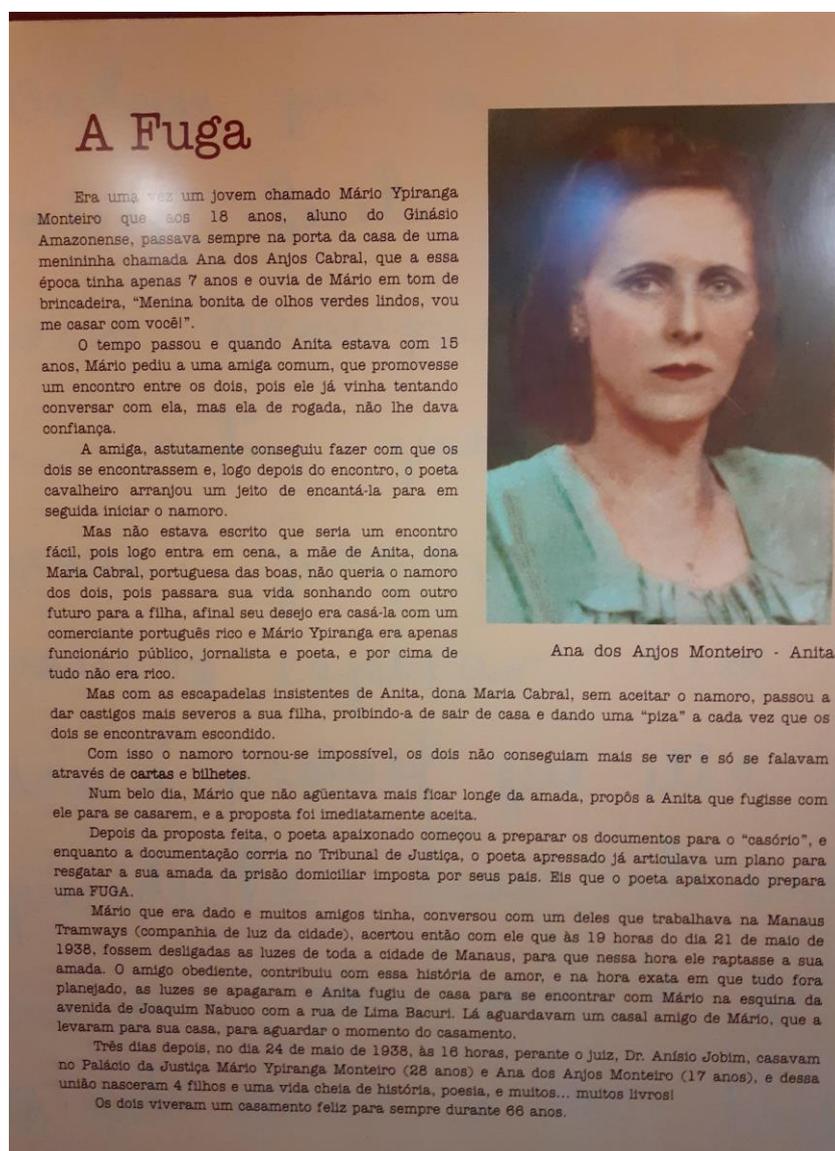
O espaço Galeria do Largo, poderia ser um ponto inicial de turismo literário apresentando aos visitantes e viajantes, o peso da importância do escritor para a cidade. Outro aspecto que se acredita ser importante ressaltar, é a presença do painel intitulado “A Fuga” contando a história do início da relação do escritor com Anita.

O painel conta a história de como os dois se conheceram: ele aos 18 anos e ela aos 07 anos, casando-se quando Anita completou 17 anos de idade enquanto o escritor já estava com seus 28 anos.

Antes de mais nada, é preciso apresentar aqui, uma contextualização da época para evitar anacronismos visto que, casamentos infantis eram mais normalizados socialmente naquela época do que hodiernamente. Mário Ypiranga, com vinte e oito anos, se casar com uma adolescente de dezessete anos, é fruto de um período no qual o patriarcado encontrava-se dominante e em pleno vigor. No entanto, o presente painel foi construído

e aplicado na parede da galeria nos contemporâneos anos do século XXI, em 2005, há 16 anos atrás.

**Figura 43:** Registro do painel que relata a história da relação amorosa do escritor amazonense Mário Ypiranga.



Fonte: Braga (2020)

Hodiernamente, vivemos em um momento em que há uma concentração grande de debates<sup>16</sup> envolvendo a problemática dos casamentos infantis mundo afora.

<sup>16</sup> Um relatório produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) revelou que 26% das adolescentes brasileiras se casaram ou foram morar com seus parceiros antes de completar 18 anos de idade. [...] O relatório alerta que a prática compromete o desenvolvimento dessas jovens nos anos seguintes. “As uniões precoces ou o casamento infantil tornam mais difícil para as meninas terem um projeto de vida”, disse o diretor regional do Unicef para a América Latina e o Caribe, Bernt Aasen. Mais de 80% delas deram à luz antes do aniversário de 20 anos. Agência Brasil. Unicef: 26% das adolescentes brasileiras casam-se

É preciso manter uma análise crítica com o que vem sendo mantido em exposição nos respectivos espaços analisados e, portanto, os painéis também entram nessas análises. Romantizar uma história que reflete uma séria problemática social presente por toda a América Latina em um texto que não tem o cuidado e a devida atenção de datar que tal caso ocorreu em um período que tais discussões não existiam socialmente, pode gerar uma representação alienante pelo espaço em questão.

Ter um pensamento crítico sobre as exposições presentes, nos conduz a analisar com prudência os tipos de narrativas propostas pelos espaços artístico-culturais manauaras e, portanto, é preciso abordar que certos temas, se não tratados com a devida contextualização, podem soar ofensivos para certos visitantes que podem se sentir desconfortáveis com certas informações expostas.

Na exposição sobre a vida do escritor, há um grande foco na sua vida amorosa cuja maquete funciona como um grande signo representando esse vínculo de Mário com sua esposa e os painéis enquanto símbolos dessa relação. Não há nenhum foco na sua vida profissional, o que nos leva a entender que há uma descontextualização do que está exposto no espaço com a realidade presente em território amazonense, uma vez que se era normal para Mário Ypiranga que é uma figura ícone da literatura amazonense, também era para vários homens e rapazes por todo o estado. É preciso avaliar como essas coisas acontecem para que se tenha um conteúdo crítico que condiga com as problemáticas sociais vigentes para que possamos pedir e exigir uma menor influência do patriarcado nos sistemas sociais, garantindo um maior direito das mulheres.

Partindo da ideia de que, devido a grandiosidade da maquete exposta torna a vida amorosa do escritor mais relevante que suas obras publicadas enquanto atrativo aos visitantes, os relatos textuais acerca dessa relação presentes nos painéis poderiam dar a sequência sobre como foram as mudanças ao longo das décadas a respeito desse tipo de prática desde a década de 1930 - quando Mário se casou com Ana, ainda menor de idade e sem a permissão de seus responsáveis legais, diante de um juiz - até as décadas atuais onde casamentos infantis são legalmente proibidos<sup>17</sup> buscando gerar reflexões críticas aos visitantes sobre um problema social ainda existente em nossa nação.

---

antes dos 18 anos. 2019. Disponível em:<Unicef: 26% das adolescentes brasileiras casam-se antes dos 18 anos>. Acesso em: 03 de fev. de 2021.

<sup>17</sup> Em paralelo a isso, o país, felizmente, vem avançando na legislação para coibir os casamentos de crianças e adolescentes. Em 2019, a Lei 13.811 alterou o artigo 1.520 do Código Civil buscando impossibilitar, em qualquer caso, o casamento de menores de 16 anos, superando com isso a possibilidade prévia de casamento a qualquer idade em casos de gravidez. Antes, em 2005, pela Lei 11.106 de 2005, alterou outra exceção: o

#### 2.4.4 Palácio da Justiça

Abordaremos por fim, o último espaço cultural visitado para as análises desta pesquisa. A história do palácio da Justiça, ao contrário dos demais espaços aqui analisados, já se encontra abordada no capítulo I devido este prédio ser um ponto importante para a história da cidade de Manaus assim como o Teatro Amazonas.

Quanto a esta proximidade com o Teatro, foram elaborados alguns questionamentos aos entrevistados do espaço visto que eles comentaram que os condutores culturais do Teatro Amazonas, costumam indicar o Palácio aos seus visitantes como um possível atrativo a ser visitado. Portanto, questionou-se se os entrevistados acreditam que de certa forma, há uma indução de que há um roteiro de turismo cultural em que o turista pode sair do Teatro e vir para o Palácio. Suas respostas foram as seguintes: "Como a história da cidade está interligada, os monumentos históricos, o crescimento e a expansão da cidade, eles acabam fazendo menção ao Palácio e vários outros espaços que foram construídos no período do Teatro Amazonas. Meio que está tudo interligado, história, arquitetura e a cidade." Afirma o entrevistado 1. "E aí quando você vê a história você percebe que nada foi por acaso." O entrevistado 2 dá continuidade.

Portanto, visto que essa interligação entre as histórias dos prédios é muito forte, torna-se prudente enfatizar alguns pontos históricos do Palácio encontradas no site institucional da SEC sobre as funções que o prédio teve em sua história, antes de analisar suas exposições. Segundo a Secretaria de Cultura do Amazonas<sup>18</sup>, o prédio foi inaugurado em 21 de abril de 1900, sendo tombado como Patrimônio Histórico e Artístico do Amazonas, há quarenta anos, na década de 1980. A secretaria também informa que os nomes das salas internas prestam homenagens às personalidades que foram importantes

---

artigo 107 do Código Penal, a qual autorizava o casamento para evitar imposição ou cumprimento de pena criminal. Ainda assim, a despeito de avanços legais, sobre a pretensa escolha de casar-se na infância, não pode ser encarada como mero questionamento retórico. É preciso que abramos os olhos para o tanto a desigualdade de gênero, acompanhada e agravada pela raça, pela classe e por outros marcadores sociais, afeta e limita nossas meninas; afinal, escolher entre oportunidades limitadas é uma falsa escolha. Escolher sem elementos que subsidiem sua "opção" é, tão somente, a imposição de uma lógica patriarcal. Consultor Jurídico, **Casamento infantil no Brasil: parem de apagar a infância de nossas meninas**, 2021. Disponível em:<Escritos de mulher: Precisamos falar sobre casamento infantil no Brasil>. Acesso em: 03 de fev. de 2021.

<sup>18</sup> Disponível em: <Breve histórico sobre o Palácio da Justiça.>. Acesso em: 18 de fev. de 2021.

para a implantação desta construção na cidade no período da *Béle Époque* e ao Poder Judiciário do Amazonas.

**Figura 44:** Registro da fachada do Palácio da Justiça pela perspectiva dos jardins aos fundos do Teatro Amazonas.



Fonte: Redes Sociais (2020)

A fachada do Palácio da Justiça, carrega cores amareladas em diferentes tons. A cor amarela, é popularmente entendida enquanto signo semiótico para nobreza, inteligência e luxo - alinhando-se perfeitamente com suas antigas funções no qual a nobreza é representada devido o prédio ter seu material de construção, assim como grande parte das arquiteturas históricas no Centro de Manaus, importado da Europa; a inteligência relacionada ao público frequentador do prédio que eram, em sua maioria, da elite pertencente ao poder judiciário local e atualmente aos intelectuais da área da cultura; o luxo fica claramente exposto em cada detalhe existente dentro e fora do espaço - a cor amarela também é signo de alegria, felicidade, otimismo e calor - elementos abstratos encontrados atualmente pela presença das diversas linguagens artístico-culturais que a SEC entende como as principais artes presentes que estejam relacionadas com exposições, espetáculos musicais, teatro, cinema e apresentação de palestras.

Durante a visita *in loco*, foi possível observar apenas as artes em linguagens de exposições, muito devido ao horário em que foi possibilitada a visita: 10h30 da manhã no 11 de dezembro de 2020, duas semanas antes do decreto do governo de fechamento total de espaços não essenciais para a população, devido à 2ª onda de COVID-19 em Manaus. As demais linguagens artísticas presentes costumam estar disponíveis para o público apenas durante o período de final de tarde. Durante a entrevista, foi questionado se as

exposições presentes foram planejadas previamente ou foram pensadas em função da pandemia. O entrevistado afirmou a seguinte afirmação: "Toda exposição que é colocada aqui no Palácio segue um cronograma. Mas, agora, por conta da pandemia, elas estão ficando mais tempo. Uma das exposições atuais era para ter saído há cerca de três meses, mas ela continua."

Partimos agora, para as análises das exposições encontradas dentro do Palácio. Logo no *hall* de entrada, havia uma grande torre intitulada de "lambe-lambe babel" anunciando a obra artística do escritor Otoni Mesquita - referenciado nesta pesquisa em vários pontos no subtópico 1.4 Manaus e o Turismo no capítulo I enquanto escritor, e agora enquanto artista - realizada a partir de desenhos criados em diferentes períodos entre 1976 e 2020 pelo escritor e artista amazonense. Esta torre também pode ser interpretada como um grande mapa da cidade de Omm e de várias outras cidades imaginárias criadas pelo artista, devido à presença de sociedades e arquiteturas diversas por toda a extensão da torre.

**Figura 45:** Registro do anúncio da exposição "ArquiteOtônicas" com a presença da torre Lambe-Lambe Babel.



Fonte: Braga (2020)

Ao longo das décadas, Mesquita buscou criar uma cidade utópica imaginária chamada de "Omm" e seus habitantes, inspirada em culturas encontradas na Europa e Turquia "com ancestrais paisagens turcas", conforme menciona Sérgio Vieira Cardoso no informativo de apresentação da exposição.

Ao longo de quase meio século, o artista produziu diversos materiais envolvendo a atmosfera fantástica de Omm, como cerâmicas, mapas, utensílios e até uma escrita própria, inspirada nos fortes signos presentes nos relatos da antiga Babilônia, pelas suas viagens ao antigo continente europeu e para a Turquia - suas fortes cores terrosas, paisagens desérticas e orlas de um oceano azul-turquesa formadas por uma arquitetura profundamente inspirada na cultura turca, além do uso de seda em seus cotidianos - A cidade de Omm traz consigo estes característicos signos que nos remete a estas culturas mais antigas que as Américas.

Durante a produção dos painéis presentes na exposição, mesquita utilizou a técnica da sublimação, no qual ele elaborou as pinturas num material sólido e depois transferiu para um tecido fino expostos nas janelas do Palácio como se os painéis fossem cortinas para que assim, surgisse um movimento eólico que desse mais naturalidade aos movimentos e vida às pinturas. Sua intenção foi similar aos vitrais de igrejas e, portanto, quando a luz do sol reflete através dos desenhos, seus detalhes, formas e cores ganham um maior destaque.

**Figura 46:** Registro dos painéis em movimento eólico.



Fonte: Braga (2020)

Numa segunda sala ao lado, há uma continuação da exposição ArquiteOtônicas, onde encontram-se outros painéis no qual é possível ver outros desenhos da cidade de Omm na parte superior e na parte inferior. Ainda com a técnica de sublimação, ele adicionou trechos de seus diários de viagens com pensamentos e reflexões sobre esta

cidade e sua população em que também é possível notar a presença de sinos entre um painel e outro, com a intenção de remeter a Turquia sempre que estes sinos forem acionados pela ação do vento entrando na sala. Nota-se que Otoni se aproveitou dos elementos naturais enquanto signos semióticos que remetesse o visitante a sentir-se nos destinos que o inspiraram na criação de tão criativa obra.

Por fim, há a presença de um painel posicionado em uma das paredes desta segunda sala, apresentando uma grande cidade que nos remete a um imenso e complexo quebra-cabeça. Sua intenção foi unir a cidade de Omm com várias outras também criadas pelo Mesquita em uma única metrópole, um grande aglomerado formado por várias de suas cidades imaginárias por meio da técnica do lambe-lambe.

Seguimos para o próximo salão onde há a presença da exposição Cores em Movimento da artista amazonense Di Miranda que utilizou técnicas de surrealismo e cubismo para criar um conjunto de pinturas que formam a exposição. É possível notar a preferência da artista em pintar corpos femininos categorizados em etapas: iniciando com religiosidade com a presença de pinturas de freiras, seguindo para maternidade com mulheres cuidando de suas filhas e finalizando com quadros remetendo aos povos originários. É também possível notar o uso de cores frias na composição das telas o que gera um signo melancólico em suas representações.

**Figura 47:** Registro das pinturas elaboradas por Di Miranda na exposição Cores em Movimento.

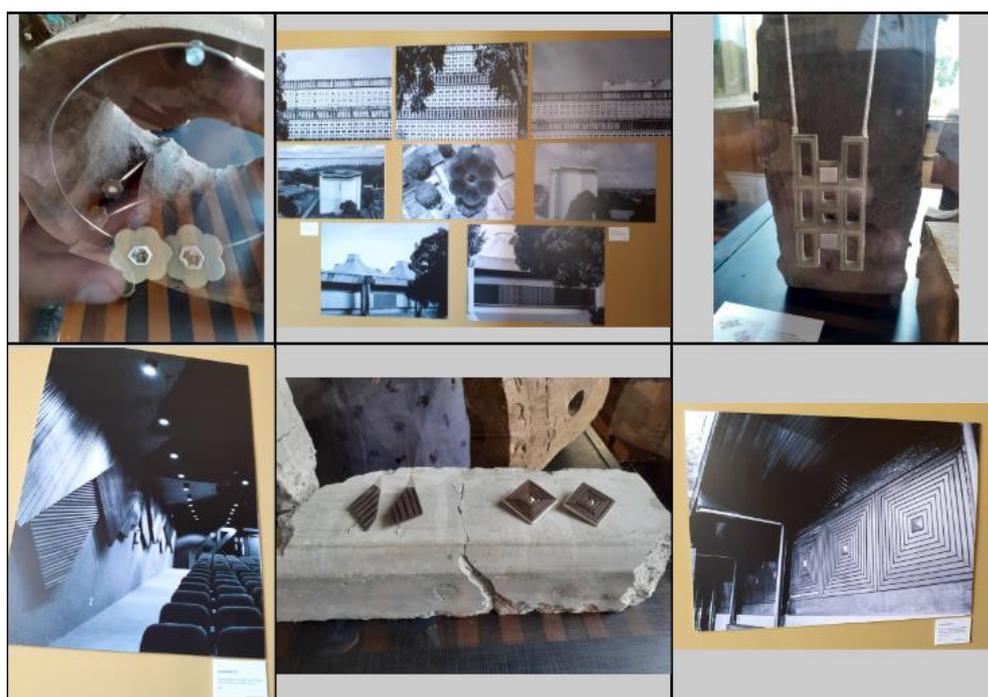


Fonte: Braga (2020)

Na segunda etapa, a artista utiliza cores mais quentes e, portanto, mais alegres na composição de suas pinturas representando festas, florestas e pessoas se divertindo umas com as outras. Não há muita clareza das intenções da artista com as obras expostas, o que deixa suas pinturas em aberto para que o visitante possa interpretá-las subjetivamente.

Finalizamos a visita apreciando a exposição em homenagem aos 90 anos de Severiano Mario Porto, arquiteto mineiro que morou por mais de 30 anos em Manaus, foi um dos grandes responsáveis por moldar as paisagens contemporâneas manauaras e infelizmente veio a óbito<sup>19</sup>, vítima de COVID-19 no dia 10 de dezembro de 2020, um dia antes da visita do pesquisador ao Palácio da Justiça. A exposição apresenta fotos monocromáticas feitas pelo fotógrafo manauara Jorge Santos e pela fotógrafa paulista residente em Manaus, Selma Maia, de prédios projetados pelo arquiteto durante sua estadia na capital amazonense por todos estes 30 anos. Além de joias criadas pela designer amazonense Iuçana Mouco - que também participou do processo de fotografar os prédios pela cidade ao lado dos demais - enquanto signos semióticos representando algumas das características tão únicas destes prédios.

**Figura 48:** Algumas das joias inspiradas em signos presentes na arquitetura de Severiano Porto.



Fonte: Braga (2020)

<sup>19</sup> O arquiteto Severiano Mário Porto morreu aos 90 anos, nesta quinta-feira (10), em Niterói, no Rio de Janeiro. Conhecido como "Arquiteto da Amazônia" e "Arquiteto da Floresta", ele foi mais uma vítima da Covid-19. Nascido em Uberlândia (MG), Severiano Mário Porto morou por cerca de 30 anos em Manaus. Ele foi o arquiteto responsável por obras icônicas do estado, como a sede da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), o campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), o antigo estádio Vivaldo Lima, entre outros. G1. **Arquiteto Severiano Mario Porto morre vítima de Covid-19**. Disponível em:< [Arquiteto Severiano Mario Porto morre vítima de Covid-19](#)>. Acesso em: 25 de jan. 2021

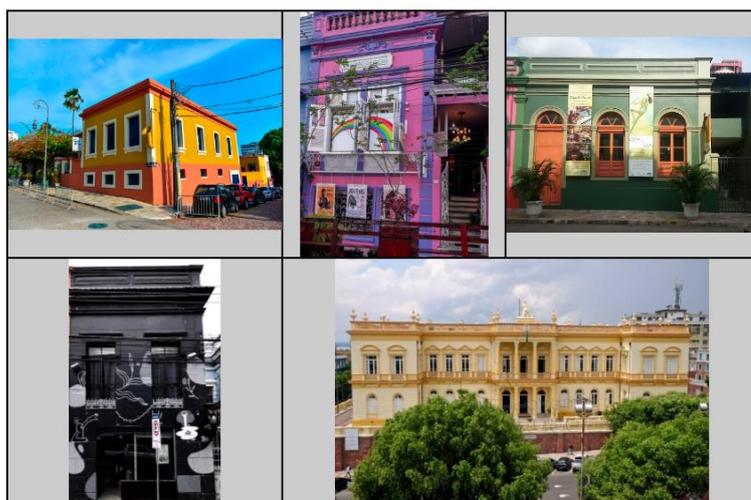
Observa-se, por meio das três exposições presentes no Palácio da Justiça, uma grande complexidade criativa e intelectual nas exposições e em seus elaboradores - visto que, como já foi mencionado, Otoni Mesquita aparece nesta pesquisa enquanto pesquisador por meio de suas obras literárias resultado de seus estudos acerca do passado histórico de Manaus com citações diretas e indiretas, inclusive ao passado do Palácio onde atualmente ele, enquanto artista, expõe suas criações artísticas - e como podemos ver, a cor amarela é bem significativa ao representar a criatividade presente nas linguagens artísticas internas e na estrutura externa de um prédio tão importante em cada era de suas funções.

Como vimos, por meio destes espaços, as linguagens artístico-culturais presentes no Centro são muito variadas e ricas em suas respectivas áreas: teatro, produção audiovisual, artes visuais etc. A oferta artística enquanto produto turístico existe, se reinventa e resiste aos atuais desafios devido à Pandemia e sua consequente quarentena. Muitos destes espaços já estavam realizando suas atividades muito antes do fatídico 2020, o que não justifica o motivo de agências não aproveitarem tal oferta para atrair turistas interessados neste nicho de atrativos culturais. No tópico seguinte, buscaremos entender como compreender estes espaços culturais sob aplicação da semiótica do turismo discutida teoricamente no início deste capítulo.

#### **2.4.5 OS ESPAÇOS CULTURAIS SOB A PERSPECTIVA SEMIÓTICA DA LINGUAGEM TURÍSTICA**

Conforme pode ser visto na figura 49, os espaços culturais possuem cores vivas que, como vimos no subtópico anterior, estão relacionadas com o tipo de linguagem artístico-cultural presente em seus interiores, o que já nos apresenta uma representação semiótica deste território geográfico interligado com a historicidade local e as artes.

**Figura 49:** Fachadas dos espaços culturais.



Fonte: Redes Sociais (2021)

Os espaços culturais apresentados nesta pesquisa, possuem uma arquitetura característica do período de construção do Teatro Amazonas com elementos relacionados à arquitetura eclética<sup>20</sup>.

O ateliê 23 foi completamente reformado, cujos aspectos originais estão presentes apenas na fachada e no teto da primeira sala, nos demais espaços interiores, já foram feitas reformas para transformá-lo em um centro cultural capaz de abrigar um café, exposições e salas de espetáculos teatrais. O mesmo acontece no Casarão de Idéias que era um ponto comercial o que reflete no amplo espaço interno presente no seu interior, o que facilita a locomoção em suas dependências.

O Palácio da Justiça, dentre os espaços aqui analisados, é o que ainda possui grande parte de suas dependências internas preservadas, no qual é possível observar muito de seus aspectos históricos que comportavam as atividades jurídicas do Amazonas. Apenas algumas salas localizadas no primeiro andar foram transformadas para portar exposições.

A Galeria do Largo, como visto no subtópico 2.4.3, foi residência de muitas personalidades diferentes que foram transformando o lugar de acordo com as tendências arquitetônicas de suas respectivas épocas. Durante as reformas de revitalização do centro

<sup>20</sup> De uma maneira ou de outra, quase todos os autores, que se detiveram um pouco mais no estudo da arquitetura de Manaus, notaram que a visualidade da cidade apresentava um aspecto bastante variado. Utilizaram diferentes denominações para descrever a diversificação de tendências que são, contemporaneamente, definidas como ecléticas. [...] Manaus, como a maioria das cidades brasileiras que se desenvolveu na última década do século XIX, adotou uma arquitetura comprometida com variados *revivals* tendo como resultado um conjunto bastante eclético. Mesquita, Otoni. Manaus História e Arquitetura 1852 - 1910, 1997.

histórico em 2005, o local havia perdido consideravelmente suas características originais e, portanto, foi idealizada uma fachada - com aspectos ecléticos - construída propositalmente para que o espaço estivesse de acordo com as demais fachadas históricas dos prédios próximos.

A Casa das Artes foi residência do Dr. Thaumaturgo de Albuquerque Sapha, advogado, delegado do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários e Procurador Federal (IAPI) que morou no prédio por mais de 40 anos, segundo o site institucional <sup>21</sup>da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado - SEC. Inaugurada em 2004, é possível sentir o aconchego típico de uma residência, presente no espaço principalmente pela varanda com vista privilegiada para o Teatro Amazonas e pelos jardins presentes em seu charmoso quintal.

É importante observar que as transformações sofridas nos respectivos espaços culturais supracitados refletem em como o visitante irá lidar com o primeiro contato com os prédios visto que, a própria arquitetura dos espaços já é oferta suficiente para uma visita turística. As modificações feitas para comportar da melhor forma possível, as diferentes linguagens artístico-culturais - apresentadas e analisadas nos subtópicos anteriores - não apagam a história existente nas funções de cada um destes lugares. Houve uma dinâmica de pessoas que ali habitaram, que traz essa carga de *status* do que era uma sala de estar e hoje é um salão de exposições, como ocorre na Casa das Artes, na Galeria do Largo e no Ateliê 23 que possuem até hoje, essa forte característica residencial comum àquela época, até os dias de hoje. O Casarão de Idéias, pode ter sido um ponto comercial antes de se tornar o centro cultural que conhecemos atualmente, mas antes disso, também foi residência de muitas personalidades diferentes da elite manauara. O Palácio da Justiça, é o único que ainda preserva essa historicidade existente ao longo das décadas e a oferece como atrativo aos seus visitantes.

Quatro dos cinco espaços, foram em algum momento de sua história, residência de famílias que escolheram essa cidade como lar. Manter a história de lugares residenciais preservados é mais desafiador do que lugares de uso administrativo.

Claro que existem museus com intuito de apresentar a história de ilustres moradores em suas dependências, como o Museu Casa Eduardo Ribeiro, que possui uma exposição permanente de mobiliário residencial de época, objetos de uso pessoal do ex-

---

<sup>21</sup>Disponível em <[Casa das Artes](#)>. Acesso em: 18 de fev. de 2021

governador e de arte que procuram recriar o estilo de vida do final do século XIX e início do século XX, época em que viveu Eduardo Gonçalves Ribeiro.

A diferença presente aqui é que esse tipo de museu já foi projetado para ter sua historicidade residencial como ponto central das visitas, diferente das demais residências que tiveram suas funções alteradas até se tornarem os espaços culturais que visitamos, o que não apaga essa energia doméstica e aconchegante presente em seus interiores.

Essas percepções são importantes para que possamos compreender melhor essas mudanças nas dinâmicas espaciais no centro histórico, visto que é possível imaginar como as pessoas utilizavam aquele espaço séculos atrás enquanto apreciamos as exposições em voga já que os espaços em exposição, também estão em constante transformação por estar sempre se renovando e comportando novas exposições que vão exigindo novas e criativas formas de utilizar aquele espaço.

Todos estes elementos são primordiais para uma construção sógnica das diferentes dinâmicas existentes no Centro de Manaus tanto para o visitante como para o morador local.

A linguagem turística, como foi averiguado no início deste capítulo, é um conjunto de construção imagética feita pelo Governo, Mercado e Mídia para induzir na percepção do turista que já busca conhecer determinado destino sob influência destes signos pré-fabricados, sendo também importante por adicionar significados às ofertas turísticas.

Como vimos durante a análise dos mapas turísticos de Manaus - visto nesta pesquisa como importantes ferramentas semióticas de construção de imagens na linguagem turística local - a produção dos signos turísticos da área urbana da capital amazonense, busca um foco primordial nessa historicidade presente em determinados prédios históricos cuja função é abordar um período importante da cidade em diferentes perspectivas, sejam em prédios cujo foco será a história de um político importante à época como o já citado Museu Casa Eduardo Ribeiro, seja em prédios com importância administrativa como o Paço da Liberdade, Palácio da Justiça, Palacete Provincial, etc.

A análise dos espaços culturais e suas respectivas linguagens artístico-culturais, nos ajuda a entender que há muita oferta existente no centro histórico que não é aproveitada para a construção da linguagem turística local que, por mais que busque trazer como prioridade a beleza presente nas variadas fachadas históricas de muitos prédios que

formam esse rico conjunto patrimonial material de Manaus, não pode fazer o mesmo pelos seus interiores visto que alguns destes não permitem visitação interna como a Alfândega e o Reservatório do Mocó como alguns dentre vários exemplos.

Os espaços culturais possuem características únicas em suas fachadas que estão fortemente interligadas com o tipo de linguagem artístico-cultural presente em seus interiores e, portanto, seriam uma ótima adesão na formação de uma linguagem turística mais precisa ao adicionar significados artísticos nas ofertas de visitação disponíveis aos visitantes.

A imagem turística projetada de Manaus, busca uma construção de signos que dualizam entre o urbano e o natural; a historicidade citadina e a historicidade dos povos originários amazônicos; o progresso globalizado em constante atualização e a dinâmica quase inerte das comunidades ribeirinhas em tamanha convivência com o meio amazônico em que estão inseridas. A adição de lugares artísticos na imagem turística manauara nada mais é do que uma “correção” mais exata do que é possível encontrar ao adentrar neste espaço já bem construído simbolicamente sob signos urbanos e históricos.

O que não seria algo tão inovador, uma vez que o Teatro Amazonas, é por si mesmo, um signo que representa essa união das artes e da historicidade urbana do centro histórico enquanto atrativo turístico. Adicionar os demais espaços culturais, que estão territorialmente próximos, daria mais força para o Teatro enquanto signo histórico e artístico, idealizando uma imagem turística que apresenta ao visitante, uma Manaus detentora de uma oferta de artes rica e variada, disponível para os visitantes.

A comunicação na Semiótica do Turismo, como já vimos, vai além de uma linguagem comercial para o setor, porque também constrói a linguagem dos turistas, assim como produzir as suas impressões e afetos que dão significados às suas experiências ao se materializar como fenômeno turístico. Aspectos artísticos encontrados no Centro como atores performando em espetáculos teatrais, produções audiovisuais mostrando curtas-metragens locais, quadros e pinturas apresentando as perspectivas de artistas amazonenses expostos aos visitantes ou a historicidade daqueles manauaras que já habitaram esses lugares, agora centros culturais, tudo isso são um conjunto de signos que, se trabalhados de forma apropriada, podem agregar mais valores aos já estabelecidos signos do turismo presentes em Manaus, como hotéis, os prédios históricos, o clima amazônico, Uber etc.

Finalizamos essas análises elaborando - com apoio do artista parintinense Alziney Pereira - uma ilustração destes espaços e suas respectivas linguagens artístico-culturais presentes no entorno do Teatro Amazonas. A ilustração busca mesclar, de forma abstrata, a arquitetura desses espaços com suas respectivas artes existentes em seus interiores já aqui apresentadas no subtópico 2.4, que se encontram organizados no entorno do Teatro.

A ilustração visa trazer a importância da imagem na semiótica para uma melhor representação dos significados artísticos e culturais existentes nos espaços para gerar um maior impacto ao leitor sobre a importância da visibilização destes lugares na oferta turística. O recorte para essa pesquisa, delimita apenas cinco espaços culturais, pensando nas diferenças artísticas deles que vão do mais popular ao mais *underground*.<sup>22</sup> No entanto, a oferta cultural é mais abrangente com a presença de vários outros espaços que abordam diferentes aspectos das artes como o paço da liberdade, museu do largo, museu amazônico etc.

O artista escolhido, é oriundo do município de Parintins, mas possui vários trabalhos no centro histórico da capital amazonense. Alziney Pereira, em parceria com seu conterrâneo Kemerson Freitas, formam a dupla que assina murais e grafites de cunho artístico que trazem a identidade cabocla e o cotidiano amazônico aos paredões públicos de prédios antigos, pontos de ônibus etc., pela alcunha de Curumi'z.

Os Curumi'z também possuem histórico com os espaços analisados: com a exposição "Conterrâneo" na Galeria do Largo em maio de 2019; e com o Casarão de Idéias no qual recebeu o Prêmio conexões culturais Lei Aldir Blanc pela Prefeitura Municipal de Manaus para transformar a paisagem urbana com a arte do grafite em janeiro de 2021. Logo, tais trabalhos também serão mencionados na ilustração.

Portanto, pela arte dos Curumi'z estar se tornando uma nova característica cultural do centro histórico manauara, acredita-se que os toques artísticos destes artistas possam criar uma relação mais intrínseca desta pesquisa com as dinâmicas existentes pelas ruas daquele bairro.

---

<sup>22</sup> *Underground* são atividades culturais que não estão necessariamente ligadas a um discurso crítico ou oposicionista, mas que propõem a independência em relação ao que é produzido pela indústria cultural, no sentido de que sua divulgação não é encarada como condição *sine qua non* para sua própria sobrevivência. (CARVALHO, G; NUNES,. *Underground* e Ciberespaço: Uma leitura atual para estudos da comunicação, 2014)

**Figura 50:** Ilustração dos signos semióticos dos espaços culturais.



Fonte: Pereira (2021)

Para a elaboração da ilustração, foram utilizados signos presentes nos próprios espaços após constatação durante a visita *in loco*. O Palácio da Justiça possui os quadros de antigos presidentes do Tribunal de Justiça do Amazonas que foram utilizados no desenho para representar a historicidade jurídica do prédio histórico até meados de 2006. A torre presente no Palácio é uma representação do item exposto no *hall* do espaço conforme visto no subtópico 2.4.4 como pode ser visto na figura 45 para representar as exposições contemporâneas em um prédio histórico, pertencente à exposição "ArquiteOtônicas", elaborada pelo Otoni Mesquita. O Teatro encontra-se presente no desenho mesclado com a arte da ópera - idealizada na ilustração por meio da ópera Tosca, apresentada nos palcos do Teatro Amazonas durante o Festival Amazonas de Ópera de 2019.

O Ateliê 23 encontra-se representado pela peça *online* "Vacav Bravas" no qual pude assistir alguns ensaios e as gravações de algumas cenas. O Casarão, traz signos referentes ao cinema - que representa a existência dessa linguagem artística no local - e ao seu vasto acervo de livros bibliográficos disponíveis para apreciação *in loco*. O painel colorido é uma referência aos trabalhos de paisagismo urbano realizados pelos Curumi'z com o espaço.

A Galeria do Largo também traz referências aos trabalhos dos Curumi'z realizados em 2019 e por fim, a Casa das Artes traz referências ao Festival de Jazz realizado em março de 2020 e brutalmente encerrado devido ao rápido avanço do COVID-19 em Manaus e a necessidade urgente de iniciar uma quarentena para retardar o rápido contágio do vírus. O Festival de Jazz foi escolhido para representar as artes presentes nesse espaço devido esta ter sido a última vez em que o pesquisador esteve presente dentro das dependências do lugar. Os cinco espaços mesclados abstratamente com suas respectivas linguagens artístico-culturais nos ajudam a visualizar melhor tanto a Cultura presente no bairro Centro como a cultura, de acordo com as compreensões de Eagleton, que passam despercebidas pelo campo do turismo.

No tópico seguinte, buscaremos levantar alguns roteiros de agências localizadas no Centro de Manaus além de roteiros que já usufruem de alguns dos espaços culturais analisados pela pesquisa.

## **2.5 O ROTEIRO TURÍSTICO DAS AGÊNCIAS DE MANAUS E ALTERNATIVAS DE ROTEIROS FOCADOS NOS ESPAÇOS CULTURAIS LOCAIS**

Neste subtópico, será importante averiguar agências listadas na Associação Brasileira de Agências de Viagem - ABAV<sup>23</sup> como método de filtragem para entender os tipos de roteiros que são comercializados em Manaus e no Amazonas. Há no total trinta e três (33) agências de viagem cadastradas, mas buscou-se como aspecto importante de delimitação, focar apenas nas agências cadastradas que se localizam no bairro Centro, onde encontram-se sete (07) agências listadas pela ABAV.

Visto que não é objetivo deste trabalho averiguar profundamente as técnicas de construção dos pacotes oferecidos e nem mesmo entrevistar tais agências sobre como estas mantêm seus pacotes atualizados com o que acontece no cotidiano da cidade, os nomes das agências não serão mencionados no quadro 3 no qual será utilizado o processo de referenciá-las por meio de numeração (agência 1; agência 2; etc.).

É possível perceber que dentre as agências apresentadas no quadro 3, duas se destacam por abordar com mais afinco as atrações encontradas no mesmo bairro em

---

<sup>23</sup> A Associação Brasileira de Agências de Viagem - ABAV é a maior entidade representativa dos interesses das agências de viagem no Brasil. Sua principal missão é fomentar o desenvolvimento do turismo nacional e defender os legítimos interesses da indústria do turismo como um todo, e dos seus associados, em especial. Disponível em: <[ABAV Nacional](#)>. Acesso em: 28 de fev. 2021

que estão localizadas tais agências: as de número 4 e 5. É importante ressaltar que a N°4 oferece pacotes para várias cidades no interior do Amazonas, assim como outras apresentadas no quadro. Entretanto, buscou dar maior foco às informações sobre Manaus visto que esse é o ponto central dessa pesquisa.

As agências N°4 e N°5 mencionam visitação em um dos espaços culturais discutidos na pesquisa como o Palácio da Justiça, que possui um bom histórico de visitação devido ao planejamento de visitas guiadas presente no espaço assim como outros espaços administrados pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa - SEC, como o próprio Teatro Amazonas, entendido aqui nessa pesquisa como ponto de epicentro justamente pela sua grande concentração de visitas diárias.

**Quadro 3:** Roteiros oferecidos por agências cadastradas na ABAV.

Agências cadastradas na ABAV - Centro	
Menções às Agências	Roteiro(s) oferecido(s)
Agência 1	USA; Disney.
Agência 2	Ariáú Amazon Tower; Presidente Figueiredo; Vila Paraíso (Museu do Seringal); Botos.
Agência 3	Cruzeiros.
Agência 4	Pacote Manaus - Eventos :Carnaboi; Festival de Ópera; Festival da Padroeira Nossa Sra da Conceição; Festival Universitário de Música - FUM; Festival Folclórico; Festival Folclórico Marquesiano; Feira Agropecuária do Amazonas; Festival de Jazz; Ensaios Oficiais do Garantido e Caprichoso.
	Pacote Manaus - Pontos turísticos em Destaque: Teatro Amazonas; Alfândega; Matriz; Mercado Adolpho Lisboa; Palácio da Justiça; Parque do Mindú; Parque Nacional do Jaú; Praia da Lua; Praia do Tupé; Praia da Ponta Negra; CIGS; Relógio Municipal; Encontro das Águas.
Agência 5	City Tour: Porto Fluvial; Teatro Amazonas; Palácio da Justiça; Mercado Adolpho Lisboa; Alfândega; Palácio Rio Negro; Museu Natural de Ciência; Igreja de São Sebastião; CIGS; Bosque da Ciência; Museu do Homem do Norte.
	Encontro das Águas
Agência 6	Não disponibiliza os pacotes acessivelmente por meio de sites virtuais
Agência 7	Não disponibiliza os pacotes acessivelmente por meio de sites virtuais

Fonte: ABAV (2020)

Entretanto, nota-se que a grande maioria dos espaços propostos nesta pesquisa, não recebem muita atenção de tais agências como o Casarão de Idéias que inclusive, é o único dos 5 espaços debatidos neste trabalho a ter um certificado do Cadastur.

**Figura 51:** Registro do Cadastur do Casarão de Idéias em exibição no interior do espaço cultural.



Fonte: Braga (2020)

Mesmo sendo o único com tal registro cujas atividades encontram-se na categoria “Casa de Espetáculos e Equipamento de Animação Turística”, O Casarão não possui menções frequentes nos pacotes oferecidos pelas agências locais muito menos nos mapas turísticos conforme foi constatado no subtópico 2.3 Análise semiótica dos mapas turísticos de Manaus.

Uma outra agência, localizada no bairro Flores, a “UIKA: Experiências Amazônicas e Turismo Comunitário”, busca trazer um pouco desses espaços como alternativas de roteiros aos seus clientes e, portanto, acredita-se ser pertinente uma entrevista com a dona deste empreendimento, formada em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, devido um de seus roteiros, o “Perrechê Tour” ser justamente um roteiro pensado na abordagem de espaços culturais enquanto atrativos turísticos, ponto central desta pesquisa. A entrevista abordou vários pontos diferentes acerca de seu trabalho, do roteiro Perrechê Tour, histórico da empresa e planos para o futuro, mas abordaremos apenas alguns pontos fundamentais relacionados com o tema central desta pesquisa. A entrevista seguiu os mesmos padrões de configuração textual encontradas nas entrevistas presentes no capítulo I. Seguimos então com alguns pontos abordados numa entrevista online via *Zoom Meeting* com a empresária.

- **Como foi a conversa com o responsável pelo local para aceitar grupos de turistas no Casarão de Idéias?**

Esse diálogo, nunca aconteceu. Eu trabalhei para o diretor cultural do espaço uma vez, pelo Casarão de Idéias quando este ainda estava localizado em outro endereço e fiz um tour com ele na época pelo centro histórico de *bike* inclusive. Mas aquilo ali, me serviu de estágio pro Perreché depois porque eu vi e eu estudei bastante pra fazer esse passeio para o Casarão de Idéias de *bike* e aí eu vi “caramba! tem muito potencial aqui pelo centro que a gente não tá acostumado a falar”, foi uma das coisas que me influenciaram a fazer o Perreché depois e aí trabalhando nisso com o diretor do espaço, eu voltei e fui lá uma primeira vez com um viajante, aí quem me recebeu foi um funcionário que é braço direito do diretor **[O mesmo que foi entrevistado para essa pesquisa cuja entrevista encontra-se no capítulo I]** e eu conversei com esse funcionário pela primeira vez e fui falar com ele “essa daqui é a minha viajante, eu tenho uma operadora, pede pro diretor por favor pra gente visitar, avisa ele...” e assim foi: a segunda vez a mesma coisa eu falei de novo com esse funcionário, porque o diretor às vezes não estava e só fui vê-lo após meses indo com viajantes no Casarão.

Eu não tinha mais o contato do diretor do espaço há algum tempo, já não estava mais na faculdade também e quando comecei a me encontrar com ele, disse “Então, eu trouxe umas pessoas aqui pra conhecer, tudo bem pra ti?” Aí ele “tudo! Pode ficar à vontade!”. Eu acredito que ele adora porque vão pessoas que não conhecem o Casarão e não cogitariam o Casarão como um lugar para ir durante a viagem porque é o que eu disse: “tá fora da rota!”, da rota turística que todo mundo costuma fazer.

Para você ter uma ideia, eu não tenho certeza do número de pessoas que já fizeram o Perreché, mas se a gente for chutar, provavelmente umas 300 pessoas ou mais. Então imagina: 300 pessoas que jamais iriam para o Casarão e conhecerem o Casarão por conta do Perreché tour... é muita gente! Depois de um tempo, eu já o convidei para um evento por parte da UIKA e tudo mais... então a gente foi se aproximando aos poucos. Essa conversa aconteceu desse jeito: eu fui me aproximando aos poucos e pedindo mais permissão de quem estava cuidando do Casarão no momento do que exatamente para o diretor do local.

**- Qual é o perfil do público nacional e internacional que escolhe o roteiro Perreché Tour?**

Como a maioria do meu público ainda é brasileiro e apesar de atender outros países: ingleses, franceses, australianos, estadunidenses, alemães, espanhóis... eu já os atendi, porém, esse público estrangeiro é uma parcela do meu público. Eu recebo brasileiros em praticamente todas as semanas e geralmente eles são do Sudeste ou do Nordeste, principalmente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Acredito que dentre 5 viajantes que fazem o *walking tour*, 4 são paulistas, então pode ter certeza de que tens que focar nesse público, eles são completamente apaixonados pela Amazônia e tudo para eles é “Nossa, que incrível!”.

Até porque é um outro “mundo” para eles e eu adoro isso porque as pessoas ficam completamente apaixonadas e querem levar tudo: desde a cachaça, a bala, farinha Uarini... já tive clientes paulistas que levaram até peixes e eu acho superlegal.

Raros são os visitantes das demais regiões como sul, centro-oeste e até mesmo do Norte. Eu tenho a percepção de que os visitantes sulistas não estão preparados e não estão tão abertos para lidar com o calor amazônico, então geralmente, esse grupo não opta por um *walking tour*, muitos já fizeram, mas a maioria prefere outros roteiros ou ir direto de carro ao mercado ou para alguns outros lugares.

Mas como disse, a maioria são sudestinos e nordestinos, geralmente mulheres entre 20 e 40 anos em que muitas são financeiramente independentes com seus negócios próprios e decidem, por conta própria, visitar Manaus.

Devido a pandemia, não havia turistas que estivessem visitando esses lugares culturais para participar dessa entrevista, mas a entrevistada nos deu uma noção do perfil de turista que costuma conhecer esses espaços culturais por meio de sua agência e, portanto, acredita-se que seria exatamente esse perfil que estaria participando dessa pesquisa caso não houvesse a pandemia de COVID-19. Mulheres sudestinas e nordestinas, por meio das experiências da UIKA, demonstraram ter um forte interesse pela cultura local e com certeza, não se arrependeriam em conhecer os demais espaços culturais propostos para essa pesquisa como o Ateliê 23 ou a Galeria do Largo.

No próximo capítulo, traremos um aspecto mais geográfico para compreender essas mudanças espaciais no centro histórico e como outras linguagens artístico-culturais estão presentes nas dinâmicas do bairro Centro para a elaboração do mapa cultural em duas perspectivas: estático e virtual. Discussões acerca do aprendizado geográfico que o

viajante adquire ao experienciar um destino turístico por meio presencial também vai ser abordada por meio da geosofia.

## CAPÍTULO III - REFLEXÕES GEOGRÁFICAS PARA A PROPOSTA DE UM MAPA CULTURAL

“Podemos talvez um pouco caprichosamente chamar a forma artística de uma cidade comparando-a à dança. Porém, não uma dança de precisão ou uniforme [...] senão à maneira de um intrincado balé no qual cada dançarino individualmente e no conjunto manifesta claramente os papéis específicos, que milagrosamente se dão com vigor e densidade uns aos outros, compondo um todo harmônico e ordenado.”

Jane Jacobs

As ilustrações criadas por meio da semiótica de Peirce e apresentadas no capítulo anterior, tornam-se um caminho na busca em compreender as artes presentes na geografia do centro manauara, na busca de um processo cartográfico de construção de um mapa que as apresente imagetivamente. Neste capítulo, veremos a importância de compreender como o turismo está geograficamente presente no centro histórico para uma melhor elaboração dos mapas turístico-culturais de Manaus.

### 3.1 A DINÂMICA DOS ESPAÇOS URBANOS NA AMAZÔNIA

A proposta de construção de um mapa, busca alinhar os signos e símbolos semióticos de forma a fornecer ao turista mais que a localização arquitetônica, mas como uma possibilidade de fruição entre os eventos culturais e a cidade.

Antes de aprofundar discussões a respeito de como poderia ser construído um mapa cultural localizado no bairro Centro de Manaus, faz-se necessário compreender um pouco sobre como funciona a dinâmica de espaços urbanos na Amazônia.

Para tal, será importante discorrer sobre uma pluralidade geográfica maior, que nos ajude a pensar melhor sobre tal problemática em que “novos modos de olhar, novas possibilidades de armar conexões para pensar a cidade e a produção do espaço na Amazônia” (OLIVEIRA, 2000, p. 09)

O professor amazonense José Aldemir de Oliveira, ex-reitor da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, em sua obra “cidades na selva” em que nos proporciona um “livro apresentado como se fosse um mapa” (2000, p. 15), como o próprio autor pontua, traz discussões acerca das constantes transformações socioespaciais na Amazônia, no

qual áreas urbanas mesclam-se com o ambiente verdejante na floresta amazônica (idem, ibidem) em que o imediato é o primeiro contato com a paisagem, aparecendo de forma relativamente simples, já o mediato são os detalhes que vão sendo observados com a devida atenção na paisagem, alterando a percepção de simples para complexo.

Ao primeiro olhar, pode-se ter a impressão de que a cidade de Manaus, é um grande aglomerado caótico de uma área urbana construída com moldes europeus ignorando sua identidade amazônica. Entretanto, após um olhar mais atento, nota-se uma cidade com um rico e variado campo multicultural que mistura todas essas diferentes identidades com construtores - Entendidos pelo autor como aqueles que auxiliam na (re)construção física e social da dinâmica no espaço geográfico - vindos de lugares tão distintos para criar uma identidade mais autêntica que a diferencia de outras cidades amazônicas.

**Figura 52:** Bairro Centro da cidade de Manaus.



Fonte: Pinterest (2019)

Há uma grande concentração de construtores, que variam entre artistas, chefes de cozinha, empresários etc., que constroem e reconstroem signos culturais manauaras no centro da cidade por meio de pratos culinários à diferentes formas de músicas, danças e afins onde “o processo de produção do espaço ocorre a partir da ação de todos esses atores e da relação entre si e com a natureza.” (OLIVEIRA, 2000, p. 20)

A Amazônia possui grandes centros urbanos como por exemplo, Manaus e Belém, cuja diversidade existente atualmente dentro desses municípios possui níveis de complexidade maiores do que aqueles encontrados no início do século XX (idem,

ibidem), resultados de transformações dos hábitos e dos costumes locais no qual tal processo apenas expõe que as “relações homem-natureza que passou a predominar na Amazônia, teve e continua tendo como principal característica a tendência à degradação do homem e da natureza.” (OLIVEIRA, 2000, p. 21)

Entretanto, engana-se aquele que parte de um pensamento de que a Amazônia como imensidão verde é um espaço intocado pelas ações do homem. A floresta, assim como tudo na história e na sociedade, foi produzida (idem, ibidem) e mesmo a natureza amazônica como se apresenta, foi modificada por ações sociais por milênios, fazendo parte de um “espaço social” resultado de diversas configurações e mudanças que podem, ou não, ser significantes além de serem percebidas e vividas. Para o autor, o espaço produzido

pelo homem não como um objeto qualquer, tampouco como um meio, mas como requisito da própria condição humana, num processo de produzir, produzindo-se, reproduzindo-se. O modo pelo qual os homens produzem o espaço depende das condições concretas dos meios de produção, como também da forma de manifestação da vida que determina de certo modo a natureza do espaço. Por isso, o espaço não pode ser reduzido nem à natureza nem ao ambiente construído, mas às formas de controle que se moldam à produção dos meios materiais para a existência do homem, ampliando-se num processo geral de produção da sociedade (OLIVEIRA, 2000, p. 22).

Está intrínseco nas ações do ser humano a capacidade e a necessidade de modificar e produzir o espaço. Os construtores presentes no campo cultural local, manifestam suas vidas por meio da arte e da cultura, construindo índices semióticos relacionados à natureza daquele local que passa então, a representar os fenômenos culturais citadinos. Não é como se a cultura e as artes sempre estivessem presentes no espaço central da cidade, mas devido às necessidades surgidas após a construção de uma gloriosa casa de ópera naquela espacialidade específica, diversas linguagens artístico-culturais surgiram, sumiram e ressurgiram no entorno de tão grandioso monumento às artes que é o Teatro Amazonas.

Por mais que haja a necessidade de padronizar as formas de expressar a cultura (OLIVEIRA, 2000; FIGUEIREDO, 2017), sempre haverá especificidades culturais que distinguem uma área urbana e social de outra. Entretanto, Oliveira (2000) parte de uma hipótese que a fronteira da Amazônia se amplia por meio de um contraditório e triádico processo: destruição, resistência e reconstrução, no qual o autor entende tal tríade como: “a destruição das formas espaciais existentes, a criação das resistências e a reconstrução

de formas e conteúdos espaciais dotados de novas dimensões e significados.” (OLIVEIRA, 2000, p. 31)

O espaço produzido existe dentro de ciclos que se encerram e se iniciam. A cidade de Manaus, enraizada no centro da Amazônia, pode ter sido construída em aspectos que demonstravam um certo desprezo pela realidade da floresta, mas como o próprio autor nos apresenta, “o modo como o espaço é produzido pode ser um instrumento de perda, mas também pode se constituir numa alternativa de libertação.” (OLIVEIRA, 2000, p. 31). Atualmente, a cidade compreende suas raízes identitárias caboclas ao mesclar sua regionalidade ribeirinha com os resquícios do traçado arquitetônico europeu em sua infraestrutura. Oliveira, dá sequência a essa reflexão alegando que a produção do espaço

na Amazônia cria a possibilidade de novos modos de vida resultantes do embate entre as várias formas de relações sociais imbricadas no novo e no velho que se opõem, se contradizem e se completam, dando origem a outras formas de viver (2000, p. 31; 32).

A cultura, tão presente no já supracitado Centro de Manaus, é um reflexo dos questionamentos locais acerca do velho e do novo nessa densa e vasta floresta, configurada em espaços culturais que outrora, muitos deles, foram utilizados enquanto residência das elites locais e agora, expressam perspectivas diferentes sobre como entender uma realidade contemporânea manauara por meio de linguagens artístico-culturais.

Para alcançar tais mudanças, é preciso compreender como evolui o processo de produção do espaço num lugar tão único como a Amazônia. Para Oliveira é preciso a princípio, partir do entendimento do espaço

enquanto lugar das práticas individuais e coletivas que são determinantes das formas de relação e das concepções que cada grupo tem do, com e no espaço. Neste sentido, o espaço é um produto histórico e social resultante de um processo de produção e consequência do trabalho humano, pois toda sociedade produz seu espaço, ou, se preferir, toda sociedade produz um espaço. [...] Então, sua produção possui a dimensão da totalidade que abarca o cotidiano (2000, p. 105; 106).

Compreender as mudanças recorrentes no cotidiano é essencial para compreender a produção de espaços nas cidades amazônicas. Pode-se mencionar aqui, por exemplo, o historiador francês Michel de Certeau (1925-1986) na obra "A invenção do cotidiano" de 1980 onde o autor apresenta algumas perspectivas de pesquisar o dia a dia de pessoas comuns e não de procurar entender instituições ou organizações de trabalho. Para Certeau (1998) o que as pessoas comuns fazem no seu dia a dia com os objetos que consomem,

com os valores morais, com as crenças, exigências, com tudo aquilo que é compreendido pela maioria como “ideal”.

Nessa pesquisa, não será interessante aprofundar discussões acerca de Certeau, devido esse trabalho buscar dar mais foco às obras de autores regionais como no caso o pensador amazonense José Oliveira (1954-2019), mas uma menção ao pensador francês faz-se importante devido seu alinhamento de raciocínio com Oliveira que compreende o cotidiano como algo repetitivo, no qual é o conjunto

de atividades com aparências modestas. Ele (o cotidiano) abrange as coisas, o dia-a-dia das pessoas, é o humilde e o sólido, aquilo que vale por si mesmo, é o insignificante, ele ocupa e preocupa e, no entanto, não tem necessidade de ser dito [...] traz o signo do novo e da novidade: o brilho, o paradoxal marcado pela tecnicidade ou pelo mundano. [...] O cotidiano é isso, mas não só. Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo de uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão, produtos e obras, passividade e criatividade, meios, finalidade etc.). [...] Além disso, é no nível do cotidiano que as relações se humanizam, contrapondo-se a uma globalização que tendência a homogeneizar os costumes e modos de vida. É no cotidiano que emergem as resistências. [...] O cotidiano tem que ser compreendido no contexto social em que o espaço é produzido, não sendo apenas a soma mecânica de atividades diversas, mas a totalidade que as engloba e que determina a produção do espaço (OLIVEIRA, 2000, p. 106; 107).

Considerar uma reflexão acerca do cotidiano enquanto instrumento social de produção de espaço nos auxilia a compreender como que as linguagens artístico-culturais se expressam no campo cultural local, sendo pensadas para seguir o “ideal” cultural da maioria ou sendo pensada para ser uma “contracultura”, algo mais *underground*, expondo aspectos culturais diferentes de artistas que não se sentem obrigados a seguir tais “ideais”.

Não há um espaço produzido que possa ser compreendido como um espaço inédito. Para Oliveira (2000, p. 109), o “novo não existe e é nas brechas no processo de produção que a população do lugar e os migrantes criam as condições de resistência, visando alcançar as transformações do espaço produzido”.

Desde a vinda dos primeiros europeus à Amazônia (idem, ibidem), o território vem sofrendo processos de produção das diferentes formas de se moldar o espaço visando servir de fonte para um desenvolvimento de novas atividades econômicas que entraram em choque direto com as relações de produção existentes na Amazônia em que, até então, muitas dessas relações eram mais voltadas ao uso subsistente da terra pelos povos originários. Para o autor, “o espaço passou a ser penetrado e moldado por interesses distantes dele, predominando relações sociais mediadas pelo mercado. Não foi um

processo diacrônico nem atingiu ao mesmo tempo toda a Amazônia.” (OLIVEIRA, 2000, p. 148)

A partir de então, o espaço amazônico começou a ser produzido num viés mais econômico por meio do ciclo da borracha, como foi possível abordar mais profundamente no subtópico 1.4 Manaus e o Turismo. Entretanto, décadas depois, o Estado desenvolve um novo ciclo econômico local denominado de Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus<sup>24</sup>, criado em 1967 (BRIANEZI, 2018, p.15). Oliveira entende que a produção do

espaço na Amazônia, mais que uma ação do Estado, é também a construção do Estado na região. Esse aspecto torna a Amazônia vital para a consolidação de um projeto de Estado baseado na unidade e na integração do território. Daí decorre o empenho na produção de um espaço não apenas do ponto de vista econômico, mas também social, cultural e ideológico. Esta ação do Estado se viabilizou por meio do financiamento às empresas e da criação de condições para que elas se apropriassem de grandes extensões de terras, pela concessão de incentivos fiscais e pelo planejamento e construção de uma extensa rede de transporte, comunicação e telecomunicação (2000, p. 158).

É uma forma de mostrar hegemonia do Estado para manter o controle do território nacional sob ideologias e aspectos sociais compreendidos como o “certo” a se seguir. A influência do Estado na Amazônia, por meio da Zona Franca, reflete numa maior migração de brasileiros para a região, modificando continuamente o cotidiano local, sem contar na criação de diversas cidades amazônicas, principalmente na década de 1980, cujo objetivo era desenvolver cada vez mais a região. Sobre isso, e mais especificamente sobre cidades amazônicas no estado do Amazonas, Oliveira diz que na recuperação cultural da história das cidades amazônicas presentes no Amazonas, podem fluir relações sociais que disputam entre dominar e ser dominada, pensamento similar ao de Cuche apresentado no primeiro capítulo, mas que neste caso, expõe o que foi planejado porém não se tornou real, transformando-se “em outros modos de vida, de outras formas de espacialização das que se tornaram dominantes”. (2000, p.181)

Apesar de muitos núcleos citadinos no Amazonas não terem dado os frutos desejados pelo Estado, muitos deles abrigam cotidianos diferentes onde grupos sociais lidam com a realidade amazônica no seu entorno em que há essa correlação entre o urbano e o natural. O urbano na Amazônia impõe-se como base estrutural de um processo

---

<sup>24</sup> A Zona Franca de Manaus (ZFM) foi criada em 1967 pela ditadura militar, como parte de uma política de integração nacional que concebia a floresta como obstáculo. Seus incentivos fiscais deveriam terminar em 1997, mas já foram prorrogados três vezes (1988 - 2013; 2003 - 2023; 2014 - 2073). Tais prorrogações ocorreram devido à geração de empregos urbanos e o Polo Industrial de Manaus (PIM) ser o principal responsável pelo fato de aproximadamente 98% das florestas do Amazonas estarem conservadas. (Brianezi, Thaís. Zona Franca de Manaus. 2018)

(OLIVEIRA, 2000, p. 186), no qual a cidade surge no início do processo e não como resultado deste, em que a cidade se encontra associada à expansão de novas atividades, como o turismo, e servindo como suporte destas, tanto no plano econômico como no institucional. O próprio urbano também pode ser entendido como natural quando Eagleton diz que as cidades

erguem-se a partir de areia, madeira, ferro, aço, pedra, água e outros materiais semelhantes, sendo, assim, tão naturais quanto as idílicas paisagens rurais são culturais. [...] A cidade de Nova Iorque nada tem de “não natural” e duvida de que os povos tribais possam ser considerados “mais próximos da natureza” do que o Ocidente (2000, p. 14).

Na geografia tropical amazônica, portanto, Oliveira conclui que na Amazônia, a fronteira citadina nasce “urbana não enquanto domínio de cidade na paisagem, mas pelo predomínio do urbano como estilo de vida que se estabelece e tende a predominar.” (2000, p. 186; 187)

Mas é claro que buscar entender a espacialidade em áreas urbanas amazônicas não deve focar apenas no ponto de vista econômico e demográfico, é importante relatar tais aspectos devido suas importâncias para a produção de novos espaços, entretanto é preciso entender além disso. Oliveira acredita que o modo como o grupo se organiza

para produzir e atender suas necessidades não se explica *per se* toda a sociedade. [...] Considerar apenas o econômico e/ou demográfico, ou mesmo colocá-los em primeiro plano, choca-se com numerosas objeções. Estudar a sociedade a partir do ou exclusivamente das dimensões quantitativas destrói qualquer perspectiva de compreender o processo de produção da sociedade, entendendo a produção no sentido mais amplo. Esta maneira de analisar a sociedade não capta as transformações e o vivido e não abre caminho para o entendimento da vida, pois as relações sociais de produção encerram múltiplas contradições sociais, políticas e econômicas (2000, p. 204).

As linguagens artístico-culturais analisadas nesta pesquisa, representam uma amostra da grande diversidade existente no campo cultural local. Observar e analisar cinco espaços culturais visou uma qualidade analítica maior e mais profunda do que poderia ser possível se também houvesse uma perspectiva quantitativa. Mas a cultura se expressa no Centro de Manaus em várias outras formas e em muito mais espaços culturais que apenas nesses cinco mencionados.

Nos próximos subtópicos deste capítulo, poderemos discutir um campo cultural mais amplo envolvendo mais espaços culturais do que os cinco escolhidos para essa pesquisa, com o intuito de reflexão, construção e categorização do campo cultural em formato de mapa.

### 3.2 OS SUBSEGMENTOS NO TURISMO CULTURAL LOCAL E A GEOSOFIA CARTOGRÁFICA DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

Existem diversos segmentos cujas terminologias estão incorporadas no que se entende como turismo cultural, dentre eles alguns são pertinentes para uma discussão de suas potencialidades em território manauara, tais como: turismo literário, turismo de artes, turismo gastronômico, turismo de teatro e turismo de cinema.

O turismo cultural, funciona como um mosaico de diferentes atividades enquanto expressões ligadas ao cotidiano daqueles pertencentes a um determinado grupo social em um determinado espaço geográfico. Esse mosaico pode ser compreendido num aspecto macro como foi feito no subtópico 1.2 Cultura, Artes e o Turismo no capítulo I e pode também ser compreendido num aspecto micro, buscando entendimentos de acordo com as terminologias existentes dentro do turismo cultural.

Tais terminologias surgem como formas de subcategorias do turismo cultural visto que “os diferentes tipos de cultura desempenham papéis cruciais porque em suas diferenças oferecem variedade e possibilidade de diferenciação do produto turístico.” (COUTINHO *ET AL*, 2016, p.34). Lousada e Ambrósio (2017) entendem que a capacidade de fato existe essa atração aos lugares em diferentes escalas como países, regiões, cidades, aldeias etc., que costumam estar relacionadas em uma relação complexa com fenômenos de “reprodução contínua”, na sua singularidade, no qual os

destinos turísticos procuram atrair visitantes, apelando para uma identidade baseada, em geral, num património histórico, paisagístico e cultural, cuja reconstrução e recriação se tornaram comuns. Por outro lado, o recente alargamento da noção de património e de cultura abriu novos caminhos ao turismo, em particular ao turismo cultural (idem, *ibidem*, p. 05).

Esse subtópico trará como foco um entendimento mais particular desses novos caminhos do turismo onde será feita uma abordagem destes termos para uma maior compreensão do tema, além de evidenciar as características de alguns destes subsegmentos que costumam ter pouca representatividade nas discussões do turismo cultural, trazendo reflexão para novas operacionalizações de circuitos turísticos<sup>25</sup> ou

---

<sup>25</sup> Definimos Circuito Turístico como um percurso integrador de todos os patrimónios, de curta duração (não deve superior a uma jornada/um dia), acessível a todos os públicos mas segmentado, com uma

quicá, rotas turísticas<sup>26</sup> voltados às artes e à cultura local enquanto atrativo para as atividades turísticas. Como diz Queirós, independente da classe social do visitante, que podem “não saber distinguir o belo do sublime, mas nenhum desses seres humanos deixará de vivenciar a presença destes valores na paisagem, mesmo que com o silêncio de quem contempla o mistério ou o maravilhoso”. (2017, p.26)

Independente dos motivos de viagem, aqueles que visitam sempre irão apreciar o destino visitado de acordo com suas particularidades. A viagem já foi discutida e compreendida por todo o corpo deste trabalho, mas partindo do princípio que iniciamos este capítulo com definições de um geógrafo, o professor amazonense José Aldemir de Oliveira, acredita-se ser pertinente manter a linha de discussão dentro dos conceitos da geografia, no qual Filho e Jr. (2017, p.29) compreendem o viajar, por meio da geosofia cartográfica do viajante, como um “deslocar-se, em mistura, a viagem abre possibilidade de ampliação de nosso conhecimento, de um lado, e de reaproximação com os sentidos essenciais da existência [do outro].” A geosofia é entendida como um

conhecimento geográfico não-formal que permite um aproximar-se da geograficidade, que se refere à geografia vivida em ato, fundada na cumplicidade Homem-Terra. É o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista [...] ela lida com a natureza e a expressão do conhecimento geográfico tanto passado quanto presente. Assim, geosofia se refere tanto ao conhecimento não-formal, oriundo da experiência, quanto ao seu estudo. Neste sentido, constitui-se também em uma maneira de investigar os sentidos existencialmente vividos de nossa experiência geográfica (FILHO, 2017, p.30).

Os autores buscam uma compreensão mais profunda acerca da geosofia; viajar; geograficidade - lembrando que a geograficidade se refere à geografia vivida naquele momento em ato, no cotidiano, ou seja, aponta para a cumplicidade Homem-Terra como base do caráter propriamente geográfico da existência (idem, ibidem) - refletindo que, para pensar esse tipo de relação entre a viagem e os conhecimentos geográficos, será

---

identidade autónoma e inconfundível, organizado na perspectiva de descoberta e usufruto da ecologia da paisagem (num sentido do contributo científico interdisciplinar para a sua leitura) e da metafísica da paisagem (património imaterial, imaginário erudito e popular), e segundo o princípio comunicacional/emocional da “montagem de atrações”, capaz de sustentar e desenvolver as Cadeias de Valor da atividade turística. (QUEIRÓS, António dos Santos. Turismo na mudança de paradigmas, 2017)

<sup>26</sup> Entendemos por Rota Turística um conjunto organizado de Circuitos de descoberta e usufruto de todos os patrimónios, com uma identidade própria e única, fundada na ecologia e na metafísica da paisagem, acessível a todos os públicos, mas com produtos diferenciados segundo os seus segmentos, potenciador da organização e desenvolvimento das Cadeias de Valor da atividade turística. (QUEIRÓS, António dos Santos. Turismo na mudança de paradigmas, 2017)

preciso partir da proposta de geosofia apresentada, segundo Filho e Jr., pelo geógrafo americano John Kirtland Wright em 1946, abordando a imaginação na Geografia e enunciando uma

dimensão do conhecimento geográfico que não é exclusiva apenas dos geógrafos, sendo mais ampla que as fronteiras do saber acadêmico. Ele [John Wright] denominou de geosofia o conhecimento oriundo do saber que brota da relação intrínseca Homem-Terra, para além das regras e padrões científicos. Para ele, o conhecimento geográfico não era exclusividade dos geógrafos profissionais, apontando para a necessidade de buscar o conhecimento tácito que é experiencialmente vivido por cada pessoa. [...] Não se trata de optar entre conhecimento científico e não-científico, mas sim de estabelecer um melhor diálogo entre ambos, reconhecendo a necessidade do conhecimento não-formal para a própria geografia. Este conhecimento geosófico está fundado na geograficidade, compreendida como a essência do modo de ser geográfico (2017, p. 30).

Essa pesquisa busca trazer novas perspectivas de observar as dinâmicas culturais presentes no centro histórico de Manaus, portanto, acrescentar um olhar semiótico e geosófico no mapeamento de um destino turístico que auxilie viajantes ao olhar semiótico por meio das linguagens artístico-culturais presentes na oferta local torna-se muito pertinente para a construção de uma base teórica mais sólida.

Nesse ponto da pesquisa, tal reflexão torna-se imprescindível já que “Geosofia como conhecimento e geograficidade como essência, constituem nossa própria experiência geográfica. Elas são inalienáveis, estando presentes em toda nossa existência.” (FILHO; Jr., 2017, p. 31) Para os autores, a Geosofia é um tipo de conhecimento da Geografia enquanto ciência e a geograficidade é o seu fundamento ontológico, a sua essência.

Em sequência, visando buscar melhores entendimentos de atividades turísticas em áreas urbanas que estão tão intrínsecas com as dinâmicas amazônicas, a partir deste ponto, procuraremos compreender esses subsegmentos que partem de aspectos artísticos e se manifestam na geografia local enquanto atrativos aos visitantes, dentro das dinâmicas sociais no bairro centro da capital amazonense.

### 3.2.1 Turismo e Literatura

Com relação ao turismo literário, Coutinho *et al* (2016) entendem que a literatura

é uma forte expressão artística e cultural a qual é possível associar-se com o despertar criativo de imagens e imaginários daqueles leitores que poderão sentir uma forte tendência motivacional a tornarem-se turistas.

Para Lousada e Ambrósio é durante esse processo, que a literatura desempenhou um papel

pioneiro na “invenção” e sacralização de lugares, na imaginação de espaços a serem admirados, constituindo paisagens e uma geografia das emoções. Ao escolher o destino da sua viagem, o turista é influenciado pelos textos – romances, poemas, narrativas de viagem, guias turísticos - pelas histórias e pelas imagens que circulam entre os amigos, nos médias tradicionais e, cada vez mais, na internet (2017, p. 05).

A literatura torna-se o ponto inicial de contato de muitos leitores com certas localidades. Coutinho *et al* afirma que “a literatura é uma forte expressão artística e cultural que pode associar-se à criação de imagens e imaginários que despertam motivação nos leitores para que se tornem turistas.” (2016, p. 32). Esse primeiro contato, irá construir uma determinada imagem na mente deste leitor que gerará curiosidade em querer saber mais a respeito daquele local, podendo resultar em viagens. Coutinho *et al* entendem que

para esclarecer a relação entre Turismo, Cultura e Literatura é preciso ultrapassar o preceito de que literatura se baseia apenas em livros e textos como algo “imóvel” e ir um pouco mais além. Por partilhar e transportar cultura, os textos literários podem ser passados para o turista por meio do patrimônio cultural material, imaterial ou natural. Dessa maneira a literatura é transmitida tanto através da arquitetura quanto através de mitos, lendas, folclores, culinária, danças, entre outros. [...] a relação entre literatura e turismo passa não só pela capacidade que o texto literário tem de fixar memórias e experiências de viagens, mas também pela potencialidade do texto literário de recuperar e (re)construir memórias de espaços e de transformar, por essa via, o espaço em espaço turístico (2016, p.35).

É possível notar que turismo, cultura e literatura estão muito mais interligados do que se imagina. A literatura amazonense, costuma trazer consigo, muitos destes elementos citados pelos autores, mostrando a realidade amazônica dos que vivem tanto na capital Manaus quanto no interior do estado, Coutinho *et al* entendem que “nesse contexto, a literatura possui um papel essencial para a cultura de um povo e insere-se como parte do patrimônio cultural imaterial local enquanto expressão artística e cultural.” (2016, p. 35). Mendes entende tal relação ao compreender que a literatura

pode abrir mundos de compreensão estética na medida em que promova um movimento de criação de uma sensibilidade unificadora entre o turista e o “anfitrião”. A obra literária (como obra de arte) exerce grande influência no desenvolvimento da humanidade, já que tratando da universalidade dos conflitos e sentimentos inerentes ao crescimento pessoal e compreensão do mundo, desempenha um papel libertador e transformador (2007, p.85).

Esses elementos formam um cenário muito recorrente nas obras de diversos escritores locais, abordar este tipo de discussão entre literatura e cultura, em uma perspectiva turística, é algo que pode trazer muitas reflexões necessárias para a construção imaginária e sônica coletiva dessa Manaus existente na literatura amazonense.

O turismo cultural pode ser imaginado como um grande guarda-chuva no qual o turismo literário se manifesta como uma de suas modalidades (COUTINHO, *ET AL*, 2016; PETROMAN, *ET AL*, 2016), o turismo movido pela literatura é cultural devido sua base surgir na arte criativa. “A arte que inspira e atua como fonte de motivação para o Turismo Literário é a Literatura, que como visto anteriormente constitui-se como parte do patrimônio cultural de determinado destino.” Coutinho *et al* (2016, p. 37). A literatura manauara e amazonense é bem vasta e rica, muitos autores ao utilizar cidades e realidades que conviveram e/ou viveram durante parte de sua vida, criam, mesmo sem a intenção, uma imagem aos leitores de suas obras que mergulham nestes espaços urbanos, e ninguém consegue fazer isso tão brilhantemente como o escritor Milton Hatoum. Em seu livro *Cinzas do Norte*, Hatoum descreve um de seus personagens aproveitando o dia num dos espaços públicos mais conhecidos da cidade:

Ao lado de uma moça, ele mirava a nau de bronze do continente Europa; olhava o barco do monumento e desenhava com uma cara de espanto (...). Parei para ver o desenho: um barquinho torto e esquisito no meio de um mar escuro que podia ser o Rio Negro ou o Amazonas (HATOUM, 2005, p.8).

A citação acima faz-se necessária enquanto exemplo e logo a seguir, a obra *Cinzas do Norte* e outras obras do escritor Milton Hatoum, serão analisadas como um todo. A respeito da menção acima, o escritor consegue trazer delicadeza ao descrever o monumento da Abertura dos Portos para o comércio estrangeiro, localizado no centro do Largo São Sebastião, em sua obra de 2005. Manaus, assim como outras metrópoles, tanto brasileiras quanto de outros países, por serem cidades em contínuo crescimento e expansão, provocam em grande parte de seus moradores, um comportamento acelerado

que os impede de observar as maravilhas patrimoniais encontradas em suas próprias cidades. Obras como a de Hatoum, contribuem com que, não apenas leitores de outras cidades, estados e nações possam se deslumbrar com as paisagens de Manaus, mas com que os próprios manauaras se reconectem e conheçam sua cidade.

No viés semiótico, o turismo literário auxilia na construção de signos referentes àquele local que ajudam o leitor a compreender melhor aquela sociedade representada nas páginas do livro. Quanto a essa construção sógnica gerada pela literatura nos “leitores-turistas” (Coutinho, 2016, p. 33). os autores compreendem que o Turismo depende diretamente

da criação de imagens, imaginários e expectativas por parte do turista. No âmbito do Turismo Literário, deve-se levar em conta o papel da literatura na criação dessas imagens, imaginários e expectativas, como um meio eficaz para a promoção do patrimônio cultural e divulgação de lugares. Porém, é preciso saber quando o imaginário idealizado se torna fantasioso, e até que ponto as imagens transmitidas aos turistas são honestas. [...] Entende-se por imaginário o conjunto de crenças, imagens e valores que se definem em torno de uma atividade, um espaço, um período, uma pessoa (sociedade) num determinado momento (COUTINHO, *ET AL*, 2016, p. 43;44).

A formação de imagens é uma das principais manifestações do turismo para atrair visitantes que almejam conhecer destinos diferentes. A literatura costuma criar essas imagens tanto quanto os setores de marketing de turismo federais, estaduais e municipais. Mesclar essas formas de construção sógnicas e simbólicas criadas com propósitos diferentes, mas que atraem públicos com um mesmo objetivo (conhecer aquele destino) pode se tornar uma ótima estratégia para fortalecer o turismo local e dar maior visibilidade para a literatura nacional/amazonense.

Nesse processo, nenhum escritor alcança tal proeza na construção de imaginários literários amazonenses quanto o escritor manauara de descendência libanesa, Milton Hatoum. No final, após a apresentação do mapa cultural, far-se-á necessário também, uma discussão acerca da importância do clube da madrugada para a literatura local, do próprio Hatoum no qual foram lidos três de suas obras para auxiliar no processo de construção do mapa: Cidade Ihada, Dois Irmãos e Cinzas do Norte, além de Mário Ypiranga que possui, inclusive, um espaço dedicado a si na galeria do largo como foi visto no subtópico 2.4.4 “Galeria do Largo”, no Capítulo II.

**Figura 53:** Registro das três (03) obras literárias para melhor embasamento da pesquisa.



Fonte: Braga (2021)

Nas obras de Hatoum, observou-se a existência de uma praça chamada “praça General Osório”, localizada entre o Colégio Militar e o Colégio Dom Bosco, onde atualmente fica o campo de atividades físicas do Colégio Militar de Manaus. Seguindo a compreensão dos autores, a existência da praça General Osório, pode ter sido completamente apagada do cotidiano dinâmico presente no Centro, mas narrativas como a de Hatoum, a mantém viva para que leitores possam pesquisar a respeito e ter um contato maior com a história e as mudanças sofridas por décadas de desenvolvimento e alterações urbanas em Manaus.

**Figura 54:** Placa situada abaixo do mulateiro na praça Heliodoro Balbi, onde o clube da Madrugada se reúne.



Fonte: Em Tempo (2020)

O clube da madrugada, criado em 1954 conforme a figura 54, é um ponto marcante e divisor de águas da literatura amazonense, nunca teve uma sede concreta, mas suas

reuniões costumavam ocorrer abaixo de um mulateiro existente até hoje na praça da polícia, como é popularmente conhecida a praça Heliodoro Balbi. A placa em celebração à existência do clube, fixada exatamente onde os seus membros se reuniam - abaixo da árvore mulateiro que, devido às frequentes reuniões sob suas sombras, torna-se um signo importante para o clube, conseqüentemente para a literatura local e para Manaus enquanto referência geográfica - é um marco importante que ressignifica esta praça como uma das várias referências de visitação a um espaço geográfico relacionado com a literatura local. Entretanto, acredita-se que um espaço para expor a história, importância e impacto deste clube para a cultura amazonense poderia se tornar numa exposição permanente no palacete provincial, como fonte de informação àqueles que não compreendem o quão relevante este clube foi para o Amazonas e para o Brasil.

Quanto ao espaço destinado ao Mário Ypiranga na Galeria do Largo, este deveria manter um foco mais equilibrado entre as produções literárias do escritor e a sua vida amorosa representada pela brilhante maquete construída pelo autor em vida. Uma sessão de explicação e exposição de suas obras daria maior visibilidade para a produção científica elaborada em Manaus e o motivo pelo qual Mário é tão homenageado pela cidade, desde espaços culturais a nomes em avenidas importantes.

Abordar este tipo de discussão da literatura e cultura, é algo que pode trazer muitas reflexões necessárias para a construção imaginária coletiva dessa Manaus existente na literatura amazonense além de trazer em evidência escritores que ainda não são tão popularmente conhecidos pelo público. Suas narrativas ajudam numa construção de empatia com o outro, num maior entendimento acerca de realidades diferentes das nossas e que nem sempre, damos a devida atenção. E principalmente, nos conectam com novas formas de interpretar espaços urbanos e vivências que aumentam nossa autoestima.

Ao tratar da literatura e da cultura numa perspectiva voltada ao turismo, pode auxiliar nessa maior evidência de autores e suas obras reforçando a cultura local. Para a proposta do mapa cultural, foram marcados alguns espaços geográficos mencionados pelas narrativas das obras analisadas, como o Mercado Municipal, Praça Heliodoro Balbi, entre outros como pode ser visto no quadro 4 que foram muito importantes para compor a construção imagética do leitor-turista durante a leitura dos livros.

**Quadro 4:** Territorialidades espaciais literárias no Centro de Manaus.

Turismo Literário							
Nome do Livro	Livro - E o Deus chorou sobre o Rio - Elisabeth Azize	Livro - A Cidade Ilhada (Coletânea de Contos) - Milton Hatoum					
Lugar citado na obra	Praça dos Remédios	Conto "Varandas da Eva" - Complexo Booth Line Porto de Manaus	Conto "Varandas da Eva" - Bares na praça da Saudade	Conto "Uma estrangeira da nossa rua" - Teatro Amazonas	Conto "O adeus do comandante" - Mercado Adolpho Lisboa	Conto "Uma Carta de Bancroft" - Cemitério São João Batista	Conto "Varandas da Eva" - Cine Eden
Nome do Livro	Livro - Cinzas do Norte - Milton Hatoum					Clube da Madrugada	Galeria do Largo
Lugar citado na obra	Feira da Panair	Av, Epaminondas	Igreja de São Sebastião	Praça IX de novembro	Cine Polytheama (atual lojas americanas)	Praça Heliodoro Balbi	Espaço no 2º andar dedicado ao Mario Ypiranga

Fonte: Braga (2021)

### 3.2.2 Turismo e as Artes Visuais

O turismo de arte ou *Art-Tourism*, conforme Franklin (2018) costuma denominar, é um campo recente nos estudos do turismo, visto que o deslocamento daqueles interessados em arte (artistas, críticos, consumidores de arte) de seu local de origem até o destino onde o objeto artístico está exposto, é comumente discutido mais pelas múltiplas plataformas do mundo da arte do que pelo setor do turismo. Além do que, o desejo de ver, experimentar e conhecer arte é criado principalmente no mundo da arte e não na indústria do turismo.

Numa compreensão conceitual mais ampla, o *Tourism Research Australia* - TRA compreende como turistas internacionais de arte, aqueles que visitam a Austrália e praticam ao menos uma dessas atividades durante a viagem:

frequentou teatro, concertos ou outras artes performáticas; visitou museus ou galerias; visitou oficinas / estúdios de arte / artesanato; compareceu a festivais / feiras ou eventos culturais; experiências de arte / artesanato e exposições culturais das Primeiras Nações; assistiu a uma apresentação das Primeiras Nações (2018, p. 04).

O turista internacional de artes pode ser compreendido num aspecto mais abrangente conforme o conceito do TRA, visto que literatura, música, dança, teatro etc., são formas diferentes de artes, no entanto, Franklin entende a importância de

compreensão de tal conceito, delimitando às artes visuais pela perspectiva do turismo como

Qualquer atividade que envolva viagens para ver arte e incluiria aquelas pessoas que viajam muito especificamente para ver arte em outro lugar, bem como aquelas que frequentemente ou ocasionalmente incluem visitas para ver arte entre outras atividades durante passeios, férias ou outras viagens fora de casa (2018, p. 400).

Esta definição trazida pelo autor nos ajuda a compreender melhor como seria este turista e como poderia estar relacionado com tal subsegmento do turismo cultural. Partindo do princípio de que há galerias de arte no Largo São Sebastião, como a Galeria do Largo ou a galeria de arte do ICBEU na avenida Joaquim Nabuco - espaços marcados no mapa cultural como locais no Centro onde seja possível ter contato com as Artes visuais - é notável que há oferta suficiente para atrair muitos visitantes a estes espaços com a intenção de apreciar as obras existentes nas imediações.

Martins (2005), relata sua própria experiência sobre a importância de viajar *in loco* para conhecer a arte visual exposta ao alegar o seguinte pensamento

Em minha experiência como viajante cultural, o que mais me tem chamado a atenção, além da sensação de estar ali frente a algo já visto em muitos livros, é a minha relação com a dimensão, a nitidez e qualidade das cores e formas. Uma reprodução, por mais que acompanhada de informações sobre as dimensões (mesmo com aqueles que indicam o tamanho de uma figura em comparação com a obra) não supera a sensação de estar realmente frente a ela. Muitas vezes o espanto pelo tamanho é enorme (2005, p. 12;13).

Portanto, pinturas como "Monalisa" ou "O grito da Independência" podem ser obras bastantes populares e comuns em livros didáticos, mas visitar os museus em que estas obras se encontram e ter a noção do tamanho pequeno da pintura da Monalisa ou o gigantesco tamanho d'O grito da independência é uma sensação semiótica e geosófica que apenas a experiência de ver com os próprios olhos durante uma viagem àquele destino pode oferecer.

Franklin (2018) entende que o turismo cultural não pode continuar sendo tratado como um campo de categoria homogênea de visitaçào, motivação ou experiência. Esse tipo de turismo ainda é comumente visto como uma categoria "guarda-chuva" onde formas devidamente separadas de turismo devem ser identificadas, elaboradas e desenvolvidas. Para o autor, o turismo cultural é "um mercado heterogêneo com diferentes características e necessidades" (idem, ibidem, p. 401).

Uma das características mais comumente reivindicadas do turismo cultural é essa suposta orientação dos turistas para aprender ou experimentar em primeira mão a especificidade cultural de qualquer destino (idem, ibidem). Embora isso certamente seja verdade para muitas atividades frequentemente incluídas no turismo cultural, mostra que certamente não é verdade para todas elas, e especialmente no caso de visitantes de museus de arte.

Não somente isso, mas o turismo de arte também auxilia em um maior conhecimento, tanto dos residentes como daqueles que são entendidos como turistas de artes, conforme a definição de Franklin (2018), dos artistas locais e suas obras, quadros, pinturas etc. Também traz uma maior discussão sobre seus trabalhos e como o destino está relacionado com esta forma de expressão artística.

Claro que centros urbanos como Paris, Nova York ou São Paulo são megalópoles comumente vistas como centros culturais e artísticos cheios de museus e galerias de arte. No entanto, observar a arte local de um destino menor e menos conhecido enquanto “centro cultural e artístico” auxilia numa maior compreensão acerca da perspectiva de cultura de uma comunidade local, podendo ver um lugar e sua gente além das lentes de um típico turista. A indústria do turismo pode às vezes ser engessada ao buscar ofertar atividades fortemente comercializadas. Muitos viajantes buscam conhecer locais almejando ter experiências mais autênticas, mas como pessoas de fora - estrangeiros ou mesmo brasileiros originários de outras regiões - é difícil para eles saberem o que esta experiência poderia ser.

Uma “experiência autêntica”, pode ser entendida dentro desta discussão como uma atividade capaz de proporcionar ao visitante a oportunidade de experimentar a vida, a cultura e a perspectiva de outra pessoa. A arte entra justamente para que o visitante veja, através das criações artísticas de outros, que você está essencialmente vendo o mundo através de seus olhos.

Por meio dos trabalhos dos artistas, é possível ver representações das mais variadas coisas que são valorizadas por eles, suas experiências de vida e suas emoções transportadas para o canvas, papel, monumentos, esculturas ou vídeos. Pode ser que a compreensão destas obras artísticas não seja alcançada por aqueles que entram em contato com elas, mas a chance de ver e experimentar algo diferente e exclusivo daquele local existe e encontra-se disponível para quem tiver interesse, assim como ser uma forma de criar uma conexão com alguém cujo local de origem se encontra a quilômetros de

distância.

Artistas e visitantes conseguem se comunicar através das expressões artísticas que vão além dos idiomas falados em questão. Mesmo que o visitante não fale o idioma nativo daquele destino e mesmo que o artista não fale o idioma do visitante, a arte criada por ele auxiliará na comunicação. Caso o visitante não possa ver ou conhecer todas as formas artísticas existentes naquele lugar, este ainda pode “espiar” por esta janelinha que é a arte dentro da vida destes artistas e imaginá-los como profundos e complexos seres humanos que são ou que um dia foram.

Indivíduos que buscam ver e conhecer criações artísticas de diversos lugares do mundo, das mais diferentes perspectivas, descobrem-se como pessoas mais empáticas devido este exercício de buscar ver aquela realidade pelos “olhos” dos artistas locais, além de proporcioná-los estruturas que os auxiliam na observação de um mundo que eles provavelmente não conseguiriam conceber por conta própria.

### 3.2.3 Turismo e Teatro

O turismo de teatro é outro tipo de subsegmento em que não há uma discussão muito profunda sobre como estes dois campos podem dialogar. Baptista e Lamego (2018, p.39) vão além ao afirmar que ambos possuem características em comum: permitem atrair um elevado número de indivíduos e contribuem para a economia dos locais onde se encontram. Os autores afirmam que o teatro e o turismo têm grandes potencialidades com relação ao desenvolvimento dos destinos, uma vez que possuem qualidades de nível pedagógico, político, social e econômico.

Baptista e Lamego também oferecem uma discussão conceitual sobre este segmento conhecido como turismo de teatro ao afirmarem que:

O sector do turismo não se restringe apenas aos meios de alojamento, transporte e entretenimento, mas também a todas as manifestações culturais que motivam a visita dos turistas. Nestas manifestações podem incluir-se o teatro e a festa, dois elementos que não foram desenhados com o objetivo turístico, mas que possuem grande potencialidade a este nível e que configuram um tipo de turismo cultural que tem vindo a ser designado na literatura da especialidade por Turismo de Teatro (2018, p. 38).

É notório que há muitas linguagens artísticas relacionadas ao teatro na cidade de Manaus, não apenas no entorno do Teatro Amazonas, mas nos espetáculos como o Festival de Teatro, produzido pela Secretaria de Cultura do estado. O teatro de rua é frequentemente encenado no Largo de São Sebastião e em várias praças públicas da cidade e, muitas vezes, por companhias variadas e estudantes de teatro, como a performance “Menina Miúda em cidade grande” na praça do Prosamim da rua Ipixuna no Centro e na praça Dom Pedro II nos dias 21 e 25 de dezembro de 2020 ou a performance “A Bolha” apresentada na praça do congresso no dia 18 de dezembro de 2020.

Há também o Ateliê 23 e o Teatro da Instalação onde é possível assistir apresentações teatrais sem precisar se distanciar muito do Teatro Amazonas. Entender um pouco mais de um destino através de um contato com as linguagens teatrais, com a narrativa trazida pelos atores, com as gírias locais usadas e/ou os figurinos, traz uma experiência única e lúdica para o turista, como acontece sazonalmente no Teatro Amazonas com a visita do “Livro Vivo”, uma visita guiada, turística e lúdica pelo prédio apresentado e performado pela Companhia de Teatro Metamorfose.

Não é difícil encontrar espetáculos ocorrendo em diversos espaços no entorno do Teatro como dentro dele mesmo. As performances teatrais geram um ar de autenticidade que atrai visitantes para experienciá-los e neste quesito, as expressões teatrais locais são demasiadas ricas em detalhes e em nuances entre o fictício, o lúdico e o histórico. Observa-se que este subsegmento do turismo cultural é muito importante para fortalecer um campo cultural local. Os autores por sua vez, criam um gráfico para melhor compreensão a respeito do subsegmento turismo de teatro:

**Figura 55:** A formação do turismo de teatro.



Fonte: Baptista e Lamego (2018)

Na figura 55, nota-se uma bifurcação no turismo cultural em um ramo relacionado com eventos, memórias e patrimônios materiais relacionados com o passado de um grupo social e outro ramo mais voltado às representações. Baptista e Lamego (2018) entendem que o turismo de teatro está mais relacionado com a imaterialidade patrimonial entendida dentro do turismo cultural.

Nota-se a presença de um “turismo de interesse especial” como base no esquema montado pelos autores. Baptista e Lamego (2018) o entendem como um fenômeno de motivação do visitante e/ou processo de decisão determinados por um interesse específico como nichos de mercado por exemplo, em nível das atividades e/ou dos destinos, sendo estes: turismo de aventura, turismo cultural, turismo religioso, ecoturismo, turismo selvagem, turismo patrimonial e turismo médico. Estas outras terminologias do turismo não são pertinentes para esta pesquisa, portanto não se torna importante aprofundar seus entendimentos.

As performances teatrais<sup>27</sup>, ao longo dos anos e em vários locais diferentes no mundo, tornam-se atrativos turísticos bem estabelecidos na oferta local. Song e Cheung (2012) afirmam que em 2009 na China, o desenvolvimento de promoção de performances teatrais cresceu bastante em várias cidades chinesas, transformando-se em novos produtos culturais e turísticos. O crescimento dessas performances é reflexo não apenas do grande número de turistas, mas também de suas contribuições às economias locais (SONG, CHEUNG, 2012).

Para os autores, na China, o sucesso das performances teatrais pode ser exemplificado pela “*The Impression of Liusanjie*”, dirigido pelo diretor Zhang Yimou em 2004. O lançamento dessa performance aumentou o produto interno bruto do condado de Yangshuo na cidade de Guilin em mais de 10% (SONG, CHEUNG, 2012). Desde então, mais e mais cidades na China têm apresentado performances dramáticas aos visitantes no qual a maioria delas têm um “grande impacto na indústria turística local; entretanto, algumas têm apenas atraído um número pequeno de visitantes e conseqüentemente pode ser dito que falharam no desenvolvimento competitivo”. (SONG e CHEUNG, 2012)

No Caso estadunidense, as performances teatrais são mais comumente localizadas

---

<sup>27</sup> Performances Teatrais podem ser definidas nesse contexto como uma apresentação ao vivo em grande escala, palcos internos e externos, planejado predominantemente para turistas. (Song; Cheung. *What Makes Theatrical Performances Successful in China's Tourism Industry?*, 2012)

na cidade de Nova York e como mostra a Divisão de pesquisa e estatísticas do Estado de Nova York em julho de 2019, houve um crescimento no número de turistas na cidade no qual esse grupo foi essencial na contribuição ao recente crescimento da *Broadway*.<sup>28</sup> Como reportado pela Divisão nova iorquina (2019), a agência de promoção de turismo da cidade, recebeu um recorde de 65 milhões de visitantes em 2018, o nono ano consecutivo de crescimento turístico. A divisão (2019) aponta que a *Broadway* também deu suporte, por trazer muitos visitantes à cidade e ao turismo local em vários níveis. Com relação à origem desses visitantes, a divisão estadual aponta que a grande maioria são estadunidenses (79%) e os demais sendo estrangeiros (25.9%) oriundos principalmente do México e do Canadá.

Em Manaus, a performance teatral, por muitos anos, esteve representada pelo famoso Glorioso - Performance de Natal apresentada dentro e fora do Teatro Amazonas - tendo alcance midiático nacional e internacional causando um grande impacto na economia e no setor turístico local.

**Quadro 5:** Espaços fechados e abertos onde seja possível encontrar performances teatrais.

Turismo de teatro				
Ateliê 23	Casa Passarinho	Caminhos da Arte	Teatro Américo Alvarez	Teatro da Instalação
Praça Dom Pedro II	Parque Senador Jefferson Péres	Praça da Saudade	Praça Heliodoro Balbi	Praça do Congresso

Fonte: Braga (2021)

### 3.2.4 Turismo e Gastronomia

Outro subsegmento muito importante ligado ao turismo cultural é o turismo gastronômico. O Ministério do Turismo entende que o turismo gastronômico

<sup>28</sup>“Broadway” é o coração do Distrito de Teatros da cidade de Nova York. Refere-se a 41 cinemas localizados no centro de Manhattan em uma área que vai da 42ª à 53ª rua entre a 6ª e a 8ª avenidas. O Distrito dos Teatros inclui a Times Square. o Great White Way é o nome dado à seção da Broadway que atravessa o distrito dos teatros. Dezenas de novos musicais e sucessos amados de longa duração estão disponíveis todas as noites da semana em vários locais deste Distrito. (Divisão de Pesquisa e Estatística do Estado de Nova York, Broadway Theaters: An Economic Engine for NY, 2019)

surge como um segmento turístico emergente capaz de posicionar destinos no mercado turístico, quando utilizado como elemento para a vivência da experiência da cultura local pelo turista por meio da culinária típica. A oferta turística de serviços de alimentação, item que faz parte da estada do turista, apresenta-se, portanto, como uma vantagem competitiva no desenvolvimento do turismo de uma localidade, podendo ser utilizada como um diferencial passível de proporcionar experiências únicas para o turista, e assim tornar-se também um diferencial para sua comercialização (2010, p. 24; 25).

A gastronomia manauara possui muitas peculiaridades que a tornam distinta de outros destinos turísticos, os turistas que por aqui chegam, mesmo aqueles que não buscam exatamente uma experiência dentro dos parâmetros entendidos como atividades de turismo cultural, costumam encarar com curiosidade a culinária local. Neste ponto, a citação do MTur nos ajuda a entender como que experiências de turistas com a culinária manauara beneficiam o destino em uma vantagem competitiva, mesmo com os demais destinos turísticos amazônicos. Azevedo e Silveira entendem que para o turismo gastronômico ocorrer, é preciso manter preservada a gastronomia local ao afirmarem que a importância da gastronomia tem crescido, não apenas

no âmbito do consumo cotidiano, como também do turístico. Frente a isso, um destino deve apostar na preservação da sua gastronomia enquanto patrimônio intangível, bem como na promoção, divulgação da qualidade e diferenciação dos seus produtos locais, com vista a potencializar a sua competitividade face aos seus concorrentes (2016, p.75).

É possível entender como a culinária está intrinsecamente relacionada com a cultura local, o valor que a população confere para as iguarias regionais pesará em como estes se identificarão ou não com tais elementos, o que refletirá no campo do turismo. O Brasil, devido ao seu tamanho continental, possui uma grande variedade gastronômica onde certos pratos são encontrados apenas em certos espaços geográficos, existem muitos restaurantes que oferecem a culinária local no entorno do Teatro Amazonas, onde é possível apreciar diversas espécies de peixes amazônicos como por exemplo, a banda de tambaqui, prato muito consumido e apreciado pelos manauaras e que costumam atrair muitos turistas para apreciar seu sabor tão distinto dos sabores comumente presentes em peixes de mar, assim como a iguaria tacacá e o x-caboquinho que são elementos culturais muito importantes naquele espaço.

No mapa cultural proposto, foram marcados restaurantes localizados no Centro

que possuem associação pela Associação Brasileira de Bares e Restaurantes - Abrasel<sup>29</sup> para uma melhor delimitação de espaços voltados para este serviço com credibilidade mais segura no qual apenas quatro destes têm Cadastur: Catraca Burguer, Delícias Grill, Dr. Restaurante e Splash Pizza do Largo.

**Quadro 6:** Espaços voltados ao serviço de alimentos e bebidas no Centro associados pela ABRASEL.

Restaurantes associados pela ABRASEL	
Bar Caldeira	Kilomania Restaurante
Bar do Armando	Loppiano Pizza
Boteco do Edu Bar	Negobom Bolos/Cafeteria/Panificadora
Bodega 101 Bar/Restaurante	Patty's Restaurante
Calçada Alta Bar/Restaurante	Piaf Restaurante/Bar
Catraca Burger Hamburgueria/Fast Food	Picanha Mania Restaurante
Caxiri Restaurante	Snoopy Bar
Coqueiro Verde Churrascaria	Splash Pizza Teatro
Coreto Peixaria	Sun Grill Restaurante
Delícias Grill Restaurante	Tambaqui de Banda Peixaria
Dr. Restaurante	The Garage Bar e Gastronomia Bar/Restaurante
Kilocenter Restaurante	

Fonte: Braga (2021)

### 3.2.5 Turismo e Cinema

Esse formato de segmento de turismo cultural não é muito comum nem muito conhecido, viajar para conhecer algum lugar cujas paisagens serviram de cenário para alguma produção audiovisual, não levanta uma noção ao visitante de estar praticando alguma atividade dentro do espectro do turismo cultural.

Para o MTur (2010) o segmento de audiovisual auxilia na inovação de produtos turísticos enquanto estratégia de atração, ao ser inserido em novas ofertas de certos destinos que se tornaram tendências para algumas demandas.

<sup>29</sup> é uma entidade nacional, sem fins lucrativos, que há 25 anos assumiu a missão de ajudar a construir um ambiente empresarial mais favorável aos negócios no setor de bares e restaurantes. Tem como desafio agregar os empresários do setor e auxiliá-los na busca da profissionalização e sucesso em suas empresas. Histórico Abrasel, disponível em: < [Histórico - Abrasel](#) >. Acesso em: 09 de fev. 2021.

O turismo de cinema possui a capacidade de mover consideravelmente o turismo de uma localidade específica, (MTUR, 2010) além de gerar bons resultados para a comunidade anfitriã que servirá de cenário onde será filmado a produção audiovisual “devido o movimento de atividades que poderão ser envolvidas nas produções, dentre eles serviços como hospedagem, alimentação e logística de toda uma equipe de filmagem.” (MTur, 2010, p. 21)

Para o Ministério do Turismo, o Turismo Cinematográfico caracteriza-se pelos deslocamentos motivados

para a visitação a locais ou atrações que tiveram aparição no cinema ou na TV, dentro do contexto da produção audiovisual em que está inserido, sendo considerado um tipo de turismo específico do segmento cultural. Os turistas que viajam para as paisagens que servem de pano de fundo de filmes são chamados de *set-jettlers*<sup>30</sup>. O cinema, portanto, funciona como reforço de símbolos que podem influenciar a escolha de destinos de turistas. Vale ressaltar que, para fins de elaboração e implementação de políticas públicas, o MTur entende o Turismo Cinematográfico como um tipo de turismo relacionado ao segmento de Turismo Cultural, por considerar em sua essência recursos audiovisuais intrínsecos à área da cultura. No entanto, percebe-se que o mesmo é transversal a todos os outros segmentos turísticos, já que as produções cinematográficas podem se utilizar de diversas imagens e cenários relacionados ao ecoturismo, turismo de aventura e/ou turismo de sol e praia, por exemplo (2010, p. 22; 23).

Em Manaus, produções audiovisuais como os brasileiros *A Selva* (1970), *A Febre* (2019) ou o alemão *Fitzcarraldo* (1982) usufruem das paisagens amazonenses e manauaras enquanto cenários de suas produções, o primeiro, teve seu cenário transformado em museu, atualmente conhecido como “Museu do Seringal”, o segundo busca um protagonismo de comunidades indígenas que moram em Manaus e suas relações interculturais com os não-indígenas e o terceiro tem sua narrativa relacionada ao Teatro Amazonas. Nas produções televisivas, obras como *Dois Irmãos* (2016) e o episódio *A de menor de Manaus* da série *As brasileiras* (2012) ambos produzidos pela rede Globo também aproveitam das paisagens urbanas e naturais de Manaus enquanto cenário. No Centro Histórico, há também o espaço cultural Museu Amazônico, que oferece oficinas de produção audiovisual - OPA para público em geral compreender e produzir curtas-metragens audiovisuais gratuitamente, reforçando o uso de paisagens manauaras através das câmeras.

Em entrevista para a revista *Trinova*, o gestor do Casarão de Idéias alega que o Turismo Cinematográfico

---

<sup>30</sup> Em tradução livre: Viajantes de sets de filmagem.

é de grande importância por ter redes muito próximas de maneiras diretas e indiretas. Diretamente, é possível encontrar equipes geralmente compostas por muitos integrantes (de gravação, por exemplo). A cadeia indireta corresponde aos serviços que estão beneficiados após a vinculação desses filmes institucionais, séries e novelas. Pensar a geração de lucro no turismo cinematográfico é possibilitar a ampliação de emprego direto e indireto, potencializando a renda daquele lugar” (2020, p.16).

Em concordância com o professor e diretor do espaço cultural, o MTur (2010) compreende que o turismo e o cinema formam uma cadeia com capacidade de oferecer empregos diretos e indiretos “como bombeiros, eletricitas, costureiras, artistas gráficos, figurinos, pintores, cozinheiros, maquiadores, motoristas de ônibus e vários outros profissionais,” (MTur, 2010, p. 21).

Produções audiovisuais servem de marketing para que demandas diferentes se interessem pela paisagem e se sintam motivadas a viajar até a localidade para conhecê-la. Outro aspecto relevante envolvendo o turismo e o cinema no Centro de Manaus, são a presença do Casarão de Idéias e o Cine Teatro Guarany, administrado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa - SEC. Ambos oferecem sessões de cinema cujos filmes em cartaz costumam ser produções independentes com temáticas culturais. Justamente por esse atrativo tão único presente na demanda cultural do Centro, estes dois espaços aparecem no mapa cultural proposto pela pesquisa.

### **3.2.6 O Patrimônio material de Manaus e a apresentação do mapa cultural**

Durante o período de levantamentos de dados sobre a oferta local acerca de cada um destes subsegmentos de turismo cultural, foi averiguado a existência de uma grande concentração de espaços públicos e privados que oferecem aspectos diferentes da cultura manauara para o visitante. Neste subtópico, vamos abordá-los para que então, possamos apresentar um mapa cultural do Centro de Manaus.

O centro histórico de Manaus possui uma grande concentração de prédios históricos construídos no primeiro importante ciclo econômico da cidade: ciclo da borracha. Como foi discutido no primeiro capítulo, muitos destes espaços já eram vistos como atrativos turísticos mesmo naquela época. O Palácio da Justiça, o Paço da liberdade, o Teatro Amazonas e vários outros, já eram e continuam sendo as grandes estrelas presentes nos cartões postais da capital amazonense. Há diversas medidas para manter prédios históricos de tamanha importância em constante estado de cuidado e preservação.

O Ministério do Turismo alega que existem duas instituições de

referência para estabelecimento dos parâmetros quanto à conceituação, conservação, proteção, salvaguarda e sustentabilidade do patrimônio cultural em âmbito internacional e nacional, respectivamente a UNESCO e o IPHAN. Mas existem também órgãos estaduais que cuidam das questões do patrimônio cultural e algumas cidades, com regulamentações e gerenciamento específico, que devem ser consultadas quando do desenvolvimento de atrativos culturais na esfera local (2010, p. 43).

Essas instituições protegem aspectos materiais ou imateriais que de alguma forma, refletem a identidade de uma sociedade como o caso do Centro histórico de Manaus que, como vimos no primeiro capítulo, causou um impacto muito grande por todo o país durante e após sua construção.

Como observamos acima, diferentes aspectos das artes expressam-se enquanto linguagens em prédios históricos localizados numa área tão importante para a capital amazonense. Portanto, durante o planejamento do mapa cultural, acredita-se que uma menção a estes prédios - cuja história de construção e de presença no centro histórico persiste ao longo das décadas - torna-se pertinente visto que, apenas a visualização externa de muitos deles, já é atrativo para visitantes com pouco tempo de visitação na cidade.

O turismo cultural em Manaus, possui um grande potencial que, segundo Azevedo e Silveira (2016, p. 75), é um tipo de turismo que tem tomado o lugar das famigeradas atividades massivas do turismo em centros urbanos turísticos na dialética da evolução do turismo, seja como fenômeno ou ciência no qual as discussões vêm refletindo a sociedade contemporânea e evidenciando suas faces em diferentes momentos, seja do ponto de vista econômico ou social.

Os patrimônios materiais presentes em Manaus são dos mais variados, concentrados no bairro mais antigo da cidade. Muitos encontram-se em avançado processo de abandono e outros foram revitalizados com fins voltados ao lazer, entretenimento e para abrigar conhecimentos específicos de cultura amazônica.

No quadro 7, é possível observar alguns destes patrimônios que foram destacados para constar no mapa cultural.

**Quadro 7:** Alguns dos Patrimônios Materiais presentes no Centro de Manaus.

Turismo e Patrimônio Material				
Museu Amazônico	Igreja São Sebastião	Ponte de Ferro Benjamin Constant	Museu do Índio	Monumento Tenreiro Aranha
Museu Casa Eduardo Ribeiro	Academia Amazonense de Letras	Bahserikowi - Centro de Medicina Ingígena - Projeto Biatuwi (Casa de Quinhapira-Gastronomia Indígena)	Mercado Adolpho Lisboa	Prédio da Alfândega
Museu da Cidade - Paço da Liberdade	Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas - IGHA	Cervejaria Miranda Correa	Catedral Metropolitana de Manaus	Porto de Manaus
Biblioteca Pública do Estado do Amazonas	Monumento de Abertura dos Portos	Obelisco do Centenário de Manaus à Categoria de Cidade	Igreja dos Remédios	Relógio Municipal

Fonte: Braga (2021)

Estes patrimônios, possuem finalidades distintas dentre as necessidades existentes na dinâmica cultural presente no Centro e é evidente que há vários outros que também poderiam entrar nessa pesquisa, mas ponderou-se em manter apenas estes, visto que tal abordagem não é a problemática primária proposta nesta pesquisa. Centros culturais, por abrigar fenômenos culturais variados em suas dependências, foram elaborados em um quadro diferente, conforme vemos no quadro 8:

**Quadro 8:** Centro Culturais no Centro de Manaus.

Centros Culturais		
Casa das Artes	Palacete Provincial	Palácio Rio Negro
Usina Chaminé	Palácio da Justiça	Teatro Gebes Medeiro - Ideal Clube

Fonte: Braga (2021)

Entender estes subsegmentos e como estão presentes no campo do turismo cultural na capital amazonense, pode trazer uma compreensão melhor sobre como este fenômeno ocorre numa área que é tão rica em expressões artísticas e culturais como o entorno do Teatro Amazonas e suas potencialidades enquanto atividades no campo do turismo. O turismo cultural, como foi notado acima, é um campo muito rico que abrange uma ampla gama de aspectos que geralmente não são vistos e compreendidos dentro de suas discussões, mas que foram abordados nessa pesquisa com o objetivo de instigar pensamentos mais críticos sobre como interpretar, compreender e entender esses variados aspectos da cultura manauara no campo do turismo.

A oportunidade de experienciar um destino turístico por meio de suas ofertas artístico-culturais proporciona novos conhecimentos geosóficos e amadurece os signos turísticos na perspectiva do visitante que variam daqueles já induzidos pelos signos padrões. Muitas das espacialidades pontuadas neste mapa, são comumente ignoradas nos mapas turísticos de Manaus e outros que são mencionados, são abordados apenas no aspecto histórico enquanto todo o seu potencial artístico e cultural costuma ser posto de lado. Por todo o corpo deste trabalho, vimos como que a cultura manauara é diversa, como resiste às dificuldades do cotidiano e como utilizam a criatividade para se reinventar. Há um campo que pode sobrepujar as atividades turísticas existentes, distribuindo melhor os fluxos de visitantes para uma área urbana maior no qual estes possam vivenciar a capital amazonense absorvendo tudo o que ela pode oferecer.

Como resultado destes levantamentos, foram elaborados dois mapas culturais, um estático, presente no apêndice, e outro virtual cujo acesso pode ser feito por meio de um app leitor de *QR Code* apontado no canto inferior direito do mapa estático. Imageticamente, estes mapas apresentam como as dinâmicas culturais, em aspectos artísticos e históricos variados, existem em um vasto território que é pouco explorado pelas atividades turísticas locais. A seguir, finalizaremos essa pesquisa com uma discussão sobre a importância de mapas virtuais para uma melhor compreensão da oferta presente em um determinado território.

### **3.3 O MAPA VIRTUAL COMO FERRAMENTA PARA DEMOCRATIZAR DADOS GEOESPACIAIS NO CAMPO DO TURISMO**

Os mapas turísticos enquanto ferramentas de reconhecimento geográfico e comunicacional possuem infinitas possibilidades e uma delas encontra-se disponível na *World Wide Web* (WWW). Os Mapas para *Web* interativos (MARISCO *ET AL*, 2004) costumam utilizar códigos padronizados e fontes abertas, bem como um sistema de Gerenciamento de Banco de dados para distribuir dados informativos a respeito, principalmente, de áreas urbanas municipais referentes aos dados coletados. Como vimos neste capítulo, uma elaboração adequada da cartografia de acordo com os aspectos sócio geográficos presentes em determinado local, pode facilitar numa melhor localização daqueles usuários que podem ter acesso a estes mapas, tanto os estáticos quanto os virtuais. Marisco *et al* compreendem que os processos

de revolução tecnológica, ora em curso, despontam aos cartógrafos novos aspectos e métodos de comunicação e de exploração desses dados. Evolutivamente, como uma nova tendência dentro da Cartografia, a representação dos dados geoespaciais pode ser realizada por intermédio de produtos cartográficos veiculados através de novos meios de comunicação como a Internet, na qual destaca-se a *World Wide Web* (2004, p. 76).

É preciso ter em mente que a realidade hodierna em que vivemos é globalizada e se atualiza em questões de segundos. As metrópoles, espaços sociais em constantes mudanças e reconstruções, estão em contínuos *upgrades* onde lugares podem mudar suas locações e funções com bastante facilidade. O mapa virtual pode alcançar um nível de atualização ao acompanhar tais mudanças com maior facilidade que mapas estáticos que precisam passar por reimpressões. Essas compreensões acerca de como entender mapas se define como “processos de Visualização Cartográfica ou Geovisualização” segundo Marisco *et al* (2004, p. 76). Os autores conceituam, portanto, a Geovisualização como

uma integração da visualização científica, cartografia exploratória, análise de imagens, visualização da informação, análise de dados exploratória (EDA) e sistemas de informação geográfica (SIG) para produzir teorias, métodos e ferramentas para a exploração visual, análise, síntese e apresentação de dados geoespaciais (Marisco *et al.*, 2004, p. 76).

Logo pode-se entender, enquanto perspectiva proposta por essa pesquisa, a Geovisualização como um conjunto de dados digitais em busca de compreender informações geográficas almejando, por meio de formas variadas, apresentar dados geoespaciais utilizando signos semióticos dinâmicos que possam gerar uma experiência geosófica àqueles que entrarem em contato com tal produto digital.

Nota-se que diferentemente dos mapas estáticos, a representação digital cartográfica possui a possibilidade de oferecer signos semióticos animados, interativos,

dinâmicos e constantemente atualizados, com escalabilidade<sup>31</sup> e generalização<sup>32</sup> (MARISCO *ET AL*, 2004) devido ao uso de novas tecnologias como códigos fontes abertas ao serem aplicados ao processo de distribuição de informações referentes a um determinado espaço urbano.

Tal tipo de produto costuma ser utilizado com frequência pelo poder público em diferentes frentes. Na área do turismo, por exemplo, há alguns mapas virtuais interligados com mapas estáticos por meio de *QR Code* como veremos em alguns exemplares em instantes, mas por enquanto ainda precisamos entender como que, para os autores, isso poderá levar a uma “diminuição significativa em gastos com a aquisição e atualização de programas de computadores, permitindo maior agilização em processos que envolvam [...] maior participação popular nos processos de planejamento urbano.” (2004, p.76) Um mapa com interação em tempo real daqueles que usufruem de certos espaços públicos e que possam enviar feedbacks instantâneos ao poder público, pode auxiliar numa melhor manutenção, assim como um maior contato de divulgação de atratividades culturais que ocorram nestes espaços para uma maior democratização desses eventos para um público maior e mais variado. Marisco *et al* apresentam quatro fatores importantes para produtos cartográficos na *web*.

**Quadro 9:** Fatores influenciadores em projetos de mapas para Web.

Os Usuários	Os provedores de dados
	
O ambiente de concepção dos produtos cartográficos	O conteúdo dos produtos cartográficos
	

<sup>31</sup> Em engenharia de software, escalabilidade é uma característica desejável em todo o sistema, em uma rede ou em um processo, que indica sua habilidade de manipular uma porção crescente de trabalho de forma uniforme, ou estar preparado para crescer. Disponível em: <<https://pt.stackoverflow.com/questions/90297/o-que-significa-escalabilidade-de-software>>. Acesso em: 18 de fev. 2021.

<sup>32</sup> A generalização significa que os objetos da classe-filha herdam as propriedades (atributos e operações) da classe-mãe. Frequentemente, mas nem sempre, as classes-filhas têm atributos e operações próprias, além daquelas encontradas nas classes-mãe, conceitos ou atributos. Disponível em: <<http://www.facom.ufu.br/~ronaldoliveira/APS-2018-2/Aula7-APS-AnaliseOO.pdf>>. Acesso em: 18 de fev. 2021.

Fonte: Elaboração feita pelo próprio autor com base em Mariscos *et al* (2004)

No quadro 9 podemos observar por meio de símbolos semióticos os quatro fatores que os autores compreendem como importantes para web mapas: os usuários - que podem ser moradores locais e/ou visitantes - que gerarão dados e *feedbacks* durante suas visitas aos espaços públicos; os provedores de dados - que podem ser tanto o poder público em suas respectivas vertentes como as fundações e secretarias estaduais e municipais de turismo e cultura, quanto espaços culturais privados, associações sem fins lucrativos e etc - que podem prover dados relacionados com suas atividades gerando uma rede coletiva de provedores de dados turísticos e culturais; o ambiente de concepção dos produtos cartográficos - que aqui há a bandeira de Manaus representando a capital - visto que o Centro desta cidade é o foco desta pesquisa e também é o município que gerou os mapas turísticos analisados no capítulo II; o conteúdo dos produtos cartográficos que nada mais são do que o mapa em si apresentando os dados geoespaciais referentes àquele ambiente urbano. Estes quatro fatores precisam manter um equilíbrio durante suas respectivas funções para que a web mapa possa se manter útil, atualizado e eficiente.

A partir deste ponto, observaremos a funcionalidade virtual que são apresentados nos quatro mapas analisados semioticamente no capítulo anterior. Três dos quatro mapas disponibilizam links para o usuário acessar para maiores informações. Dois deles apresentam o link [www.visitamazonas.am.gov.br](http://www.visitamazonas.am.gov.br) que encontra-se fora do ar, mas se digitar o termo “visitamazonas” no buscador google, é possível encontrar o site porém com outro nome: <https://visit-amazonas.com/visitamazonas/> . Aqui vemos um primeiro erro presente, visto que os mapas estáticos, como foi discutido ainda neste subtópico, só podem ser atualizados por meio de reimpressões. Logo, o link foi atualizado virtualmente, mas quem tiver contato com este modelo de mapa estático, não o encontrará com facilidade, podendo causar frustrações aos visitantes.

Quanto ao mapa que foca no arquipélago Anavilhanas, este viabiliza o link para o site do icmbio: [www.icmbio.gov.br](http://www.icmbio.gov.br) no qual apresenta diversas notícias acerca das atividades da autarquia em todo o país. Nota-se um grande desalinhamento nas informações presentes no mapa e no site, já que qualquer site apresentado em mapas, deveria aprofundar mais para o visitante, as informações turísticas presentes brevemente no mapa em suas mãos - no caso deste mapa específico, informações turísticas sobre o centro de Manaus, a cidade de Novo Airão e por fim, o Arquipélago de Anavilhanas em si - apresentar todas as informações presentes em um site institucional pode frustrar o

visitante, que pode reagir com desprezo e sequer buscar ver o que há de informativo no site, visto que suas prioridades no momento são outras, relacionadas aos atrativos turísticos presentes no mapa. Por fim, temos os mapas propostos pela fundação municipal de cultura, turismo e eventos com seus mapas em espanhol e em português. Curiosamente, apenas um deles - somente a versão em espanhol - possui *QR Code* em sua construção.

**Figura 56:** O mapa em espanhol, com o QR Code a mostra e o mapa em português sem QR Code.



Fonte: Braga (2021)

Ironicamente, mesmo sendo o único mapa nesta análise com a presença de um *QR Code*, este não funciona adequadamente apresentando problemas após algumas tentativas feitas com um leitor *QR*. O site presente neste mesmo mapa: [guiatur.manaus.am.gov.br](http://guiatur.manaus.am.gov.br) direciona para um portal com informações variadas sobre a cidade, a gastronomia, o que fazer durante a estadia na capital amazonense, onde se hospedar, além dos serviços e atrações turísticas. Acredita-se que o *QR Code* deveria redirecionar o visitante para tal portal, mas que por algum motivo, a leitura encontra-se corrompida. Entretanto, o site não possui atualizações das atividades culturais e turísticas presentes na cidade, havendo um vazio informativo entre 2015 e 2021. O site também não possui uma cartografia virtual da cidade, portanto, também não pode ser categorizado dentro do conceito de *Web* mapa.

**Figura 57:** Resultado das tentativas de leitura do QR Code do mapa.

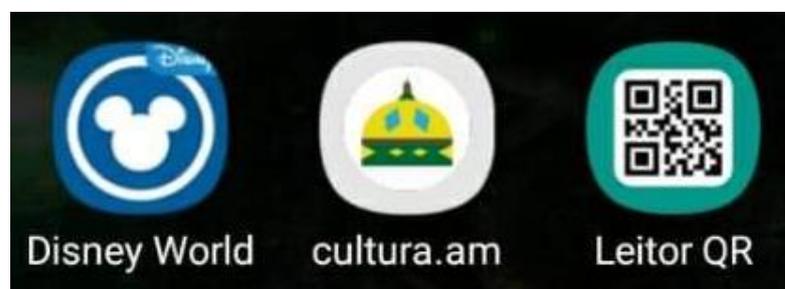


Fonte: Braga (2021)

Como podemos ver no capítulo anterior, muitos espaços mantiveram suas atividades durante a pandemia, o que contradiz qualquer que seja o motivo de tamanho período sem atualizações. Marisco *et al* haviam apresentado, no quadro 8 elaborado pelo pesquisador, que o provedor de dados é um ponto determinante para uma boa execução de mapas virtuais.

Os sites vistos até agora, podem não ser exatamente considerados *web* mapas devido à clara ausência de cartografias em seus interiores. Entretanto, a secretaria de cultura e economia criativa - SEC possui um aplicativo que pode ser compreendido dentro dos conceitos de *web* mapa. Logo, foram observados então, dois aplicativos entendidos dentro dos conceitos de *web* mapa: SEC e Disney *World*. Partindo do princípio de que um é administrado pelo poder público e o outro pelo poder privado, pensou-se ser interessante observar como cada um planeja as funcionalidades presentes em seus respectivos aplicativos.

**Figura 58:** Aplicativos da Disney, da SEC e de leitor de QR Code.



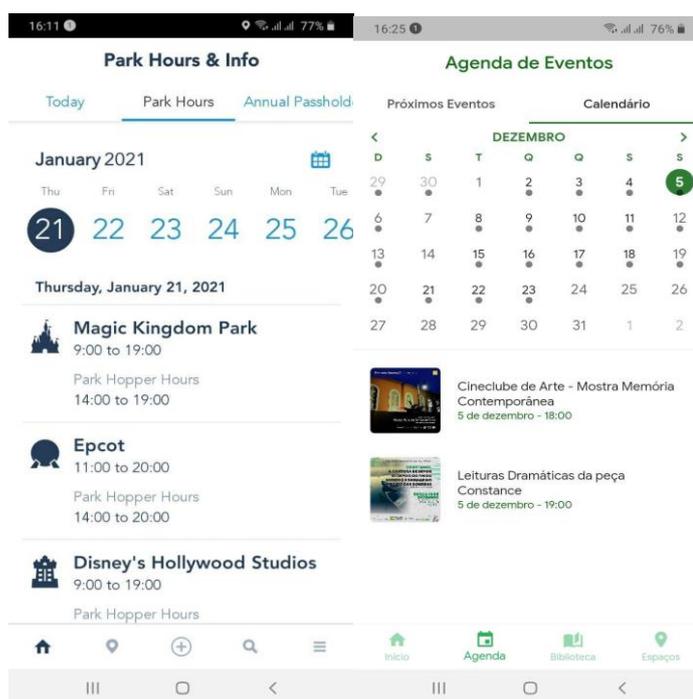
Fonte: Braga (2021)

Os aplicativos foram baixados pela *Play Store* sem nenhum custo financeiro, no qual foi possível observar os pontos positivos de utilizar *web* mapas no campo do turismo.

Começando pelo produto privado - com mais recursos para sua configuração - o aplicativo da Disney *World* possui uma estética minimalista em branco e azul, signos presentes em toda a estética da empresa, em seus filmes e inclusive presentes na formatação do ícone do aplicativo. Mesmo configurado em língua inglesa, o aplicativo é de fácil manuseio no qual o usuário consegue encontrar onde procura ir com muita facilidade e clareza. Na tela central, há a presença de informativos sobre novidades presentes pelo parque. Cada atividade de entretenimento encontra-se devidamente listada com horários indicando o início e fim de cada uma. A cartografia presente na Geovisualização do aplicativo possui uma ilustração que abrange todo o espaço geográfico com coesão e coerência, informando tudo o que é possível encontrar pelo local, desde restaurantes, walking tours e até lugares com maior procura para tirar fotos com ícones pensados para representar semioticamente cada uma destas atividades.

O aplicativo do poder público, pertencente à Secretaria de cultura e economia criativa - SEC, segue as mesmas diretrizes com design similar. As cores dominantes são brancas e verdes, que são tons que comumente representam a imagem da secretaria de cultura em vários aspectos diferentes: folders, sites, redes sociais, logos oficiais. Assim como o outro app, este também inicia informando diversas novidades a respeito das atividades culturais pelo estado. Há uma agenda de eventos onde é possível ver quais atividades estão acontecendo em quais espaços.

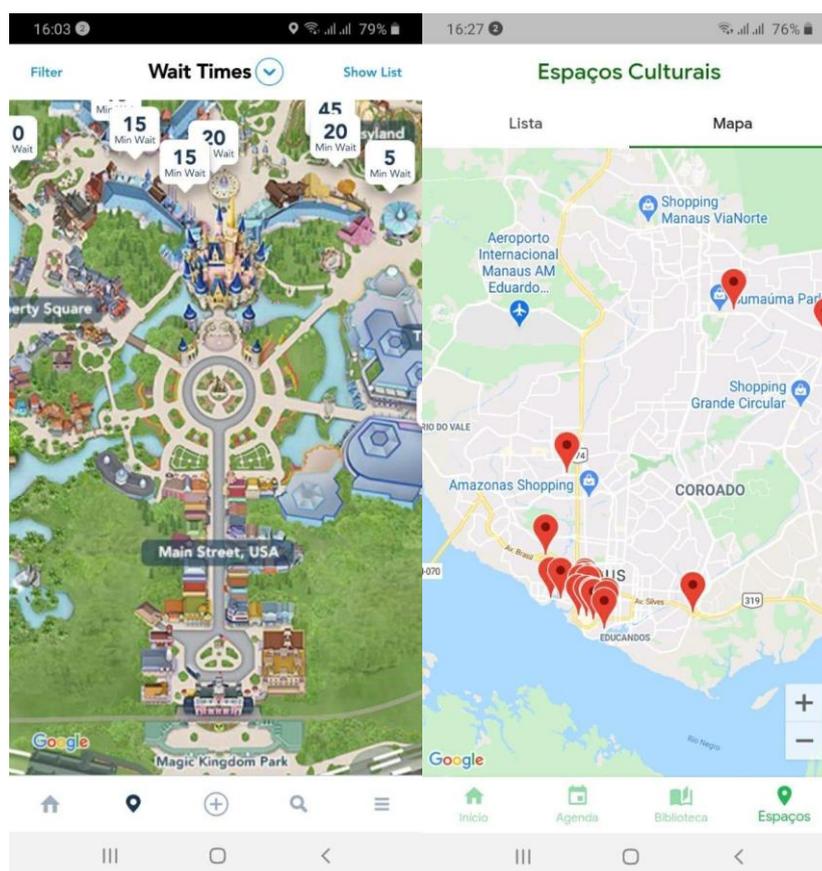
**Figura 59:** Registro da agenda de eventos presentes nos aplicativos.



Fonte: Braga (2021)

Diferente da cartografia virtual do app *Disney World*, que busca traços ilustrativos exclusivos com um mapeamento de dados Geovisuais que trazem uma identidade própria, o app da SEC se utiliza da cartografia criada pela empresa google para apresentar os dados acerca de seus respectivos espaços culturais. Partindo pelo entendimento de que um possui recursos financeiros altos para atualizar-se enquanto outro utiliza-se de verbas dos cofres públicos para manter o app, a proposta de utilizar uma cartografia já popularmente conhecida pela sociedade e utilizá-la dentro de um suporte público voltado ao lazer e visitação, foi uma solução muito feliz alcançada pela SEC. Os espaços da secretaria estão demarcados no web mapa com um ponto vermelho que, ao clicar, apresenta uma breve informação histórica sobre aquele espaço, horários de visitação, se é um local com entradas pagas ou um local gratuito e quais atividades estão acontecendo ali.

**Figura 60:** Registro dos respectivos webs mapas presentes nos aplicativos.



Fonte: Braga (2021)

As atualizações presentes em ambos web mapas mantêm-se até durante os tempos sombrios em que vivemos acerca da pandemia de COVID-19 no qual a agenda de eventos do app da SEC encontra-se vazia acerca de atividades no mês de janeiro de 2021 justificado sobre o decreto de fechamento de espaços decretado pelo governo estadual.

Quanto aos espaços que não estão sob sua administração, o web mapa da SEC os apresenta com pontos cinzas sem nenhuma interação ou informação a respeito - e isto inclui os dois espaços culturais privados analisados por essa pesquisa: Ateliê 23 e Casarão de Idéias - o que poderia haver uma proposta de parceria em rede para que, não somente esses dois espaços também tivessem uma maior interação no web mapa do poder público, como outros espaços também aparecessem, fortalecendo o app ao apresentar um campo cultural mais rico e diversificado tornando o web mapa da SEC um dos principais e mais completos mapas que a cidade já teve.

Uma última observação a respeito do app da SEC é que este ainda não é muito conhecido. É preciso um trabalho de marketing mais intenso para que visitantes e moradores locais saibam de sua existência e o utilizem com mais frequência. Portanto, a

respeito dos quatro fatores abordados como importantes pelos autores Marisco *et al*, como foi discutido no início deste subtópico, propomos aqui um quinto fator imprescindível que é a divulgação para estabelecer qualquer web mapa no cotidiano de lazer das pessoas.

Quanto ao mapa virtual proposto por meio dessa pesquisa, foi pensado uma cartografia similar à cartografia proposta no app da SEC: O google *maps*. Isso devido ao fácil manuseio dessa ferramenta pelo público em geral o que dispensa da necessidade de um tutorial para aprendizagem dos mecanismos do web mapa.

O web mapa apresenta apenas os pontos marcados que estão presentes dentro dos quadros apresentados nos subtópicos 3.2.1 até 3.2.6, não fazendo uma contextualização sobre o motivo de tais espaços geográficos representarem certos subsegmentos do turismo cultural. Isso ocorreu devido ao curto período existente durante o processo de execução e finalização de uma dissertação de mestrado, o que inviabiliza na construção de um software mais complexo que consiga apresentar cada ponto de forma mais profunda.

Entretanto, espera-se que este protótipo possa instigar em novas investigações que resultem em dados Geovisuais mais complexos acerca das expressões artísticas e o turismo. Finalizamos esta pesquisa com as considerações finais e propostas para futuras pesquisas que possam surgir como fruto deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES, LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA FUTURAS PESQUISAS

Durante o percurso de elaboração dessa pesquisa, foram feitas descobertas sobre a história do turismo que não haviam sido abordadas durante a graduação na área. Ler e entender sobre o *Grand Tour* - viagens que costumam ser estudadas mais a fundo no campo das Artes - apresentou-se como uma agradável experiência para compreender essa evolução constante que as atividades turísticas sofreram ao longo dos séculos até os hodiernos entendimentos de turismo cultural.

A respeito das atividades turísticas, outro grande processo investigativo gratificante realizado nesta pesquisa, foi uma discussão acerca das atividades do Amazonas utilizando a ferramenta de Mapa Regional do Turismo, proposto pela EMBRATUR. Há uma escassez de trabalhos sobre esse tema, mas acredita-se que em algum lugar, algo sobre isso já foi produzido, o que foi desafiador para construir um texto crítico partindo de fontes primárias encontradas em sites institucionais.

As análises das exposições presentes neste trabalho e que condizem com o objetivo de melhor compreensão das dinâmicas culturais existentes no bairro Centro, são apenas uma pequena amostra da grande produção artístico-cultural existente nestes espaços. Após a finalização das visitas *in loco* antes do decreto, outras exposições já estavam perto do dia em que seriam apresentadas ao público. Portanto, novas pesquisas abordando tal metodologia para compreendê-las sempre será um trabalho que necessita de constantes atualizações, produzindo novas pesquisas acerca de tal tema.

As linguagens artístico-culturais que ocorrem no Teatro Amazonas e no seu entorno são variadas e atingem diferentes públicos, formando um campo cultural diversificado que atende as necessidades de visitantes com perfis diferentes, mas com um objetivo em comum: absorver cultura enquanto lazer e entretenimento. O Teatro Amazonas foi construído em um espaço geográfico que foi pensado como “área de entretenimento” segundo Andrade e que foi se tornando referência artística justamente pela sua presença imponente, espaços culturais que foram se organizando posteriormente a sua construção, influenciados ou não pela sua existência naquele local, enriqueceram aquela espacialidade com suas diferentes formas de representar a cultura manauara e amazonense por meio de linguagens artísticas que abrangem vários campos das artes

como vimos no percorrer deste trabalho.

Observar as exposições artísticas e culturais presentes nesses espaços sob a semiótica, me ajudou a ter uma compreensão mais apurada dessa forma única de metodologia que raramente é utilizada nas pesquisas de estudos turísticos locais, espera-se que as discussões levantadas sobre a semiótica e o turismo possam instigar mais pesquisas que utilizem tal ferramenta metodológica no campo do turismo normalizando cada vez mais o seu uso na área.

Enquanto a pesquisa encontrava-se em construção, acreditava-se que, quando fosse feito um levantamento dos roteiros turísticos, não seria encontrado nenhum que abordasse espaços culturais como ponto alto de seus trajetos. A felicidade de descobrir que uma antiga colega da época de graduação em turismo, montou uma agência que busca inovar as atividades turísticas locais em sincronia tão perfeita com esse trabalho, foi uma grata surpresa. Tal coincidência nos mostra o quão importante são os estudos em turismo em Manaus para trazer novas propostas para um campo que se encontra estagnado no “mais do mesmo” e ignora muitas ofertas diferentes existentes numa cidade tão rica em cultura.

A semiótica também foi um ponto primordial para um maior aprofundamento das discussões envolvendo os mapas no turismo. A priori, confesso que não acreditava no potencial de tamanha discussão, perspectiva alterada durante o processo de conclusão dessa pesquisa que me agraciou com várias discussões geográficas que nunca acreditei que teria contato, como o caso da geosofia. Como um bom turista que já viajou para vários lugares diferentes, sempre acreditei no potencial que as viagens possuem para agregar conhecimentos informais acerca da geografia local aos visitantes, mas nunca imaginei que haveria uma discussão teórica na Geografia envolvendo tal tema. Ter a oportunidade de estudar em um programa interdisciplinar, foi essencial para ter contato com tantas áreas cujas discussões se mesclam e se fortalecem.

Estudar a fundo estes mapas foi importante para um olhar mais apurado em suas falhas e em seus pontos fortes, no tipo específico de interesse por trás de cada um, partindo de quem os produziu e o que busca apresentar neles, em compreender diferentes métodos de construir mapas variados como os mapas criados nessa pesquisa como fruto final dos resultados. A ilustração presente na capa desta pesquisa, resultado das discussões acerca da semiótica, mapas cartográficos, turismo e as artes, representa um elo

importante envolvendo esses variados campos que não são comumente pensados em conjunto. Os mapas culturais: estático e virtual, categorizados por meio de subsegmentos turísticos, apresentam o quão rico é o centro histórico em potencial turístico e espera-se que estes mapas possam resultar em novas pesquisas que aprofundem essas discussões para os estudos do turismo em Manaus

Um dos caminhos que busquei trazer para referenciar essa pesquisa, foi utilizar obras do maior número de pesquisadores amazonenses possíveis. Essa é uma pesquisa que busca trazer visibilidade para o que o Amazonas e Manaus têm de melhor a oferecer àqueles que buscam conhecer mais sobre esta espacialidade, portanto, utilizar pesquisadores locais para referenciar este trabalho tornou-se quase que uma obrigação enquanto respeito à oferta intelectual construída por tantos amazonenses admiráveis ao longo das décadas.

As visitas *in loco* - visitas que já aconteciam por um bom tempo, visto que sempre frequentei muitos desses espaços com amigos visando nada mais que um lazer na área central da capital amazonense - puderam enriquecer mais a experiência de observar como aconteciam as visitas nestes espaços sob uma quarentena que perdurou por todo o ano de 2020, assim como as entrevistas com os gestores, proporcionaram uma visão mais madura sobre o funcionamento desse campo cultural local que se reinventa a partir de novos fenômenos que influenciam nas líquidas mudanças da sociedade manauara.

Também tive o prazer de conhecer profissionais de várias áreas diferentes que me ajudaram no processo de construção desse trabalho como, artistas, geógrafos, ilustradores etc. Todo esse processo, que durou um ano exato - a formação inicial do projeto iniciou em março de 2020 e sua conclusão foi finalizada em março de 2021 - me deu a oportunidade de ter um pensamento mais crítico sobre diversos temas diferentes ligados a um único propósito, como se todas essas áreas do conhecimento formassem um grande mosaico de saberes para uma melhor e sábia instrução envolvendo espaços culturais que foram muito importantes para o meu convívio com o centro histórico de Manaus por muitos anos.

Justamente por essa pesquisa ser muito abrangente tendo como base tantas áreas distintas que se acredita que novas pesquisas podem surgir dando continuidade para muitas reflexões aqui debatidas. Além do que, os mapas aqui propostos sempre precisarão de constantes atualizações devido às mudanças sempre presentes em qualquer grande

metrópole urbana como Manaus. Novos espaços culturais podem surgir e se tornarem lugares fortemente estabelecidos para visitas assim como espaços aqui abordados, podem ser desativados ou mudar de endereço. Buscar novas formas de entender essas alterações geoespaciais locais e entender novos métodos de mapeá-las será um processo que não irá parar nesta dissertação.

Por fim, diante da tragédia que o Amazonas e sua capital estão sofrendo em frente à pandemia de COVID-19, o dia 14 de janeiro de 2021 ficou marcado como o fatídico dia em que os hospitais públicos de Manaus ficaram sem oxigênio para os pacientes, resultando em altos picos de mortalidade batendo recordes e recordes de vidas perdidas dia após dia - no qual perdi uma prima, Maria do Perpétuo Socorro Braga de Almeida, que faleceu em janeiro de 2021 e vários outros primos e tios que felizmente, conseguiram sobreviver ao vírus - e após finalizar essa dissertação sob tamanha calamidade social, busquei trazer uma homenagem para honrar as vidas de amazonenses que são muito mais do que apenas números apresentados em telejornais, que foram vidas que ajudaram na formação das dinâmicas sociais dessa cidade tão única neste país tão vasto e que merecia uma melhor gestão que buscasse amenizar as perdas que serão carregadas com muita dor sob o peso do luto por tantas famílias amazônidas, vítimas de um vírus rápido em se alastrar por todo o planeta e rápido também em causar condolências que perdurarão por décadas.

Para tal, buscou-se primeiramente, um diálogo com outro colega de turma de mestrado, Jean Reis, para encontrarmos uma forma de como elaborar tamanha homenagem. Jean, que também é um artista parintinense com trabalhos feitos no galpão do Boi Garantido durante o festival, é amigo de longa data do ilustrador e parintinense Kemerson Freitas - artista que forma dupla na produção de murais urbanos com outro morador da ilha mágica, o já citado artista que construiu as demais ilustrações nesta pesquisa, Alziney Pereira. Ambos, ao trabalharem juntos nesses murais, também assinam sob a alcunha de Curumi'z - e o contatou para elaborar uma ilustração que homenageia este período tão marcante na história.

A ilustração não possui um título específico e foi elaborada a partir das minhas ideias de acordo com as ideias de Jean, refinadas com os toques artísticos de Kemerson. Não cabe aqui explicar o que cada símbolo regional e cultural significa na ilustração, a ideia é que cada leitor que visualizá-la interprete de acordo com suas próprias perspectivas. Encerro por fim, com reticências entre este texto e a ilustração, como uma

forma de representar um minuto de silêncio aos amazonenses que não sobreviveram ao COVID-19 e já partiram, principalmente aqueles que se encontram dentro da faixa da 3ª idade e mais vulneráveis ao vírus, às suas famílias, de norte a sul do Amazonas, sob a dor do luto e a esperança de um futuro melhor...

.....

.....

.....



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Terence Keller. **Da emergência à modernização: Os primeiros lugares turísticos de uma cidade Amazônica**, 2010. Disponível em:<[https://halshs.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/583789/filename/capitulo3\\_ver0312.pdf](https://halshs.archives-ouvertes.fr/file/index/docid/583789/filename/capitulo3_ver0312.pdf)>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

AZEVEDO, E.A.; SILVEIRA, F.A. **A gastronomia como elemento do produto turístico - Caminhos possíveis para a diversificação da oferta turística em São Cristóvão – SE**. São Cristóvão: Revista Ponta de Lança. v.10, n. 19, jun.- dez. 2016.

BARRETO, M. **As ciências sociais aplicadas ao turismo**. In: LUCHIARI, M. T. Olhares contemporâneos sobre o turismo. Campinas: Papirus, 2004.

BAPTISTA, M. M.; LAMEGO, V. **Da Rua e da Cena: Um estudo sobre Turismo de Teatro**. Arteriais | revista do ppgartes | ica | ufpa | n. 01 | 2018

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do Turismo** - 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

BRASIL, Empresa Estadual de Turismo do Amazonas. **Amazonas: Guia turístico digital**, 2019. Disponível em:<[http://www.amazonastur.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/Amazonas\\_Guia\\_Turistico\\_Digital-ptBR\\_.pdf](http://www.amazonastur.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/Amazonas_Guia_Turistico_Digital-ptBR_.pdf)>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

\_\_\_\_\_, Empresa Estadual de Turismo do Amazonas. **Mapa do Turismo Regional do Amazonas**, 2019. Disponível em:<<http://www.amazonastur.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/Mapa-do-Amazonas-Turismo-2019.pdf>>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **Atualização do Mapa do Turismo Brasileiro 2019-2021**, 2019. Disponível em:<[http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/conteudo/Apresentacao\\_Manual\\_SISPR\\_T\\_Portal.pdf](http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/conteudo/Apresentacao_Manual_SISPR_T_Portal.pdf)>. Acesso em: 17 de nov 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo - Unicamp. **Estudos da competitividade do turismo brasileiro: O segmento de agências e operadoras de viagens e turismo**. Campinas: Ministério do Turismo, 2005.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **Mapa do Turismo Brasileiro: perguntas e respostas - Programa de regionalização do turismo**, 2019. Disponível em:<<http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/conteudo/Perguntas%20e%20respostas%20%202019%20-%20APROVADO.pdf>>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **O que é o CADASTUR?**, 2020. Disponível em:<<https://cadastur.turismo.gov.br/hotsite/#!/public/duvidas-frequentes/inicio>>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **Ministério do Turismo abre sistema para atualização do Mapa do Turismo Brasileiro**, 2019. Disponível em:<[http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1](http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1)>

90:ministerio-do-turismo-abre-sistema-para-atualizacao-do-mapa-do-turismo-brasileiro&catid=17&Itemid=121>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

\_\_\_\_\_, Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas.** – 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

\_\_\_\_\_, **Ministério do Turismo. Turismo cultural: orientações básicas.** Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRIANEZI, Thaís. **Zona franca de Manaus - Ame-a ou deixe-a em nome da floresta.** Manaus: Valer, 2018.

BRITO, T. **Multimodalidade turística.** Curitiba: IESDE Brasil S.A. , 2009.

CARVALHO, G; NUNES, M. **Underground e Ciberespaço: Uma leitura atual para estudos da comunicação.** 2014. Disponível em: <<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/554/315>>. Acesso em: 20 de dez. 2020.

CAVALCANTE, Z. V; SILVA, M. L. S. **A Importância da revolução industrial no mundo da tecnologia.** Maringá: VII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar, Anais Eletrônico, 2011. Disponível em: <[https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias\\_vieira\\_cavalcante2.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf)> Acesso em: 16 de abr. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

**Círculo Cromático de cores quentes e frias.** Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/52002570674183441/>>. Acesso em: 30 de nov. 2020.

CISNE, R; GASTAL, S. **Turismo e sua história: Rediscutindo periodizações,** Semintur, 2010. Disponível em:<[https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/09/Turismo%20e%20sua%20historia.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/09/Turismo%20e%20sua%20historia.pdf)>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** 1975. Tradução Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo. Estação da Liberdade: UNESP. 2006.

COUTINHO, F. N.; FARIA, D. M. C. P.; FARIA, S. D. **Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário.** Albuquerque – revista de história. vol. 8, n. 16. jul.-dez./2016, p. 31-50.

CUCHE, D.: **A noção de cultura nas ciências sociais.** Fim de Século, Lisboa. 1999.

CULLER, Jonathan. **The semiotics of tourism.** University of Oklahoma Press, 1990. Disponível em: <<http://web.mit.edu/allanmc/www/culler1.pdf>>. Acesso em: 18 de fev. 2021.

DAOU, Ana Maria. **Cidade, teatro e o “Paiz das seringueiras”:** práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX - Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014.

DIVISION OF RESEARCH AND STATISTIC - THE NEW YORK STATE DEPARTMENT OF LABOR. **Broadway Theaters: An economic engine for new york.** 2019. Disponível em:<<https://www.labor.ny.gov/stats/PDFs/Broadway-Theaters-An-Economic-Engine-for-New-York.pdf>>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

**DOCUMENTÁRIO: Mais cidade, menos floresta.** [S.l.: s.n.] 26 de out 2015. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Fundação Vitória Amazônica. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=TYfv\\_mI3Afo&t=204s](https://www.youtube.com/watch?v=TYfv_mI3Afo&t=204s)>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** Blackwell Publishers Limited - Oxford, Londres, 2000.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

FIGES, Lydia. **Decoding the Grand Tour portraits of Pompeo Batoni.** Art UK, Londres, 24 de out. de 2019. Disponível em: <<https://artuk.org/discover/stories/decoding-the-grand-tour-portraits-of-pompeo-batoni>>. Acesso em: 16 de abr. de 2020.

FIGUEIREDO, Lima Silvio. **Cultura e turismo:** interfaces metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil – João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

FILHO, C. E. P. G.; JÚNIOR, E. M. **Geosofia Cartográfica do Viajante:** em busca dos sentidos do Viajar. [IN] Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal. (Eds.) Maria Alexandre Lousada e Vítor Ambrósio. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa. 2017.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte** - 9. ed. - Rio de Janeiro: LTC, 1987.

FRANKLIN, Adrian. **Art Tourism:** A new field for tourist studies. Adelaide: Journals Sage, 2018.

GARCIA, Etelvina. **O Amazonas em três momentos:** Colônia, Império e República - 2. ed. - Manaus: Norma Editora, 2010.

Gil, R. L. et al. **Interactive live-streaming technologies and approaches for web-based applications,** 2017

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia:** a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

HATOUM, Milton. **Cinzas do norte** - São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Manaus-AM. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

JOAQUIM, Maria das Graças Luís da Conceição. **Os Viajantes e o Turismo:** Narrativas, Modos de Vida e Representações Sociais. 330 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto Universitário de Lisboa, 2012, p.02. Disponível em:<<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/11882/1/Viajantes%20e%20o%20Turismo.pdf>>. Acesso em: 28 de jan. 2021

LIMA, Lucas Pereira Neves Souza. **Mapas Sociais:** Propostas e Perspectivas. 73 f. Monografia (Bacharel em Geografia) — Universidade de Brasília, 2010. Disponível em:<[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1432/1/2010\\_LucasPereiraNevesSouzaLima.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1432/1/2010_LucasPereiraNevesSouzaLima.pdf)>. Acesso em: 04 de fev. 2021.

LOUSADA, M. A.; AMBRÓSIO, V. (Eds.). **Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa. 2017.

MANZELLI, Manuela. **Vissi d'arte vissi d'amor. L'italiano del melodramma. Riflessioni per una didattica L2 a cantanti d'opera**. In: Italiano Lingua Due, n.2, 2010, p.136-147.

MARISCO, N.; PHILIPS J.; PEREIRA H. R. **Protótipo de mapa para web interativo: uma abordagem utilizando código aberto**. Revista Brasileira de Cartografia Nº 56/01, 2004. Disponível em:<<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/43504/22772>>. Acesso em: 20 de jan. 2021.

MARTINS, Mirian Celeste. **Expedições Instigantes. Mediação: Provoações estéticas**. Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes. Pós-graduação. São Paulo, v.1, n.1, 2005.

MELLO, Cynthia. **Semiótica do Turismo Aplicada** - Curitiba: Editora Appris, 2019.

MENDES, M. C. G. **Na senda estética e poética dos itinerários turísticos e literários: o Vale do Lima**. 176 f. Dissertação (Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2007, p. 85.

MENESES, J. N. C.: **História & Turismo cultural**. - 1 ed., 1 reimp. - Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura 1852 - 1910**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1997.

\_\_\_\_\_, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura 1669 - 1915**. - 4 ed., Manaus: Valer, 2019.

MOTA, Vítor Bicalho. **As Memórias do diplomata Luís da Cunha: um relato do jogo de forças no Congresso de Utrecht (1712-1715)**. Dissertação. São João del-Rei. Disponível em <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/DissertacaoVitorBicalho.pdf>>. Acesso em 08 jul. 2019.

NASCIMENTO, M. E. **Memória e patrimônio nos espaços públicos da cidade: monumentos escultóricos do centro histórico de Manaus**. [IN] Espaços urbanos na Amazônia - Visões geográficas. (Org.) José Aldemir de Oliveira. Manaus: Editora Valer, 2011. p. 91 - 110.

NUNES, Mônica Balestrin. **Cartografia e paisagem: o mapa como objeto de estudo**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 65, p. 96-119, dez. 2016.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Cidades na Selva** - Manaus: Editora Valer, 2000.

PLANO DIRETOR URBANO E AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE MANAUS - 2014. Disponível em:<<http://www2.manaus.am.gov.br/docs/portal/secretarias/implurb/Legisla%C3%A7%C3%A3o/01-Plano%20Diretor/PLANO%20DIRETOR%202014%20-%20SEM%20LOGO.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica** - São Paulo: Perspectiva, 2017.

PETROMAN, I.; CSAHOLCZI, A.; NEGRUT, L.; MARIN, D.; PETROMAN, C. **Opportunities for literary tourism practicing in Timis County, Romania.** Management Agricol . 2016, Vol. 18 Issue 1, p 279-284. 6p.

POE, Edgar Allan. **Medo clássico:** Coletânea inédita de contos do autor. Tradução de Marcia Heloisa Amarante Gonçalves. - Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

QUEIRÓS, António dos Santos. **Turismo, na mudança de paradigmas.** [IN] Literatura, viagens e turismo cultural no Brasil, em França e em Portugal. (Eds.) Maria Alexandre Lousada e Vitor Ambrósio. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa. 2017.

REIS, Diego Geovan. **O Grand Tour e o aprendizado ao longo da vida de Goethe.** – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

REZENDE, Cleidison Vieira. **Cartografia turística:** o mapa como mediador na interpretação do território de Ouro Preto-MG. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.1, jan./abr. 2011

SAKURAI, Célia. **Os Japoneses.** - 2. ed., 5ª reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour:** Uma Contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2002.

SANTAELLA, L. **Leitura de Imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_, L.; NÖTH, W. **Introdução à semiótica:** passo a passo para compreender os signos e a significação - São Paulo: Paulus, 2017.

SANTOS, Fernando; MARQUES, Ana Paula. **The Importance of the consumption of the semiotic signs for the competitiveness of tourist destinations.** European Journal of Tourism, Hospitality and Recreation Vol. 2, Issue 2, pp. 105-113, 2011 Polytechnic Institute of Leiria.

SEGALA, Luiziane Viana. **Turismo cultural nos antigos centros urbanos:** Uma tendência nacional?. Santa Maria: Revista Turismo - Matérias especiais, 2007. Disponível em: <<http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/materiasespeciais/gastronomia.html>> Acesso em: 12 de fev. de 2020.

**SEMIÓTICA aplicada ao design de marcas.** [S.l.: s.n.], 26 de set 2019. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Marcelo Kimura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BF68Cabbkxs>>. Acesso em: 30 de nov 2020.

SONG, H. CHEUNG, C. **What makes theatrical performances successful in China's tourism industry?** Journal of China Tourism Research, 8(2), 159-173. 2012.

TOURISM RESEARCH AUSTRALIA - AUSTRALIA COUNCIL FOR THE ARTS. **International Arts Tourism:** Connecting cultures. Australian Government, 2018.

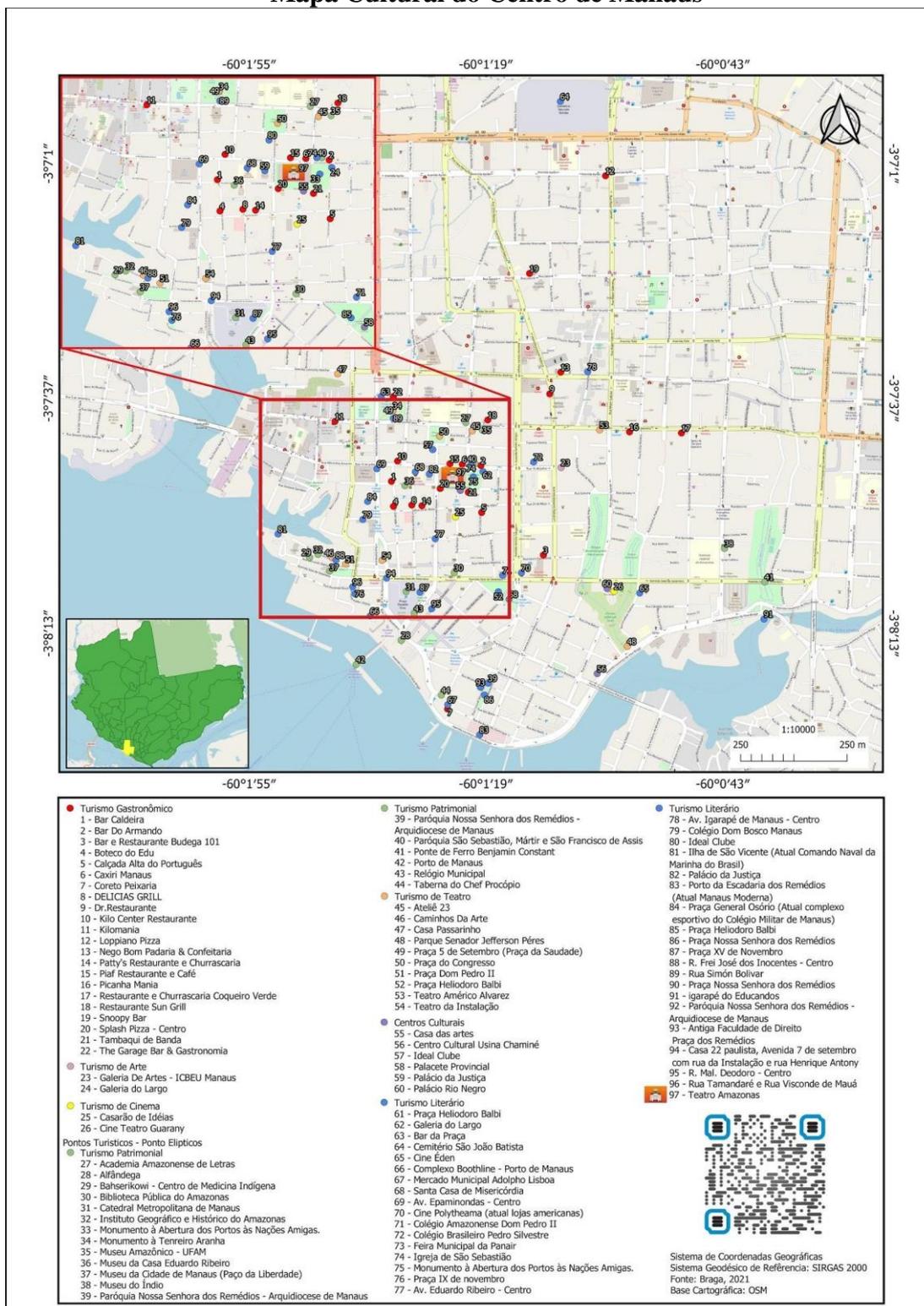
TRESIDDER, Richard. **Semiotics of Tourism.** In: Research Themes for Tourism. ROBINSON, P. (Ed). Walingford: CABI, 2011.

UNWTO, **Glossary of Tourism Terms,** 2008

URRY, J. **Consuming Places.** London, United Kingdom: Routledge. 1995.

## ANEXOS E APÊNDICES

## Mapa Cultural do Centro de Manaus



### Modelo do Questionário

ROTEIRO DE ENTREVISTAS	
TEMA	PERGUNTAS NORTEADORAS
1. PESSOAIS	1.1 Nome;
	1.2 Data de nascimento;
	1.3 Naturalidade;
	1.4 Profissão e tempo de profissão;
	1.5 Tempo de residência (em Manaus);
2. SOCIOCULTURAIS	2.1 Conhecimento do (a) entrevistado (a) sobre o campo cultural no centro de Manaus;
	2.2 Se sim (2.1), solicitar comentários sobre o campo cultural no centro de Manaus;
	2.3 Solicitar comentários sobre como eram as atividades e o fluxo antes da pandemia do COVID-19
	2.4 Solicitar comentários a respeito do Turismo Cultural e se o (a) entrevistado (a) considera o espaço em que administra como propício para tais atividades turísticas;
3. TURISMO CULTURAL	3.1 Solicitar comentários sobre como o espaço em que administra busca executar suas atividades culturais durante a quarentena;
	3.2 Questionar se o(a) entrevistado(a) acredita que estar próximo ao Teatro Amazonas é vantajoso para o fluxo de visitas em seu espaço;
	3.3 Solicitar ao(à) entrevistado(a) como ele(a) acredita que ficarão os fluxos no espaço após a quarentena e se as mudanças pensadas para este período ainda existirão;
	3.4 Conhecimentos sobre as atividades existentes em outros espaços culturais próximos;
	3.5 Se sim (3.4) Solicitar comentários se já houve atividades criadas com alguns destes ou se pretende realizar algo com algum futuramente;
	3.6 Solicitar comentários sobre como as atividades em seus espaços podem aprofundar o entendimento daqueles que visitam a respeito da cultura local;
	3.7 Solicitar comentários se o(a) entrevistado (a) considera se seu estabelecimento faz parte ou não do turismo cultural da cidade de Manaus, e porque da resposta;
4. FECHAMENTO	4.1 Quais aspectos culturais, ou não, o entrevistado considera importante ser ressaltado;
	4.2 Considerar um comentário final do (a) entrevistado (a) caso este sinta-se confortável em fazer.



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO AMAZONAS - UEA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** POTENCIAL TURÍSTICO NO ENTORNO DO TEATRO AMAZONAS: CAMINHOS E LUGARES DE EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

**Pesquisador:** LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 5

**CAAE:** 34866220.1.0000.5016

**Instituição Proponente:** Escola Superior de Artes e Turismo

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.424.071

#### **Apresentação do Projeto:**

As informações contidas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram obtidas do documento contendo as Informações Básicas da Pesquisa PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1571083.pdf

#### **I. Resumo:**

O turismo cultural é um segmento que engloba diversas atividades distintas que exploram as experiências daquele turista no destino escolhido. Há vários campos de estudo atualmente que buscam fragmentá-lo para dar um maior foco de discussão em suas especificidades tais como o turismo literário, turismo criativo, turismo de arte, etc. No entorno do Teatro Amazonas, no Largo São Sebastião há uma grande presença de expressões artísticas que não são vistas e discutidas dentro do turismo cultural que prioriza a presença humana na experiência turística e as artes existentes no local poderiam ser utilizadas como instrumentos de experiência cultural/turística entre o destino visitado e o turista. Apesar de muitos turistas explorarem esses espaços artísticos por curiosidade e haver um nicho em busca dessas experiências, não existe discussões profundas envolvendo ambos os temas no campo acadêmico, principalmente em âmbito local. É preciso um maior debate para uma melhor compreensão dos benefícios que poderão ser alcançados para a academia. Dito isto, elaborou-se a seguinte problemática de

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 4.424.071

pesquisa: Como estas expressões artísticas podem ser potencializadas dentro das atividades turísticas existentes no entorno do Teatro Amazonas? Assim, por meio desse questionamento elaborou-se os seguintes objetivos específicos: refletir sobre as semelhanças e diferenças das expressões artísticas que ocorrem dentro do Teatro Amazonas e no seu entorno; entender como os espaços artístico-culturais foram se organizando no entorno do Teatro Amazonas e como estão se reorganizando perante os desafios na contemporaneidade; produzir um mapa com a representação dos espaços culturais identificados a partir da pesquisa. A forma de abordagem é qualitativa e descritiva, sendo os objetivos da pesquisa: exploratórios, descritivo e explicativo. A coleta de dados ocorrerá por meio de levantamento bibliográfico e entrevistas. O estudo visa alcançar seus objetivos visto que há pouca oferta de literatura envolvendo as artes e o turismo, incitando assim, uma maior discussão envolvendo ambos os temas. A pesquisa contribui para expandir os debates de inovação, conectando-o com o turismo em Manaus e renovando sua imagem aos turistas e habitantes, tornando-se, assim, relevante o suficiente a ponto de se expandir para futuros debates e projetos para o turismo local.

## II. Hipótese:

Através da pesquisa que será realizada, a hipótese proposta é de que a abordagem interdisciplinar possa elucidar como ocorreram as relações entre as expressões artísticas executadas dentro de espaços culturais na perspectiva do turismo cultural e a construção do conhecimento. Acreditamos também que as participações dos agentes sociais nas entrevistas tragam a tona, questões sobre a importância de um campo cultural diversificado e da relevância de trazer diferentes públicos para estes espaços localizados no centro histórico de Manaus sendo esses: local, nacional e internacional.

## III. Metodologia Proposta:

Caracterizado como uma pesquisa exploratória a respeito das expressões artísticas que encontram-se em 05 (cinco) espaços culturais interessantes para este projeto por sua aproximação geográfica com o Teatro Amazonas no centro histórico de Manaus no qual foram escolhidos devido à contínua concentração de arte que costuma a ser apresentada nestes espaços em exposições de curta e/ou longa duração ou apresentadas de forma itinerante, como exibição de filmes independentes, performances teatrais ou apresentações culturais como a Filarmônica,

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 4.424.071

Atendidas todas as solicitações do PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP Nº 4.407.146.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo “relatório”, para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme Norma Operacional CNS Nº 001/13, item XI.2.d.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1571083.pdf	20/11/2020 13:52:01		Aceito
Outros	LUIZ_CARTA_RESPOSTA.pdf	20/11/2020 13:51:17	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTcleEntrevistaLuizCarlosBragaVe rsaoIV.pdf	20/11/2020 13:47:06	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito
Outros	cartas_de_anuencia.pdf	20/11/2020 13:46:11	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Imagem_Som_REVISADO_VER_SAO_III.pdf	16/11/2020 14:16:12	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito
Outros	MEDIDAS_SANITARIAS_LUIZ.pdf	17/08/2020 15:31:23	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_CEP_Luiz_Carlos_Braga.pdf	08/07/2020 16:02:49	LUIZ CARLOS BRAGA DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com



UNIVERSIDADE DO ESTADO  
DO AMAZONAS - UEA



Continuação do Parecer: 4.424.071

MANAUS, 26 de Novembro de 2020

---

**Assinado por:**  
**Lucia Marina Puga Ferreira**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Carvalho Leal, 1777

**Bairro:** chapada

**CEP:** 69.050-030

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3878-4368

**Fax:** (92)3878-4368

**E-mail:** cep.uea@gmail.com